

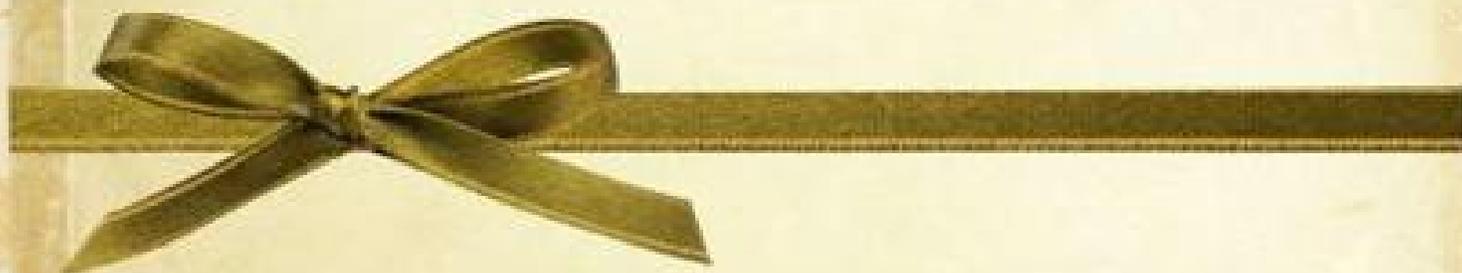
AS MEMÓRIAS  
PERDIDAS

de

Jane Austen



SYRIE JAMES



*"Acessível e verdadeira de uma maneira que  
nenhuma obra puramente biográfica conseguiria ser."*

*Los Angeles Times*



# DADOS DE COPYRIGHT

## Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

## Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [xlivros.com](http://xlivros.com) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

***Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.***

AS MEMÓRIAS  
PERDIDAS

de

*Jane Austen*



SYRIE JAMES

TRADUÇÃO: CLAUDIA MELLO



EDITORA RECORD  
RIO DE JANEIRO • SÃO PAULO

2013

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE  
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

J29m James, Syrie  
As memórias perdidas de Jane Austen [recurso eletrônico] / Syrie James;  
tradução Claudia Mello. - 1. ed. - Rio de Janeiro: Galera Record, 2013.  
recurso digital: il.

Tradução de: The lost memoirs of Jane Austen  
Formato: ePub  
Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions  
Modo de acesso: World Wide Web  
ISBN 9788501405241 (recurso eletrônico)

1. Ficção americana. 2. Livros eletrônicos. I. Mello, Claudia. II. Título.

13-02446

CDD: 813  
CDU: 821.111(73)-3

TÍTULO ORIGINAL EM INGLÊS:  
The Lost Memoirs of Jane Austen

Copyright © 2007 by Syrie James

Texto revisado segundo o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

Todos os direitos reservados. Proibida a reprodução, no todo ou em parte, através de quaisquer meios. Os direitos morais da autora foram assegurados.

Editoração eletrônica da versão impressa: Ilustrarte Design e Produção Editorial

Direitos exclusivos de publicação em língua portuguesa somente para o Brasil adquiridos pela

EDITORA RECORD LTDA.

Rua Argentina, 171 - Rio de Janeiro, RJ - 20921-380 – Tel.: 2585-2000,  
que se reserva a propriedade literária desta tradução.

Produzido no Brasil

ISBN 9788501405241

Seja um leitor preferencial Record.  
Cadastre-se e receba informações sobre nossos lançamentos e nossas promoções.

Atendimento e venda direta ao leitor:  
mdireto@record.com.br ou (21) 2585-2002.



Para meu marido Bill, meu próprio Sr. Ashford, cujo amor me completa e cujo apoio e incentivo me possibilitaram aproveitar esta maravilhosa vida de escritora...

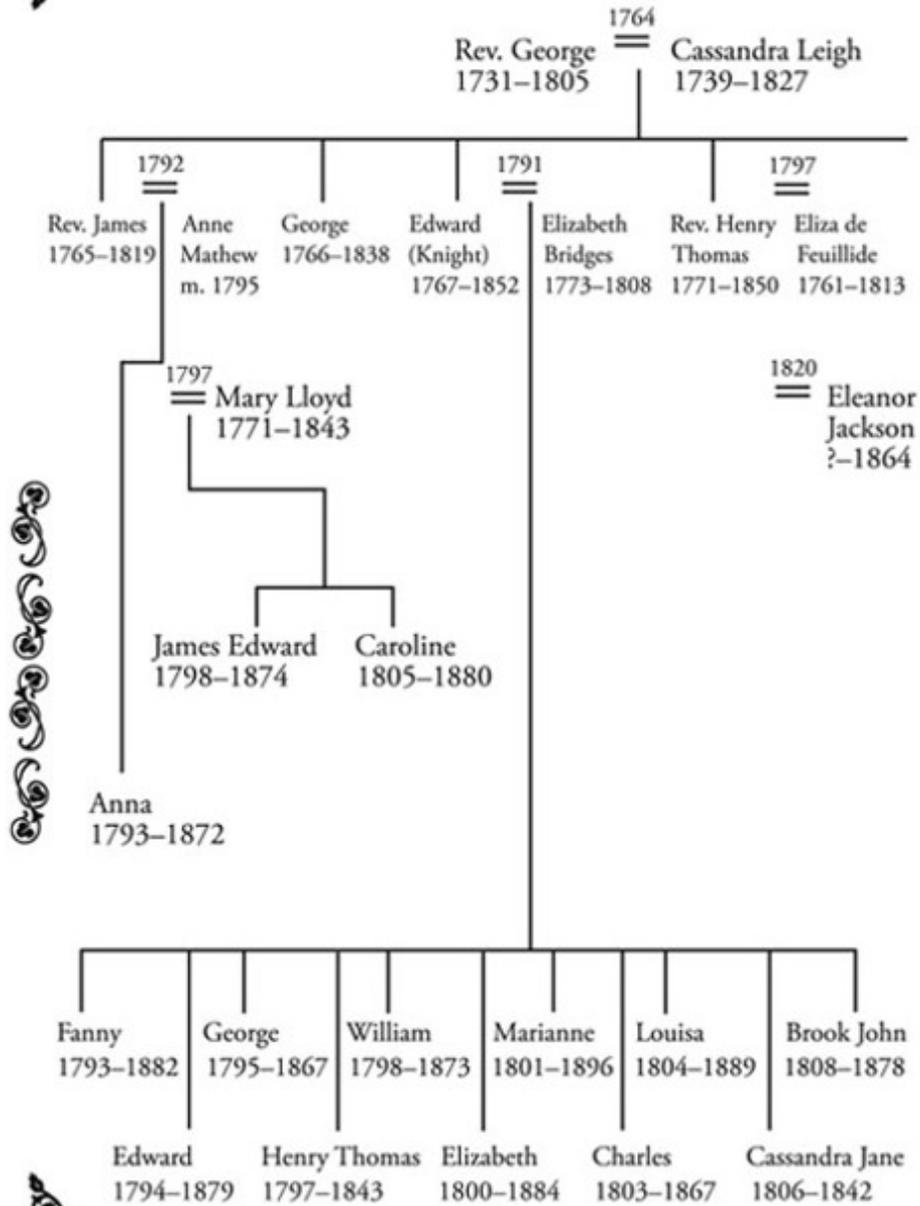
Para meus filhos Ryan e Jeff, minhas melhores criações, cujas sugestões perspicazes e conversas animadas mantêm minha criatividade e inteligência no ponto máximo. Eu não poderia ter mais orgulho...

Para Jane Austen, com a maior admiração, gratidão e respeito...

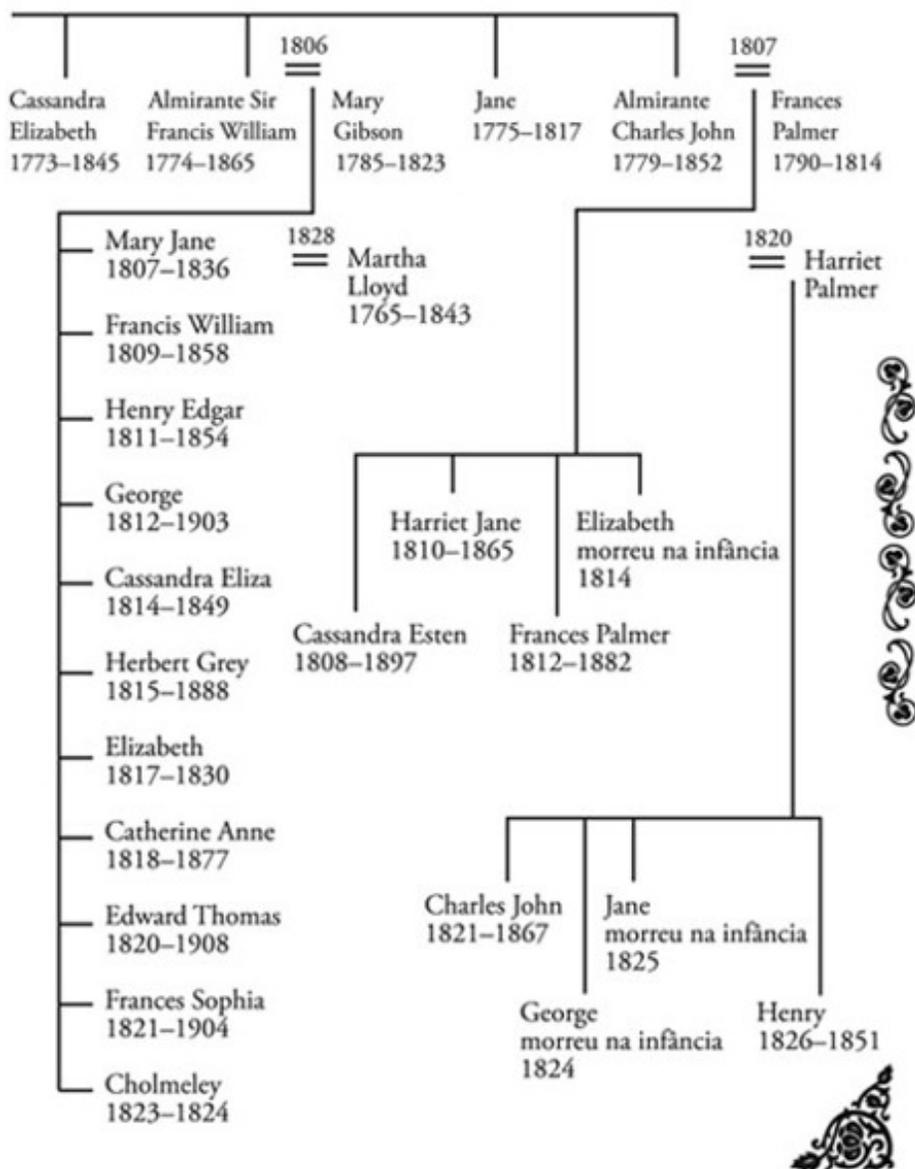
Para minha agente Tamar Rydzinski e minha editora Lucia Macro, cuja dedicação e entusiasmo por este projeto não podem ser medidos...

Agradeço a vocês do fundo do coração. Vocês me provam diariamente que tudo é possível.





## Árvore genealógica de Jane Austen



# Prefácio do Editor

Jane Austen, que ofereceu ao mundo seis amados romances, se autoproclamava viciada em escrever cartas; muitas das quais foram preservadas e nos dão uma ideia valiosa da mente da autora, de seu caráter e sua vida íntima. Embora seus biógrafos muitas vezes tenham ponderado se a autora mantinha ou não um livro de memórias ou um diário, nenhum sinal de tais documentos foi encontrado. Até agora.

A Chawton Manor House, uma das muitas casas que pertenceram ao irmão de Jane Austen, Edward Austen Knight (que foi adotado por primos de seu pai e herdou muitas propriedades valiosas), esteve na família Knight desde o final do século XVI. Jane Austen viveu por muitos anos em uma casa de campo no povoado próximo e a visitava com frequência.

Um operário recentemente contratado para consertar o telhado da mansão, em uma tentativa de capturar uma família errante de ratos, descobriu um velho baú de marinheiro escondido por tijolos atrás de uma parede em um canto distante do enorme sótão tortuoso. O baú, para espanto de toda a equipe de trabalho, estava repleto do que pareciam ser antigos manuscritos. Estranhamente, no fundo da arca, em uma pequena caixa de veludo, jazia um delicado anel de ouro e rubi.

O atual proprietário da residência, a Chawton House Library — uma organização de caridade que está restaurando e reformando a mansão, os jardins e o parque para instalar no local um centro de análise de antigas obras escritas por mulheres em língua inglesa — chamou especialistas para avaliar o anel de rubi (de fino acabamento, datado do século XVIII), e estudiosos para examinar os documentos. Mesmo após uma análise superficial, os estudiosos perceberam imediatamente o enorme valor histórico da descoberta.

O baú, de um modelo que poderia ter sido usado por um marinheiro para armazenar seus equipamentos durante as guerras napoleônicas, pode ter pertencido a um dos outros irmãos de Jane Austen, Frank ou Charles, ambos da Marinha Real. Para espanto e alegria dos primeiros estudiosos que tiveram o privilégio de analisar seu conteúdo (entre os quais eu estava incluída), os inúmeros documentos armazenados no interior parecem ter sido escritos durante o final do século XVIII e início do século XIX, e foram formalmente autenticados como de autoria da própria Jane Austen.

Embora apenas um dos manuscritos tenha sido integralmente analisado até agora, eles parecem ser nada menos do que as memórias de Jane Austen, há muito perdidas, relatando histórias e eventos que ocorreram com a própria autora ou com membros de sua família, seus amigos e conhecidos.

Sem desejar qualquer compensação pelos achados, a Chawton House Library gentilmente doou o baú e todo o seu conteúdo à Fundação Literária Jane Austen para autenticação e preservação.

O aspecto físico das memórias é interessante; elas foram compostas e montadas de forma semelhante ao manuscrito da última obra incompleta de Jane Austen, *Sanditon*; isto é, foram todas escritas em folhas comuns de papel de carta, dobradas ao meio, depois montadas em pequenos livretos com tamanho variando entre 48 e 80 páginas, e impecavelmente costuradas à mão ao longo da lombada. Elas parecem ter sido escritas em uma variedade de gêneros; algumas são anotações cotidianas, como em um diário; a maioria é dividida em capítulos, assemelhando-se a seus romances.

Algumas foram danificadas pelo mofo e pela deterioração, mas a maioria (graças à natureza hermética do baú e às condições naturalmente secas do sótão onde foram armazenadas) sobreviveu em um estado quase imaculado.

Esses manuscritos estão sendo meticulosamente preservados por uma equipe de especialistas; eles serão, um a um, revisados e editados para o público atual. Embora haja, sem dúvida, um grande número de estudiosos de Jane Austen igualmente ou até mais dignos para o ofício do que eu, a invejável tarefa de edição dessas obras preciosas foi confiada a mim.

O livro de memórias que você tem em mãos, embora envolva um período anterior da vida de Jane Austen, aparentemente foi escrito em algum momento entre 1815 e 1817, quando a autora começou a sofrer da doença que a levou a falecer. Apesar de este aparentar ser o volume final de suas memórias, ele foi selecionado para ser publicado primeiro, em parte graças ao preservado estado físico do documento em si e em parte por sua temática surpreendente e reveladora.

Várias teorias sobre como os manuscritos foram escondidos e esquecidos atrás de uma parede do sótão da Chawton Manor House foram apresentadas. Muitos dos tijolos utilizados foram incendiados em 1816, mas as datas dos tijolos remanescentes são mais difíceis de determinar. É possível que a própria Jane Austen, doente e sabendo que poderia morrer, tenha pedido a algum membro da família ou empregado de sua confiança (com ou sem o conhecimento de seu irmão Edward) que escondesse esses documentos no sótão, achando serem de natureza pessoal demais para serem lidos por outras pessoas na época, porém sem a intenção de destruí-los.

Também é possível que o baú tenha sido colocado lá, anos mais tarde, pela irmã de Jane, Cassandra. É fato conhecido que as duas eram muito próximas, partilhavam todos os pensamentos e segredos, e frequentemente trocavam extensas cartas quando estavam separadas. Cassandra, que viveu até os 72 anos, guardou

todas as correspondências que Jane lhe escreveu, e também pode ter sido a guardiã das memórias da irmã. No entanto, alguns anos antes de Cassandra morrer, ela admitiu para a sobrinha, Caroline Austen, que tinha queimado a maioria das cartas de Jane (ao todo, muitas centenas, supõe-se), e recortado ou rabiscado partes das que restaram. Tal perda é incalculável para a história.

A razão da censura de Cassandra foi, sem dúvida, um desejo de preservar a privacidade da irmã, bem como um ato de diplomacia. É improvável que ela pudesse ter previsto uma época na qual o trabalho da irmã fosse se tornar tão popular e que o interesse público por ela fosse tão grande a ponto de as cartas serem publicadas; é mais provável que ela temesse que as cartas de Jane pudessem conter críticas a pessoas, descrições de indivíduos e eventos de natureza muito pessoal, às quais Cassandra não desejava serem lidas pelas futuras gerações da família.

Jane diz, nas primeiras páginas deste livro de memórias, que está escrevendo para "... ter algum registro do que aconteceu, para evitar que a lembrança desvaneça nos recônditos da minha mente, e dali desapareça para sempre da história..."

Talvez Cassandra, depois de queimar as cartas, não tivesse conseguido destruir as lembranças da irmã do mesmo modo (por serem tão semelhantes aos manuscritos de seus reverenciados romances) e então tivesse optado por "sepultá-las". O plano foi um tanto quanto bem-sucedido; não fosse a extensa reforma do telhado, um operário curioso e um rato rebelde, os manuscritos poderiam ter permanecido desconhecidos por muitos séculos mais.

Este livro é de interesse notável, não apenas porque oferece uma janela nova e especialmente íntima sobre o funcionamento da mente e do coração de Jane Austen, mas porque revela, pela primeira vez, a existência de um caso de amor sobre o qual ela aparentemente estava determinada, pelo menos em vida, a manter em segredo. Também pode lançar uma luz sobre uma das histórias mais infames dentro do universo relativo a Jane Austen — uma questão

incansavelmente discutida e debatida entre historiadores relativa a um “cavalheiro da orla”, por quem supostamente Jane se apaixonou.

De acordo com a história, Cassandra disse à sobrinha Caroline (muitos anos depois da morte da autora) que Jane conheceu um clérigo no início dos anos 1800 enquanto estava de férias em um balneário, e que os dois se tornaram próximos e concordaram em se encontrar novamente; mais tarde, ela soube que ele havia morrido. Cassandra nunca disse o nome do homem, o lugar ou a data do encontro, mas insistiu que esse cavalheiro misterioso foi o “único homem que Jane amou verdadeiramente”.

Considerando que Cassandra era tão reservada sobre o tipo de informação que permitia que fosse divulgada sobre a irmã, é possível que o “romance misterioso, sem nome e sem data” que ela descrevia fosse apenas uma verdade parcial, intencionalmente vaga e enganosa — uma teoria apoiada pela própria Jane Austen neste livro de memórias. Aparentemente, Jane de fato conheceu um homem em um balneário; eles realmente se apaixonaram perdidamente; mas, de acordo com Jane, não era um clérigo — e não morreu.

Formular outras hipóteses seria entregar demais; o leitor é conduzido a tirar as próprias conclusões a respeito da narrativa romântica e comovente de Jane.

Uma observação final em relação à edição deste livro:

Havia muitas idiossincrasias nos manuscritos de Jane Austen, incluindo abreviações, erros ortográficos, grafias alternativas para uma mesma palavra, uso de letras maiúsculas onde a regra não se aplicaria, e o uso ou desuso de parágrafos e aspas, que sem dúvida seriam alterados caso o material fosse preparado para publicação quando ela era viva. Fiz essas correções quando achei necessário (embora tenha mantido a maioria das frases e grafias alternativas) para garantir uma experiência de leitura suave e fluida para o público atual; mas, em grande parte, este é o livro de memórias exatamente como Jane Austen o escreveu.

Todos os comentários editoriais são meus.

Dra. Mary I. Jesse

Ph.D. em literatura inglesa, Universidade de Oxford

Presidente da Fundação Literária Jane Austen

# Capítulo um

Por que eu sinto uma vontade súbita de relatar, em pena e tinta, um relacionamento de natureza tão pessoal que jamais assumi, não sei dizer. Talvez seja essa doença enlouquecedora que tem me perturbado ocasionalmente nos últimos tempos — esta lembrança sagaz da minha mortalidade — que me impulsiona a ter algum registro do que aconteceu para evitar que a lembrança desvaneça nos recônditos da minha mente, e dali desapareça para sempre da história, tão fugaz como um fantasma em meio à névoa.

Seja qual for o motivo, julgo que devo escrever tudo; pois acredito que possa haver especulação quando eu me for. As pessoas podem ler o que escrevi e se perguntar: como poderia essa *solteirona*, essa mulher que, ao que tudo indica, nunca nem mesmo foi *cortejada* — que nunca sentiu aquela conexão maravilhosa de mente e espírito entre um homem e uma mulher, que, inspirada pela amizade e pelo carinho, floresce para algo mais profundo —, como *ela* pôde ter a ousadia de escrever sobre as honradas instituições do amor e do galanteio, sendo que nunca as vivenciou?

Para aqueles poucos amigos e parentes que, ao saberem de minha autoria, se atreveram a levantar um questionamento similar (embora, devo admitir, adotando uma entonação bem mais gentil), eis a mesma resposta: “Não é concebível que uma mente ativa e um olhar e ouvido atentos, combinados a uma imaginação vívida,

possam produzir uma obra literária de algum mérito e deleite, que pode, por sua vez, evocar sentimentos e sensações que se assemelham à própria vida?”

Há muita verdade nessa observação.

Mas existem muitos níveis de veracidade, não é mesmo, entre a verdade que revelamos publicamente e a qual reconhecemos em silêncio, na privacidade de nossos pensamentos, e talvez para um ou dois de nossos conhecidos mais íntimos?

Eu *tentei* mesmo escrever sobre o amor — primeiro, em tom de brincadeira, como uma menina; depois, com um tom mais sério, no começo dos meus 20 anos, embora eu só tivesse conhecido o amor juvenil na época;<sup>1</sup> em consequência, aqueles primeiros trabalhos tiveram apenas um mérito passageiro. Foi somente anos depois que conheci o homem que viria a inspirar a verdadeira profundidade daquela emoção e que despertaria outra vez minha voz há muito adormecida.

Esse cavalheiro — o único verdadeiro grande amor da minha vida —, jurei, por uma boa razão, nunca expor; na verdade, foi acordado dentre os membros mais íntimos da minha família que o conheciam que era melhor para todos os envolvidos manter os fatos sobre aquele romance estritamente entre nós. Em consequência, tenho relegado meus pensamentos a respeito dele aos confins de meu coração; banido para sempre — mas *não* esquecido.

Não, nunca esquecido. Pois como alguém pode esquecer o que se tornou parte de sua própria alma? Cada palavra, cada pensamento, cada olhar e sentimento passados entre nós estão tão frescos em minha mente agora, anos depois, como se tivessem ocorrido ontem.

A história deve ser contada; uma história que vai explicar todas as outras.

Mas estou me adiantando.

É uma verdade (acredito, universalmente reconhecida) que, com poucas exceções, a apresentação do herói em uma história de amor

nunca acontecer no primeiro capítulo, mas, de preferência, ser adiada para o terceiro; que um breve alicerce deve ser inicialmente estabelecido, familiarizando o leitor com as principais pessoas, lugares, circunstâncias e conteúdo emocional da história, de modo a permitir maior valorização dos acontecimentos conforme se desenrolam.

Portanto, antes de conhecermos o cavalheiro em questão, devo recuar um pouco para relatar dois eventos que ocorreram alguns anos antes — uma vez que ambos alteraram minha vida, súbita e irrevogavelmente, da forma mais terrível e dolorosa.

Em dezembro de 1800, pouco antes de meu vigésimo quinto aniversário, eu havia viajado para visitar minha querida amiga Martha Lloyd. Ao voltar para casa, minha mãe surpreendeu-me ao anunciar:

— Bem, Jane, está tudo resolvido! Decidimos deixar Steventon para sempre e ir para Bath.

— Deixar Steventon? — Olhei para ela em descrença. — Você não pode estar falando sério.

— Ah, mas estou — afirmou minha mãe enquanto se movimentava efusivamente pela saleta, fazendo uma pausa para observar as gravuras na parede com um olhar de saudosa despedida, como se estivesse fazendo as pazes com a ideia de deixar todas elas para trás. — Seu pai e eu conversamos a respeito enquanto você estava fora. Ele vai completar 70 anos em maio. É hora de se aposentar, depois de quase quarenta anos como pastor desta paróquia, sem mencionar o cargo de pároco em Deane.<sup>2</sup> Desistir do posto, você sabe, significa abrir mão da casa, mas seu irmão James vai se beneficiar disso, pois ficará com ele; e, como seu pai sempre desejou viajar, pensamos: que momento seria melhor do que o presente? Vamos enquanto ainda temos saúde! Mas para *onde* devíamos ir foi um assunto de grande debate, e finalmente chegamos à conclusão de que deveria ser Bath!

Minha cabeça começou a girar; minhas pernas bambearam e eu afundei pesadamente sobre a cadeira mais próxima, desejando que minha querida irmã estivesse ali para compartilhar o fardo daquela notícia angustiante. Cassandra, três anos mais velha do que eu e muito mais bela, tem um temperamento calmo e gentil; sempre posso confiar nela para me animar, mesmo nas piores situações. Contudo, ela estava ausente naquele momento, visitando nosso irmão Edward e sua família em Kent.

— Jane! — Ouvi minha mãe gritar. — Meu Deus, acho que a pobre menina desmaiou. Sr. Austen! Venha me ajudar! Onde estão os sais aromáticos?

Nasci em Steventon, e passei todos os dias felizes da minha vida lá. Pensar em deixar aquele lugar adorado era como pensar que eu poderia criar asas e voar. Eu adorava o alpendre com treliças da casa paroquial, o arranjo perfeitamente equilibrado de janelas de guilhotina na fachada frontal plana, e as paredes brancas e desprovidas de adornos e os forros de lambri. Eu aprendera a apreciar cada olmo, castanheira e pinheiro que ultrapassavam o telhado e todas as plantas e arbustos no jardim dos fundos, onde caminhava quase todo dia ao longo do passeio gramado, cercado por canteiros de morango.

A casa paroquial havia sido ampliada e melhorada consideravelmente ao longo dos anos para atender às necessidades da família crescente dos meus pais, que incluía minha irmã Cassandra, eu e seis filhos homens, bem como um desfile de rapazes que se hospedavam por longos meses a fim de serem educados por meu pai. Os sete quartos no andar de cima e os três do sótão sempre estiveram cheios durante minha infância, e as salas ressoaram incessantemente aos sons das risadas de meninos e aos passos duros de botas.

Ser tão subitamente desenraizada e afastada para sempre do meu lar — nunca mais passear pelas ruas da vizinhança, onde cada casa de campo aninhada entre as árvores me era familiar, e cada rosto me era conhecido; nunca mais visitar um amigo querido,

desfrutar um jantar ou participar de um baile em uma das imponentes mansões de tijolos; nunca mais subir o morro até a Cheesedown Farm, do outro lado do povoado, com suas vacas e porcos e campos de trigo e cevada; nunca mais caminhar até a igreja em um domingo, através de bosques de plátanos e olmos, para ouvir os sermões semanais do meu pai. Como eu poderia suportar?

Em Steventon, eu tinha a combinação perfeita de uma família amorosa e uma sociedade agradável, que apenas uma pequena vila pode proporcionar; nos últimos anos, conforme cada um de meus irmãos se mudava, eu encontrava refúgio em minha própria sala no andar de cima, que me proporcionava a abençoada solidão necessária para escrever.

Como eu poderia deixar tudo aquilo para trás, eu me perguntava, assustada — mudar para uma casa alugada, estreita e alta, numa rua calçada de pedras, sob o brilho ofuscante da temida Bath? Meu ânimo esmorecia diante daquele pensamento em especial. Eu havia aproveitado Bath como visitante muitas vezes, mas não tinha vontade de morar lá.

Eu entendia o raciocínio por trás da escolha de meus pais; para *e/es*, depois de uma vida inteira morando e trabalhando no interior, devem ter ficado ansiosos para usufruir da animação e do convívio social proporcionado pela cidade; na idade deles, aproveitar as águas medicinais e os excelentes médicos seria apenas uma compensação extra. Mas, para mim, Bath era uma cidade de vapor, barulho, nebulosidade e fumaça, povoada por viajantes e prepotentes; seus famosos concertos e bailes nunca poderiam substituir amigos íntimos, um lar e a beleza das maravilhas naturais.

Eu suspeitava que houvesse outra razão para nossa mudança para Bath, embora não tivesse sido mencionada, e tal pensamento era especialmente torturante. Além de seu status de balneário da moda, Bath era conhecida como um lugar respeitável para se garantir um marido para jovens solteiras. Os pais da minha mãe, na aposentadoria, se mudaram para Bath, exatamente do mesmo jeito,

levando as duas filhas solteiras com eles, e ambas, minha mãe e a irmã dela, de fato, encontraram maridos lá.<sup>3</sup>

Sem dúvida, meus pais achavam que estavam ajudando a mim e a Cassandra nos levando a Bath, para desfilar conosco nos salões de festa ou na estação de águas diante de uma série de cavalheiros solteiros; o que funcionou para uma geração, eles devem ter esperado, poderia funcionar para outra. Se aquele era o objetivo, no entanto, eles devem ter ficado muito desapontados; os quatro anos seguintes não produziram qualquer perspectiva de um casamento adequado para nenhuma de nós.

Quanto às circunstâncias dolorosas de nossa mudança de Steventon e de meus sentimentos angustiantes relacionados à venda — ou devo dizer *doação* — da biblioteca de quinhentos volumes do meu pai, bem como meus tão amados livros, o piano no qual eu aprendera a tocar, minha imensa coleção relativa à música e toda a mobília e retratos de família que eu adorava, não vou expressar uma palavra. Dos anos que passamos no exílio (sobre os quais já escrevi em outro lugar)<sup>4</sup>, direi apenas que, apesar da minha antipatia por Bath, *tive* várias aventuras interessantes, fiz algumas amizades memoráveis e aproveitei bastante a companhia diária de meu pai, minha mãe e minha irmã. Descobri um prazer especial em nossas viagens aos balneários da costa de Devon e Dorset, que meu pai tinha interesse em ver na época.

O que me leva ao segundo evento, ainda mais desolador, que mudou irrevogavelmente minha vida, bem como o destino de minha mãe e de minha irmã: o dia em que meu amado pai morreu.

Aos 74 anos, George Austen ainda era muito ágil, com uma concentração de cabelos brancos finos, olhos brilhantes e inteligentes, um sorriso doce e benevolente e um grande senso de humor que inspirava admiração em todos que o conheciam. Embora sofresse crises de febre e memória fraca em algumas ocasiões, ele

sempre se reanimava e se recuperava, e seu prazer diante da aposentadoria e nossos anos itinerantes tinha sido considerável.

No sábado, 19 de janeiro de 1805, meu pai adoeceu outra vez, com uma reincidência de sua enfermidade febril. Na manhã seguinte, ele havia se recuperado tão bem que estava de pé andando por nossos cômodos em Bath, em Green Buildings Park East, com ajuda apenas de uma bengala; mas à noite a febre ficou mais forte, e ele caiu de cama com tremores violentos e um alto grau de debilidade. Minha mãe, Cassandra e eu nos revezamos cuidando dele durante toda a noite, muito alarmadas por sua condição, e fazendo o possível para deixá-lo confortável

Nunca vou me esquecer das últimas palavras que ele me disse.

— Jane — disse ele naquela noite, enquanto eu estava sentada em seu leito, gentilmente enxugando sua testa febril —, eu sinto muito. Sinto muitíssimo. — Sua voz era apenas um sussurro rouco, a respiração entrecortada e muito sofrida.

— Não se desculpe, papai — eu disse, acreditando, ou melhor, *insistindo* que ele iria melhorar, e, se não melhorasse, na esperança de que não se preocupasse, em suas últimas horas, com o que poderia acontecer às pessoas que iria deixar; pois ele devia ter consciência de que, quando de fato partisse desta terra, a esposa e as filhas ficariam abandonadas nas mais terríveis circunstâncias financeiras. Mas, felizmente, sua mente não estava ocupada com assuntos tão irrisórios; ele sequer parecia estar ciente da gravidade de sua condição ou que poderia, a qualquer momento, estar prestes a deixar os objetos de tanto amor, tanta afeição que sua esposa e suas filhas sempre foram.

— Sinto muito, Jane — disse ele de novo —, por não ter sido mais útil para você, até agora, com seus livros.

— Meus livros? — indaguei com grande surpresa.

Ele se referia aos três manuscritos que eu havia escrito anos antes, que eram apenas esforços iniciais e, eu sabia, indignos de serem publicados. Eu tive prova disso; meu pai tinha enviado um deles, *First Impressions*, a uma editora alguns anos antes, mas foi

rapidamente rejeitado e devolvido pelo correio; meu irmão Henry havia conseguido vender outro (*Susan*) por 10 libras, mas a promessa de publicação nunca se concretizou. Todos eles então residiam (sob muita necessidade de alteração), juntamente a uma coleção de outras obras imaturas, em uma caixa resistente que viajava comigo aonde quer que eu fosse.

— Por favor, papai, não pense nos meus livros.

— Não consigo evitar senão pensar neles — disse ele com esforço. — Você tem um dom, Jane. Não se esqueça disso.

Eu sabia que ele tinha boas intenções; mas, na verdade, eram o orgulho e o amor de um pai falando. Meus irmãos eram todos excelentes escritores; meu trabalho não era tão especial.

— Nada do que escrevi até agora, papai, me parece ter algum valor, exceto, talvez, como diversão para minha família. Eu desisti. Desde então, jurei restringir meus esforços com uma pena apenas para escrever correspondências.

Meu pai fechou os olhos brevemente e balançou a cabeça.

— Isso seria muito errado. Seu trabalho, ele deveria ser publicado. Quando eu estiver melhor, vou assumir o compromisso e garantir que isso seja feito.

Pela manhã, ele havia falecido.

A morte do meu pai, além de ser a causa de muita tristeza para toda a família, teve um efeito extremamente desastroso sobre a situação financeira das três mulheres em seu lar. A casa em Steventon, depois da aposentadoria, tinha ido para seu sucessor, meu irmão mais velho James; e sua pequena renda morreu com ele.

— Por quarenta anos, ele foi a luz da minha vida; meu amor, minha âncora! — soluçava minha mãe, enxugando os olhos vermelhos e inchados com um lenço, enquanto estávamos sentadas na sala de estar dos nossos quartos alugados com meus irmãos James e Henry, após o funeral na Igreja Walcot, em Bath. — Ele foi tirado de mim, e tão de repente! Como vou continuar sem ele?

— É um golpe muito pesado. Ele era um pai excelente — disse James, enquanto pousava a xícara de chá. Pároco solene, sério e confiável de 40 anos, James havia deixado apressadamente a esposa e os filhos em Steventon para compartilhar nosso momento de luto.

— Mas temos de encontrar conforto na rapidez do evento — falou Henry. Aos 33 anos, ele sempre fora o mais inteligente, ambicioso, charmoso e otimista entre meus irmãos, e eu o considerava o mais bonito. — Isso significa que seu sofrimento foi breve.

— De fato — eu disse, lutando para conter as lágrimas. — Acho que ele estava bastante inconsciente do próprio estado.

— Dessa forma, ele foi poupado de toda a dor da separação — disse Cassandra estoicamente. — Sou grata por isso.

— Vê-lo definhando por muito tempo, lutando por horas; isso teria sido terrível! — concordei.

— Oh! Mas o que devemos fazer? — lamentou minha mãe. — Eu estou tão aflita, mal consigo falar. Você sabe que a igreja não faz nada por viúvas e filhos de clérigos! E pensar que, no meio do meu desespero, tenho de ser oprimida por tais problemas, mas estamos sem teto e quase sem dinheiro, meninas. Com o fim do salário de seu pai, minha renda vai cair para menos de 200 libras. Jane não tem nada. Mesmo com os juros sobre a herança de Cassandra, isso não é o suficiente para sustentar nós três. Como vamos sobreviver?

Senti minhas bochechas ficarem rubras diante de tal declaração. O fato de eu não ter dinheiro algum era uma fonte de grande humilhação para mim.

Cassandra tinha uma herança, originada de uma fonte trágica; ela fora noiva, aos 22 anos, do jovem reverendo Thomas Fowle; como a renda de Tom era pequena, eles esperaram para se casarem. Após dois anos, Tom concordou em atuar como capelão de um regimento com destino às Índias Ocidentais, com a promessa de uma boa propriedade paroquial ao retornar; porém, um ano depois de partirem, ele contraiu febre amarela em Santo Domingo e faleceu. Deixou uma herança de 1.000 libras para minha irmã enlutada, e os juros desse valor, investido em ações do governo,

geravam 35 libras por ano; um valor minúsculo, mas lhe dava algum senso de importância. Eu, por outro lado, era completamente dependente dos outros para me sustentar.

Minha mãe tinha razão. Estávamos em circunstâncias terríveis, e estaríamos sujeitas a uma vida na mais infeliz e abjeta pobreza caso não recebêssemos ajuda.

— Não se desespere, mãe — disse James. — Meus irmãos e eu não vamos deixar você morrer de fome. Eu mesmo terei o maior prazer em lhe prometer 50 libras por ano do meu próprio salário.

— Falou como um homem sensível e um verdadeiro filho — disse Henry, levantando-se da cadeira e dando tapinhas nas costas de James. — Vou assumir o mesmo compromisso.

Essa, pensei, era uma oferta gentil; Henry e sua esposa Eliza viviam em Londres, em grande estilo, mas ele tinha o hábito de mudar de emprego um tanto frequentemente, e tinha exposto que sua renda, à época, era precária.

— Oh! Vocês são a bondade em pessoa — choramingou minha mãe.

Sabíamos que Charles, meu irmão mais novo e comandante da Marinha Real, que estava fora patrulhando o Atlântico, não podia fazer nada por nós. Mas meu irmão Frank, capitão naval do pelotão de bloqueio, havia escrito de Spithead para Henry com uma oferta de 100 libras por ano, insistindo que o fato fosse mantido em segredo. Henry, em seu entusiasmo, não conseguiu esconder a notícia de minha mãe, que foi às lágrimas.

— Nunca houve filhos tão bons quanto os meus! — gritou de forma arrebatada. — Escreva e conte a Frank que eu percebo a grandeza da oferta, mas vou aceitar apenas a metade.

Ainda tínhamos de saber do meu irmão Edward, que era, por uma reviravolta auspiciosa do destino, muito mais rico que todos os meus outros irmãos juntos. Aos 16 anos, meus pais tinham concordado em deixar Edward ser adotado pelo primo distante de meu pai, Thomas Knight II, que não tinha filhos; dele, Edward havia herdado uma fortuna e três propriedades grandes e prósperas: a

Steventon Manor e Chawton em Hampshire, e Godmersham Park em Kent. Somente em Chawton, Edward era dono de uma mansão e de um povoado com cerca de trinta casas.

— Esperemos que Edward nos ofereça o uso de uma de suas casas — disse minha mãe. — Até mesmo uma pequena casa de campo serviria.

Para nossa decepção, quando falamos com Edward na manhã seguinte, ele não fez tal oferta; em vez disso, concordou em contribuir com um ordenado anual de 100 libras para o nosso sustento.

— O que ele está pensando? — exclamou minha mãe, sacudindo a recém-chegada carta de Edward de maneira consternada, quando se juntou a mim e a Cassandra à mesa do café da manhã. Henry e James estavam no andar de cima, fazendo as malas para partir. — Sou mãe dele; vocês são irmãs dele! Ele é tão rico, e eles vivem em meio a tanta riqueza e pompa em Godmersham. Com tantas casas à sua disposição, ele certamente poderia abrir mão do rendimento de um inquilino!

— Ainda assim, a oferta de 100 libras por ano é muito generosa, mamãe — afirmei.

— Não é generosa o suficiente considerando o grau da situação, a meu ver. — Minha mãe pegou uma enorme fatia de torrada da bandeja e espalhou uma boa quantidade de manteiga sobre ela. — É uma gota num balde para Edward. Não acredito que isso seja ideia dele. Deve ser aquela esposa! Elizabeth quer manter toda a renda para si e para os filhos. Ela não pensaria em abrir mão de um centavo para a pobre mãe e as irmãs do marido!

— A propriedade é de Edward para ele fazer o que bem entender — lembrei a ela, enquanto lhe servia uma xícara de chocolate. — Elizabeth não tem autoridade sobre o patrimônio.

— Claro que tem! — exclamou minha mãe, mordendo sua torrada e a mastigando furiosamente. — *Você* não sabe a influência que uma mulher pode ter sobre o marido, Jane, especialmente quando são *tão* próximos quanto aqueles dois. Edward é tão submisso, tão

avesso a qualquer tipo de conflito que, se Elizabeth levantasse até mesmo a menor objeção a qualquer coisa, ele faria de tudo para não a contrariar.

— Mamãe, estou certa de que Elizabeth jamais seria tão insensível — disse Cassandra. — Ela é uma mulher doce e amável.

— Uma mulher doce e amável e esnobe — retrucou minha mãe com uma fungada —, orgulhosa de sua criação e educação de alto nível, mas sem muitas habilidades natas e sem consideração por aqueles como nós, que somos abençoados por tê-las. Ah, sim, os Bridges de Goodnestone até toleram quem tem um pouco de talento, mas muito talento é demais para eles.

Eu não poderia concordar com a avaliação da minha mãe sobre a situação. Edward havia se casado com a jovem de 18 anos Elizabeth Bridges, de Goodnestone Park, em Kent, em 1791, uma união baseada no amor e abençoada com muitos filhos. Uma mulher elegante e bonita, Elizabeth tinha sido educada no internato feminino mais prestigiado de Londres, onde o currículo incluía francês, música, dança e etiqueta social, mas muito pouco conteúdo acadêmico. Elizabeth era uma mulher de princípios sólidos, uma esposa dedicada e mãe que adorava o marido e que sempre nos tratou com muito carinho. Eu achava que os sentimentos de minha mãe tinham mais a ver com seu próprio desconforto perante a enorme diferença de riqueza material entre ela e Elizabeth do que com qualquer coisa que esta já houvesse dito ou feito.

— Mesmo que Elizabeth *tenha* influenciado nosso irmão nesse assunto, mamãe — declarei —, e não podemos ter certeza de que ela o fez, ainda temos que ser gratas pela oferta de Edward.

— Você tem razão — concordou minha mãe com um suspiro, assim que James e Henry entraram na sala, colocando as valises perto da porta. Eu rapidamente os coloquei a par do conteúdo da carta de Edward, o que pareceu agradar ambos imensamente.

Minha mãe se levantou e beijou meus irmãos no rosto com um olhar agradecido.

— Obrigada, meninos. Vocês nos salvaram do abrigo de indigentes. Se fizermos uma economia rigorosa, estou certa de que conseguiremos sobreviver. Mas onde vamos viver, eu realmente não sei, pois mesmo com 450 libras por ano, não podemos pagar nossa própria casa.

— Acredito que você e as meninas ficarão muito bem e serão muito felizes, mãe — disse Henry.

— Sim, já conversamos sobre isso — completou James enquanto olhava pela janela, avaliando o tráfego nas ruas enevoadas lá embaixo, sem dúvida esperando por um vislumbre da aguardada carruagem. — Vocês podem passar os invernos em confortáveis alojamentos alugados aqui em Bath, e o restante do ano podem passar no interior com seus parentes.

Cassandra e eu trocamos um olhar consternado; pela expressão desbaratada no rosto da minha mãe, eu sabia que ambas sentiram a humilhação por nossa condição com tanta força quanto eu. Seríamos jogadas de um parente para outro! Sem um lar permanente, ficaríamos completamente dependentes da boa vontade de meus irmãos, obrigadas a aceitar qualquer condição de moradia que eles escolhessem para nós — e também a depender deles para nos transportar de lá para cá.

Nunca mais, eu temia, conseguiríamos ser donas de nossas vidas.

# Notas

<sup>1</sup> Jane Austen pode estar se referindo aqui ao relacionamento com Tom Lefroy, o “amigo irlandês” com quem teve um breve flerte aos 20 anos.

<sup>2</sup> George Austen teve uma carreira longa e distinta no clero, primeiro como pároco da Tonbridge School, em seguida como pastor em Steventon, em Hampshire County (muitas vezes abreviado como Hants), desde 1761, acrescentando a propriedade, em Deane (uma paróquia adjacente) às suas funções em 1773. A “propriedade” de clérigo geralmente incluía uma casa ou uma residência paroquial e um salário modesto, ambos devendo ser renunciados no momento da aposentadoria.

<sup>3</sup> A mãe e o pai de Jane Austen, Cassandra Leigh e George Austen, conheceram-se em Bath e se casaram lá muitos anos depois, em 26 de abril de 1764.

<sup>4</sup> Presumo que ela se refira a uma de suas outras memórias, recentemente descobertas, as quais ainda não li.

## Capítulo dois

No início, dividimos nosso tempo, como James sugeriu, entre alojamentos temporários em Bath e longas visitas a amigos e parentes, incluindo temporadas com James, sua esposa e seus filhos em Steventon, e com Edward, Elizabeth e sua prole em Godmersham Park.

Eu sempre gostei das visitas a Godmersham; era impossível não me sentir mimada lá. Edward vivia em meio à elegância, tranquilidade e luxo, como convinha à sua renda e à criação de sua esposa. A grande e bela mansão de tijolos vermelhos ficava sob isolamento admirável, situada num parque paisagístico com um planalto arborizado elevado ao fundo. A casa, que era mantida por dezenas de criados, possuía uma excelente biblioteca e uma sala de estar e de jantar lindamente projetadas, decoradas com estuques e esculturas imponentes e lareiras de mármore; o restante dos cômodos, ainda que numerosos, eram mobiliados de forma relativamente simples. Era agradável passear pelos jardins e pelo pomar bem-cuidados ou ir até o monóptero, situado numa colina do outro lado da propriedade. Havia sempre atividade e entretenimento e ótimas refeições; em Godmersham, eu tomava sorvete, bebia vinhos finos e gostava de estar além da economia com coisas ordinárias.

Eu gostava especialmente de brincar com as crianças, que eram cerca de nove ou dez à época. Passeávamos de barco no rio; eu fazia barcos de papel com os meninos, os quais bombardeávamos com castanhas; brincava de escolinha com as meninas, assim como de cartas e varetas e charadas, e inventávamos cirandas. Em várias ocasiões, eu me isolava em um dos quartos no andar de cima e lia em voz alta um de meus antigos manuscritos para entreter as filhas mais velhas, Fanny e Lizzie.

Cassandra era especialmente bem-vinda a Godmersham, e era convidada a ajudar com as crianças durante os muitos partos de Elizabeth. Mas, apesar de Elizabeth ser muito gentil com todas nós, eu e minha mãe estávamos sempre perfeitamente cientes de nosso status lá como as parentes pobres, viúvas e solteironas e do fardo que havíamos nos tornado.

Nossa vida dependente e itinerante misericordiosamente chegou ao fim cerca de dois anos depois, quando meu irmão Frank fez uma proposta inesperada. Ele havia se apaixonado pouco antes por uma moça de Ramsgate, Mary Gibson, que ele conhecera enquanto comandava a fortaleza naval em North Foreland, no cabo norte. Aos 32 anos, Frank estava ansioso para se casar e, com um dote em dinheiro em mãos e uma boa renda, ele poderia pelo menos bancar o feito. Foi sugestão sua morarmos com ele e sua nova esposa em Southampton.

Embora Cassandra e eu tivéssemos protestado por não desejar nos intrometer na felicidade do novo casal, Frank insistiu que era o arranjo ideal: ele passaria vários meses seguidos no mar, e nós poderíamos fazer companhia a Mary. A divisão das despesas da casa aliviaria imensamente o fardo dele e o nosso. Quando sugeri que nossa querida amiga Martha Lloyd também se juntasse a nós, pois ela estava desabrigada desde a morte da mãe, Frank concordou de pronto. Uma presença tão alegre, receptiva e simpática como a de Martha seria muito bem-vinda em qualquer lar. Uma mulher bonita, dez anos mais velha do que eu, Martha tinha sido minha amiga mais

íntima desde a infância. Ela também era da família, afinal, sua irmã Mary era casada com meu irmão James.

Estávamos todos muito satisfeitos com a ideia de ter uma casa própria e fomos embora de Bath com sentimentos felizes de fuga. Eu não estava tão interessada, no início, na mudança de volta para Southampton. Cassandra e eu tínhamos estudado lá quando eu tinha apenas 7 anos, e lá ambas quase morremos devido a uma febre infecciosa.

Logo descobri, no entanto, que Southampton, com suas construções dispendiosas acasteladas em quadras e suas casas antigas recém-ornadas com a nova moda das janelas em arco, era uma cidade muito pitoresca e agradável, na verdade. O local, situado à foz do rio Itchen, na confluência de dois grandes lagos e rodeado por muralhas medievais e calçadas abertas ao lado do mar, era ideal para os objetivos de Frank, pois ele poderia fazer muitas escalas em Portsmouth; e tinha a vantagem adicional de ser em Hampshire, a apenas 37 quilômetros de Steventon.

Tudo foi rapidamente acertado. Após o período em alojamentos temporários, nos mudamos em março de 1807 para uma casa alugada em uma esquina de Castle Square e contratamos o serviço de duas criadas e uma cozinheira. A casa era velha e não estava em seu melhor estado, mas tinha um jardim agradável e um dos lados era delimitado pela antiga muralha da cidade; o topo da muralha, aonde se podia chegar subindo degraus, era amplo o suficiente para permitir que caminhássemos em cima, e oferecia uma vista magnífica para o rio e suas margens arborizadas.

Tão logo nos mudamos, Frank recebeu sua próxima designação: comandar o HMS *St. Albans*. Creio que foi um grande conforto para ele saber que, enquanto estivesse fora, equipando o navio para uma longa viagem, nós estaríamos lá para assistir o nascimento de sua filha; foi bastante difícil para Mary.

Por mais que eu estivesse grata por estar acomodada por um tempo e por mais que eu apreciasse o convívio com minha família, logo descobri que ter a companhia de tantas pessoas, confinadas a

uma casa na cidade, deixava pouco espaço para respirar — especialmente quando tínhamos visitas, como foi o caso em um dia memorável no final de junho, quando meu irmão Henry veio à cidade.

Imagine a cena, caso queira: oito de nós reunidos na sala de estar, empoleirados no sofá e em uma variedade de cadeiras. Henry, com uma aparência elegante em seu terno marrom-claro completo, sentado lendo o jornal. Minha mãe, Cassandra, Martha e Frank (que estava em casa para o batizado da filha, em seu último mês de vida caseira antes de embarcar), ocupados amarrando franjas em algumas cortinas. Mary segurando o bebê, Mary Jane, à época com 2 meses. Eu, sentada à minha pequena escrivaninha de mogno, presente de meu pai no meu aniversário de 19 anos e meu bem mais precioso, escrevendo uma carta.

— Você está com uma boa aparência, Frank — disse Henry —, para um velho capitão do mar maltratado pelas intempéries.

— Mesmo maltratado pelas intempéries — disse Cassandra com um sorriso torto —, nosso Frank está jovem e bonito como sempre.

— Se alguém está maltratado pelas intempéries, este alguém sou eu — exclamou minha mãe. — Asseguro que nunca vi um mês de junho tão quente. Faz com que as pessoas se sintam muito mal. Não consigo dormir, sinto um calor na garganta e no peito, e meu apetite não é mais o mesmo.

Considerando que minha mãe havia consumido cerca de metade de um frango cozido e uma enorme fatia de torta de maçã no jantar, achei sua afirmação um tanto surpreendente.

— Lamento que não esteja bem, mamãe — falei, olhando por cima da minha carta e abafando um bocejo, porque eu também não tinha dormido bem; o choro do bebê me manteve acordada por metade da noite. — Talvez você se sentisse melhor se fosse deitar.

— Está quente demais para deitar — respondeu minha mãe, irritada, enquanto continuava com a amarração — e eu não conseguiria descansar nem por um instante, sabendo que há tanto trabalho a ser feito.

Minha mãe tinha estatura mediana, frágil e magra, com belos olhos acinzentados, cabelos escuros que ainda conservavam sua cor original e um nariz aristocrático (do qual tinha muito orgulho e teve o prazer de transmitir à maioria de seus filhos). Embora fosse uma mulher de raciocínio rápido, brilhante e espirituosa, ela sofria de uma variedade de males que nem sempre conseguiam ser diagnosticados pelos médicos.<sup>1</sup>

— Frank, diga-nos: como está o Navio de Sua Majestade, o *St. Albans*? — perguntou Henry, tentando mudar de assunto.

— Está afinado como um violino e pronto para zarpar para o cabo na próxima semana e, de lá, para a China.

— China! Estamos em guerra com a China? — perguntou Mary, um tanto alarmada.

— Não, minha querida. Nosso dever é escoltar e proteger uma frota de transporte.<sup>2</sup>

— Graças a Deus. Espero que você não fique perto de nenhuma batalha. Tome mais cuidado com seus nós, querido. Os nós devem ser do mesmo tamanho, e as franjas do mesmo comprimento.

— Não há nada de errado com meus nós, Mary — disse Frank calmamente. — Ouvi dizer, em certos círculos, que minha capacidade de dar nós é incomparável e está entre as melhores da Marinha Real.

— Ninguém diria uma coisa dessas, a menos que fosse sua mãe — rebateu Mary.

— E eu diria mesmo — comentou minha mãe de maneira orgulhosa. — Meu Frank sempre foi habilidoso com as mãos, e seu tempo no mar certamente o preparou bem para *esta* função.

— “Nó” seria uma mentira — comentei — dizer que Frank dá nós em cortinas melhor do que qualquer homem que eu já vi.

Os outros riram.

— Uma grande honra para *nós*, não? — perguntou Martha, rindo.

— De fato — acrescentou minha mãe —, pois, cá entre *nós*, nunca vi, em toda a minha vida, outro homem com tanto talento.

Mais risadas alegres se seguiram, e a conversa continuou naquela linha por mais algum tempo, enquanto eu me esforçava para colocar palavras no papel.

— O que você está escrevendo tão concentrada, Jane? — perguntou Henry de repente. — Um novo romance, espero.

— Não. Apenas uma carta para Fanny.

— Você está sempre escrevendo cartas — disse Mary enquanto embalava gentilmente o bebê adormecido nos braços. — Acho que você escreve mais cartas do que qualquer pessoa que já conheci.

— Escrever cartas é um trabalho valioso — respondi, enquanto mergulhava a pena no tinteiro. — Acho que não há nada tão agradável quanto receber uma ótima carta, cheia de novidades interessantes.

Cassandra desviou o olhar das franjas meneando a cabeça de modo ávido.

— Quando Jane e eu estamos separadas, não sei o que faria sem suas correspondências regulares.

— Eu mesma gosto de escrever uma carta de vez em quando — disse minha mãe —, mas em geral prefiro aplicar meus esforços à poesia, quando tenho tempo.

— Todos gostamos dos seus versos desde a infância, mamãe — respondi sinceramente.

— Você é um talento, mãe — disse Henry. — O poema que você escreveu quando se recuperou da doença em Bath, sob o cuidado de Bowen, foi especialmente bom.

— Oh! Foi mesmo! — gritou Martha. E em tal ponto, ao capturar o olhar de Cassandra, ela largou o trabalho manual, e as duas trataram de recitá-lo em alegre uníssono:

“Diz a Morte: Tenho tentado por três semanas ou mais  
Levar uma senhora de idade da vizinhança,  
Mas ainda tento, com fé, pois ela resistir não será capaz;  
Não devo, portanto, perder a esperança.

Vou lhe dizer, velha companheira, se você não consegue adivinhar,  
A que a senhora deve seu sucesso...  
Às orações de seu marido, cujo coração parece subjugar,  
Ao cuidado das filhas, a quem o céu vai garantir o progresso,  
À Bowen, à habilidade e atenção que insiste em lhe dedicar.”

Risos se seguiram, juntamente a uma sucessão de elogios muito bonitos e bem-merecidos à sagacidade da minha mãe, e isso a emocionou muito.

— Seu irmão James também é um excelente poeta<sup>3</sup> — disse minha mãe com modéstia.

— A poesia de Jane também faz jus ao sobrenome Austen — disse Henry —, mas *ela*, creio eu, tem um talento ainda maior para a prosa. Irrita-me profundamente o fato de Crosby nunca ter publicado seu livro *Susan* depois de todas as promessas.

— Não consigo entender por que uma editora pagaria um bom dinheiro por um manuscrito para não publicá-lo — disse minha mãe.

— Claramente, não era bom o suficiente — observei.<sup>4</sup>

— Não posso concordar — disse Martha. — *Susan* é muito divertido! Apesar de *First Impressions*<sup>5</sup> ser meu favorito. Adoro o Sr. Darcy e Elizabeth; e acho muito injusto você só ter me permitido lê-lo três vezes, e isso há muitos anos.

— Eu não podia arriscar uma quarta leitura — comentei com um sorriso. — Se o fizesse, temo que você poderia roubar o *First Impressions* e publicá-lo por conhecê-lo de cor.

Martha riu.

— Como se eu fosse fazer uma coisa dessas.

— Esse livro *deveria* ser publicado — disse Henry.

— Papai tentou — lembrei a ele. — Foi recusado.

— Recusado *sem ser lido* — insistiu Henry. — Isso não quer dizer nada sobre o mérito do livro; só que um editor não podia se ocupar lendo algo enviado por um clérigo desconhecido. Queria que me permitisse enviá-lo por você agora. Poderíamos ter mais sorte do que tivemos com *Susan*.

— Duvido. Dez anos se passaram desde que escrevi *First Impressions*. O mundo mudou, assim como seu gosto pela literatura, e eu também mudei. Seria necessária uma boa dose de revisão, tenho certeza, antes de considerá-lo pronto.

— E aquele outro livro que você escreveu sobre as duas irmãs, Elinor e Marianne? — perguntou Henry. — Como se chamava?

— *Razão e sensibilidade*. Era uma versão revisada de um romance epistolar. Não fiquei de todo satisfeita com a tentativa.

— Eu me lembro dele como uma historinha bem agradável — disse Cassandra.

— Uma historinha bem agradável — concordei —, o que significa uma vida agradável e pacata no fundo da minha caixa de manuscritos, lugar ao qual, estou convencida, ela pertence.

— Como você conseguiu não perder aquela caixa de manuscritos todos esses anos está além da minha compreensão, Jane — disse minha mãe. — Creio que tenha viajado conosco para todos os lugares que fomos, desde que você era criança. Você se lembra de quando paramos em Dartford, voltando de Godmersham, e ela foi acidentalmente embalada em uma carruagem que partiu? Para onde ela foi mesmo?

— Para Gravesend, no caminho para as Índias Ocidentais — respondi, com um arrepio. Aquela caixa, que continha todos os meus manuscritos, parecia, naquela época, conter toda a riqueza que eu possuía no mundo. Nenhuma parte da minha propriedade jamais me foi tão cara.

— Graças ao bom Deus eles conseguiram parar a carruagem antes de ela se afastar mais do que algumas milhas — disse minha mãe — ou jamais voltaríamos a ver os manuscritos *nesta* vida.

— De fato — concordei, enquanto voltava minha atenção novamente para a carta; no entanto, eu não havia escrito mais do que duas palavras quando Mary Jane acordou e começou a chorar.

— Tudo bem, tudo bem — exclamava a mãe, enquanto se levantava e passeava pelo quarto, embalando a criança contra o peito. — Não se preocupe, agora. Não se preocupe.

— Acho que ela está cansada — disse minha mãe.

— Ela acabou de acordar da soneca — respondeu Mary, um tanto aflita.

— Talvez ela esteja molhada — sugeriu Martha.

— Ela está seca. Oh, querida, o que está acontecendo?

— Ela pode parar de chorar se você não a sacudir tanto — advertiu Frank.

— Você é o especialista em cuidados maternais, agora? — respondeu Mary com alguma irritação. — Tenho ficado com ela em todos os momentos desde o nascimento, enquanto você está aqui há apenas três semanas.

— Um oficial da Marinha nunca precisa pedir desculpas por seu tempo no mar — retrucou Frank. — Gostaria de lembrar que é esse sustento que compra seus vestidos e chapéus e alimenta nossa família. Além disso, e nem cem *anos* em casa conseguiriam me convencer do contrário, uma criança não pode ficar confortável sendo sacudida como um batedor de manteiga.

— Ela pode estar com fome — comentou Cassandra.

— Você pode lhe dar um pouco de melado — propôs Marta.

— Ela é muito nova. O melado só vai empanzinhar seu estômago — disse minha mãe. — Oh, Deus! Todo esse calor e barulho me deram dor de cabeça.

As senhoras imediatamente começaram a discutir todas as curas conhecidas para dor de cabeça, assim como todas as possíveis causas do sofrimento do bebê, que soltou um grito estridente. Eu me assustei, e a ponta da minha pena quebrou, respingando tinta por toda a página. Mary, fora de si, desatou a chorar.

— Eu sei do que preciso — disse minha mãe. — Há uma ótima bebida na despensa. Jane, você não está fazendo nada. Seja boazinha e pegue uma para mim.

Coloquei a pena sobre a mesa e limpei a tinta dos meus dedos.

— Sim, mamãe. Imediatamente.

— Mamãe — eu disse naquela noite, enquanto estava sentada à cama de minha mãe e escovava seus cabelos —, por quanto tempo você acha que devemos viver aqui, com Frank e Mary?

— Por muito tempo, espero — respondeu minha mãe. — Porque já cansei de me mudar. É muito reconfortante acordar todas as manhãs na mesma cama, no mesmo quarto.

— Eu não poderia concordar mais... Contudo, parece certo para você nós abusarmos da generosidade de Frank?

— O que você quer dizer com abusar? Nós contribuímos com uma parte das despesas domésticas. Estávamos aqui no nascimento daquela criança, e vamos estar aqui ao lado de Mary durante as longas ausências de Frank. É um arranjo bem-equilibrado para todos os interessados.

— Entendo. Mas Frank está pagando a maior parte. E ele e Mary certamente terão mais filhos. Um dia se cansarão de nos hospedar.

— Rezo para que isso não aconteça. Pois então, o que será de nós? Não podemos pagar um alojamento. Devemos voltar às longas visitas aos amigos e a transitar entre seus irmãos? Eu não aguentaria.

— Nem eu. — Suspirei. — Ah! Mamãe! Não quero parecer ingrata. Frank e Mary têm sido tão acolhedores, e *de fato* temos nossos momentos divertidos. Mas há tão pouco silêncio aqui, e nenhuma privacidade. Você nunca sonha em termos nossa própria casa?

— Todas as noites e todos os dias — respondeu minha mãe, num tom melancólico. — Mas tento não pensar nessas coisas. Não é produtivo. Mary não é má pessoa, e o bebê é tão lindo quanto uma pintura. Temos sorte de ter um teto sobre nossas cabeças, e isso basta.

— Se ao menos houvesse algum modo de eu ganhar meu próprio dinheiro. É tão injusto. Os homens podem escolher uma profissão e, com trabalho árduo, adquirir riquezas e respeito, enquanto nós somos forçadas a ficar em casa, completamente dependentes. É uma grande indignidade.

— É assim que o mundo funciona, Jane. Melhor aceitar isso e viver de acordo, pois nada pode ser feito para mudá-lo. — Minha mãe encontrou meu olhar no espelho acima da penteadeira. — É claro, as coisas poderiam ser diferentes para nós, se ao menos...

— Se ao menos o quê? — indaguei calmamente, sabendo muito bem o que ela estava prestes a dizer.

— Se você ou Cassandra se casassem.

Coloquei a escova de minha mãe sobre a penteadeira e me levantei. Aquele era um assunto muito desgastado, e sempre me aborrecia.

— Por favor, mamãe!

— Sua pobre irmã, é claro, sofreu muito. Mas ela ainda era jovem e bela quando Tom morreu.

Cassandra era de fato a bela da família; com sua pele alva, lindos olhos escuros, nariz empinado e sorriso doce, ela continuava a ser admirada por muitos dos cavalheiros que conhecíamos, embora sempre os rejeitasse.

— Ela já disse que só poderia amar uma vez — declarei.

— *Isso* não faz o menor sentido. Com o mundo repleto de tantos homens de bem! Ora, se ela prefere passar a vida lamentando seu único e verdadeiro amor, acho que ninguém vai julgá-la, pois pelo menos ela *teve* um pretendente, e sua felicidade lhe foi arrancada por forças fora do controle dela. Mas você, Jane, *você* permanece solteira, e não tem sequer um pretexto como o dela.

Eu sabia que minha mãe se referia a uma oferta de casamento que tinha sido feita a mim alguns anos antes por um jovem rico e dotado de posses, uma oferta que eu havia rejeitado.<sup>6</sup>

— Você certamente não teria gostado que eu me casasse por conveniência, mamãe, tendo em vista que não havia amor naquela relação.

— Uma mãe sempre espera que as filhas se casem com homens que amam ou que *passem a amar* os homens com quem se casam. Como você deve recordar, *eu* não estava inclinada a me casar, mas

aceitei seu pai, porque eu precisava de um lar para minha mãe viúva. E tudo acabou bem, não foi?

— Sim, mamãe. Mas meu pai foi uma boa escolha. Ele era o melhor dos homens. Se algum dia eu encontrar um homem assim, e, se eu amá-lo, vou aceitá-lo de bom grado.

— Vocês, meninas de hoje, são românticas demais em suas expectativas; nem sempre é possível encontrar o amor e um marido decente, Jane. Vamos falar a verdade, minha querida: você não está ficando mais jovem.

Ela falou em um tom tão sério, e parecia tão cheia de preocupação genuína, que não consegui me ofender com a observação.

— De fato, estou com 31 anos — concordei —, bem além de ter esperanças.

— Nem tudo está perdido ainda — disse minha mãe de forma consoladora, sem perceber a ironia em minha voz. — Você ainda tem sua beleza, lindos olhos cor de avelã e uma pele muito boa.

— *E* todos os meus dentes. E você não acha que meu cabelo, que forma cachos de maneira tão natural, é de um lindo tom de castanho? Mais de uma vez já foi chamado de castanho-avermelhado. Bem, no mercado, eu poderia ter um preço tão elevado quanto um dos melhores cavalos de Edward.

— Você sempre faz gracejos, Jane. Este é um assunto sério. Muitas mulheres após os 30 encontraram a felicidade com um viúvo belo e apto. O que acha do Sr. Lutterell? Ele tem uma bela casa, uma boa renda e é muito gentil.

— Ele é um imbecil, gordo e tem o dobro da minha idade.

— As mulheres pobres não podem se dar ao luxo de escolher, minha querida.

— A escolha é *tudo* o que temos, mamãe — afirmei, enfática. — Se algum dia eu me casar, será por amor. Um *amor* profundo, verdadeiro e apaixonado, baseado em respeito, estima, amizade e uma convergência de mentes. Nunca, *nunca* por segurança

financeira. — Então saí do quarto de minha mãe, com as emoções duelando entre a justa indignação e o desânimo.

Na manhã seguinte, eu estava caminhando no jardim, me deliciando com o ar fresco e o calor do sol, que se atrevia a espreitar de vez em quando de trás das nuvens, quando avistei Henry vindo apressado pela estrada de cascalho para se juntar a mim.

— Bom dia! — gritou Henry. — Não está um lindo dia?

— De fato. Veja nossas rosas florescendo tão bem. Está vendo o que plantamos ali, sob a parede do terraço?

— Algum tipo de arbusto?

— Groselhas! E arbustos de groselha-espinhosa e framboesa. O que você acha de nossos novos lilases? — Indiquei os dois pequenos arbustos recém-plantados. — Pedi especialmente para nosso jardineiro plantá-los. Eu não poderia *viver* sem lilases, sabe, por causa do texto de Cowper.

— Ah! Sim. *The Winter Walk at Noon*. "*Laburnos repletos*"... — começou, e eu terminei em uníssonos com ele:

— "... *de torrentes douradas; lilases, puras como marfim.*"<sup>7</sup>

— Você é tão romântica, Jane.

— E você não é? Você, que se casou pelo amor mais profundo, e que está sempre perambulando pelo campo, à procura de aventura?

Henry havia se casado com Eliza de Feuillide, nossa bela e elegante prima viúva, cujo primeiro marido, um conde francês, foi guilhotinado durante a Revolução Francesa. Embora dez anos mais velha, Eliza combinava com Henry no temperamento alegre e no ânimo.

Henry parou e se virou para mim.

— Estou detectando um toque de melancolia nesta observação?

— Não seja bobo. Quem pode ficar melancólico em uma manhã tão gloriosa como esta?

— *Você* pode, acho. — Henry franziu a testa e me analisou por um longo instante com seus olhos castanhos brilhantes, que me lembravam os de nosso pai e que combinavam com os meus. —

Jane, você tem ficado confinada nesta casa por muito tempo. Você precisa de uma mudança. O que me diz? Gostaria de sair comigo amanhã?

— Obrigada, Henry. Mas não estou com disposição para o barulho e a confusão de Londres no momento.

— Eu não estava pensando em Londres — disse Henry. — Eu estava pensando em Lyme.

# Notas

<sup>1</sup> A Sra. Austen viveu dez anos a mais que sua filha Jane, atingindo avançados 87 anos.

<sup>2</sup> Em 1807, a Inglaterra ainda estava envolvida na longa luta persistente contra Napoleão.

<sup>3</sup> James Austen chegou a ser considerado o escritor da família, tendo poesias sérias e divertidas creditadas a ele. Em 1789, começou a produzir sua própria revista profissional com tiragem semanal, *The Loiterer*, que foi amplamente distribuída e muito admirada, mas durou apenas 14 meses.

<sup>4</sup> *Susan* foi publicado após a morte de Jane Austen, sob o título de *A Abadia de Northanger*. Como era uma sátira de uma escritora desconhecida ridicularizando os populares "romances góticos" da época, o editor pode ter pensado duas vezes depois de comprá-lo, preocupado em não ofender seus autores consagrados e/ou em perder dinheiro caso o novo livro não vendesse.

<sup>5</sup> Anos depois, Jane Austen revisou *First Impressions* e o vendeu sob o título *Orgulho e preconceito*. É considerado por muitos sua obra-prima.

<sup>6</sup> Jane se refere aqui a uma proposta feita por um amigo da família, em dezembro de 1802, cujos detalhes serão narrados posteriormente neste diário.

<sup>7</sup> Tradução livre de trecho do poema "The Task", de William Cowper, publicado originalmente no livro *The Winter Walk at Noon*: "Laburnum rich..."; "... in streaming gold; syringa, iv`ry pure." (N. do E.)

## Capítulo três

**E**u havia visitado muitas cidades costeiras do litoral sul e oeste com minha mãe e meu pai durante nossos anos em Bath. Lyme, com seu clima ameno, passeios agradáveis e belas paisagens, ainda era minha favorita. Tínhamos voltado lá, com muito prazer, várias vezes — mas na época era um refúgio de uma cidade que eu desprezava.

— Henry, não tenho necessidade de viajar até Lyme — comentei, enquanto admirava os ramos das árvores do nosso quintal se agitando graciosamente. — Tenho aqui todos os passeios à beira-mar e as brisas que poderia desejar.

— Sim, mas são brisas de *Southampton*. O banho de mar aqui não chega aos pés de Lyme, eu não colocaria meu pé na água de Southampton, e esta é uma cidade de cerca de 8 mil habitantes. Lyme é apenas um povoado.

— Você está se esquecendo das multidões que vão no verão.

— Mesmo assim. Eu sugeriria Brighton, mas não cabe no meu orçamento atual, e eu sei o quanto você adora Lyme, Jane. Já se passaram três anos desde a nossa última visita. Eu nunca a vi tão feliz em outros lugares. Quero levá-la até lá e ajudá-la a encontrar seu sorriso outra vez, pois ele desapareceu há muito tempo.

Eu *realmente* adorava Lyme. De repente, consegui me imaginar passeando ao lado de sua linda baía e indo até Cobb, maravilhada com a vista das brilhantes praias de cascalho, das ondas reluzentes

e dos imponentes penhascos ao seu redor. Ainda assim, balancei minha cabeça.

— Mary precisa de nós agora. Frank embarca daqui a sete noites. Não podemos deixá-la.

— Ela vai ter mamãe, Cassandra e Martha.

De fato, pensei. Era uma oferta muito tentadora, e percebi, de repente, que eu adoraria me afastar dali.

— Mas como posso deixar todos para trás para descansar em Lyme? E o que será de Eliza? E os seus negócios? Você pode se afastar por tanto tempo?

— Eu não estava pensando em uma estadia prolongada; talvez uma semana, uma quinzena, no máximo. Eliza vai adorar minha missão. Apenas pense no assunto! Daremos longas caminhadas. Tomaremos banho de mar frequentemente. Faremos novas amizades e seremos uma companhia fascinante nos bailes do salão de festas. Aqui, você é forçada a manter os mesmos contatos, dia após dia. Você não tem tempo para si, sem trégua do choro do bebê.

— Mary Jane é uma criança encantadora. Acredito que na última terça-feira ela passou uma hora inteira sem chorar.

Henry riu. Pela minha expressão, ele sabia que eu não precisava mais ser convencida.

Alguns dias mais tarde, depois de uma viagem tranquila, eu olhava pela janela da carruagem de Henry com uma feliz expectativa. Passamos pelo alegre povoado de Uplyme e depois descemos pela longa, íngreme e escabrosa ladeira em direção a Lyme, finalmente entrando na rua ainda mais íngreme da cidade em si.

Escrevi sobre Lyme em histórias anteriores, e posso apresentá-la novamente no livro em que estou trabalhando agora,<sup>1</sup> mas vou arriscar a repetição devido ao prazer que a cidade me proporciona a cada visita.

Lyme pode não ser tão elegante quanto Brighton ou Weymouth, mas, para aqueles que buscam revigorar seus espíritos exaustos ou feridos em alojamentos que não foram feitos para arruinar suas

fortunas, o ar marítimo, o meio social agradável e a encantadora paisagem daquela cidade modesta certamente faziam bem para muitos. O charme da cidade pequena não é atribuível de forma alguma aos prédios em si, mas a seu notável posicionamento ao longo do mar. O encantador porto de Lyme é formado por uma espécie de cais rústico chamado de Cobb, atrás do qual os navios podem ancorar em segurança, e sobre o qual é agradável andar quando há tempo bom.

Em visitas anteriores de um mês ou mais, minha mãe e meu pai sempre alugaram um chalé. Como só havia nós dois desta vez, e nossa estadia seria muito mais curta, conseguimos alojamentos em uma pitoresca pensão localizada na área mais alta da cidade, com uma mulher alegre, grande e de rosto corado chamada Sra. Stout.

— Acredito que vocês vão encontrar tudo a seu gosto — disse a Sra. Stout, enquanto abria a janela do meu quarto, deixando entrar uma brisa fresca e agradável.

Fiquei paralisada por um longo tempo, olhando com prazer para a bela paisagem diante de mim, com os telhados da cidade e as filas de lençóis acenando, em uma descida gradual em direção ao porto e ao mar, que dançava e brilhava sob o sol do final de tarde de verão.

— Vocês podem fazer as refeições aqui, se quiserem, ou podem encontrar um jantar decente no Royal Lion, embora fique um pouco cheio nesta época do ano.

Aceitamos com prazer a oferta da Sra. Stout para jantar ali, uma vez que tínhamos chegado tão tarde, e nos recolhemos mais cedo.

Na manhã seguinte, acordamos e encontramos o sol de julho brilhando em um claro céu azul cheio de nuvens fofinhas. Senti uma onda de entusiasmo tão grande diante de expectativa pelos passeios do dia que mal tive tempo de cuidar de minha aparência. Mulheres mais afortunadas estremeceriam se fossem vistas em algo diferente de vestidos de banho curtos e novos, que revelavam o tornozelo e se tornaram moda recentemente; mas eu os considerava muito feios e não entraria em um nem morta, nem se tivessem sido distribuídos de graça na praia.

Meu interesse por moda sempre foi cerceado por uma mesada frugal, e minhas escolhas eram limitadas. Eu tinha trazido três vestidos, todos ainda respeitáveis, mas nenhum deles muito novo. Peguei um dos meus preferidos, um simples, de musselina branca pregueada, com mangas três-quartos, uma pequena cauda e um decote redondo enviesado. Meu cinto era de cetim azul-escuro, o que, posso refletir sem constrangimento, combinava com os enfeites e flores do meu chapéu de palha, oferecendo um efeito muito bom. Penteei minha longa cabeleira castanha o mais rapidamente possível (na realidade, fiz uma trança e a enfiei sob o chapéu) e puxei alguns cachos soltos sobre o rosto. Agarrando minha retícula<sup>2</sup> e meu guarda-sol, me considerei pronta e corri para o café da manhã com Henry.

Após nossa refeição matinal, Henry e eu caminhamos pela movimentada rua principal que parecia correr em direção à água, assim como o rio Lyme fluía sobre um leito de pedras e se esvaziava no mar. Quando chegamos ao passeio, que contorna a pequena e agradável baía de Lyme desde a cidade até o porto ao longo do sopé de uma colina verde, paramos para admirar a cena diante de nós.

Vários navios estavam ancorados no porto, e uma paisagem muito bonita de rochedos altos se estendia ao leste. O caminho à beira-mar fervilhava de homens e mulheres vestidos elegantemente fazendo sua caminhada matinal. A baía estava animada com grupos e cabines de banho, as fileiras de pequenas câmaras de madeira sobre rodas puxadas por cavalos posicionados dentro do mar. Os cavalos estavam pacientemente parados, as ondas batendo em seus flancos, enquanto banhistas com trajes de flanela mergulhavam na água, ansiosa ou timidamente, na retaguarda de suas cabines,<sup>3</sup> com a ajuda de guias atléticos. O sol brilhava intensamente, embora algumas poucas nuvens cinzentas ameaçadoras tivessem se reunido.

— Acho que Lyme não pertence à costa de Dorset de forma alguma — comentei, me deliciando com a brisa fresca que gelava meu rosto.

— A qual lugar, diga-me, ela pertence? — perguntou Henry.

— Parece-me um posto fronteiriço ao paraíso.

Henry concordou.

Decidindo deixar a praia para mais tarde, fomos diretamente ao Cobb, o longo píer de pedra semicircular na parte mais distante do porto que se projeta para o mar, e sobre o qual se estendem duas calçadas amplas em diferentes níveis. Havíamos percorrido parte do caminho ao longo da via inferior quando chegamos a um lance de escadas que levava à superior. A calçada superior de Cobb é muito arejada e tem uma superfície inclinada, o que torna a caminhada difícil para algumas pessoas, mas eu sempre considerei um passeio delicioso, com uma vista magnífica para a costa, o mar e os penhascos circundantes.

— Vamos subir — eu disse, ansiosa.

— Tem certeza? — indagou Henry, dando uma olhadela para os blocos de pedra áspera que se projetavam, como os dentes de um ancinho, da parede atrás, sem oferecer apoios nem amuradas. — Os degraus são muito íngremes.

— Consigo subir os degraus, eu garanto.

— Eu deveria ir atrás, para o caso de você precisar de apoio.

— Por favor, vá na frente — insisti. — Com minhas saias, fico lenta demais. Vou frustrá-lo.

Com um olhar hesitante, Henry começou a subir as escadas na frente, e eu o segui com cuidado, segurando o vestido e o guarda-sol com uma das mãos e me apoiando na parede de pedra com a outra. Havia uma grande quantidade de pessoas ali. Percebi um pequeno grupo se aproximando por trás de nós, mas, apesar de meus esforços de escalada me impedirem de olhar para trás, eu estava preocupada que meu progresso os impedisse. Acelerei meu passo e estava quase alcançando o degrau mais alto quando uma rajada de vento me pegou de surpresa; inadvertidamente, pisei na saia e perdi o apoio do pé e, com pavor repentino, me senti oscilando para trás, pairando numa queda traiçoeira.<sup>4</sup>

Eu certamente teria caído no pavimento rígido abaixo, resultando na minha morte ou, no mínimo, em danos físicos consideráveis, se

dois braços fortes não tivessem me agarrado de repente.

— Firme — disse uma voz profunda no meu ouvido, enquanto eu sentia aqueles braços vigorosos me impulsionarem com doçura e firmeza para o passo final e a segurança da calçada superior, onde Henry esperava e observava, muito assustado. Uma vez lá, o homem me libertou e deu um passo atrás.

Com a mente ainda se recuperando da desventura, me virei para fitar meu salvador e me percebi olhando para o par de olhos azuis profundos mais vívidos e inteligentes que eu já havia visto.

— Perdoe-me. Você se machucou? — perguntou o cavalheiro, tirando o chapéu. Era um homem alto, de cabelos escuros, aparência viva, talvez uns 33 anos, vestindo um paletó azul-escuro de corte perfeito e calças creme, que de nada serviam para disfarçar seu belo corpo.

— Não, não. Estou perfeitamente bem. — Meu coração batia rapidamente e eu lutava para recuperar o fôlego, resultado, me convenci, do perigo da queda interrompida, e não pela proximidade do belíssimo homem diante de mim.

— Jane! Graças a Deus, por um instante achei que você certamente fosse cair — gritou Henry, preocupado, enquanto corria até mim. — Por favor, senhor, me diga a quem devemos tanta gratidão?

O homem se curvou graciosamente.

— Frederick Ashford, senhor, a seu dispor.

— É um prazer conhecê-lo, senhor. Sou Henry Austen. E posso...

Antes que Henry pudesse completar as apresentações, um casal bem-vestido apareceu no topo da escada, e o cavalheiro recém-chegado gritou:

— Bom trabalho, Ashford. Eu sempre digo que não há maneira mais rápida de ganhar a admiração de uma dama do que salvando-a do perigo.

Senti meu rosto corar profundamente perante tal observação. Felizmente, ninguém pareceu notar; estavam ocupados com uma

circunstância muito mais surpreendente. Henry, ao que parece, era conhecido do recém-chegado em questão.

— Charles Churchill? — perguntou Henry, olhando para o cavalheiro com algum espanto. — É você mesmo?

O homem, de estatura mediana, boa aparência e com cabelos encaracolados castanho-claros, olhou para ele.

— Henry Austen? Que prazer inesperado! Há séculos não nos vemos!

Os dois homens se abraçaram calorosamente.

— Churchill e eu estudamos juntos em Oxford — disse Henry, sorrindo. — Entramos em todo tipo de encrenca.

— Tudo culpa dele, é claro — replicou o Sr. Churchill com uma risada.

O olhar do Sr. Ashford se voltou para mim, e ele sorriu.

— Por favor, me apresente à sua agradável companhia, Sr. Austen.

— Com prazer. Sr. Ashford, Sr. Churchill, apresento-lhes minha irmã, Srta. Jane Austen.

— Srta. Austen, é um prazer — disse o Sr. Ashford com uma reverência.

— Apresento-lhes minha esposa, Maria — falou o Sr. Churchill, trazendo sua companhia feminina à frente.

— Como vai? — indagou Maria, em meio à troca de mesuras e cortesias. Era uma mulher de cabelos louros, com aproximadamente a minha idade, e achei que seu rosto poderia ser muito bonito se não fosse pela impressão de que ela havia acabado de morder algo muito azedo. — Está ventando demais aqui em cima. E não gosto da aparência daquelas nuvens, Charles. Vai chover. Devemos voltar.

— Não podemos voltar agora — declarou o Sr. Churchill. — Acabei de encontrar meu velho amigo.

— *Vai* chover, vou pegar uma doença que me levará à morte, e meus sapatos vão ficar estragados.

— Se você morrer, querida, não vai importar se seus sapatos estiverem estragados — disse o Sr. Churchill de forma antipática. —

E, se sobreviver, lhe comprarei um novo par de bom grado.

— Oh! Você é insuportável — respondeu Maria com um rosnado irritado. Henry e o Sr. Ashford riram alto.

Enquanto eu lutava, por respeito à senhora, para segurar minha risada, Henry dava um tapinha nas costas do amigo.

— Seja boazinha com Churchill, Jane. Ele tem uma enorme propriedade em Derbyshire e vale uma fortuna.

— Não sou nada perto do meu bom amigo e vizinho Ashford, aqui — respondeu o Sr. Churchill. — Ele é herdeiro da Pembroke Hall e baronete, e vale três de mim.

— *Três* de você? E um futuro baronete? — Henry fez uma reverência ao Sr. Ashford, com um respeitoso floreio. — Estou devidamente impressionado e honrado, senhor.

— Por favor, não dê importância a isso — disse Ashford com um sorriso bondoso. — É apenas um título, e uma honra que não vale a pena invejar, garanto.<sup>5</sup>

— Pergunte ao *pai* dele como se sente sobre isso — observou o Sr. Churchill, rindo. — *Ele*, sem dúvida, iria convencê-lo do contrário.

— O que traz boas pessoas como vocês a Lyme? — perguntou Henry. — Achei que Brighton fizesse mais o seu estilo.

— Nunca gostei de Brighton. É grande e desenvolvida demais — disse Ashford. — Eu tinha alguns negócios em Bath, depois de Londres, quando meus companheiros e eu sentimos a súbita necessidade de passar alguns dias ao fresco ar marítimo antes de voltar para casa. Lyme parecia a conclusão lógica.

— Uma conclusão muito agradável, também — declarou Henry —, porque acredito que você pode ter salvado a vida da minha irmã e me permitido encontrar um velho amigo ao mesmo tempo. — Voltando-se para o Sr. Churchill, ele disse com um sorriso: — Então, bode velho, o que você tem aprontado?

— Nada de bom, se eu puder escolher.

Os dois homens saíram andando, conversando amigavelmente, com Maria de braço dado com o marido, deixando o Sr. Ashford e eu sozinhos atrás. Começamos a caminhar juntos. Demorou alguns

instantes até que um de nós falasse. Quando isso aconteceu, nossas primeiras tentativas se sobrepuseram de maneira confusa.

— Sinto muito — comecei novamente, ao que ele respondeu:

— Por favor, continue.

— Não lhe agradei adequadamente, Sr. Ashford, por evitar minha queda.

— Não é necessário agradecer.

— Claro que é. Ao se esticar como fez, você poderia ter se desequilibrado e se machucado.

— Se fosse o caso, eu teria dado minha vida, ou um membro, por uma causa nobre.

— Está insinuando que valeria a pena arriscar sua própria vida para salvar a minha?

— Estou.

— Uma declaração ousada, pois nos conhecemos há tão pouco tempo.

— Ousada como?

— Você é um cavalheiro e herdeiro de um título e, aparentemente, de uma vasta propriedade, enquanto eu sou uma mulher sem fortuna e de muito pouca importância social.

— Se as primeiras impressões são as que valem, Srta. Austen...  
— começou ele.

— Nunca confie em suas primeiras impressões, Sr. Ashford. Elas invariavelmente são erradas.

— As minhas invariavelmente são certas. E me levam a esta conclusão: você, Srta. Austen, é uma mulher de mais fortuna e importância social do que eu.

— No que você baseia essa afirmação?

— No seguinte: se você tivesse morrido agora, quantas pessoas sentiriam sua falta?

— Quantas pessoas?

— Sim.

— Eu gostaria de pensar que minha mãe, minha irmã, minha amiga Martha e meus seis irmãos sentiriam minha falta. As esposas

dos meus irmãos, meus sobrinhos e sobrinhas, que somam mais de uma dúzia, e talvez vários velhos amigos queridos.

— Enquanto eu só tenho meu pai e uma irmã mais nova para lamentar minha morte.

— Nada de esposa, então?

— Não. Então, como pode ver, embora eu seja rico em propriedades, você é rica em família e, portanto, a mais rica e importante de nós dois.

Eu ri.

— Se a riqueza se baseasse no seu princípio, Sr. Ashford, o sistema de classes inteiro da Inglaterra desmoronaria.

# Notas

<sup>1</sup> Uma referência a *Persuasão*, que Jane Austen escreveu entre agosto de 1815 e agosto de 1816. Esse comentário crucial ajuda a fixar o período no qual esta história foi escrita.

<sup>2</sup> Uma pequena bolsa amarrada com cordão.

<sup>3</sup> As cabines de banho eram camarins portáteis que permitiam que os ocupantes se despissem sem serem vistos pelos transeuntes.

<sup>4</sup> O quase tombo de Jane naqueles degraus, agora chamados de Granny's Teeth, podem ter inspirado a queda traiçoeira de Louisa Musgrove em Cobb no livro *Persuasão*, de Jane Austen, um dos eventos mais famosos da história de Lyme. De fato, quando o poeta Tennyson visitou Lyme, exclamou: "Não me fale do duque de Monmouth. Mostre-me o local exato onde Louisa Musgrove caiu!"

<sup>5</sup> Um baronete, apesar de ser um título altamente desejável, é o menor dentre os de honra hereditário, ficando imediatamente abaixo dos barões e acima de todas as ordens de cavalaria, exceto da Garter. Não é um título de nobreza. Os baronetes não se sentam na Câmara dos Lordes; eles podem ser eleitos para a Câmara dos Comuns, mas costumavam ser mais preocupados com assuntos locais do condado.

## Capítulo quatro

Nossa caminhada nos levou de Cobb à beira-mar, quando as nuvens, como Maria havia previsto, se amontoaram e escureceram, e uma chuva leve começou a cair. Um grito veio dos banhistas, que fugiram para a segurança de suas cabines. A profusão de visitantes passeando na praia cheia de cascalho começou a correr em conjunto de volta à direção de onde tinham vindo. Nosso grupo fez o mesmo. Infelizmente, meu guarda-sol, concebido para proteger do sol, oferecia pouca proteção contra a chuva, mas apenas um ou dois minutos depois, antes de chegarmos aos degraus que antecediavam a calçada, a chuva parou tão rapidamente quanto havia começado, e o sol reapareceu.

— Adoro uma chuvinha de verão — comentei, inspirando de maneira profunda e prazerosa o ar úmido e salgado. — Ela faz o mundo ganhar um aroma fresco e novo.

— Isso não foi uma *chuvinha* — gritou Maria de forma petulante. — Estou encharcada e quase morta de cansaço de tanto andar. Charles, você *tem que* me levar de volta para a pousada imediatamente.

— Sim, minha querida. Todos vocês virão conosco, espero. Estamos hospedados no Royal Lion.

— Eu preferiria continuar caminhando um pouco mais — admiti. — O sol vai me secar. Será que alguém gostaria de me acompanhar?

— Eu ficaria encantado — respondeu o Sr. Ashford com um sorriso. Henry decidiu voltar com os outros, e concordamos em nos encontrar mais tarde na pousada.

O Sr. Ashford e eu caminhamos pela praia, que estava muito menos cheia agora, e continuamos nossa conversa ao som de ondas quebrando e cantos de gaivotas.

— Nós nos mudamos para Southampton depois que meu pai faleceu — expliquei quando ele perguntou onde eu morava. Contei a ele o local em que eu tinha crescido, e falei de nossa mudança para Bath. — A vida no campo sempre foi meu ideal.

— E o meu. Seu coração, pelo que entendi, pertence a Hampshire?

— Sim. Embora eu tenha ouvido dizer que a beleza de Derbyshire é incomparável — acrescentei diplomaticamente.

O Sr. Ashford parou, observando a espetacular linha de penhascos distantes e o crescente movimento das marés.

— Em qualquer outro dia, eu poderia concordar com você. Mas existe no mundo felicidade maior que esta? Lyme me parece um posto fronteiriço ao paraíso.

Encarei-o com espanto ao ouvir meus próprios sentimentos vindo de seus lábios, e acompanhei seu olhar. No céu ao longe, as nuvens se afastaram e o sol brilhava acima de um perfeito arco-íris tremulante.

— *Meu coração salta quando vejo um arco-íris no céu* — citei.

O Sr. Ashford me olhou com surpresa e disse:

— *Era assim quando minha vida começou. E é assim agora que sou um homem...*

— *E será assim quando eu envelhecer* — continuei — *ou me deixe morrer!*<sup>1</sup>

— Você lê Wordsworth — disse ele com satisfação.

— Prefiro Cowper e Scott.

— Você já leu *The Lay of the Last Minstrel*, de Walter Scott?

— É um dos meus favoritos. Você conhece o Dr. Samuel Johnson?

— Seus ensaios *Rambler*? É uma das melhores obras dele. — Então ele acrescentou com alguma hesitação: — Suponho que você não leia romances?

— Minha família e eu somos leitores descaradamente entusiásticos de romances.

Um largo sorriso iluminou seu rosto.

— E você não tem vergonha disso?

— Ora, não me diga, senhor, que você também possui a visão conservadora de que os romances são a forma mais vil de literatura?

— Pelo contrário. Sou um leitor de romances apaixonado. Mas há poucas mulheres que eu conheço que compartilham meu interesse.

Nossos olhos se encontraram e sorrimos. Eu estava completamente fascinada, e percebi que ele sentia o mesmo. Não consegui evitar; me senti compelida a fazer a pergunta que estava na minha mente desde o instante em que nos conhecemos.

— Diga-me, Sr. Ashford, posto que mencionou as mulheres que conhece. Um homem como você, com propriedades consideráveis e herdeiro de um título, com todas as boas maneiras e a boa criação necessárias a um cavalheiro — (e, acrescentei em pensamento, um homem tão simpático e bonito, de raciocínio rápido e com espírito tão animado) —, deve ter sido objeto de grande interesse de todas as famílias em Derbyshire County na última década, e considerado o sujeito ideal para qualquer filha. Por que nunca se casou?

Suas bochechas coraram, e ele ficou em silêncio por um instante. Senti que o havia constrangido, e me arrependi por minha observação audaciosa. Mas, depois de um tempo, ele me fitou com um olhar direto e sério.

— Talvez — disse suavemente — eu prefira fazer minha escolha.

— Harriet, em *Sir Charles Grandison* — eu disse.

Estávamos no restaurante do Royal Lion. Depois de uma longa e deliciosa caminhada, o Sr. Ashford e eu encontramos o restante do grupo na pousada, onde Maria estava com roupas secas, bem viva e bebericando chá, enquanto Charles e Henry trocavam reminiscências

da época escolar. A conversa animada abordou peixes e aves assados em uma ponta da mesa, enquanto o Sr. Ashford e eu conversávamos na outra. As últimas horas se passaram como num piscar de olhos, e eu percebia uma sensação de magia no ar. Não conseguia me lembrar de ter achado a companhia de um cavalheiro tão completamente envolvente.

— De todas as heroínas da literatura, Harriet é a que você mais admira? — perguntou o Sr. Ashford.

— Uma das que mais admiro.

— Por quê?

— Por sua inteligência e força de caráter.

— Porque ela se recusou a se casar com um homem do qual não gostava?

— Porque ela se recusou a se casar com um homem rico, apesar de não ser rica.

— Ah! — disse ele. — E, na mesma linha, você acha que há muito a se admirar em seu herói, Sir Charles?

— Eu o acho tão perfeito quanto um homem na ficção pode ser. Embora ele seja, em minha opinião, mais virtuoso do que romântico.

— Não acho que ele seja tão virtuoso — declarou o Sr. Ashford franzindo a testa. — Ele é inconstante. Passa todo o romance dividido entre Harriet e a italiana Lady Clementina.

— Só porque ele deu sua palavra a Lady Clementina, e a honra o impede de quebrar o voto. Mas ele é constante. Salva Harriet do rapto e da ruína e continua apaixonado por ela ao longo de sete volumes.

— Uma verdadeira medida de seu caráter, de fato — disse ele com uma risada.

— Nunca o vi tão absorto, Sr. Ashford — gritou Maria, de repente, o rosto um pouco distorcido pela luz das velas que cintilavam sobre a mesa enorme. — Do que vocês dois estão falando?

— Heróis e heroínas. Virtude e devoção. E a coragem de seguir suas próprias convicções.

— Isto parece mais um sermão do que uma conversa noturna — disse o Sr. Churchill com uma risada enquanto terminava o café e pousava a xícara fazendo um ruído.

— Não se você conhecer a nossa Jane — disse Henry, sorrindo.

O Sr. Churchill ficou quieto, olhando brevemente para o Sr. Ashford e para mim. Depois emitiu um breve pigarro, seguido de um súbito bocejo indiscreto.

— Ashford, está ficando tarde. Não está cansada, Maria?

— Estou completamente esgotada — admitiu ela. — Aquela longa caminhada e o ar úmido quase me mataram.

— É melhor nos recolhermos — disse o Sr. Churchill, empurrando a cadeira para trás e se levantando. — Você vem, Ashford?

Um olhar pesaroso cruzou o rosto do Sr. Ashford quando ele se virou para mim.

— Talvez possamos continuar nossa conversa amanhã. Se você e seu grupo não tiverem outro compromisso.

Todos nos levantamos.

— Acredito que estamos livres amanhã, não é, Henry?

— Não temos planos — respondeu Henry.

— Vamos planejar o dia, então — disse Ashford. — Um passeio até o campo e um piquenique. Sei que há um lindo vale nas proximidades, entre as colinas.

— Sim, Charmouth — expliquei. — Tem uma vista maravilhosa.

— Charmouth, então. O que me dizem? Charles, Maria? Vocês vão?

O Sr. Churchill e Maria trocaram um olhar que eu achei muito estranho, que, à época, não entendi. Por fim, Maria disse:

— Estamos sempre animados para um piquenique.

— Devo mandar minha carruagem ao seu chalé às onze horas? — perguntou o Sr. Ashford.

— Estaremos prontos e à espera — respondeu Henry.

O Sr. Ashford virou e... como poderei descrever o olhar que ele me lançou? Era tão cálido, tão repleto de sentimento, que me

pareceu o mesmo olhar que Romeu deve ter dado a Julieta na noite em que eles se separaram na sacada.

— Até amanhã, então — disse ele.

— Até amanhã — foi minha resposta.

Nunca fizemos o piquenique em Charmouth.

Eu estava arrumada, pronta e cheia de expectativa na manhã seguinte, enquanto esperávamos na minúscula sala de estar da Sra. Stout pela chegada da carruagem do Sr. Ashford. Eu esperava ansiosamente passarmos o dia juntos e conhecê-lo melhor.

— Queria ter trazido meu vestido azul — eu disse, tentando em vão suavizar os amassados no meu vestido de musselina verde-claro, que, embora apresentável, já havia tido dias melhores.

— O Sr. Ashford não vai se importar se você usar azul, cor-de-rosa ou marrom-avermelhado — disse Henry. — É sua companhia que ele deseja.

— Certamente ele espera desfrutar a companhia de nós dois — respondi rapidamente. — E eu não me vesti esperando agradá-lo especificamente.

Henry riu, um brilho nos olhos.

— E eu não estou sentado aqui e não sou seu irmão favorito.

Uma batida soou à porta. Henry e eu tivemos um sobressalto.

— Quem pode ser? — indagou ele, olhando pela janela. — Não vejo carruagem alguma.

A Sra. Stout atendeu à porta. Como a sala tinha pouco mais de 3 metros de largura e o caminho até a porta estava em nosso campo de visão direto, pudemos ver e ouvir perfeitamente quem chamava. Ele pediu para falar com o Sr. Henry Austen. Meu irmão se levantou rapidamente; o homem lhe entregou uma correspondência e disse que tinha sido enviada por um hóspede do Royal Lion. Henry tentou lhe pagar, mas o homem insistiu que aquilo já havia sido resolvido e partiu rapidamente.

— De quem é? — perguntei, enquanto a Sra. Stout desaparecia de volta para a cozinha e Henry desdobrava a carta.

— Do Sr. Ashford — disse Henry, surpreso, e começou a ler em voz alta.

*Royal Lion, Lyme, 5 de julho de 1807*

*Caros amigos,*

*É com grande pesar que envio esta carta, mas um assunto familiar me chama de volta a Derbyshire imediatamente. Como meus amigos viajaram comigo, todos nós devemos partir com grande rapidez. Por favor, aceitem nossas mais profundas desculpas pelo cancelamento da programação do dia e por qualquer inconveniente que isto possa lhes causar. Espero e confio que possamos ter a oportunidade de renovar nosso relacionamento em algum momento no futuro próximo.*

*Sinceramente,  
Frederick Ashford*

— Um assunto familiar? — indaguei, enquanto Henry me entregava a carta e eu a lia. — O que será que aconteceu? Espero que não seja nada sério.

— Eu também — disse Henry. — Bem, Jane, isto é deveras decepcionante.

Ele não poderia ter experimentado metade da decepção que eu senti.

Voltei para Southampton dez dias depois, em um estado de espírito inquieto. Os bailes no salão de festas de Lyme não me atraíram nem um pouco. Até mesmo o banho de mar, do qual eu gostava tanto no passado, havia perdido seu apelo de tão angustiada que eu estava com a partida repentina de meu novo amigo e com a incerteza

constante quanto à possibilidade de nunca mais vê-lo ou de ter notícias suas novamente.

— Por que ele não escreveu? — perguntei à minha irmã enquanto nos preparávamos para dormir uma noite, algumas semanas depois de Henry ter partido para Londres.

— Você espera que ele escreva? — replicou Cassandra, surpresa.

Eu contara a ela todos os detalhes do meu encontro com o Sr. Ashford, tanto nas minhas cartas enviadas de Lyme quanto em várias conversas desde então; mas eu a havia feito prometer não contar a Martha ou à minha mãe, sabendo que, se uma *delas* tivesse a menor suspeita de que eu conhecera um cavalheiro do mais remoto interesse, não tirariam aquele assunto dos lábios durante meses.

— Pensei que poderia escrever — respondi enquanto estávamos sentadas lado a lado diante de nosso espelho, tirando os grampos do cabelo e escovando vigorosamente nossos longos cachos castanhos. — Eu gostei muito dele, e acho que... eu *senti* que ele gostou de mim.

— Achei que você tivesse dito que não teve a chance de lhe dar nossa direção.<sup>2</sup>

— Verdade. Mas poderia ter descoberto com Henry, se tivesse escrito para *ele*. Henry disse que deu nossa direção para o Sr. Churchill.

— Mesmo que ele tivesse escrito para você, Jane, você não poderia ter respondido. Não seria apropriado.

— Eu sei. Mas seria ótimo ter notícias dele, até mesmo em uma ou duas linhas. Sua partida foi tão abrupta, e a natureza dela foi tão obscura. Um *assunto de família* foi tudo o que ele disse. Eu gostaria de saber se ele... se tudo está bem com ele. E se haveria a possibilidade de... de nos encontrarmos novamente um dia. — Deitamos em nossas camas, e eu me recostei contra o travesseiro com a testa franzida. — Será que os amigos dele me reprovaram? Notei um olhar estranho entre eles à mesa de jantar. Talvez me considerem indigna de seu círculo de amizade.

— Talvez — disse Cassandra gentilmente, enquanto me fitava com compaixão, deitada na cama ao lado da minha, e acrescentou: — Jane, você passou algumas horas agradáveis com o Sr. Ashford em Lyme, nada mais. Temo que não deva esperar notícias dele novamente.

— Acho que você está certa. — Senti a pontada aguda de lágrimas nos olhos quando minha irmã apagou a vela, envolvendo-nos na escuridão.

Meus medos anteriores sobre a estabilidade de nossa residência partilhada em Castle Square se provaram prescientes demais. Doze meses depois (durante os quais não recebi notícia alguma do Sr. Ashford), meu irmão Frank escreveu a sua esposa Mary pedindo para ir de encontro a ele, em Great Yarmouth, em setembro, quando o *St. Albans* retornou de sua viagem marítima mais recente e era consertado, e de lá para se mudarem para um lugar de propriedade deles.

— Vou gostar de encontrar uma casa de campo pequena e aconchegante com tamanho suficiente para acomodar três — disse Mary alegremente, esquecendo-se da ansiedade que sua notícia havia gerado nas outras quatro mulheres da casa. — O peixe é muito barato em Yarmouth, e eu sempre quis morar na Ilha de Wight.

Fiquei aliviada ao saber do retorno seguro de Frank e satisfeita por ele e Mary finalmente ficarem juntos após uma separação tão longa. Eu não me chateava com o desejo deles de morarem a sós. Além do preço favorável dos peixes, teriam muitos compromissos e muitas oportunidades para desfrutarem a companhia um do outro enquanto Frank estivesse ancorado, e eu sabia que seriam muito felizes.

Minha mãe estava inconsolável.

— Estamos jogadas ao léu *de novo* — choramingava ela enquanto andava entre a janela e a lareira na sala de estar, retorcendo as mãos, depois que Mary saiu para um passeio com

Mary Jane e Martha. — Seremos forçadas a arrancar as raízes e deixar esta cidade maravilhosa para mudar de novo sabe Deus para onde! Com o aumento dos alugueis, certamente não poderemos ficar em Castle Square, depois que Frank e Mary saírem.

— Podemos permanecer por algum tempo, mamãe — tranquilizou-a Cassandra. — Frank concordou em continuar pagando a parte dele no aluguel até encontrarmos outro lugar.

— Como posso aceitar mais dinheiro de Frank, agora que ele tem sua própria família para sustentar e outra casa para pagar? — Minha mãe irrompeu em lágrimas e se afundou pesadamente no sofá.

— Não se aflija, mamãe — consolei-a, estendendo-lhe meu lenço. — Frank não teria feito essa oferta se não pudesse pagar. Nesse meio-tempo, podemos aliviar o fardo dele fazendo mais economias. Vamos superar isso.

— Mas para onde iremos no final? — Minha mãe soluçou. — Tantas mudanças, é tão perturbador. Sinto muito por reclamar. Não quero ser fraca e insensível. Mas oh! Jane! Se pelo menos você tivesse se casado! Se houvesse aceitado a proposta de Harris tantos anos atrás, como deveria, teríamos todas morado em uma grande casa de campo nos últimos seis anos, sem qualquer preocupação!

Suspirei. Minha decisão de não me casar com o homem em questão era um assunto que surgira muitas vezes entre nós, e nunca deixou de me aborrecer. Na verdade, ainda é uma lembrança dolorosa.

# Notas

<sup>1</sup> Tradução livre de trecho do poema "My Heart Leaps Up When I Behold", de William Wordsworth: "My heart leaps up when I behold a rainbow in the sky / So was it when my life began / So is it now / I am a man... / So be it when I shall grow old or let me die." (*N. do E.*)

<sup>2</sup> Endereço.

## Capítulo cinco

Nas últimas semanas de 1802, quando meu pai ainda estava muito vivo, e ele e minha mãe desfrutavam o segundo ano morando em Bath, minha irmã e eu escapamos até Steventon para ficar com meu irmão James e sua família. Enquanto estávamos lá, recebemos um convite de nossas amigas, as irmãs Bigg, para uma visita de várias semanas a Manydown Park, sua mansão ancestral que ficava a 6,5 quilômetros de distância.

Eu era amiga íntima das irmãs Bigg desde os meus 14 anos, quando o pai delas, Lovelace Bigg, um viúvo rico com sete filhos, herdou Manydown de seus primos, os Wither, e se mudou para nossa vizinhança. O escudeiro depois ampliou Manydown Park acrescentando mais de 400 hectares de terras e fazendas. De acordo com a herança, os homens da família optaram por adicionar "Wither" aos seus sobrenomes, enquanto as mulheres optaram por simplesmente manter o sobrenome "Bigg".

As duas filhas mais velhas logo se casaram e saíram de casa, e o filho mais velho morreu jovem, deixando um irmãozinho tímido, Harris, e três irmãs, Elizabeth, Catherine e Alethea, que tinham aproximadamente a minha idade e a de Cassandra, e se tornaram nossas melhores amigas durante os anos de festas, bailes, pernoites em ambas as casas, conversas noturnas e intimidades

compartilhadas, conforme crescíamos e amadurecíamos da infância até a idade adulta.

Quando Cassandra e eu olhamos pela janela da carruagem naquela tarde fresca de 25 de novembro de 1802 ao nos aproximarmos de Manydown, não pudemos fazer nada senão admirar as esplêndidas cercanias da casa. Embora fosse final de outono e muitas das árvores estivessem desfolhadas e nuas, o passeio pelo parque verde, as florestas de carvalhos e faias e os exuberantes cedros verdejantes eram um deleite para os olhos, culminando na apresentação real da própria mansão no estilo Tudor: grande, quadrada e de pedra, com seu espaçoso jardim cercado por paredes de tijolos.

Quando descemos ansiosamente do coche, as três irmãs Bigg nos cumprimentaram com animação e abraços afetuosos.

— Finalmente chegaram! — gritou Elizabeth Heathcote, enquanto beijava nossas bochechas.

A mais velha das três, Elizabeth tinha voltado viúva para a casa do pai no início daquele ano com seu filho pequeno William após a trágica morte do marido. Reiteramos nossas mais profundas condolências, mas ela insistiu que não havia necessidade de falar mais sobre tal evento, que havia sido abordado muitas vezes em correspondências. Ela preferia ser feliz durante o tempo que passaríamos juntas e não deixar nada estragar nosso bom humor.

— Não consigo expressar como estou animada em ver vocês! — exclamou Alethea, a irmã mais nova, com 25 anos. — Eu estava contando os dias para sua chegada! — Uma pessoa vibrante, agradável e alegre, Alethea demonstrava interesse por todas as pessoas e coisas ao seu redor. Nós compartilhávamos muitos gostos semelhantes e (naturalmente) eu a considerava extremamente inteligente.

Catherine, aos 27 anos, era apenas alguns meses mais velha do que eu. Tinha uma natureza calma e serena, muito parecida com a de Cassandra, e seu rosto longo e fino, embora não fosse

considerado bonito, era reforçado por olhos inteligentes, modos envolventes e um sorriso caloroso.

— Estamos ansiosas por muitas longas visitas matinais — disse ela — e quantas conversas noturnas diante da lareira vocês conseguirem aguentar. Prometam que vão ficar pelo menos três semanas.

— Teremos o maior prazer nisso — respondi —, desde que passemos estas semanas envolvidas na mais perversa fofoca mal-intencionada que jamais ocorrera no condado de Hampshire. Interrompida, é claro, para nosso próprio aperfeiçoamento moral, por uma ou duas breves leituras de poesia.

Enquanto os criados levavam a bagagem para nossos quartos, nos apressávamos a subir os degraus para o pátio interior, e de lá subimos a imensa escada de ferro trabalhado até a bela e espaçosa sala de estar.

— Como estão seus pais? — perguntou Catherine, enquanto nos alojávamos ao lado do fogo para aquecer as mãos e bebericar refrescos. — O Sr. Austen ainda está empenhado em colecionar livros?

— De forma bem modesta, agora — respondeu Cassandra. — Viajamos e nos mudamos tanto que ele quase teve de renunciar a esse prazer. Mas ele está saudável e vigoroso, e bem ativo para sua idade.

— Minha mãe declarou estar muito bem em *três* ocasiões separadas na *semana* passada — exclamei — o que, creio, é três vezes mais do que em qualquer semana na história, e uma homenagem ao prazer que ela encontra em morar em Bath e beber suas águas.

— Ela merece apreciar o que a cerca — disse Alethea.

— Fico feliz por ela. Como vocês *têm* que morar em Bath, só queria que *você* pudesse encontrar algo que a deixasse feliz.

— Estou feliz — respondi com um sorriso. — Feliz por estar aqui e não *lá*. — Todas riram.

Ficamos conversando amigavelmente por quase uma hora, contando umas às outras os detalhes de nossas vidas e todas as novidades sobre nossos irmãos e suas famílias, quando Lovelace Bigg-Wither entrou na sala, exigindo, em uma voz potente, saber do que se tratava toda aquela frivolidade. Um viúvo cortês de 61 anos, o escudeiro era um homem grande, de ombros largos, com cabelos brancos abundantes que emolduravam um rosto vermelho gorducho e um nariz achatado e largo, que lhe conferiam, eu achava, uma aparência um tanto aristocrática, como se um cavalo tivesse sentado em cima de seu rosto.

— Ora, vejam quem está aqui! — exclamou ele, atravessando o cômodo para cumprimentar minha irmã e a mim com um largo sorriso e um abraço caloroso. — Que prazer ver dois belos rostos novos em uma sala cheia de senhoras tão encantadoras. Já se passou muito tempo desde que fomos agraciados pela presença de uma Srta. Austen, posso lhes dizer. Quando penso em todos os anos que vocês, meninas, praticamente moraram nesta casa e em todas as risadas vindas do andar de cima a qualquer hora da noite nos quartos após um baile... oras, às vezes eu quase me esquecia qual de vocês era minha e pensava em todas como minhas filhas. Espero que fiquem conosco por um longo período, agora.

Prometemos que ficaríamos. O escudeiro era um homem de ótimo caráter, respeitabilidade e valor, que tinha servido como o magistrado do condado, competente e caridoso; e era, em minha opinião, um dos melhores e mais generosos homens que já conheci. Seus únicos defeitos, se é que se podia chamar assim, eram uma tendência à prolixidade quando discutia um tema que apreciava e uma atitude um tanto rigorosa para com o filho.

— Vocês sabem que Harris voltou de Oxford — declarou ele. — Difícil de acreditar, mas o garoto conseguiu concluir seus estudos.

— Não pareça tão surpreso por Harris ter completado os estudos, papai — disse Alethea, censurando-o. — Ele é mais inteligente do que você pensa.

— Um menino mais inteligente usaria melhor seu tempo em vez de vadiar o dia todo com suas botas caras da moda e montar e caçar — exclamou o escudeiro.

— Harris não é mais um *menino*, papai — observou Catherine. — Ele atingiu a maioridade em maio.

— Harris completou 21? — indaguei, surpresa, pensando em como o tempo havia passado rápido. Eu não via Harris havia alguns anos, pois ele estivera estudando fora, mas me lembrava dele como um jovem tímido, esquisito e, às vezes, rude, que frequentemente ficava doente e sofria de um severo problema de fala. O pai, preocupado com a saúde do filho, e temendo que ele fosse provocado por outros meninos por causa de sua gagueira, forneceu-lhe uma educação em casa na juventude, com um professor particular.

— Ele cresceu muito. Ouso dizer que você dificilmente vai reconhecê-lo — disse Elizabeth.

— Aquele que leva o prêmio por crescer é o meu neto — declarou o escudeiro, para quem Elizabeth sorriu com orgulho maternal. — Você já conheceu nosso William? — Quando admitimos que não, ele pediu que o bebê fosse imediatamente trazido do berçário para o andar de baixo. William se revelou um menino de 19 meses animado e bem-humorado, com um sorriso cativante que falou direto ao meu coração. — *Esse* é um garoto que vai longe — disse o escudeiro. — Um dia ele será o quinto baronete de Hursley Park, terá muitos cargos públicos e será valioso para a família. Guarde minhas palavras.

Depois que o jovem William retornou ao berçário e o escudeiro deixou o cômodo, Cassandra e eu convencemos nossas amigas a dar uma volta no jardim. Apesar do frio da tarde de novembro, o céu estava reluzente e claro. Protegidas em nossas capas, chapéus e luvas, passeamos pelos caminhos sinuosos e sebes bem-cuidadas.

— Como as sempre-vivas estão lindas! — gritei, inalando profundamente o aroma inebriante de um bosque de cedros nas proximidades. — Alguns podem preferir as árvores que perdem as

folhas, mas, às vésperas do inverno, quando todos os outros bosques ficam tão austeros e sombrios, as sempre-vivas estão sempre magníficas, deliciando o olhar com todo o seu esplendor. Não é maravilhoso que o mesmo solo e o mesmo sol cultivem plantas diferentes na primeira regra e lei de sua existência?<sup>1</sup>

— Só Jane falaria com tanto entusiasmo sobre a natureza de uma árvore — comentou minha irmã com um sorriso.

— Não consigo evitar. Todos os dias nos quais somos forçadas a morar em Bath me fazem apreciar ainda mais a visão e o aroma do mundo natural. Tenho certeza de que não pode haver aroma mais delicioso em um jardim do que o de um cedro.

— Está se esquecendo das rosas? — perguntou Catherine.

— E dos lilases? — disse Elizabeth.

— E dos lilases em plena floração? — adicionou Cassandra.

Assim que cada uma começou, de uma só vez, a citar suas árvores e flores aromáticas favoritas, eu ri e ergui as mãos em sinal de rendição.

— Retiro minha declaração, especialmente em relação aos lilases. Vejo que não pode haver concorrência entre as plantas e árvores. Todas são minhas preferidas.

— Oh! — gritou Alethea, parando de repente. — Você se lembra do verão em que todas nós tentamos desenhar o retrato de Catherine aqui no jardim?

— Eu me lembro — respondeu Cassandra. — Acho que montamos nossos cavaletes exatamente neste ponto.

— Seu desenho ficou muito bom — afirmei. — O meu, se bem me lembro, me envergonhou tanto que o joguei no fogo antes que alguém pudesse vê-lo.

— Você é crítica demais consigo mesma — comentou Cassandra. — Sempre foi. Você tem tanta habilidade para desenhar e pintar quanto para bordar e dançar.

— Eu imploro, não insulte minhas habilidades para dançar e bordar, das quais tenho muito orgulho — gritei fingindo estar em choque —, mencionando-as na mesma frase que desenho e pintura.

— Admiro seu ponto cheio, e você sempre teve pés leves ao dançar nos nossos bailes — declarou Alethea.

— Lembro-me de um baile específico em que acompanhei todas as vinte danças — comentei, nostalgicamente.

— Você se lembra, Jane, de quando dançou com Harris? — perguntou Alethea.

— Lembro. Eu tinha, acho, 17 anos completos à época e me considerava muito adulta.

— E nosso Harris era apenas um garoto tímido de 12 — disse Catherine, sorrindo. — Você teve pena dele, vendo-o sozinho e tristonho em um canto, admirando todos os dançarinos.

— Foi uma atitude muito amável — observou Elizabeth. — Ouso dizer que ele não se esqueceu disso.

— *Eu* nunca me esquecerei de quando Jane publicou seus próprios proclamas fictícios de casamento nos registros da paróquia de seu pai! — gritou Alethea.

— Isso foi uma travessura deliciosa — concordou Catherine. — Quem era o noivo, mesmo?

— Havia *três* noivos — disse Alethea. — Jane não se contentou em se casar com apenas um.

— Eu nunca ouvi essa história — interveio Elizabeth. — Conte-nos, Jane. O que você escreveu no registro da igreja?

— Acho que o primeiro era *Henry* alguma coisa — respondi, sorrindo diante da lembrança daquele tolo impulso juvenil, que agora estava gravado para a posteridade. — *Henry Howard*, não era? Oh, sim! Estou me lembrando, agora. Eu escrevi: *Henry Frederic Howard Fitzwilliam, de Londres, se casará com Jane Austen.*

— Pouco tempo depois — disse Alethea, quando o riso diminuiu —, acho que ela se registrou para casar com um *Edmund Arthur William Mortimer, de Liverpool.*

— E, finalmente — acrescentei —, fui prometida a um rapaz bem comum chamado *Jack Smith.* — Minhas amigas acharam essa a mais cômica de todas.

Enquanto saíamos do jardim murado e andávamos ao longo do caminho principal que atravessa o parque, Alethea disse:

— Vocês souberam? Emma Smith deu à luz na semana passada a seu sexto filho, uma menina.

— Seis filhos! — gritei, provocando. — Pobre animal. Ela vai estar acabada antes de chegar aos 30.

— Jane! — exclamou Cassandra, com reprovação.

— Você sabe que eu adoro crianças tanto quanto você, querida. Mas *seis*? — Falei brincando, mas havia uma verdade por trás disso. Tenho observado o viço sumir do rosto de muitas mulheres em uma idade tenra demais, resultado de anos de procriação sem fim. No entanto, minhas companheiras, ao que parece, não viam humor nesse assunto e menos ainda um mal. Os sorrisos das senhoras desapareceram; todas elas olhavam para o nada com expressões idênticas de melancolia extrema.

— Tenho visto muitos lares felizes com sete ou oito crianças — disse Cassandra, referindo-se, sem dúvida, à nossa própria família, ao meu irmão Edward e à prole de sua esposa Elizabeth.

— No entanto, talvez quatro ou cinco seja mais prático — argumentou Catherine. — Sim. Quatro, eu acho, seria o ideal — concordou Alethea com um suspiro.

De repente, percebi que eu não poderia debater o assunto. Dali a poucas semanas, me lembrei, eu completaria 27 anos. Sempre esperei que eu pudesse, um dia, casar e ter filhos.

— Quatro — me ouvi dizer, em uma voz tão suave que não reconheci — seria um número muito bonito.

Caminhamos em silêncio por alguns minutos, cada uma de nós perdida em nossos próprios pensamentos, quando, do outro lado do caminho, avistei um homem grande a cavalo vindo em nossa direção, voltando da caçada com um par de cães de caça. Pensei que fosse um novo vizinho ou ajudante, ou talvez um visitante, então Catherine gritou:

— Vejam! Harris está se aproximando. Vocês vão ver agora como ele se tornou alto e bonito.

Encarei enquanto Harris parava e controlava seu cavalo, os cachorros animados na grama ao lado dele. O menino pequeno e desajeitado do qual eu me lembrava de fato tinha amadurecido, aos 21 anos, e se tornado um homem grande de ombros largos; mas a mudança acabava ali. Seu rosto ainda era muito simples, e o formato de seu corpo, enquanto ele nos fitava montado no cavalo, só poderia ser considerado tímido e retraído. Eu me flagrei me perguntando, como havia feito tantas vezes no passado, como uma família com tantas filhas serenas e afáveis poderia ter gerado um filho tão estranho e sem graça.

— Como foi a caça? — indagou Elizabeth. — Parece que você pegou alguns.

Harris lançou um breve olhar para Cassandra e para mim, mas não respondeu.

— Que linda égua — apontei, em uma tentativa de ajudá-lo a superar a timidez. — Eu não a reconheço. É nova?

Harris também não disse nada, o cenho franzido, indicando, presumidamente, um aspecto de introspecção.

— Harris a comprou há 15 dias — respondeu Alethea.

— Como se chama? — perguntou Cassandra.

Harris abriu a boca, fechou-a, e em seguida abriu-a novamente.

— F-f-f-Felicity — respondeu ele, finalmente.

— Um nome adorável — eu disse. Na esperança de pôr fim ao sofrimento de Harris, sorri e falei: — Estamos todos ansiosos para vê-lo no jantar, Harris.

Ele franziu as sobrancelhas.

— E-e-e-e-espero que a cozinheira prepare algo b-b-b-bom de comer para v-v-v-variá-lo. — Ele assentiu, mas não inclinou o chapéu em cumprimento ao se afastar.

Nosso grupo se reuniu naquela noite na sala de jantar grande e profusamente arrumada, onde uma deliciosa refeição havia sido preparada em homenagem à nossa visita. A cozinheira se inocentou

maravilhosamente bem, provando que as críticas de Harris eram infundadas.

— O vinho está excelente, escudeiro — elogiei. — Não sei quando provei um vinho tinto tão encorpado. Por acaso é da safra espanhola?

— Está certa, Srta. Austen — respondeu o escudeiro. — Veio de Sevilha, uma safra recente e muito difícil de encontrar.

— Papai tem muito orgulho de seus vinhos — comentou Catherine.

— Harris, mais uma vez, você mal tocou no seu — advertiu o escudeiro.

— Sabe que eu n-n-n-n-não gosto de v-v-v-vinho espanhol, senhor. — Harris estava sentado ao lado do pai, perto da cabeceira da mesa, o corpo caído na cadeira, parecendo pouco à vontade. — Pedi algo q-q-q-q-que eu acho que nossas hóspedes podem pref-f-f-ferir.

— Jovem, devo lembrar que um dia toda a minha adega será sua — respondeu o escudeiro com um toque de aborrecimento. — Você *deve* aprender a apreciar tudo isto. Insisto que você beba.

— N-n-n-n-não, senhor. É d-d-d-d-d-desprezível.

O rosto do escudeiro ficou vermelho. Senti que aquele tipo de desentendimento tinha ocorrido em mais de uma ocasião anteriormente. Temendo que ele estivesse prestes a forçar o jovem a beber algo que desprezava tanto, interrompi:

— Por favor, dê para mim, Harris. Se é que uma dama tem permissão para uma segunda taça.

Harris rapidamente deslizou sua taça de vinho pela mesa na minha direção, com um olhar breve e silencioso que transmitia sua surpresa.

— À sua saúde, escudeiro — declarei, levantando minha segunda taça.

— À sua saúde — repetiu o grupo. Todos (exceto Harris) beberam.

— O que está escrevendo agora, Jane? — perguntou Alethea, enquanto o prato seguinte era servido: um filé de linguado e um belo assado de vitela. — Você começou um novo livro?

Os membros da família Bigg-Wither eram as únicas pessoas, além de Martha, alguns parentes próximos e os membros da minha família imediata, com quem eu tinha partilhado meu desejo de escrever e a quem eu permitira ler os meus romances.

— Não neste momento — falei com pesar.

— Estamos tão ocupados em Bath, e viajamos tanto — disse minha irmã — que temo que Jane não tenha conseguido sossego suficiente para escrever qualquer coisa, exceto seu diário.

— Que pena! — exclamou Elizabeth. — Eu gostava tanto de seus livros. Eu adoraria ler outro.

— Eu também — disse Cassandra.

— Quantas horas longas e felizes passamos alegremente abrigadas em um quarto ou outro — lembrou Alethea carinhosamente, com um suspiro — lendo suas páginas em voz alta?

— Eu adorei aquela história em que a heroína está em uma abadia e se assusta com todos os tipos de horrores imaginários — disse Catherine. — Acho que se chamava *Susan*.

— Sim, sim! Esse livro era maravilhoso — exclamou Alethea.

— Vocês realmente acham isso? — perguntei, satisfeita por elas se lembrarem dele, uma vez que tinham se passado pelo menos três anos desde que o lemos.

— Era muito divertido, e brincava bem com *The Mysteries of Udolpho*, da Sra. Radcliffe — opinou Alethea.

— Terminei *Udolpho* em dois dias — exclamei —, com o cabelo arrepiado o tempo todo.

— Você deve tentar publicar *Susan*, Jane — disse Alethea. — Peça a Henry para ajudá-la. Ele tem muitos contatos.

— Mas nenhum no mundo editorial, infelizmente.

— Ele deve conhecer alguém que tenha. Prometa que vai perguntar a ele.

— Se vocês insistem — concordei, sorrindo.

— Posso fazer uma pequena sugestão, porém crucial — disse Catherine —, que eu acho que poderia melhorar esse livro, ou estarei sendo muito ousada?

— De forma alguma. Sinto que meu trabalho é rudimentar, na melhor das hipóteses, e recebo bem todas as críticas.

— É o nome da heroína — apontou Catherine fingindo solenidade. — Não há nada romântico em uma garota chamada Susan. Se ela tivesse outro nome, talvez *Catherine*, estou certa de que o livro seria um grande sucesso.

As senhoras riram.

— Vou me lembrar disso, Catherine querida, se algum dia eu decidir revisá-lo.<sup>2</sup>

Harris, que havia permanecido em silêncio durante a conversa, largou o garfo no prato com um ruído súbito.

— V-v-v-v-vocês, senhoras, só sabem falar d-d-d-d-disso? Ro-ro-ro-romances t-t-t-tolos?

— Romances estão longe de ser tolos — insistiu Alethea.

— De fato, Harris — disse o escudeiro. — Meu gosto pela leitura, admito, tende a assuntos mais sérios, como direito, história, arquitetura, fatos cotidianos e, claro, aos domingos, temas eclesiásticos. Mas o romance, ou *novel*, carrega em seu próprio nome em inglês a novidade do gênero, e continua a ganhar mais respeito em muitos círculos.

— O romance é um trabalho merecedor de estima — concordei —, no qual os maiores poderes da mente são exibidos.

— Que po-po-po-po-poderes da mente? — perguntou Harris com um bufar de fastio.

— Ora, apenas o conhecimento mais profundo da natureza humana — respondi —, a mais feliz delimitação de suas variedades e as mais animadas efusões da inteligência e do humor, que são transmitidas ao mundo no melhor estilo de escrita escolhido.

— Isso, isso! — exclamou Alethea, enquanto todas as senhoras irrompiam em aplausos.

— Na minha op-p-p-pinião — disse Harris —, romances são lidos pelos f-f-f-f-fracos de espírito e não são nada além de uma grande p-p-p-p-perda de tempo.

— Esse é um comentário muito descortês, Harris — interveio o escudeiro com grave desaprovação —, quando você sabe muito bem o quanto suas irmãs gostam de ler esses romances e depois de Jane admitir que por várias vezes tentou escrevê-los. Sinto uma tolerância recém-descoberta pela pessoa, seja cavalheiro ou dama, que consegue encontrar prazer em um bom romance, e você também deveria.

Harris parecia mais irritado do que envergonhado por tal punição, mas, antes que pudesse responder, o mordomo apareceu com uma terrina.

— Aqui está o ponche que p-p-p-pedi em s-s-s-s-s-sua homenagem, p-p-p-p-pai. — Harris se levantou com um sorriso sarcástico, enquanto o mordomo distribuía e servia ponche de vinho tinto para todo o grupo. — B-b-b-b-beba, pai.

Todos nós experimentamos a bebida com rostos retorcidos. Tinha um gosto terrível, como se fosse feita de uma combinação de vinhos mal-escolhidos.

O escudeiro cuspiu seu drinque para a taça com repulsa.

— Em nome de Deus, o que é isso, meu filho?

— D-d-d-d-d-damas e cavalheiro — disse Harris, com um meneio especial ao pai —, meu p-p-p-ponche é como vocês. Em suas ca-ca-ca-capacidades individuais, vocês são ótimas escolhas, mas na capacidade co-co-co-co-coletiva, vocês são muito d-d-d-d-desagradáveis.

Um silêncio constrangedor se seguiu ao pronunciamento, enquanto Harris se sentava. Catherine, Elizabeth e Alethea ficaram paralisadas. As sobrancelhas do escudeiro se eriçaram em fúria. Embora a observação fosse insuportavelmente rude, quando pensei na dificuldade que Harris deve ter tido na concepção do esquema de retaliação, não pude deixar de ver comédia ali. Meus lábios começaram a se contorcer de diversão. Encontrei os olhos da minha

irmã e vi um olhar correspondente. Não conseguimos mais controlar nosso divertimento e desatamos a rir.

As irmãs Bigg, sentindo o absurdo da situação, logo foram infectadas pela nossa alegria e se juntaram ao riso. Até mesmo o escudeiro acabou soltando uma gargalhada. Harris se recostou na cadeira, parecendo muito satisfeito consigo mesmo.

Uma semana se passou mais agradavelmente, sem me dar nenhum aviso sobre o desastre que estava prestes a ocorrer. Harris não pediu mais ponches de vinho e, na maioria das vezes, permanecia calado, embora, em várias ocasiões, eu o tenha visto envolvido em conversas sussurradas com uma ou outra irmã, trocas que terminavam abruptamente quando Cassandra e eu entrávamos na sala.

Na quinta-feira, 2 de dezembro de 1802, estávamos tendo uma manhã tranquila na sala de estar com as irmãs Bigg, quando Harris entrou de repente, com um aspecto de expectativa nervosa. Em perfeita sincronia, as irmãs se levantaram, cada uma proclamando que tinha se esquecido de algum compromisso; e, com o pretexto de precisar do conselho especial de Cassandra, elas a levaram dali (para sua grande surpresa) *juntas*. Antes que eu soubesse o que estava acontecendo, me vi sozinha com Harris.

Nenhum de nós falou. Harris estava em pé diante da lareira, repousando desconfortavelmente a mão grande sobre o mantel, a outra solta ao lado do corpo, olhando para o vão com uma expressão tão fixa e séria que eu me perguntei se ele havia encontrado alguma falha ali. Usava calças amarelo-claro e, como seu pai havia notado, um par de botas novas pretas da moda ornadas que terminavam pouco abaixo do joelho, uma tentativa de estilo totalmente frustrada por sua estatura exagerada e desengonçada, o brilho de suor na testa e um olhar fixo.

Permaneci sentada no sofá com uma calma surpresa e a estonteante percepção de que aquele encontro podia ter sido

orquestrado. Talvez Harris quisesse me dizer algo, embora eu não conseguisse começar a imaginar o que poderia ser.

— Bom dia, Harris — cumprimentei-o, educadamente após um longo silêncio, sabendo que ele muitas vezes precisava de ajuda para iniciar uma conversa.

Harris assentiu na minha direção e depois voltou o olhar para o fogo.

— É uma bela manhã, não é? Suas irmãs achavam que podia chover, mas, como eu acreditava, elas estavam erradas.

Ainda assim, Harris não disse nada, mas ficou de pé em um silêncio desconfortável. Comecei a procurar um novo tópico e tinha acabado de decidir perguntar se ele havia gostado da escola, quando se virou com repentina determinação e se aproximou de mim, parando a alguns metros de distância, e disse com uma voz determinada:

— Se-se-se-senhorita Jane.

— Sim? — Fiquei aliviada ao descobrir que ele *realmente* tinha a intenção de falar, e eu não precisaria conversar pelos dois.

— V-v-v-v-você sabe que sou herdeiro de Ma-Ma-Ma-Manydown Park.

— Sim.

— Como t-t-t-t-tal, tenho m-m-muito a oferecer à m-m-m-m-m-mulher que consentir em ser m-m-m-m-m-minha esposa.

— É verdade, Harris.

— V-v-v-v-você me daria esta honra, Se-se-se-senhorita J-j-j-jane?

# Notas

<sup>1</sup> A personagem de Jane Austen, Fanny Price, fala com o mesmo entusiasmo das sempre-vivas em *Mansfield Park*, ecoando claramente os sentimentos da autora sobre o assunto.

<sup>2</sup> Anos mais tarde, Jane Austen realmente revisou o livro, mudando o nome da heroína de Susan para Catherine. Ele foi publicado após a morte da autora, sob o título de *A Abadia de Northanger*.

## Capítulo seis

— Ele pediu você em *casamento*? — gritou Cassandra, espantada.

Sua expressão surpresa foi um reflexo perfeito da minha reação. Eu permaneci em estado de choque e grande confusão desde que Harris fez sua declaração surpreendente, momento no qual saí imediatamente do cômodo. Encontrei Cassandra no andar de cima, na companhia das irmãs Bigg, cujos olhares desviados, sorrisos escondidos e clima de ansiedade comunicavam o conhecimento secreto sobre a intenção de Harris de propor casamento.

Minha irmã e eu agora estávamos trancadas no quarto de hóspedes que compartilhávamos, e eu tinha acabado de contar o ocorrido.

— Ele realmente fez uma *proposta de casamento*? — repetiu Cassandra. — *Harris*?

— Fez. — Eu andava pelo quarto, o estômago apertado, minha mente em turbilhão, sem saber o que pensar ou sentir.

— O que você disse?

— Eu disse... eu mal sei o que disse. Disse que precisava de tempo para pensar.

— Isso é inesperado. Confesso que estou totalmente espantada.

— Eu também.

— Eu não tinha ideia de que ele pensava em você desta maneira. Como, como...

— Como esposa?

— Mais do que isso — respondeu Cassandra. — Como amante.

— Nem eu. Na verdade, não tenho certeza se ele sabe.

— O que quer dizer?

— Ele não fez nenhuma declaração de amor. Nem tentou demonstrar qualquer sentimento de afeto.

— Nenhum?

— Nenhum, nenhum. A grande ênfase foi na honra, como herdeiro de Manydown Park, que ele estava me oferecendo. — Suspirei. — Sejamos francas. Harris tem 21 anos, poucas habilidades sociais e poucas coisas para ocupar seu tempo. Acho que ele pode apenas querer uma esposa... *qualquer* esposa. As irmãs, tenho certeza, tiveram participação nisso. Ele teve a insistência e a aprovação delas. Sou bem conhecida dele e da família; e eu estava aqui, era conveniente.

— Você é mais do que isso. Para chegar ao ponto de pedi-la em casamento, ele deve admirá-la.

— Se admira, nunca disse isso.

— Ele não é um homem de muitas palavras.

— Não. Não é. — Perversamente, acrescentei: — Quando ele propôs, acho que levou um total de três minutos para fazer a simples proclamação. — Desatamos a rir; depois, arrependidas, lutamos para nos recompor. — Perdoe-me. Não devemos rir. A aflição causou a ele e à família uma grande dose de angústia. Não é engraçado.

— Não. Não é. E sua proposta é um assunto muito sério, Jane.

— Entendo. Receber uma proposta na minha idade avançada, quase 27 anos! Uma mulher sem casa, sem dinheiro, sem propriedade. É lisonjeiro e um tanto reconfortante.

Cassandra não sorriu, aparentemente sem achar graça na observação.

— É um casamento *muito desejável*, Jane.

— É? *É?*

— Você *sabe* que é. Harris é herdeiro de Manydown Park e todas as suas propriedades.

— Estou plenamente consciente de como ele é rico... ou será. Mas ele é cinco anos mais novo do que eu.

— E daí? Cinco anos não é nada. Henry é dez anos mais jovem do que a esposa, e eles são muito felizes. E as mulheres costumam viver mais do que seus maridos.

— Mas ele é tão simples, tão estranho e tem modos tão deselegantes. Não há conexão ou sentimento entre nós. Nossas mentes são tão diferentes. Harris raramente fala. E, quando ele *fala*, muitas vezes é rude ou não diz nada interessante.

— O silêncio, num caso como esse, pode ser considerado uma bênção.

Vi, para meu espanto, que Cassandra falava completamente sério.

— Como você pode dizer isso? Você *não pode* acreditar nisso. Deus, uma comunicação boa e saudável é a base, a pedra fundamental, de qualquer relacionamento íntimo.

— Ele ainda é jovem, Jane. Lembre-se de que ele foi educado em casa quando era menino, e nunca conheceu a mãe. O casamento é um ótimo aperfeiçoador. Com você ao lado dele para instruí-lo e guiá-lo, suas habilidades de conversação podem melhorar.

— Podem. Mas e se não melhorarem? Você sabe que eu não o amo. Na verdade, eu nem *gosto* muito dele. E é impossível que ele me ame.

— Existem muitos traços de sentimento entre estima, carinho, amabilidade e amor.

— Mas não tenho *nenhum* desses sentimentos por Harris. Ah, suponho que eu possa ter uma espécie de carinho por ele, ou pelo menino que ele foi. Mas tenho alguma estima? *Não*.

— Agora não, mas você vai aprender a ter carinho por ele, talvez, com o tempo, assim como ele terá carinho por você.

— *Talvez? Com o tempo?* Parece um risco bem grande para se assumir, não acha? Passar a vida inteira ligada a alguém que você não ama... Nós dois nos sentiríamos presos. Não consigo imaginar isso!

— Passei a acreditar — disse Cassandra — que o amor romântico no círculo da pequena nobreza é pregado com muito mais frequência do que é praticado.

Olhei para o rosto contido dela por um tempo, depois balancei a cabeça.

— Você não diria isso se seu Tom estivesse vivo.

— Mas ele não está vivo. Nem todo mundo tem a chance de encontrar o amor verdadeiro, Jane.

— Mas todo mundo tem o direito de *buscá-lo*, de *acreditar* que pode e deve casar por amor, pelo menos uma vez na vida, não é? Devo sacrificar todas as minhas esperanças?

— Você deve ser prática, Jane. Na sua idade, você pode nunca receber outra proposta de casamento, e certamente não tão vantajosa. Pense no seu futuro. Como senhora de Manydown Park, você vai supervisionar um importante patrimônio e várias propriedades. Você vai desfrutar de todo conforto e vantagem na vida. Seus filhos vão crescer na riqueza e no esplendor e frequentar as melhores escolas.

Assenti, incomodada, e expressei a preocupação que tomava minha mente:

— E você, mamãe e papai podem viver aqui, se desejarem.

— Não pense em nós.

— Mas preciso. — Suspirei. — Enquanto papai estiver vivo, temos alguma segurança, por mais que tenhamos nos tornado sem raízes. Mas, se papai morresse, nosso rendimento seria tão reduzido que você, mamãe e eu poderíamos enfrentar a penúria, e certamente passaríamos a ser um fardo para os nossos irmãos. — Pensei em minha amiga Martha, dez anos mais velha, que à época vivia com a mãe idosa, viúva e enferma, e a amiga de sua mãe, a pobre Sra. Stent. — Um dia, poderemos nos tornar Sras. Stents, incapazes de

qualquer coisa e indesejáveis para todos. Casar com Harris impediria isto.

— Sim — admitiu Cassandra calmamente. — Mas sem considerar o dinheiro. Nenhuma família poderia ser mais amada por nós do que os Bigg-Wither. Catherine, Alethea e Elizabeth são como nossas irmãs queridas. Harris pode ser jovem e ainda imaturo, mas você o ajudaria a crescer. O casamento talvez fosse vantajoso para os dois lados. E... — Ela fez uma pausa, como se selecionasse cuidadosamente as palavras seguintes. — Desde que Tom morreu, muitas vezes tenho pensado que talvez você e eu tivéssemos sido feitas para passar nossas vidas juntas. Não consigo deixar de pensar que, se você casar com Harris...

— Poderíamos permanecer juntas.

Cassandra assentiu, os olhos iluminados de empolgação.

— E escapar da temida Bath.

— Para um lar de verdade, finalmente.

— Uma casa no campo!

— Na nossa amada Hampshire!

Nossos olhares se encontraram. Demos as mãos, encantadas.

Ao entrar na sala de estar naquela noite, encontrei Harris evidentemente sozinho, ocupado limpando sua arma, enquanto a família estava reunida na sala adjacente. Meu coração batia forte quando atravessei até onde ele estava sentado e declarei:

— Considerei sua proposta. Quero aceitá-la.

Harris se levantou rapidamente e me encarou em um silêncio constrangedor. Nossos olhares se encontraram no reconhecimento mudo do meu consentimento, e ele sorriu brevemente.

Eu me perguntava: será que ele pretendia falar? Será que ele tinha a intenção de me beijar? Senti alguma apreensão nesta última perspectiva e percebi que não gostava da ideia. Para meu alívio, ele só pegou minha mão direita e apertou-a delicadamente. Percebi que era a primeira vez que nos tocávamos desde que dancei com ele em

um baile naquela mesma casa, quando Harris era um menino de 12 anos.

Ele parecia estar planejando algum tipo de resposta verbal quando Alethea apareceu à porta aberta e, ao nos ver de pé, muito juntos, gritou:

— Você disse sim? Você disse sim, Jane?

Harris soltou minha mão, o rosto ruborizando enquanto ele rapidamente se afastava.

Assenti, olhando para Alethea.

Ela gritou de alegria, depois se virou de volta para a sala de visitas e anunciou entusiasmada:

— Jane disse sim! Ela será nossa irmã!

Uma explosão barulhenta de atividade se seguiu. As irmãs Bigg e Cassandra entraram, exclamando com risadas felizes e empolgação enquanto abraçavam Harris e eu.

— Meu maior desejo se tornou realidade — exclamou Catherine, segurando minhas mãos nas dela com um sorriso afetuoso. — Você é minha irmã de verdade, agora.

O escudeiro, sozinho, parecia surpreso com o processo, mas logo que se recuperou do choque, sua potente voz se somou ao ar de festa no cômodo.

— Eu não tinha ideia de que isso estava acontecendo bem debaixo do meu nariz — declarou ele, apertando a mão de Harris e sorrindo calorosamente. — Filho, você demonstrou mais juízo do que eu imaginava. Espero que seja muito feliz.

— O-o-o-obrigado, senhor — disse Harris.

Ao me dar um abraço afetuoso, o escudeiro disse:

— Minhas sinceras felicitações, querida Jane. Bem-vinda à família.

Sorri, levada pelo sentimento de alegria que permeava o cômodo. Eu ia me casar com Harris Bigg-Wither. Eu teria uma casa. Eu teria os filhos com os quais sonhava. Eu seria parte de uma família que amava. Meus pais, minha irmã e eu nunca precisaríamos de nada.

Como disse Cassandra, era um casamento muito desejável.

Não consegui dormir naquela noite. Fiquei acordada no escuro, hora após hora, refletindo sobre a nova vida que estava diante de mim. Eu sentei. Levantei. Acendi uma vela e passei pelo quarto, com horror e repulsa crescentes pelo que havia feito.

Os primeiros raios da aurora espreitavam por debaixo das cortinas quando Cassandra se mexeu e olhou para mim com uma perplexidade sonolenta.

— Jane? O que aconteceu? Por que não está na cama?

— Durante seis dias — comecei em profunda angústia —, estive cercada de nossos amigos mais queridos. Apreciei as delícias do terreno encantador e dos belos e espaçosos cômodos cobertos de lambris de Manydown, e a proposta de Harris me enfeitiçou. Mas minha aceitação se baseou demais em razões monetárias. Eu não o amo! Eu sequer tenho o potencial para amá-lo! Sinto como se eu tivesse acabado de fazer uma barganha com o diabo; uma vida de tranquilidade e conforto em troca de uma vida de tristeza e solidão!

— Jane. Fique calma. Venha para a cama e durma. Tudo ficará bem pela manhã.

— Já é de manhã! — gritei. — Não posso descansar até desfazer o que fiz tão precipitadamente. Oh, Cassandra! Quando penso na dor que vou causar, na onda de sentimentos ruins que vou provocar, fico irritada, envergonhada, cheia de tristeza. Mas não posso me casar com Harris. Não *posso*.

Acredito que nada que eu tenha dito ou feito, antes ou depois, chateara tantas pessoas quanto o ato de recuar em minha palavra naquele dia.

Encontrei Harris na sala de café da manhã. Em meio a uma névoa de lágrimas, falei as palavras que precisavam ser ditas: eu sentia muito, havia sido precipitada, tinha cometido um erro e era a culpada. A resposta dele foi totalmente de acordo com sua natureza. Seu rosto se anuviou, ele olhou para mim, consternado, depois se virou e fugiu da sala sem uma palavra.

O derramamento de dor exibido pelas irmãs dele foi muito além do que eu conseguia suportar. Insisti que não podia ficar naquela casa, ou melhor, naquela vizinhança, por um minuto mais. Uma carruagem foi chamada, os criados correram para lá e para cá com nossos pertences e, em meio a muitos soluços e abraços trêmulos, Cassandra e eu deixamos Manydown e fomos rapidamente devolvidas a Steventon, onde pressionei meu irmão James para abrir mão de escrever o sermão semanal e nos levar imediatamente para Bath.

Uma vez de volta à segurança do abrigo de nossos pais, dei a notícia com o maior cuidado que pude. Minha mãe e meu pai ficaram horrorizados.

— Você o aceitou e, em seguida, o *rejeitou*? — gritou minha mãe.

— Eu estava errada ao dizer sim. Foi um ataque momentâneo de delírio.

— Que delírio? Era uma proposta de casamento, e *muito* desejável. No que você está pensando?

— Estou pensando no bem-estar dele, mamãe, e no meu. Estou convencida de que nunca poderia fazê-lo feliz, e ele não seria feliz comigo. Não fomos feitos um para o outro.

— Eu sempre o achei um jovem decente — argumentou meu pai. — Ele não é um conhecido recente; vocês praticamente cresceram juntos. Ele é como se fosse seu irmão.

— Esse é o problema, papai. Eu não o amo como uma esposa deve amar o marido, e ele não me ama.

— *Aceite-o* e pense no amor *depois* do casamento — insistiu minha mãe.

— Não, mamãe.

— Mas viver em Manydown! — exclamou ela. — Uma família de tanto renome!

Meu pai suspirou e disse:

— Jane, eu sei que você sempre disse, desde menina, que nunca se casaria por qualquer coisa inferior ao amor. Mas você percebe o que fez? Você pode viver outros 18 anos sem ser abordada por um

homem com metade dos bens de Harris. Você está jogando fora uma oportunidade de ter sua vida resolvida, de maneira merecedora, honrada e nobre, como provavelmente nunca lhe ocorrerá novamente.<sup>1</sup>

— Talvez não, papai. Mas fiz a coisa certa. Só lamento que a maneira como fiz tenha causado tanta dor.

# Nota

<sup>1</sup> Curiosamente, Jane Austen incluiu um discurso quase idêntico em *Mansfield Park*, quando Sir Thomas repreende Fanny Price por sua recusa em se casar com Henry Crawford.

## Capítulo sete

**E**nquanto minha mãe caminhava agitadamente pelo cômodo ao lado do nosso naquela manhã quente de agosto de 1808 em Southampton, lamentava minha solteirice tão dolorosamente, como se a notícia da minha aceitação abortada da proposta de Harris tivesse ocorrido ainda agora, e não seis anos antes.

— Acho que você deve ter perdido o bom senso naquele dia, Jane — disse ela. — Eu não entendo, e declaro que nunca entenderei.

— Mamãe — repreendeu Cassandra —, está mais do que na hora de parar de lamentar essa situação. Aconteceu há muito tempo.

— Há muito tempo *eu* considero minha recusa da proposta de Harris como sorte — admiti. Mentalmente, acrescentei, em especial *agora*, quando poderia refletir o quão diferente teria sido minha resposta a um homem como o Sr. Ashford caso ele me oferecesse sua mão. Mesmo que o Sr. Ashford não tivesse um centavo em seu nome, acredito que eu o teria aceitado imediatamente e ficaria feliz em ser sua esposa, pois tínhamos compartilhado, em apenas algumas horas, uma ligação que eu sabia nunca ser capaz de alcançar em uma vida inteira com Harris Bigg-Wither.

Felizmente, nossa amizade com as irmãs Bigg não tinha sido alterada pelo incidente, uma homenagem à profundidade de nossa compreensão e carinho umas pelas outras. Dois anos depois de me

pedir em casamento, Harris se casou com Anne Howe Frith, uma herdeira da Ilha de Wight, e a união aparentemente era uma das mais agradáveis. Para escapar do pai, Harris tinha se mudado para uma casa própria, e assim também podíamos ficar em Manydown sempre que quiséssemos.

— Fique feliz por Harris, mamãe — comentei. — Ele encontrou uma esposa perfeita. Eles estão muito felizes estabelecidos em Wymering, e ela está lhe dando todos os bebês que ele poderia querer.

— Bebês que deveriam ter sido seus! — lamentou minha mãe. — Você poderia ter cinco filhos agora!

— Cinco pequenos Bigg-Wither em seis anos, todos parecidos com Harris — respondi, reprimindo um arrepio. — *Esse é um pensamento assustador.*

— E agora Catherine está noiva — continuou minha mãe com um suspiro, como se eu não tivesse falado.

Eu recentemente havia bordado em ponto *ajour* alguns lenços de bolso de cambraia como presente de casamento para Catherine Bigg, que estava para se casar com o reverendo Herbert Hill, um homem cerca de 27 anos mais velho do que ela. Catherine havia me confidenciado que não o amava, mas, como Manydown um dia passaria para seu irmão e sua esposa, foi forçada a pensar no conforto material.

— Mamãe, o que você acha do verso que acabei de escrever para acompanhar meus lenços para Catherine? — perguntei, lendo em voz alta:

“Cambraia! Tens sido boa para mim,  
E eu te abençoaria, se pudesse assim.  
Vai, serve à minha senhora com deleite,  
Sê pequena em espaço, macia e branca como leite;  
Desfruta tua fortuna, muito honrada  
Por ter o nome dela e por ela ser tocada;  
E que teu valor perdure por anos,

Sendo suaves seus Resfriados e poucos os seus Prantos.”

— É encantador o suficiente — disse minha mãe —, mas muito longo. E, se fosse *meu* poema, eu jamais faria referência a uma *doença* em um presente de casamento.<sup>1</sup> Ah! — acrescentou ela, quando as lágrimas começaram a encher seus olhos. — Só de pensar em Catherine no altar! *Ela* não foi tão meticulosa em sua escolha!

— Se eu tivesse conhecido o Sr. Hill, em vez de Catherine — declarei, repousando a pena com um suspiro fingido —, *eu* poderia ter sucesso com ele. Mas Catherine tem muito mais sorte.

— Ah! Você é impossível — gritou minha mãe. — Com Frank e Mary partindo, vamos perder nossa casa *mais uma vez*, todo mundo que conhecemos está se casando, e tudo que *você* consegue é fazer piada.

O dilema de como e onde viveríamos pesava sobre nós, mas essa preocupação foi logo eclipsada — e, ironicamente, ao mesmo tempo, resolvida — diante de um sofrimento muito maior. A mulher de meu irmão Edward, Elizabeth, morreu em outubro daquele ano, 15 dias após dar à luz o décimo primeiro filho.

Ficamos atônitos e perturbados com a notícia. Elizabeth era uma mulher bonita, rica, bem-nascida, bem-cuidada, que havia se casado por amor aos 18 anos e esteve grávida quase todos os dias desde então. Ela muitas vezes aparentava e se sentia doente durante a última gravidez, mas parecia ter se recuperado completamente após o parto. Então, uma noite, pouco depois de consumir um jantar substancioso, para o pânico de sua família e a perplexidade completa dos médicos, ela passou mal e morreu. Edward amava Elizabeth, creio eu, mais do que a própria vida. Perdê-la tão repentina e inexplicavelmente foi uma tragédia terrível. Eu sofri por ele; por Lizzy, que, jovem demais, deixou a vida que adorava; e pelos 11 filhos sem mãe que ela deixou para trás.

Cassandra, que já estava em Godmersham, ficou para ajudar e confortar Edward e as crianças, enquanto eu recebi dois dos meus sobrinhos pequenos por alguns dias em Southampton e fiz o melhor possível para consolá-los e distraí-los antes de enviá-los para a escola em Winchester.

Em meio àquele terrível sofrimento, recebemos uma carta de Cassandra com notícias de natureza muito surpreendente. Após os primeiros parágrafos, que tratavam principalmente do sofrimento diário do grupo triste em Godmersham, ela escreveu:

*Tenho de transmitir notícias de Edward que podem parecer muito inesperadas, vindas em um momento tão melancólico, mas que, ao mesmo tempo, podem ajudar a reanimar seus espíritos — e acredito que você, minha mãe e Martha considerarão extremamente gratificantes. Edward está nos oferecendo uma casa. Ele me passou as informações esta manhã e pediu que eu mesma desse a notícia, tendo em vista que, neste momento, não está à altura da tarefa. É desejo dele que usemos uma das casas de suas propriedades para sempre, e nos oferece duas para escolhermos: uma casa não muito longe de Godmersham em Wye, que, como vocês sabem, é um povoado muito bonito; ou a casa do bailio em Chawton, perto da propriedade principal (o magistrado morreu recentemente). Edward diz que a casa de Chawton, que é de bom tamanho, tem um belo jardim, seis quartos e sótãos para depósito e pode ser ajeitada para nós sem muitas despesas.*

Minha irmã então entrou em alguns detalhes adicionais sobre as casas, do quanto ela conseguia se lembrar da conversa com Edward. Esse relatório que Cassandra (de acordo com sua natureza calma e contida) apresentou de maneira tão trivial, foi recebido com grande alegria em Castle Square.

— Nossa própria casa! — gritou minha mãe, batendo a mão no peito de espanto quando dei a notícia, após ter visitado a Srta. Baker, a costureira, para reformar seu vestido preto de bombazina lhe dando novo estilo. — Sem pagar nada! Para viver pelo tempo que quisermos! Oh! É bom demais para ser verdade!

— Temos apenas que escolher qual local preferimos — lembrei-me, me referindo novamente à carta em minhas mãos, que eu já havia lido com atenção e surpresa pelo menos uma dúzia de vezes.

— Oh! Estou maravilhada! Estou ansiosa, não consigo pensar! — exclamou minha mãe, enquanto se sentava em seu lugar favorito no sofá com uma expressão atordoada, abanando o rosto com a mão. — Parece que vou desmaiar de alegria. Acho que gosto da ideia de Wye. Eu amo Kent e gostaria de estar perto de Edward e seus filhos.

— Há muitas vantagens na casa de Chawton, também — observei. Todas nós tínhamos visitado a propriedade de Edward em Chawton no verão anterior. Embora eu não me lembrasse especificamente da cabana do bailio, tínhamos admirado a Casa Grande, que estava vazia na época, e o povoado, composto por cerca de trinta casas. — Conhecemos o povoado. É charmoso. Steventon fica a apenas uns 20 quilômetros de distância. E Chawton se encontra bem perto de Alton, uma cidade muito boa. Lembre-se de que o banco de Henry fica lá.

— Isso é verdade — ponderou minha mãe. — Henry teria motivos para ir até lá muitas vezes, imagino.

— E é em *Hampshire*, mamãe — completei. — Viver em Chawton seria semelhante a nos mudarmos para *nosso antigo lar*.

— Ela mencionou o tamanho das casas? — perguntou Martha, com alguma apreensão.

— Não se preocupe, Martha — respondi com um sorriso tranquilizador. — Ambas são, aparentemente, grandes o suficiente para abrigar nós quatro, além de vários criados.

— Isso é uma boa notícia, de fato — disse Martha com alívio. — Embora, se não for assim, eu certamente possa encontrar alojamento em outro lugar. Não queria ser um fardo.

— Você jamais seria um fardo, Martha querida — acalmei-a. — Você é um membro da família, e sempre será.

Martha sorriu ao ouvir aquilo, os olhos enchendo de lágrimas, e pareceu incapaz de falar.

A visão de seu rosto querido e trêmulo gerou uma resposta úmida nos meus olhos, enquanto eu alisava meu vestido novo de seda preta, coberta de crepe.

— Oh, querida! Não parece certo sentir alegria neste momento. Pensar que Edward tem consideração por nós e pensa em nossas necessidades num momento em que ele deve estar mergulhado nas maiores profundezas do desespero de sua vida... Ele é bom demais.

— É uma oferta generosa — concordou minha mãe —, e eu não poderia ser mais grata a esse menino querido. Mas, na verdade, não é mais do que ele deveria ter feito três anos atrás, quando seu pai, que Deus o tenha, deixou esta terra. E só serve para provar o que eu disse naquela época: era aquela esposa dele que impedia Edward de atuar em seu melhor juízo.

— Mamãe! — gritei, horrorizada. — Você não pode acreditar nisso até hoje!

— Acredito, sim! Por que outro motivo Edward estaria nos fazendo essa oferta atrasada, logo depois da morte da esposa?

— Certamente porque a grande perda de Edward gerou o desejo de manter a família mais próxima dele — respondi.

— Estou certa de que isso é uma parte — retrucou minha mãe — e *igualmente* certa de que ele teria nos dado uma casa anos atrás, e uma renda também, se Elizabeth não tivesse mencionado sua objeção.

As palavras de minha mãe inspiraram, de repente, uma espécie de devaneio, no qual eu imaginava o que *poderia* ter ocorrido, se Lizzy realmente tivesse tentado, por meio de manobras verbais sutis, convencer Edward a alterar substancialmente o apoio que ele pretendia oferecer à mãe e às irmãs<sup>2</sup> A pequena cena que se seguiu na minha mente me fez rir em voz alta.

— Não vejo nenhum humor na situação, Jane — exclamou minha mãe, franzindo o cenho furiosamente.

— Jane não quis ser desrespeitosa — cortou Martha diplomaticamente, com um olhar de compreensão para mim. Ela há muito tinha aprendido a reconhecer e tolerar os momentos em que minha mente vagueava inesperadamente. — Acho que ela estava escrevendo mentalmente outra vez.

— Quem pode pensar em escrever numa hora como esta? — queixou-se minha mãe. — Temos uma decisão a tomar! Chawton ou Wye!

Depois de muita discussão, optamos pela casa de Chawton, com base na proximidade da família e dos amigos em Hampshire, e no relato entusiástico de Henry após ver o alojamento. No entanto, a esposa do bailio não poderia sair até o final da primavera, quando Edward queria fazer várias melhorias, portanto a mudança não aconteceria antes de julho.

O inverno passou rapidamente. Enquanto Cassandra permanecia em Godmersham, minha mãe, Martha e eu passamos muitas noites aconchegadas junto à lareira, lendo em voz alta as obras mais recentes, nossos favoritos unânimes sendo *Margiana* e "Marmion".<sup>3</sup>

Quando o clima permitia, Martha e eu saíamos, determinadas, em nossos últimos meses em Southampton, para muitos compromissos, e fomos ao máximo possível de bailes antes da mudança para o campo. Para minha surpresa, fui chamada para dançar em várias ocasiões e me diverti muito, embora a falta de sagacidade, sensatez ou de uma boa conversa com cada cavalheiro que conheci sempre impulsionasse meus pensamentos de volta ao Sr. Ashford. Eu frequente e melancolicamente me perguntava o que poderia ter acontecido se tivéssemos sido abençoados com mais tempo para nos conhecermos melhor.

Mal sabia eu que *ia* encontrar o Sr. Ashford outra vez em breve, nas mais inesperadas circunstâncias.

# Notas

<sup>1</sup> Jane Austen, de fato, revisou os versos e enviou um poema mais curto para Catherine (sem mencionar resfriados). No entanto, ela também deve ter gostado do original, pois guardou cópias de ambos.

<sup>2</sup> Jane Austen escreveu brilhantemente tal cena no capítulo 2 de *Razão e sensibilidade*, no qual a desprezível Fanny Dashwood astuciosamente convence o marido a deserdar sua mãe viúva e suas irmãs. Aparentemente, essa foi a conversa que a inspirou.

<sup>3</sup> *Margiana, or Widdrington Tower*, da Sra. S. Sykes, 5 vols. (1808); "Marmion: A Tale of Flodden Field", um poema de Walter Scott (1808).

## Capítulo oito

— Como o tempo está úmido! — disse minha mãe enquanto fazia uma pausa no bordado, com um suspiro. Olhara os pingos de chuva de uma tempestade tardia de fevereiro baterem em um ritmo constante contra os vidros da janela.

— No entanto, você deve admitir que está deliciosamente brando — respondi. — Depois de tantas semanas de neve, estou animada por ver chuva. Até mesmo o depósito está se comportando de forma encantadora. Está quase seco da enchente do mês passado.

— A chuva no depósito quase nos afogou — exclamou minha mãe. — Esta casa inteira está caindo aos pedaços. Ficarei muito feliz em deixá-la.

Após a ideia sobre a casa em Chawton se tornar fixa na mente da minha mãe, ela estava ansiosa para começar a mudança e passou a encontrar falhas na situação que outrora tivera tanta aversão em deixar. Martha já havia ido passar a primavera com uma amiga na cidade, Cassandra tinha acabado de voltar de Godmersham, e nós estávamos fazendo planos para fechar a casa de Castle Square e partir em abril.

— Não há nada de errado com a casa, mamãe — argumentei. — O problema veio do entupimento da calha, e já a limpamos.

— Um novo problema virá em breve — declarou minha mãe. — Isso sempre acontece em casas velhas como esta. Haverá um

vazamento nesta sala de estar a seguir. Espere para ver. Toda essa umidade é muito, muito ruim para a saúde das pessoas, especialmente para os pulmões. — Ela colocou a mão no peito e respirou longa e lentamente, depois choramingou: — Estou certa de que sinto o início de uma congestão. Na última vez em que me senti assim, fiquei muito doente e acharam que eu nunca me recuperaria.

— Você sempre se sente melhor no campo, mamãe — disse Cassandra. — Talvez você devesse ir logo agora, e não esperar até abril.

— O ar do campo *realmente* me faria bem, depois de todo esse ar marítimo úmido — concordou minha mãe. — O lugar onde eu mais gostaria de estar é Steventon. Mas não posso partir agora. Há tanta coisa para empacotar antes de nossa mudança.

— Não se preocupe com o empacotamento — respondeu Cassandra. — Jane e eu cuidamos disso.

— Eu jamais pensaria em deixar todo o trabalho para vocês, garotas! — respondeu minha mãe. — Vou carregar minha parte do fardo.

— Por favor, mamãe, não é um fardo — afirmei. — Se estiver doente, você sabe que nunca permitíamos que levantasse um dedo. Deixe que cuidemos de nossos pertences. Eliza pode nos ajudar.<sup>1</sup> Estou certa de que James e Mary vão gostar da sua visita. Podemos nos juntar a você mais tarde em Steventon, e depois viajar para Godmersham juntas, como pretendíamos, até que a casa de Chawton fique pronta.

Esse plano foi considerado adequado por todas, e minha mãe logo partiu com abraços chorosos de gratidão. Cassandra e eu, deixadas a sós, decidimos adiar o processo de empacotamento o máximo possível e desfrutar o pouco tempo que nos restava em Southampton.

Como a tarde seguinte estava muito agradável, nos aventuramos a sair para uma caminhada pela High Street, admirando as vitrines. Aproveitei o frescor da brisa salgada refrescante que corava nossos

rostos. Com o mar cercando a cidade em três lados, havia a certeza de encontrar uma brisa fresca em uma direção ou outra.

— Não é um chapéu bonito? — indaguei, subitamente paralisada por um encantador chapéu na vitrine de uma modista. Feito de palha branca com uma aba dobrada para cima, era enfeitado com renda branca e fitas vermelhas e coroado com o *mais lindo* cacho de cerejas. Tínhamos acabado de dispensar o luto pela pobre Lizzy e, depois de meses usando preto, ver qualquer coisa colorida e alegre era como uma panaceia para os sentidos.

Antes que eu soubesse o que estava fazendo, me vi dentro da loja, com a funcionária sorrindo e pegando o chapéu da vitrine e me entregando.

— As frutas estão na moda de novo este ano — disse ela. — Temos um espelho na parte de trás, se quiser experimentá-lo.

— Por favor, qual é o preço? — perguntei.

A senhora me disse o valor.

— A cor combina com você. Vai muito bem com seu tom de pele.

— Acredito que sim — suspirei —, mas não com o nosso bolso. — Como eu não possuía dinheiro de verdade para chamar de meu, cada centavo que eu *tinha* era devido à generosidade da minha mãe e dos meus irmãos, eu não podia me dar ao luxo de comprar chapéus apenas pela beleza deles. Agradei pelo tempo que a vendedora nos concedeu, e Cassandra e eu seguimos ao longo da rua movimentada.

— Nossos chapéus antigos ainda são muito úteis e ficarão ótimos com alguns enfeites novos — disse Cassandra, tentando me consolar. — Podemos comprar quatro ou cinco ramos de flores muito bonitos no brechó pelo mesmo valor que *um* daqueles cachos de cerejas.

— Certamente você tem razão — concordei, ainda lamentando a perda do belo chapéu vermelho e branco, até que, de repente, meus olhos foram atraídos para outro de proporções muito maiores e mais caras, que estava sobre a cabeça de uma belíssima mulher que vinha em nossa direção. Seu vestido era atraentemente moldado

pela moda mais recente, e seu chapéu era coberto de tantos tipos imagináveis de frutas que se assemelhava mais a uma salada do que a um adorno de cabeça. — Acho que é mais natural ter flores na cabeça do que frutas — falei, enquanto Cassandra e eu lutávamos para reprimir uma risada.

No mesmo instante, ambas deixamos escapar um pequeno suspiro, percebendo que conhecíamos a mulher que se aproximava.

— Sra. Jenkins! — gritei. Conhecida (embora não especialmente íntima) de nossa mãe desde a mudança para Southampton, a Sra. Jenkins era uma viúva de 60 anos, sem filhos, cujo marido havia se estabelecido no comércio e a deixou muito bem de vida, com duas casas, uma em Londres e uma em Southampton. Embora geralmente não frequentássemos os mesmos círculos, tínhamos sido convidadas para uma festa na casa dela em uma ocasião, e foi um evento elegante. A Sra. Jenkins não era, pensei, possuidora de uma sagacidade especial, mas era gentil e bem-intencionada, com um sorriso acolhedor pronto para cada conhecido. Seus traços se iluminaram quando ela se apressou para nos cumprimentar.

— Srta. Austen! Srta. Jane!<sup>2</sup> Que encontro feliz! Há séculos não nos vemos. Acabei de retornar da cidade esta semana, onde passei a maior parte do inverno. Como está sua querida mãe?

— Ela estava se sentindo mal ultimamente, e atribuíu à chuva e à umidade do ar marítimo — informei-lhe. — Partiu ontem para procurar abrigo com nosso irmão James em Steventon.

— Oh! Sinto muito por saber que ela está doente. Vocês acham que retornará num futuro próximo?

— Acho que não — respondeu Cassandra. — Minha irmã e eu temos apenas seis semanas para empacotar a mudança e nos juntar a ela.

— É verdade! Eu quase tinha me esquecido. Então, está tudo acertado? Vocês todas vão partir para o campo e deixar por completo nossa bela cidade?

— Vamos — respondi.

— Bem! Vocês farão falta por aqui, isso é fato. Eu gostaria muito de ter me despedido de sua mãe. Vou ter que escrever para ela e repreendê-la por nem *tentar* me visitar antes de se mudar! Vocês, meninas, devem prometer me visitar de vez em quando, e não se enterrarem para sempre no campo. Mas oh! Como vocês devem estar se sentindo aliviadas por finalmente terem uma casa própria, e sem pagar nada por isso! Não há nada tão reconfortante na vida quanto saber que sua casa é sua, e que não pode ser tirada de você. Eu sei disso porque fui abençoada com duas casas muito boas e tive um bom marido, que Deus o tenha. Tenho tudo que uma mulher poderia desejar, exceto, é claro, a companhia de crianças. Mas não posso reclamar. Eu nunca sofri por falta de dinheiro, embora não seja insensível às dificuldades dos que sofrem com isso. Vocês, por exemplo. Há muito me admiro por vocês viverem com tão pouco, mas de alguma forma sua casa está sempre apresentável, vocês parecem ter confortos e necessidades vitais e estão sempre com boa aparência, com sorrisos alegres nos rostos. Eu sempre me pergunto, como vocês conseguem isso?

— Nós sobrevivemos, Sra. Jenkins, comendo apenas uma vez a cada três dias — respondi.

A Sra. Jenkins juntou as mãos e riu alegremente pelo que pareceu uns dois minutos.

— Que piadinha boa, Srta. Jane — disse ela, quando, finalmente recuperou o fôlego. — Você sempre teve jeito com as palavras. Oh! Que horas são? Preciso ir, estou atrasada para a costureira... mas primeiro me digam: vocês estão livres na quinta-feira?

— Quinta-feira? Suponho que sim — afirmei.

— Excelente! Vou oferecer um jantar em homenagem a minha querida sobrinha e meu sobrinho e sua esposa, que estão vindo do norte para me visitar com um amigo. Eles são ótimos jovens, interessantes e talentosos. Sei que vão gostar deles. Vocês duas vão completar muito bem o grupo. Os convites serão postados amanhã. Eu adoraria que se juntassem a nós.

— Ficaremos honradas — disse Cassandra.

— Ótimo. Então está combinado. Quinta-feira! Não me decepcionem — gritou a Sra. Jenkins na despedida, enquanto se afastava pela rua, com o chapéu de frutas balançando ao vento.

Na noite marcada de quinta-feira, Cassandra e eu, vestidas com nossos melhores vestidos de musselina branca, caminhamos as duas quadras até a casa da Sra. Jenkins, escoltadas pelo nosso criado Sam e uma *lanthorn*.<sup>3</sup> Em homenagem à ocasião, dei mais atenção que o normal ao meu cabelo. Em vez de cobri-lo com um chapéu, como era meu costume, usei tranças que esperava serem atraentes, com uma faixa de contas que combinava com a barra do meu vestido. Cassandra usava sua melhor capa de veludo.

Ao chegarmos (pontualmente às sete horas), deixamos nossas casacas no vestíbulo juntamente a outro casal em roupas formais recém-chegado, os dois bem mais velhos que nós, não reconhecemos.

— Eu me pergunto se conhecemos algum dos convidados aqui — sussurrou Cassandra, preocupada, enquanto éramos conduzidas escada acima.

— Poderíamos viver um ano inteiro com o valor pago por aquele vestido — sussurrei de volta, tomando cuidado para não pisar na cauda do deslumbrante vestido de noite bordado que envolvia a senhora que nos precedia.

Enquanto Cassandra apertava os lábios para conter um sorriso, chegávamos à sala de estar bem-decorada, onde a Sra. Jenkins, uma visão em seda bege e plumas de avestruz, nos cumprimentou com entusiasmo.

— Meninas! Estou tão feliz que vocês puderam vir! — gritou ela, acrescentando em particular: — Dentre tanta gente idosa, precisávamos desesperadamente de alguns rostos mais jovens. — Conduzindo-nos pelo braço, ela nos levou até a lareira, onde um pequeno grupo estava conversando, vários deles de costas para nós. — Minha sobrinha, Isabella, ficou doente e não pôde viajar, no final das contas. É uma pena, pois sei que vocês se dariam muito bem.

Permitam-me apresentar meu sobrinho e sua esposa. Charles! Maria! Venham aqui e conheçam as filhas de uma querida amiga minha!

O casal em questão se virou para nos olhar, e eu engasguei de surpresa. Eram Charles e Maria Churchill, o casal que conheci com o Sr. Ashford em Lyme.

— Sr. Churchill! Sra. Churchill! — exclamei.

— Que prazer inesperado.

— É possível que vocês já se conheçam? — indagou a Sra. Jenkins, muito espantada.

O Sr. Churchill ficou intrigado, mas Maria respondeu:

— Sim, nos conhecemos. — Deu um sorriso que (pensei que eu poderia estar imaginando) não chegou a alcançar seus olhos. — Nós nos conhecemos em Lyme, no verão retrasado, creio. Srta. Austen, não é?

Ao meu aceno de cabeça, o Sr. Churchill exclamou em súbito reconhecimento:

— É verdade! Bem, estou chocado! Que coisa extraordinária!

O cavalheiro que estava de pé atrás dele de repente se virou para nos fitar. Minha respiração ficou presa na garganta.

Era o Sr. Ashford.

— Srta. Austen! Como é maravilhoso vê-la! — exclamou o Sr. Ashford, suas belas feições se iluminando com o que parecia ser igualmente prazer e surpresa.

— Igualmente, Sr. Ashford — foi tudo que consegui dizer. Muitos meses haviam se passado desde que o vi, e comecei a imaginar se conseguiria reconhecê-lo caso tivesse a felicidade de encontrá-lo novamente; mas, de pé diante dele agora, era como se o tempo tivesse se apagado. Seu casaco longo verde e o cachecol branco-neve eram um contraste agradável ao azul profundo de seus olhos e ao ondulado natural de seus cabelos escuros, e seu sorriso era agradável e genuíno.

— Meu Deus, que mundo pequeno! — exclamou a Sra. Jenkins, enquanto eu permanecia muda e tímida.

O cavalheiro se virou para minha irmã.

— Não nos conhecemos. Sou Frederick Ashford.

— Peço perdão — declarei, as bochechas ruborizando-se. — Apresento-lhes minha irmã, Srta. Cassandra Austen.

— É um prazer conhecê-la, Srta. Austen — disse o Sr. Ashford com uma mesura, enquanto os Churchill repetiam o cumprimento.

— O prazer é meu, garanto — respondeu Cassandra, me dando um olhar íntimo e significativo, que transmitia ao mesmo tempo sua compreensão da identidade do cavalheiro e a emocionada consciência de sua importância.

Virando-se para mim por trás do leque, a Sra. Jenkins disse em um tom baixo:

— E pensar que, de todas as pessoas, você conheceria o Sr. Ashford, um homem muito ilustre, de uma excelente família, filho de um baronete e um dos amigos íntimos de Charles. Eles viajaram juntos, você sabe, e estou honrada por ele ter decidido ficar comigo e se juntar a nós em nosso pequeno sarau. — Fechando o leque com um movimento do pulso, ela colocou a mão sobre o braço do Sr. Ashford e lhe deu o mais brilhante sorriso. — Eu *realmente* espero que me dê a honra de me acompanhar ao jantar, Sr. Ashford, à frente de todos.

— Seria um privilégio, senhora — declarou ele com uma mesura, mas, quando se endireitou, seus olhos encontraram os meus, e eu tive certeza de ter detectado um olhar de frustração e arrependimento.

— Você deve me perdoar, Jane — disse a Sra. Jenkins, enquanto, para minha consternação e desânimo, rapidamente conduzia a mim e a minha irmã em direção ao outro lado da sala — por privá-la de seu conhecido, mas essas pequenas coisas são, como você sabe, muito difíceis de se administrar.<sup>4</sup>

Em questão de instantes, rápida e discretamente a Sra. Jenkins nos colocou como pares dos outros cavalheiros solteiros na sala que eram de status adequado — no meu caso, o gordo e suado viúvo Sr. Lutterell, um homem que há muito tinha passado dos 60 anos e que

minha mãe certa vez havia sugerido como meu companheiro ideal para a vida; para Cassandra, um banqueiro careca chamado Woodhole, com óculos grossos e um dente saliente.

Um criado tocou um sino e anunciou que o jantar estava servido.

Todos prosseguimos até a sala de jantar, onde ardia um fogo na lareira e uma mesa elegantemente posta nos aguardava, com pequenas cestas com frutas artificiais como decoração e um cardápio colocado ao lado de cada prato. O Sr. Ashford, naturalmente, estava sentado ao lado da Sra. Jenkins à cabeceira da mesa, na companhia do Sr. e da Sra. Churchill; minha irmã e eu fomos relegadas à extremidade inferior com nossos acompanhantes solícitos, porém um tanto tolos, com quem, pelas duas horas seguintes, ficamos envolvidas em uma conversa de pouco sentido e sem nenhum conteúdo real.

O jantar estava excelente, e exatamente como deveria ser em tais ocasiões, com uma sucessão de pratos e uma quantidade maior de comida do que qualquer um poderia consumir em uma única refeição. Conforme a noite avançava, eu flagrava meus olhos escapando frequentemente para a outra ponta da mesa, como se quisesse me tranquilizar de que não estava sonhando, que era verdadeiramente o *Sr. Ashford* sentado na mesma sala, conversando amigavelmente com nossa anfitriã e seus amigos. Por várias vezes, ao olhar de relance na direção dele, eu o encontrei me observando. Quando nossos olhos se encontravam, o Sr. Ashford não desviava o olhar, mas me recompensava com um sorriso e, mais tarde, com um ligeiro encolher de ombros escusatório, como se quisesse transmitir sua própria frustração com a disposição dos assentos.

Quando as sobremesas e o vinho finalmente foram servidos, Cassandra e eu acompanhamos as senhoras de volta à sala de estar para tomar café e chá, onde esperei por meia hora na expectativa ansiosa de os homens concluírem o Porto e se juntarem a nós. Eles fizeram sua chegada *juntos*, assim que o relógio marcou dez horas. Os olhos do Sr. Ashford buscaram e encontraram os meus no

instante em que adentrou a sala, e ele rapidamente atravessou até o sofá onde eu estava sentada sozinha, terminando o chá.

— Srta. Austen — disse ele com um sorriso aliviado e triste, quando me levantei para cumprimentá-lo —, finalmente temos uma chance de conversar.

Meu coração começou a martelar. Havia tanta coisa que eu queria perguntar a ele que mal sabia por onde começar.

— Você parece estar bem, Sr. Ashford.

— Você também, Srta. Austen. Não consigo expressar como estou satisfeito por vê-la aqui.

— Já se passou muito tempo desde nosso encontro em Lyme.

— De fato. Tempo demais. E acho que lhe devo um pedido de desculpas.

— Um pedido de desculpas? Pelo quê?

— Por minha partida apressada. Meus amigos e eu deixamos Lyme naquele dia e mal nos despedimos. Fiquei preocupado que você pudesse nos considerar rudes e me arrependi, muito sinceramente, que não tivéssemos trocado dados pessoais, de modo que eu pudesse lhe escrever. Eu sentia que devia uma explicação.

Sem querer trair a intensidade de meus sentimentos sobre o assunto, eu disse delicadamente:

— Você não me devia nada, garanto, Sr. Ashford. Embora se possa argumentar que salvou minha vida em Lyme, na verdade, nossa convivência lá foi muito breve e incidental.

Ele pareceu surpreso e ficou em silêncio por um instante, como se estivesse um pouco magoado por minha resposta.

— Entendo. Fico aliviado por saber que, ao deixar de me comunicar, eu não tenha lhe causado nenhum dano. Mas, de *minha* parte, devo admitir — (aqui ele encolheu os ombros com um sorriso encantador e singelo) — que sempre penso com grande prazer na tarde que compartilhamos em Lyme, por mais que você tenha considerado breve e incidental.

Meu rosto ficou em chamas, enquanto um inesperado surto de felicidade percorreu meu corpo. Ele havia pensado no nosso

encontro de tempos atrás! Ele não tinha me esquecido!

— Perdoe-me, não pretendia ofendê-lo — declarei rapidamente.  
— Só queria aliviá-lo de qualquer sentimento de obrigação. Eu também muitas vezes me encontrei refletindo sobre nosso encontro naquele dia e na interessante conversa que se seguiu.

Antes que eu pudesse dizer mais alguma coisa, a Sra. Jenkins bateu em meu ombro com o leque.

— Srta. Jane! Seria ótimo termos um pouco de música. Posso pedir que toque para nós?

— Certamente outra pessoa deveria ter essa honra — respondi, forçando um sorriso à interrupção indesejada. Eu amava tocar piano desde criança e tinha alugado um pelos últimos dois anos para manter a prática, mas preferia tocar para mim mesma ou para minha família a fazer um espetáculo público. — Eu lhe asseguro, tenho pouco talento para isso.

— Não é disso que eu me lembro! Você distraiu lindamente a todos nós na última vez em que estive aqui. Venha, toque para nós.

— Se quiser fazer a gentileza de nos brindar com algumas notas, Srta. Austen — disse o Sr. Ashford —, eu ficaria honrado em virar as páginas para você, caso isso seja útil.

— É, sim. Obrigada. — Fiquei imensamente satisfeita com a oferta, que (como nós dois percebemos, com um sorriso) não apenas me permitia satisfazer nossa anfitriã, mas também nos proporcionava a oportunidade de continuar a conversa.

Assumi meu lugar ao instrumento, encontrei uma partitura de música que reconheci e comecei a tocar.

— Vejo que é muito modesta, Srta. Austen — afirmou o Sr. Ashford quando se sentou ao meu lado. — Você toca muito bem.

— Você é muito gentil. — Sua proximidade, confesso, fez meu coração bater como se dançasse. Aquilo exigiu grandes esforços para que me concentrasse e acompanhasse a música. — Eu ficaria muito grata, senhor, em ouvir a história do motivo por trás de sua partida repentina de Lyme, se ainda desejar compartilhá-la.

— Eu gostaria — respondeu ele. — Naquela manhã bem cedo, antes de nos encontrarmos, o dono da estalagem me acordou. Uma carta de certa urgência tinha chegado para mim, motivo pelo qual o mensageiro estava viajando havia vários dias e noites. A missiva trouxe a notícia de que meu pai havia ficado doente. Minha partida foi apressada porque não tinha tempo a perder. Havia alguma dúvida se ele iria sobreviver.

— Sinto muito. Espero que ele tenha se recuperado.

— Ele se recuperou completamente, obrigado. Mas, enquanto ele estava indisposto, insisti que eu ficasse ao seu lado na cama a cada momento de vigília. Temendo por sua vida, meu pai disse que queria me contar, pela primeira vez, alguns casos que ele sempre manteve muito bem-guardados sobre a propriedade da família. Para meu espanto, quando comecei a saber das questões descritas, encontrei inúmeros problemas. Demorou um bom tempo para tentar acertar as coisas.

— E você foi bem-sucedido?

— Espero que sim. Digo tudo isso para explicar minha preocupação nas semanas e meses seguintes à minha partida de Lyme. Quando, finalmente, tive tempo e presença de espírito para pensar em escrever para você, tanto tempo havia se passado que, mesmo se eu tivesse *como* descobrir sua direção, me sentiria tolo por tentar.

— Entendo completamente e estou lisonjeada por você sentir que pode confiar em mim.

— Há muito tempo esperava uma oportunidade de compartilhar essa confiança — disse ele, enquanto virava uma página da partitura. — É realmente maravilhoso termos nos encontrado novamente.

— O momento não poderia ser mais oportuno, pois em breve deixaremos Southampton permanentemente.

— É verdade? E para onde vão?

Contei a ele sobre nossa mudança iminente para a casa de Chawton e respondi às muitas perguntas sobre o assunto.

— Bem, então — comentou ele —, eu me considero afortunado por meus negócios em Portsmouth terem me trazido aqui. Eu tinha planejado viajar por conta própria, quando Charles anunciou sua intenção de visitar a tia por uma quinzena. Lembrei de você ter mencionado que morava em Southampton e achei encantador. De repente, me senti consumido por um intenso desejo de conhecer o lugar.

— E o que achou da nossa cidade, Sr. Ashford? Espero que esteja desfrutando sua visita e que eu não o tenha enganado na minha descrição.

— Ainda não sei. Cheguei hoje à tarde e vi muito pouco. Mas, a partir desta noite, creio que minhas chances de gostar de Southampton aumentaram muito.

O brilho alegre nos olhos e no tom quando ele olhou para mim me fizeram sorrir.

— É verdade? Essa suposição, presumo, só pode se basear na sua apreciação da minha notável habilidade ao piano.

— Isso e o fato de que pretendo tirar vantagem da minha estadia aqui cumprindo uma promessa que lhe fiz muitos meses atrás, em Lyme.

— Por favor, me diga, que promessa foi essa? — perguntei.

— Levar você e meus amigos para um piquenique.

# Notas

<sup>1</sup> A criada da família.

<sup>2</sup> Era costume à época, quando irmãs estavam juntas, destacar a filha mais velha de uma família chamando-a de senhorita, seguido por seu sobrenome. As irmãs mais novas eram chamadas de senhorita, seguido por seu nome de batismo ou ambos os nomes.

<sup>3</sup> Uma lanterna cujos painéis laterais opacos eram feitos de chifre de animal em vez de vidro.

<sup>4</sup> Era costume à época formar pares e organizar os convidados de um jantar em ordem de precedência para a entrada formal na sala de jantar, um processo muito complicado que envolvia questões de status e posição social, e sem dúvida era o momento mais tenso da noite para uma anfitriã. O Sr. Ashford, sendo filho de um baronete, devia ser o homem de posto mais alto na festa, afinal, foi escolhido para escoltar a anfitriã.

## Capítulo nove

**E**u disse ao Sr. Ashford que um piquenique no início de março era uma tarefa que beirava a loucura, especialmente porque tinha chovido quase todos os dias durante a última quinzena; mas nada poderia dissuadi-lo. O clima no sul, insistiu ele, era muito mais ameno do que no norte, e estava determinado a desfrutar a paisagem rural enquanto estivesse na região. O Sr. Ashford previu que o dia seria duradouramente claro.

O Sr. Ashford me perguntou se eu poderia sugerir algum lugar na vizinhança que oferecesse um tranquilo descanso da cidade e proporcionasse a atmosfera agradável de beleza natural que é tão necessária a um piquenique. Se o local pudesse incluir vista para o mar, melhor ainda. Respondi que conhecia o lugar ideal: a Abadia de Netley.

Uma extensa e pitoresca ruína gótica, a Abadia de Netley ficava a apenas alguns quilômetros a sudeste depois de Southampton Water, na tranquilidade de um vale arborizado, não muito longe da costa. Os visitantes de Southampton, expliquei, raramente desfrutavam de uma estadia considerável sem visitar as antigas ruínas da abadia. Cassandra e eu havíamos feito várias excursões até lá, sozinhas e em companhia uma da outra, e pensei que seria um dia muito agradável se o clima estivesse bom.

Não havia uma estrada boa que conduzisse diretamente à abadia. As ruínas podiam ser alcançadas por barco ou a pé. A caminhada de quase 5 quilômetros começava pelo cruzamento em Itchen Ferry, seguida de um delicioso passeio por diversos campos e bosques, embelezados por vistas do mar.

— As chuvas recentes, porém, transformaram as pistas e os campos em lama, tornando o passeio muito sujo. Seria melhor, nesta época do ano, pegar um barco até lá. É a rota mais direta, e a maré deve estar boa, acredito, para irmos imediatamente após o meio-dia.

O Sr. Ashford expressou seu entusiasmo pela sugestão, parecendo especialmente satisfeito com a ideia de ir por mar. Um plano foi imediatamente traçado para o grupo que pegaria o barco na manhã seguinte, que incluiria Cassandra, eu e o Sr. e a Sra. Churchill. O Sr. Ashford prometeu levar um suprimento de provisões frias e qualquer outra coisa que pudesse ser necessária.

Tendo há muito me resignado de que nunca mais veria o Sr. Ashford novamente, a repentina expectativa de ter um dia com ele foi tão emocionante que passei a maior parte da noite ouvindo ansiosamente o tamborilar incessante de uma chuva forte, caindo em um sono breve apenas algumas horas antes do amanhecer. Para meu alívio, quando acordei na manhã seguinte, as nuvens estavam se dispersando no céu e o sol fazia aparições frequentes.

Cassandra, que havia admitido na noite anterior que aprovou o cavalheiro, pelo menos na aparência e nos modos em geral, não pareceu surpresa ao me encontrar de pé muito antes do café da manhã e usando meu vestido de musselina azul enfeitado com ramos e com o cabelo arrumado.

— Sempre gostei dessa cor em você — observou ela com um sorriso sagaz. — Só espero que esteja aquecida o suficiente para a travessia na água.

— Nossos mantos de lã vão nos proteger de qualquer brisa do mar, por mais fria que esteja — insisti, ansiosa para desfrutar todos os aspectos da experiência diante de nós.

Quando Maria soube do passeio proposto, insistiu que não iria por ter certeza de que o tempo estaria péssimo. Mas, quando o Sr. Ashford chegou todo animado a Castle Square, às dez horas da manhã seguinte, a cavalo, ao lado de sua carruagem — uma equipagem preta, elegante, pintada em ambos os lados com o brasão da família em ouro —, tivemos o prazer de encontrar o Sr. Churchill e Maria a bordo.

— Estou preparada para ficar molhada, cansada e assustada — declarou Maria quando nos sentamos em frente ao casal no coche para a curta viagem até o cais —, mas estou decidida a me submeter aos maiores inconvenientes e dificuldades, se isso deixá-los felizes.

A cidade de Southampton fica ao longo de uma baía muito bonita chamada Southampton Water, que é alimentada pelas águas dos rios Test e Itchen e se assemelha a um braço do mar quando se junta à maré a alguns quilômetros de distância em Portsmouth. O cais de Southampton, quando chegamos, era um alvoroço de atividade, repleto de barcaças, barcos e embarcações de todos os tamanhos e gêneros, incontáveis engradados de ostras e redes repletas de peixes. Após deixarmos a carruagem e os cavalos com o cocheiro e mensageiro do Sr. Ashford, caminhamos até as docas. Minhas narinas foram subitamente atingidas pelo agradável cheiro penetrante da maresia, repleto dos aromas de peixe, alcatrão e cânhamo, enquanto meus ouvidos zuniam com os gritos estridentes das gaivotas sobre nós, e o baque e o barulho dos marinheiros resistentes se movimentando para todos os lados enquanto carregavam e descarregavam grandes tambores, caixas e barris dos navios atracados nas proximidades. Somando-se ao clamor havia os gracejos das esposas dos marinheiros, que estavam sentadas em grupos amontoados confeccionando redes e gritando para os ociosos ali perto, as esposas e cozinheiras dos fazendeiros, que vinham comprar peixe, e os gritos dos peixeiros, disputando a atenção para vender suas mercadorias.

O Sr. Ashford havia contratado um esquife, que seria guiado por um marinheiro de aparência rude que se apresentou como Sr. Grady. Em um clima alegre, o Sr. Ashford pulou para dentro do barco, arrumou as cestas de piquenique que tinha trazido, depois se virou e estendeu a mão para nos ajudar a subir a bordo. Quando levantei minha saia com uma das mãos e peguei a mão dele com a outra, senti um enorme prazer na força do aperto e no calor de seu toque, que pude experimentar do couro macio da luva.

Sentei no banco ao lado de minha irmã, e, quando todos estavam arrumados, com o Sr. Ashford na popa, os Churchill na proa e o Sr. Grady nos remos, o marinheiro nos levou para longe da multidão e do ruído das docas, em direção ao mar escuro levemente sinuoso.

— Eu não poderia imaginar um dia mais perfeito ou um clima mais favorável para nossa excursão — aponte, inspirando profundamente o doce ar marítimo e virando o rosto para a brisa, que estava muito mais branda do que o esperado. Atrás de nós havia uma bela vista de Southampton, sob um céu azul cheio de nuvens brancas.

— Está adorável — concordou Cassandra.

— A brisa está forte demais — afirmou Maria, com um arrepio — e o ar muito frio. Certamente morrerei de frio. Receio que vocês todos estarão levando sopa quente ao meu leito enfermo neste mesmo horário amanhã.

— Se você morrer de frio, minha querida — disse claramente o Sr. Churchill à esposa —, não teremos necessidade de lhe levar sopa.

— Não seja tão desagradável, Charles — criticou Maria, contrariada. — Você sabe muito bem o que quero dizer.

— Acredito que o ar marítimo fresco sempre faça bem — observou o Sr. Ashford. — O que me diz, Sr. Grady? O ar salino não é benéfico para a saúde?

— Sim, claro — respondeu o Sr. Grady, enquanto guiava o pequeno barco pela foz do rio Itchen rumo a Southampton Water. — Um mês à beira-mar cura mais males do que qualquer quantidade de medicamentos, e isso é um fato.

— Podem dizer o que quiserem sobre o ar marítimo — replicou Maria —, mas, se eu morasse aqui por um mês, certamente estaria doente o tempo todo pelo fedor de peixe.

— Gosto muito de peixe — comentou o Sr. Churchill.

— Então este é o lugar certo para o senhor — disse o Sr. Grady —, porque esses rios estão repletos de salmão e ostras bem saudáveis. Embora, verdade seja dita, não há tantos disponíveis para venda nesta vizinhança atualmente.

— Foi o que ouvi — disse o Sr. Ashford. — Aparentemente, eles estão enviando todos os melhores peixes por terra para os mercados de Londres.

— De fato, senhor. Mas houve uma época, há não muito tempo, em que esses peixes deliciosos eram tão abundantes em Southampton que foi estabelecido nos contratos de aprendizes que seus mestres não deveriam obrigá-los a comer salmão com mais frequência do que três vezes por semana.

— Três vezes por semana! — gritou Maria, horrorizada. — Ninguém deveria ser obrigado a comer salmão três vezes na mesma semana.

— Há muitas pessoas, estou certo, que não veriam isso como uma penitência e seriam gratas pelo suprimento — disse o Sr. Churchill.

— Vejam! Toninhas! — gritou Cassandra de repente, apontando para um par de criaturas elegantes se lançando pelas ondas a cerca de 20 metros de distância.

— Isso é a sorte sorrindo para nós — disse o Sr. Grady. — De fato será um dia de sorte.

— Como assim? — perguntou o Sr. Ashford.

— As toninhas são comuns ao longo das costas da Ilha de Wight, mas só de vez em quando elas vêm até aqui no estuário em busca de suas presas. Os moradores dizem que é um bom sinal avistar uma em Southampton Water.

Aquele anúncio só serviu para aumentar o clima festivo do nosso grupo, com exceção de Maria, que não acreditava em sinais de boa

sorte e passou os cinco minutos seguintes insistindo, apesar de todos os nossos protestos em contrário, que as toninhas eram peixes.

Quando passamos do povoado de Hythe e do distrito arborizado ali perto, o Sr. Ashford perguntou:

— Qual é aquele castelo ali?

— Aquele é o Calshot Castle — respondeu o Sr. Grady. — E lá, além dos bosques de Woolston House, o solar que fica às margens do rio, é o Netley Fort. Ambos foram construídos por Henrique VIII para defender o porto. Não são nada de extraordinário para olhar, não em relação à nossa grande abadia, mesmo sendo uma ruína, e nem tão interessante também, pois não são mal-assombradas.

— Mal-assombrada? — perguntei, com grande interesse. — A abadia é mal-assombrada?

— Sim, com certeza. Pessoas tolas o suficiente para ir lá à noite relataram ter visto muitas aparições flutuando sobre a sacristia e outros lugares. Os fantasmas, dizem, estão protegendo algum tesouro pertencente à abadia que permanece escondido há muito tempo lá dentro da propriedade.

Fiquei encantada com a história, e até mesmo Maria começou a demonstrar um interesse vago quando, alguns minutos depois, atracamos na praia.

— Vocês provavelmente encontrarão o lugar desprovido de gente nesta época do ano — disse o Sr. Grady.

Sua previsão provou ser verdadeira quando, depois de deixarmos o hábil marinheiro esperando no barco, seguimos o caminho que se erguia dos bancos de gramínea e vimos a abadia deserta depois de uma caminhada de poucos minutos. Nossos companheiros, ao verem as ruínas pela primeira vez, deram um pequeno suspiro de prazer. Sua aparência era, como sempre, muito marcante.

Uma imensa ruína de belas pedras brancas cobertas de hera, cercada de reluzentes gramados verdes e árvores densamente entrelaçadas, a Abadia de Netley envolvia uma variedade de grandes construções interligadas. Apenas as altas paredes ainda estavam de

pé, sem teto e abertas para o céu, mas restaram numerosos arcos graciosos e delicadas abóbadas o suficiente para demonstrar a antiga beleza e o projeto elegante da estrutura.

Enquanto caminhávamos pelas ruínas de um cômodo espaçoso a outro, eu contava um pouco da história do lugar, do mesmo jeito que havia sido contada a mim. A abadia, eu sabia, tinha sido construída pelos monges cistercienses em 1239 por ordem do rei Henrique III e permanecera em uso até a Dissolução dos Monastérios de Henrique VIII em 1536. A abadia foi, então, doada a um homem a quem o rei devia favores, que converteu a nave e algumas das construções residenciais em uma luxuosa residência privada no estilo Tudor, o que implicou a destruição de muitas das construções da abadia no processo, porém deixou as paredes da igreja e algumas das janelas ainda de pé. As provas da encarnação da abadia como moradia podiam ser observadas nas ruínas da frente, onde diversos vestígios de construções de tijolos e restos de lareiras ainda podiam ser vistos.

— Isso não foi inspirado na casa capitular da Abadia de Westminster? — perguntou o Sr. Ashford, quando paramos diante da janela leste da igreja, que estava muito bem-preserveda e era lindamente proporcional.

— Sim, foi — respondi. — Netley, acredita-se, foi construída pelo mesmo pedreiro que construiu a Abadia de Westminster.

— É realmente magnífica — declarou o Sr. Ashford. — O lugar todo tem um aspecto muito romântico.

— Em minha opinião, é um tanto horrendo — declarou Maria. Todos nos voltamos para ela, juntos, assustados.

— Você não pode estar falando sério — disse o Sr. Churchill. — Maria, olhe à sua volta. Este lugar é como um templo romano, uma coisa linda.

— Não passa de uma ruína velha espalhada — insistiu Maria. — Só um monte de paredes de pedra sem telhado e janelas embutidas nas árvores, com hera por toda parte.

— Maria nunca teve nenhum respeito por antiguidades — comentou o Sr. Ashford, rindo.

— Isso não é verdade — disse ela. — Admiro um edifício antigo tanto quanto qualquer pessoa, quando ele está em boa forma e apto para se viver. Mas, quando o teto não existe e as paredes começam a ruir, alguém deveria derrubá-lo.

— Na verdade, alguém tentou — eu disse — e morreu tragicamente na tentativa.

— É verdade? — indagou o Sr. Ashford, intrigado. — Como foi isso?

— No século passado — expliquei —, a abadia passou para um construtor que pretendia destruí-la inteiramente e vender todos os restos demolidos. Uma noite, ele sonhou que a pedra angular do arco da janela leste caiu de sua posição, esmagando seu crânio. Os amigos o alertaram para não continuar com o plano, considerando um sacrilégio destruir a abadia, mas ele não lhes deu atenção. No esforço para derrubar uma placa, ele soltou a pedra fatal, que caiu sobre sua cabeça e produziu uma fratura. A lesão não foi considerada fatal a princípio, mas parecia que a sentença tinha sido aplicada: o destruidor do edifício sagrado estava condenado, pois ele morreu pouco depois na operação para extrair uma farpa.

Os homens riram. Maria soltou um arfar de espanto.

— Isso é verdade?

— Juro por minha honra — respondi. — Sua morte foi interpretada como um sinal para não prosseguir com a destruição da abadia, e assim o local foi deixado como está.

— Bem, então — disse Maria —, uma vez que todos parecem ser tão apreciadores do lugar, acho que sua morte deve ser vista como um ato da orientação divina.

Recuamos para o gramado espaçoso na extremidade leste da abadia, onde encontramos um local que não estava muito úmido na base de uma grande árvore. Abrindo nossos cobertores, apreciamos

o piquenique de carnes frias, pão e queijo que o Sr. Ashford havia trazido.

— Eu adoro este lugar — comentei, olhando para a abadia sem teto com sua exibição sem fim de janelas abertas. — Gosto de pensar nas pessoas que viveram aqui, como deve ter sido a vida delas.

— Fria, imagino — observou o Sr. Ashford.

Todos riram.

— Quero dizer, antes de ser uma ruína — expliquei, sorrindo.

— Quando era um mosteiro em funcionamento, você quer dizer?  
— perguntou Cassandra.

— Não — eu disse —, pois os monges devem ter levado uma vida muito rígida e circunspecta, se seguiam rigorosamente as injunções da ordem cisterciense. Estou pensando mais no período em que a grande mansão no estilo Tudor ainda estava de pé, quando algum conde ou coisa parecida morou aqui com sua senhora.

Um breve silêncio se fez, enquanto todos nós absorvíamos a atmosfera bonita e romântica da ruína. Minha mente começou a viajar. No passado, eu inventava histórias com muita frequência para minhas sobrinhas e sobrinhos jovens, mas não tinha inspiração para contar uma história, em voz alta ou por escrito, havia algum tempo. De uma só vez, no entanto, imagens e sons começaram a se formar na minha mente; minha imaginação se libertou e criou asas.

— O ano era 1637 — eu me ouvi dizer, num tom abafado dramático —, quando o mosteiro não era como vocês o veem agora.

Os olhos de meus companheiros se voltaram em conjunto para mim com interesse.

— Fountain Court tinha todo o aspecto, então, de um pequeno Castelo Tudor, com uma fachada de tijolos vermelhos, uma pequena torre e uma torre ao norte. Pertencia a um homem que viveu aqui por muitos anos desde a morte de sua jovem esposa, com apenas seus criados e cães para lhe fazer companhia. Um homem cujo nome era Phillip Worthington, o conde de Monstro.

— O conde de Monstro? — O Sr. Ashford riu.

— Nunca houve tal lugar! — disse Maria, indignada.

— Ah, claro que há — insisti.

— Ele existe com certeza absoluta — concordou Cassandra — na imaginação de Jane.

— Ah! — gritou Maria, o rosto se iluminando pela primeira vez desde que a conheci. — Entendo. É uma *história*! Adoro histórias! — Assim, ela voltou a atenção totalmente para mim.

— Por ocasião de seu aniversário de 40 anos — continuei —, lorde Monstro decidiu ficar noivo. O nome dela era... — (afinal, Cassandra nunca gostou de ter seu nome em uma história) — ... o nome dela era Maria.

Maria bateu palmas de alegria.

— Um nome excelente!

— Maria, a bela filha de um rico escudeiro, era 15 anos mais jovem do que lorde Monstro. Ela poderia ter ficado com qualquer homem solteiro da região, mas lorde Monstro a cortejou e a conquistou em apenas poucas semanas. Eles compartilhavam muitas semelhanças nos gostos, interesses e valores, e logo se apaixonaram. Nos primeiros meses do casamento, lorde Monstro demonstrou pela esposa a mesma ternura e generosidade de espírito que tinham conquistado seu coração durante o período de corte, lendo seus livros favoritos para ela em voz alta, cobrindo-a de presentes e assegurando que todos os seus pratos favoritos estivessem à sua disposição, não importava a época. Em troca, Maria era uma esposa muito dedicada, e esperava se igualar àquela perfeição que via no companheiro.

— Parece que era o casamento ideal — observou o Sr. Ashford.

— Sim, parecia — concordei. — Mas nem tudo permaneceu assim por muito tempo.

## Capítulo dez

— **O** que aconteceu? — gritou Maria, ansiosa, quando fez uma pausa na história.

— Sim, continue — incitou o Sr. Churchill.

Meus companheiros estavam todos ouvindo com muita atenção, o que era uma visão emocionante.

— Enquanto o amor de lorde Monstro pela esposa ficava mais forte a cada dia, o mesmo acontecia com seu medo de que ela um dia pudesse considerá-lo velho demais e abandoná-lo. Apesar de Maria não fazer nada para inspirar esse temor, as preocupações de lorde Monstro aumentavam até que um dia, quando ela falou com o criado em um tom gentil, lorde Monstro foi tomado por uma ira ciumenta, pulou em cima de seu cavalo e desapareceu.

— Desapareceu! — exclamou Cassandra. — Para onde ele foi?

— *Esse* era o grande mistério. Os dias se passaram e Maria não teve notícias do marido. Ela estava muito preocupada. Aonde havia ido seu lorde? Será que acontecera algo com ele? Será que ao menos ainda estava vivo? Então, uma noite, ela foi despertada de um sono profundo por um terrível som desconhecido: passos pesados violentos no topo da torre norte.

— Ah! Meu Deus! — gritou Maria.

— Maria vestiu um roupão, acendeu uma vela e caminhou até a grande porta de carvalho que levava até a torre norte. A porta

estava trancada. Ela bateu com força e gritou: “Quem está aí?” Ninguém respondeu, mas o terrível barulho acima se intensificou, tão violento agora que as paredes e o chão da casa tremiam.

— Este som estava todo na mente dela? Ou os criados também ouviram? — perguntou o Sr. Ashford.

— Todos ouviam, do laçao até o cavaleriço. Todos apareceram em frenesi e tentaram, um de cada vez, usar qualquer meio à disposição para abrir a porta, mas ela estava firmemente aparafusada por dentro. Não havia nada a ser feito, então os criados se recolheram. As batidas continuaram durante toda a semana, com pouquíssimos intervalos. No sétimo dia, o som mudou. Tornou-se mais leve, como o tinir de um martelo sobre correntes. Isso continuou por uma quinzena. Maria não conseguia dormir, não conseguia comer, não conseguia pensar de tão apavorada que estava. Quem ou o quê estava trancado na torre? Era humano ou espírito? Se seu marido realmente estivesse morto, teria seu fantasma voltado para assombrá-la? Então, um novo medo surgiu. Talvez não fosse o fantasma de seu marido. Talvez fosse o fantasma de sua primeira esposa falecida que, descontente com o novo casamento do marido, havia voltado para assombrar a nova esposa e levá-la à loucura.

Fiz uma pausa, sentindo os olhos de todo o grupo sobre mim. Foi então que avistei algo novo no olhar do Sr. Ashford, um olhar de profundo prazer e admiração dirigido a mim, de um jeito que eu nunca havia presenciado em outra pessoa antes; e uma pitada de algo mais, algo muito parecido com espanto. Assim que nossos olhares se encontraram e se fixaram, meu coração começou a pular, e de repente meus pensamentos foram dispersados aos ventos.

— O que aconteceu depois? — inquiriu o Sr. Churchill ansiosamente.

— Sim, o que Maria fez? — perguntou Cassandra.

Desviei meu olhar do Sr. Ashford e limpei a garganta, lutando para me recompor.

— Finalmente, quando não conseguia mais aguentar, com medo de enlouquecer, ela... ela... — Pela primeira vez enquanto eu contava uma história, as palavras me fugiam.

O Sr. Ashford, aparentemente percebendo minha angústia, exclamou:

— Ela pegou um machado?

— Sim! — gritei aliviada. — Exatamente isso. Ela pegou um machado.

— E depois? — perguntou o Sr. Churchill.

— E depois? — repeti, virando para o Sr. Ashford com um sorriso.

— E depois — respondeu o Sr. Ashford com uma voz animada —, com grande esforço e uma força nascida do desespero, Maria pegou o machado e esmagou a madeira da porta da torre.

— Depois disso — continuei —, ela estendeu a mão e jogou o ferrolho...

— ... quando abriu a porta...

— ... e correu escada acima...

— ... até o topo...

— ... onde irrompeu pela porta aberta...

— ... apenas para encontrar... — Aqui o Sr. Ashford fez uma pausa, esperando que eu terminasse.

— Lorde Monstro — eu disse.

— Você quer dizer seu fantasma? — gritou Maria horrorizada.

— Não, ele estava vivo e bem. O alívio de Maria foi grande, como vocês podem imaginar, mas ainda mais maravilhoso do que seu extraordinário reaparecimento era a visão do objeto que estava ao lado dele.

— O que era? — sussurrou Cassandra.

— No centro da sala havia uma magnífica estátua de mármore de Maria, que lorde Monstro vinha esculpindo para demonstrar seu amor a ela.

Todos engasgaram com um prazer surpreso, as senhoras suspiraram apreciando e houve uma explosão geral de aplausos.

— Bravo! — gritou o Sr. Churchill.

— Maravilhoso — disse Cassandra.

— Eu estava ansiosa o tempo todo — exclamou Maria.

— Obrigada... — Eu ri — Mas preciso compartilhar as honras com o Sr. Ashford.

— Imagine — disse ele. — A genialidade é toda sua. Eu poderia inventar uma história tanto quanto poderia navegar, sozinho, uma fragata.

— *Essa* é uma imagem assustadora — exclamou o Sr. Churchill com uma risada. — Um cavalheiro do campo, que nunca sujou as mãos na vida, ao leme de um navio da Marinha Real de Vossa Majestade.

O sorriso deixou brevemente o rosto do Sr. Ashford, a observação parecendo lhe causar dor, mas ele se recuperou rapidamente e se levantou.

— Acho que vou dar uma volta. Será que alguém gostaria de se juntar a mim?

O grupo todo protestou por estar muito cansado e empanzinado para caminhar mais do que o necessário para alcançar o barco que nos levaria para casa.

— Eu adoraria dar um último passeio pelo lugar — comentei, me levantando e ficando de pé.

— Charles, seja bonzinho e faça companhia às outras senhoras — disse o Sr. Ashford, me oferecendo o braço.

Juntos, nos afastamos pelo gramado. Olhando para trás, notei um sorriso contente no rosto de Cassandra, mas houve um olhar entre Maria e o marido que não consegui identificar. Aquilo me intrigou, e senti uma pontada de culpa.

— Talvez seja grosseiro abandonarmos os outros — eu disse, de maneira hesitante.

— Tolice — declarou o Sr. Ashford, enquanto me conduzia em direção à abadia. — Se eles querem ficar deitados a tarde toda, vamos deixá-los. Quero dar uma olhada de perto naquela janela leste novamente.

— Havia uma velha ruína não muito longe da paróquia de Steventon, onde cresci — contei, enquanto vagueávamos pelas ruínas da abadia. — Não era nada assim, apenas os restos de uma fundação de pedra com algumas paredes em ruínas, mas, quando eu era muito jovem, meus irmãos, Cassandra e eu fingíamos que era um castelo e brincávamos lá por horas. Como cavaleiros da Távola Redonda e suas damas, ou Robin Hood e seu bando alegre.

— E você era Lady Marian, eu presumo.

— Ah, não, esse era o papel de Cassandra. Ela era três anos mais velha e sempre a boa e virtuosa nas brincadeiras, assim como na vida real. Eu geralmente era escalada como a criada ou a servente manca. Embora, em diversas ocasiões, eu me lembre de ter fingido ser Little John, que me disseram que interpretei com grande distinção ao adotar uma voz potente e exibir uma aptidão genuína para o arco e flecha.

O Sr. Ashford riu.

— Arco e flecha? Vejo que você é uma mulher de muitos talentos escondidos.

— Duvido que eu consiga acertar o lado de um celeiro com uma flecha nos dias de hoje. Foi apenas uma ocupação infantil. Juntamente a teatro em casa, críquete, subir em árvores e deslizar por escadas.

— Deslizar por escadas?

— Você nunca fez isso? — Ao menear perplexo de sua cabeça, expliquei: — Era um de nossos jogos favoritos. Minha irmã e eu nos sentávamos em uma toalha de mesa resistente no topo da escada, como se fosse um tapete mágico, e nossos irmãos e os alunos do meu pai... minha mãe e meu pai tinham uma escola para garotos, então a casa estava sempre cheia de jovens barulhentos, andando para cima e para baixo pelos corredores... eles pegavam os cantos do pano e o puxavam até embaixo. Nós sempre gritávamos e ríamos e todos terminávamos amontoados.

— Parece que você teve uma infância muito alegre — comentou, com um olhar melancólico.

— Eu tive. E você? Deve ter sido ótimo crescer em uma propriedade imensa.

O Sr. Ashford hesitou antes de responder.

— Na verdade, foi solitário. Você teve sorte por crescer em um lar feliz com meninos ativos e barulhentos. Fui uma criança solitária por muitos anos. Charles era meu único companheiro e vivia a muitos quilômetros de distância. Quando olho para minha infância, parece que gastei todo meu tempo em aulas, estudando grego e latim... ou pensando em fugir.

— Fugir?

— Eu tinha um plano, sabe. Quando tivesse 14 anos, eu iria fugir e entrar para a Marinha Real.

— Tenho dois irmãos, Frank e Charles, que são comandantes da Marinha Real.

— Você deve ter muito orgulho deles! Era o meu sonho de criança: viajar num grande navio e conhecer o mundo. — Ele deu de ombros com pesar. — Mas não era para ser. O herdeiro de Pembroke Hall nunca vai para o mar.

— Certamente, Sr. Ashford, você não pode lamentar a vida que leva. Você está destinado para coisas maiores.

— Coisas maiores? Não vejo dessa maneira. Considero a Marinha uma ocupação muito nobre. — Ele fez uma pausa. — Por favor, não me entenda mal. Eu aprecio a terra da minha família. Amo muito meu pai e minha irmã. O trabalho de administrar uma propriedade é interessante e gratificante, e sou muito grato por tudo que tenho. Mas, ao mesmo tempo, é um dever, e não uma escolha. Nasci em uma vida que foi destinada a mim desde que comecei a respirar.

— E você gostaria de ter recebido mais opções na vida?

— Não é assim com todo mundo? É da natureza humana, creio eu, querer algo diferente daquilo que temos, não importa o quão afortunado somos. — Tínhamos deixado o extremo da abadia agora e chegávamos a um gramado que levava a um bosque. — Diga-me, com o que você sonhava, quando era criança?

— Uma menina não pode sonhar com muito além de casamento e filhos.

— Uma menina típica, sim. Mas você, eu acho, está longe de ser típica.

Sorri ao ouvir aquilo.

— Cheguei a ter um sonho uma vez, mas...

— Mas?

Respirei fundo, parei e balancei a cabeça.

— Não era nada, é ridículo demais.

— Nenhum sonho é ridículo.

— Esse é. Desisti dele há muito tempo. Por favor. Vamos falar de outra coisa.

— Depois de eu desnudar minha alma para você? Ter admitido que queria abrir mão da herança, fugir e entrar para a Marinha? Nada que você disser pode ser mais ridículo do que isso. — Quando eu não respondi, ele falou: — Deixe-me adivinhar: você queria ser... um homem forte em um circo?

— Isso! Você adivinhou — respondi, rindo.

— Um oficial comissionado nos Dragões Reais de Vossa Majestade?

Eu ri de novo.

— Sem que eu diga uma palavra, você conhece meus segredos mais profundos e sombrios.

— Agora é sério. Em toda a sua vida, você sonhava em se tornar... deixe-me ver... um magistrado?

— Impossível.

— Uma médica?

— Uma médica? Você está louco?

— Você poderia ser a primeira.

— Eu não tenho aptidão nem paciência para isso.

— Uma atriz de teatro?

— Nunca.

— Uma escritora famosa?

Seu palpite me pegou desprevenida. Meu sorriso congelou no rosto, e olhei para longe, caindo em um silêncio constrangedor.

— É isso? — Senti os olhos dele sobre mim, procurando meu rosto. — Uma romancista? — Para minha aflição, uma risada escapou de seus lábios. Senti minhas bochechas ficarem quentes. Eu me virei, recolhi minhas saias e corri para longe.

— Srta. Austen! Espere!

Ouvi sua voz desapontada e os passos rápidos atrás de mim enquanto me apressava pelo campo, em direção à floresta.

— Pare — gritou ele. — Por favor. Perdoe-me. Eu não quis...

Ele era rápido, mas eu também. Embora o espartilho me impedisse de alcançar o pleno potencial do meu fôlego, consegui escapar dele ao correr para a proteção das árvores; mas, depois de uma curta distância, ao atingir uma grande lagoa cercada por vegetação rasteira e encoberta por carvalhos sem folhas em florescência, tive de fazer uma pausa para recuperar o fôlego. O Sr. Ashford conseguiu me alcançar e parou na minha frente.

— Minha nossa, você sabe correr! — disse ele, lutando para respirar entre cada palavra. — Por favor, me escute. Acho que você me entendeu mal. Eu não quis desrespeitá-la.

— Ah, é? — respondi, num tom exaltado. — Sua risada sugere o contrário. É aquela *risada*, aquela *reação* que eu tenho procurado evitar durante toda a minha vida.

— Sinto muito. Mas garanto que não foi uma risada zombeteira. Foi uma risada de *reconhecimento* e de absoluto deleite. Você certamente concorda com o que o Dr. Johnson escreveu, que “ser capaz de oferecer um prazer inocente, puro e genuíno é o maior poder que um homem pode ter”.<sup>1</sup>

Eu conhecia a citação; eu costumava citá-la para mim mesma. A sinceridade e a admiração em sua voz eram inconfundíveis, e a humilhação em meu peito começou a se dissipar.

— Depois de ouvir seu talento de seus próprios lábios há não mais de meia hora, esse deveria ter sido meu primeiro palpite — afirmou ele. — Diga: sobre o que você escreve?

— Nada importante.

— E há quanto tempo você vem escrevendo nada importante?

Hesitei. Ele tinha um jeito especial — uma doçura nos olhos, a integridade do olhar, o tom profundo da voz, que provocavam ao mesmo tempo sensibilidade e um divertimento calmo — que me fazia sentir como se eu pudesse lhe contar qualquer coisa. Mas pouquíssimas pessoas sabiam que meus esforços com uma pena eram dirigidos a outra coisa além de escrever cartas.

— Prefiro não discutir o assunto.

— Por que não?

— Porque escrever não é uma ocupação considerada respeitável para as mulheres. Porque eu não gosto do ridículo, ou da censura, ou do desprezo que acompanha o fracasso.

— Que tal a admiração que acompanha o sucesso?

— Tenho a aprovação da minha família. É suficiente.

Ele se sentou em um grande tronco caído não muito longe da margem da lagoa.

— Não acredito em você. Se você escreve, deve ansiar por compartilhar os frutos de sua criação com o mundo.

Mais uma vez, senti o calor subir até meu rosto e desviei o olhar. Eu sentia como se ele pudesse ver através do meu semblante, vislumbrar os pensamentos e os sentimentos que estavam enterrados nas profundezas particulares da minha alma. Eu tinha, de fato, sempre escrito pelo puro prazer em tal empenho e pelo amor à linguagem; nunca havia procurado nem esperado a fama. Mas, como uma mulher sem renda, dependente do sustento de terceiros, eu também tinha que ser prática. *Algum* tipo de remuneração financeira pelos meus esforços seria muito bem-vinda; e ser publicada — ver meu trabalho impresso, para que outros leiam — isso seria de fato a realização de um sonho!

— Atrevo-me a adivinhar — disse ele — que você tem escrito desde que fingia ser aquela criada manca com seus irmãos na floresta... e é *essa* ocupação que lhe dá mais alegria do que qualquer outra coisa.

Eu não podia mais mentir para ele nem para mim.

— *Sim*. É isso. — Sentei ao lado dele com um suspiro. — Mas não deu em nada. Sou muito inexperiente, muito ignorante.

— Tolice. Você é a pessoa mais letrada dentre meus conhecidos, homens ou mulheres. E tem a imaginação mais vívida do que de qualquer um que já conheci. Diga-me — cutucou ele delicadamente —, o que você tem escrito? Histórias? Peças? Ensaios?

— Um pouco de cada, na juventude. E desde então...

— E desde então o quê?

— Meus diários. Um poema ocasional. Várias histórias curtas. E... três romances.

— Três romances! — Ele não poderia ter ficado mais atônito se eu lhe dissesse que tinha atravessado a nado o canal até a França, ida e volta. — Três romances! — repetiu ele. — Eu acharia um grande triunfo ter escrito *um* livro, mas *três*! Você me deixa sem palavras. Do que eles tratam?

— Dos assuntos que conheço melhor: as trivialidades e a vida doméstica das famílias em pequenos povoados no campo; romances ardentes, corações reunidos ou partidos, amor e amizade, loucuras expostas, lições aprendidas.

— Parecem encantadores. O que aconteceu com eles?

— Nada. São esforços juvenis, desejos, que precisam de alterações.

— Então as faça. O que você está esperando?

— Minha vida não tem sido minha desde que deixei Steventon, Sr. Ashford — repliquei, indignada. — Escrever não é uma ocupação facilmente escolhida e realizada de pronto.

Ele ficou calado por um instante, depois disse:

— Não sou escritor, admito. Mas, pela minha experiência, descobri que nunca há um momento ou local ideais para nada. Sempre podemos encontrar um motivo para adiar o que queremos fazer, ou tememos fazer, até amanhã, semana que vem, mês que vem, ano que vem... até que, no final, nunca realizamos nada.

As palavras dele me chocaram. Levantei-me e me afastei um pouco, me sentindo subitamente envergonhada. Será que realmente foi o *medo* que me impediu de me envolver na minha busca mais importante por tantos anos, e que estava me afastando dela até agora?

— Desculpe-me — disse ele, atravessando até onde eu estava — se falei muito aberta ou asperamente. Eu só queria compartilhar minhas observações sobre o assunto.

— Aprecio sua honestidade — respondi finalmente. — Talvez você esteja certo. Talvez eu tenha buscado desculpas para não escrever. E não quero criar mais pretextos agora, mas... mesmo se eu *fosse* reescrever meus livros e lidar com todos os defeitos que me preocupam, para onde eu os enviaria? Não conheço uma única pessoa no mundo literário. Ninguém.

— O que isso importa? No final, o talento vai vencer. Você quer ser uma romancista publicada?

— É tudo que eu sempre quis.

Seus olhos se encontraram com os meus, quando uma brisa súbita agitou os galhos das árvores acima de nós.

— Então você será uma romancista publicada, Srta. Jane Austen.

# Nota

<sup>1</sup> Dr. Samuel Johnson (1709-1784) era uma das maiores figuras da literatura inglesa: poeta, articulista, biógrafo, lexicógrafo e muitas vezes considerado o melhor crítico da literatura inglesa. Também tinha grande sagacidade e estilo de prosa e seus provérbios ainda são frequentemente citados nos impressos de hoje. Jane Austen admirava muito seu trabalho.

## Capítulo onze

Naquela noite, quando eu estava certa de que Cassandra dormia, acendi uma vela, coloquei um xale sobre os ombros e, no maior silêncio possível, puxei minha caixa de manuscritos de debaixo da cama e remexi sem fazer barulho nos preciosos papéis que estavam ali dentro, pensando em cada um com carinho.

Alguns, eu acreditava, tinham um conteúdo melhor; um ou dois não eram bons de modo algum; outros (os três volumes da minha juvenília, meticulosamente reproduzidos em cadernos, com páginas de título e tudo, para parecerem publicados) eram apenas esforços tolos de uma menina; e meus diários não tinham nenhum valor além do prazer nostálgico que me proporcionavam. No entanto, todos eles pareciam meus filhos, de uma forma ou de outra, porque eu tinha lhes dado à luz e passado uma parte significativa da vida com eles.

"*Então você será uma romancista publicada, Srta. Jane Austen*", havia dito o Sr. Ashford. Eu estava cheia de entusiasmo e medo diante de tal ideia. Durante longos anos eu abandonara minha busca mais importante, convencida de que minhas circunstâncias não eram receptivas à escrita e que o trabalho, afinal, não tinha qualquer propósito. De uma vez por todas entendi que essa atitude havia estado na raiz da minha angústia, e eu sabia, sem dúvida, que não poderia desperdiçar mais um instante.

Devo escrever de novo, não importam as consequências.

Em qual livro trabalhar? Essa era a dúvida. Afastei *The Watsons*, um romance que eu havia começado enquanto morava em Bath e para onde não tinha vontade de retornar, e *Lady Susan*, um breve romance epistolar da minha juventude, que eu tinha recopiado. Eu mal olhei para *Susan*, que ainda era propriedade da Crosby & Co.

Considerarei, por um instante, *First Impressions*, o romance que talvez me fosse mais querido. Eu sabia que ele precisava desesperadamente de uma redução. Havia um trecho relativamente estagnado ao final do segundo volume, no qual Lizzy (alguns meses após ter recebido a carta do Sr. Darcy) voltava para Kent, a fim de visitar o tio e a tia, o Sr. e a Sra. Gardiner; e eu estava particularmente incomodada com uma sequência na qual o Sr. Darcy convidava Lizzy para tomar um chá em sua propriedade em Eastham Park, em Kent.

Não, eu não estava pronta, senti, para enfrentar aquele livro grosso agora, não até que eu chegasse a uma conclusão satisfatória quanto à forma de remediar os defeitos.

Voltei meus olhos para o manuscrito na parte inferior do baú: um romance cujo título era *Razão e sensibilidade*. Esse esforço — de adaptar uma obra epistolar anterior chamada *Elinor and Marianne* — tinha se revelado muito problemático; mas eu gostava dos personagens e acreditava que o conceito do livro ainda tinha mérito. De repente, uma ideia me veio à mente, um jeito de melhorá-lo com um começo radicalmente novo.

Com o coração batendo rapidamente, peguei a primeira parte de *Razão e sensibilidade*, recoloquei a caixa sob a cama e fugi do quarto.

A primeira luz do amanhecer começava a se mostrar sob as franjas das cortinas da sala quando ouvi a porta ranger e minha irmã aparecer, com olhos sonolentos, carregando uma vela. Minha própria vela, percebi, de repente, tinha ardido até o fim, e o fogo na lareira estava quase apagado. Eu não tinha certeza de quanto tempo havia passado trabalhando sob a penumbra fria.

— Jane? Você está bem? — perguntou Cassandra suavemente. — O que está fazendo? Está de congelar aqui. — Ela colocou mais carvão à grelha, depois abriu as cortinas, inundando a sala com a luz da manhã. Percebendo subitamente a pena em minha mão, meus dedos manchados de tinta e a pilha de papel escrito sobre a escrivaninha à minha frente, ela engasgou de felicidade. — Ah! Jane! O que você está escrevendo?

Terminei rapidamente a frase que rabiscava e disse:

— Uma nova versão de um livro muito antigo.

— Qual livro?

— *Razão e sensibilidade*. Escrevi um começo totalmente novo.

— Qual era o problema do início anterior?

— Tudo. — Repousei a pena e sequei os dedos em um pedaço de pano. — As irmãs Digweed viviam em tranquilidade e conforto com ambos os pais em um povoado rural, e Elinor encontrou Edward Ferrars em um baile.

— O que há de errado nisso? Se bem me lembro, sua descrição de Edward no baile era bem divertida.

— Bem, joguei tudo aquilo fora. Era parecida demais com a abertura de *First Impressions*, e não havia direcionamento. Elinor e Marianne eram simplesmente duas irmãs com pontos de vista radicalmente opostos, mas não tinham problemas ou preocupações específicos. Suas vidas eram muito boas, então não nos preocupávamos com elas. Meu novo começo, espero, é muito melhor, pois imediatamente as lança em circunstâncias drásticas. O pai delas morre, sabe, e elas, a mãe e a irmã mais nova são forçadas a deixar a casa que tanto adoram para o irmão mais velho. Elas não têm para onde ir e possuem pouca renda.

Cassandra me fitou.

— Isso me soa muito familiar.

Senti um rubor tomar meu semblante.

— Sim. Bem. É um pouco baseado no que vivemos. Como Marianne é uma pessoa tão sensível, me pareceu correto explorar a

profundidade da dor que vivenciei quando saímos de Steventon e quando papai faleceu.

— Que boa ideia. Escrever sobre o que você mesma sentiu só pode melhorar seu trabalho, acho.

— É o que espero. — Juntei as novas páginas e as entreguei a ela. — Aqui. Leia enquanto continuo a trabalhar. Terminei o primeiro capítulo e estou fazendo um excelente progresso com o segundo.

— Você deve ter ficado acordada a noite toda! — advertiu ela.

— E não vou pregar o olho até ouvir sua opinião.

Cassandra suspirou, sorrindo o tempo todo, e sentou ao meu lado.

— Você sabe que eu nunca consegui resistir aos seus textos, Jane. Vou dar uma olhada.

Cassandra adorou o que eu escrevi. Incentivada, tirei uma soneca breve, despertando pouco antes de o Sr. Ashford aparecer, conforme prometido, naquela tarde.

Eu estava muito feliz em vê-lo e admiti isso a ele. Era um fato que eu estava ansiosa para continuar nossa amizade. Eu não podia negar que me sentia mais feliz, mais engajada e com o coração mais leve na companhia dele do que com qualquer outro homem que eu conhecia; mas, naquele momento, minha cabeça doía devido a duas noites consecutivas de pouco sono, e foi com muita dificuldade que consegui reprimir uma vontade contínua de bocejar.

Não estávamos sentados na sala há mais de cinco minutos, envolvidos em uma conversa sobre o sucesso do passeio no dia anterior, quando senti as pálpebras pesarem e minha cabeça começou a balançar e, para meu horror, comecei a me inclinar na cadeira. Eu rapidamente me endireitei, mas o Sr. Ashford deu um pulo e olhou para mim com grande preocupação.

— Você está bem, Srta. Austen?

— Perdoe-me, não estou em meu estado normal, não dormi a noite toda — eu disse, acrescentando com um sorriso: — E você, Sr. Ashford, é o principal culpado. — Ele pareceu desanimado, até que

expliquei que sua inspiração e estímulo tinham sido tão grandes que eu passara a noite inteira empenhada em escrever.

— Admito que também não dormi bem — comentou ele. — Eu estava preocupado de tê-la ofendido com o que lhe disse, mas você tranquilizou meu coração quanto a isso. Estou muito feliz em saber que está escrevendo outra vez.

Eu o atualizei com alguns detalhes sobre o livro e concordei, a seu pedido, em deixar que ele o lesse quando estivesse pronto. Então, insistindo que eu deveria descansar e satisfeito por poder me visitar novamente no dia seguinte, ele se despediu.

O Sr. Ashford convenceu os Churchill a ampliar sua visita a Southampton para uma estadia de três semanas. Durante esse tempo, Cassandra foi inflexível ao resolver que eu deveria me dedicar à escrita e passar o tempo com meu novo amigo, enquanto ela e nossa criada se encarregariam de empacotar nossos pertences, deixando apenas o básico necessário à nossa subsistência.

As semanas se seguiram em uma confusão feliz. Pela manhã, eu escrevia. Na parte da tarde, o Sr. Ashford vinha me visitar.

Nossa mudança iminente precipitou convites de vários vizinhos, que minha irmã e eu não aceitamos. Não participamos de jantares e bailes no Dolphin Inn, preferindo ficar isoladas. Nas tardes quentes, sentávamos no jardim ou fazíamos uma caminhada pelo topo da velha muralha da cidade, que delimitava nossa propriedade por um lado, e admirávamos a vista sobre o rio e a água da West Bay, conversando o tempo todo e descobrindo que tínhamos visões semelhantes acerca de vários assuntos e entrando em debates calorosos sobre os tópicos nos quais não concordávamos. Um belo dia, o Sr. Ashford, Cassandra e eu fizemos um passeio adorável até New Forest. Quando chovia, sentávamos na sala de estar perto da lareira, e eu lia em voz alta para ele e minha irmã as novas páginas escritas, expressando cada personagem da melhor forma possível para gerar um efeito cômico.

O Sr. Ashford se declarou fã imediato da minha história e do meu trabalho. Tanto ele quanto Cassandra pareciam ansiosos para me ouvir ler, mesmo quando eu só tinha terminado uma ou duas páginas novas.

— Seu livro é encantador, espirituoso e romântico — declarou o Sr. Ashford com entusiasmo uma tarde, enquanto fazíamos uma caminhada além dos muros da cidade, até uma área arborizada à beira-mar. — E, se me permite a ousadia, é um estilo absolutamente novo. Sua escrita tem uma qualidade quase lírica, algo intangível que não consigo expressar em palavras. Eu nunca li ou ouvi qualquer coisa assim antes.

— Certamente não é tão singular como você afirma — comentei modestamente. — É apenas a história de duas jovens irmãs com diferentes pontos de vista.

— É mais do que uma mera história — insistiu ele. — Embora eu só tenha ouvido uma pequena parte, me parece mais um *debate* brilhantemente concebido a respeito do nível de emoção que é correto e adequado sentir e demonstrar.

— Sim! — respondi, animada. — Essa sempre foi minha intenção com este livro. Acho que não consegui expressá-la nas tentativas anteriores. Estou muito contente que tenha conseguido agora.

— Seus personagens, sinto que os conheço como se tivesse vivido com eles por toda a minha vida. O capítulo dois está excepcional; acredito que seja um dos diálogos mais inteligentes já escritos.

— Você é muito gentil — eu disse, corando diante do elogio.

— Não estou sendo gentil. Estou dizendo a verdade. Você *deve* ser publicada, você *vai ser*. Só precisa terminar esse livro e apresentá-lo. Tenho certeza. — Ele se virou para mim com um olhar hesitante. — Embora...

— Embora...? — Sorri. — Existe algo que não está me dizendo, Sr. Ashford? Alguma imperfeição no meu trabalho, talvez, que você tenha percebido?

— Há uma *pequena* sugestão que eu gostaria de fazer, se puder.

— *Por favor.*

— O nome da família, Digweed.

— Sim?

— É um nome especialmente desagradável.

— Mas temos velhos amigos chamados Digweed.

— Por favor. Não nos faça sofrer tanto quanto eles. — Ele olhou para a floresta ali perto, espessa com a vegetação rasteira, e sua expressão se iluminou. — Que tal Wood? Digwood? Dogwood? Dashwood? Isso! Dashwood. *Esse é um nome.*

— Dashwood — repeti, com um meneio de cabeça. Era sonoro.

No dia seguinte, ao ler em voz alta as páginas recém-concluídas, notei uma mudança no Sr. Ashford. Ele parecia desanimado, diferente do normal, e pareceu perdido em pensamentos várias vezes. Quando perguntei se alguma coisa estava errada, ele pediu desculpas, disse que sua mente tinha vagueado apenas por um instante e me pediu para continuar a ler.

Pensei que talvez a melancolia do Sr. Ashford viesse da ideia de precisar regressar a Derbyshire ao final da semana e de nossa mudança planejada para Chawton. Na verdade, eu não conseguia contemplar aquela separação iminente sem uma pontada de tristeza.

Embora tivessem se passado apenas algumas semanas desde que o Sr. Ashford e eu tínhamos nos reencontrado, não poderia deixar de perceber um apego sincero e mútuo crescendo entre nós. Quando nos separávamos, exceto nas horas que eu passava escrevendo, pensava em poucas coisas além dele. Meu coração se acelerava ao som de sua carruagem do lado de fora e com seus passos se aproximando da porta. Nas horas que passávamos juntos, discutindo, debatendo e trocando ideias e sentimentos, eu experimentava uma espécie de felicidade plena que, até aquele momento, me era desconhecida.

Eu tinha desistido da ideia do casamento há muito tempo, e estava feliz com minha condição de solteira; mas não conseguia parar de pensar em casamento agora. No Sr. Ashford, eu via

generosidade e vitalidade unidas a um grande valor; seus modos correspondiam a seu coração e sua inteligência. Ele era, em todos os aspectos, um homem com quem eu acreditava poder compartilhar minha vida longa e alegremente. Eu o amava. Eu o amava! O que ele sentia por mim, no entanto, era uma questão ainda desconhecida.

Em nossos momentos juntos, o Sr. Ashford dera todas as provas de sentir prazer por me conhecer; eu tinha pouca — quase nenhuma — dúvida de que suas emoções eram semelhantes às minhas. Mas ele nunca havia mencionado sentimentos. Eu mal podia me atrever a falar do assunto; afinal, ele era um cavalheiro de grande fortuna e herdeiro de um baronete, enquanto eu era uma mulher de 33 anos, sem nada para me tornar atraente, exceto uma sagacidade que ele parecia admirar. Se de fato pensava em mim de alguma forma mais intensa do que amizade, eu não podia ter certeza.

Uma tarde, enquanto estávamos sentados a sós em um velho banco de madeira no meu quintal, sem pensar em nada além de desfrutar a companhia um do outro e a beleza do dia, o Sr. Ashford disse:

— O que mais lhe agrada em escrever, Srta. Austen?

— Criar meu próprio mundo, suponho, cheio de pessoas que devem pensar e agir e falar como eu mandar. — Sua proximidade, sentado ao meu lado, fez meu coração bater mais rapidamente do que o habitual e trazia um rubor emocionado ao meu rosto, que eu esperava que ele atribuísse ao calor do sol.

— Em outras palavras, brincar de Deus.

— Sr. Ashford, por favor. Sou filha de um clérigo.

Ele riu.

— Qual das irmãs é inspirada em você? Elinor ou Marianne?

— Nenhuma das duas, creio.

— Ah, seja sincera. Certamente todo autor e autora revela uma medida de seus próprios pensamentos e sentimentos através de seus personagens.

— Talvez eu faça isso um pouco. Penso em Elinor como um modelo de bondade, discrição e autocontrole, a forma como todas as pessoas *deveriam* pensar e agir em qualquer circunstância. Muitas vezes desde sua criação, quando me confrontei com uma decisão importante, eu me perguntei: “O que Elinor faria?”

— E Elinor responde? — perguntou ele, divertido.

— Sim. Ela é um guia infalível para um comportamento correto e prudente.

— Mas certamente você não pensa em Elinor como perfeita — disse ele. — Ela é prática, ela é admirável, ela controla lindamente suas emoções. Mas alguém pode realmente viver dessa maneira? Você não acha algo muito atraente na franqueza e no entusiasmo de Marianne pela vida?

— Sim. Embora, às vezes, Marianne exagere um pouco.

— Mas ela tem tanta vitalidade e paixão! Se eu me apaixonasse, mandaria a razão às favas! Eu... — Aqui ele travou, fez uma pausa e desviou o olhar, como se estivesse se esforçando para avaliar seus sentimentos.

Ele abriu a porta. Não vi motivos para não atravessá-la.

— Se eu me apaixonasse — respondi, com crescente emoção —, gostaria de agir como Marianne.

Ele se virou para me encarar com um assentir vigoroso, deslizando mais para perto no banco.

— Sim. Falar com espontaneidade.

— Do fundo do coração.

— Sentir o amor além da razão.

— Todo o espanto e admiração.

— Uma paixão que a tudo consome!

— Sim.

— Sim!

Nossos olhares se entrelaçaram. Vi uma afeição profunda e ardente em seus olhos. Era este o momento?, eu me perguntava, o coração pulsando tão loucamente que com certeza ele deve ter

conseguido vê-lo e ouvi-lo batendo. Ele estava prestes a dizer que me amava? Ele pretendia me beijar? Ele ia me pedir em casamento?

Mas, de repente, para meu espanto, seu rosto se anuviou, e ele recuou, ruborizando ligeiramente. Um silêncio breve e estranho se seguiu, e o Sr. Ashford pareceu distraído e agitado. Por fim, disse:

— No seu romance, você expressa esses sentimentos muito bem.

Minhas bochechas ficaram quentes com a decepção. Eu mal sabia o que dizer em resposta. Fiquei surpresa comigo mesma. Pela primeira vez em muitos anos, eu tinha desejado — não, eu havia ansiado — que um homem me beijasse.

## Capítulo doze

— **C**uidado, Jane! — advertiu-me Cassandra na manhã seguinte.  
— Você deve envolver totalmente cada prato com a gaze ou eles não vão sobreviver à viagem.

— Achei que tivesse feito isso — falei, reembalando rapidamente o prato em questão.

— A que se deve esse ar distraído? — perguntou minha irmã. — Não ao seu livro, suponho.

Coloquei o prato embalado na caixa e enterrei meu rosto nas mãos, lutando para conter a abundância de emoções que corriam em mim.

— Ah, Cassandra! — gritei enfim, abrindo os braços. — Como posso lhe dizer o que sinto? Quero abraçar o mundo inteiro! Eu acho... acho que estou apaixonada!

Agarrei Cassandra pelas mãos e a fiz girar em círculos pela sala de jantar, gargalhando, até que caímos em uma cadeira e a jogamos no chão, o que provocou mais arroubos de riso.

— Nunca conheci um homem parecido com o Sr. Ashford! — admiti, enquanto endireitava a cadeira caída e recuperava o fôlego. — Aos meus olhos, ele é perfeito. Desde o primeiro instante em que nos conhecemos, senti uma conexão entre nós, mal consigo descrever.

— Estou tão feliz por você — exclamou Cassandra. — Ele é, de fato, um homem *muito* atraente. — As palavras não tinham acabado de sair de seus lábios quando ela soltou outra risada. — Por favor, não me deixe em suspense por mais um instante. Conte tudo, e rapidamente. Vocês estão comprometidos?

— Comprometidos? Não seja boba. As coisas não progrediram com esse grau de rapidez. Estamos juntos há menos de três semanas.

— Sim, mas, quando o sentimento e a inclinação estão em harmonia, as pessoas chegam a um entendimento em menos tempo do que isso. Ele disse que a ama?

— Ele não disse as palavras. Acredito que ele estava a ponto de dizê-las ontem, quando estávamos no jardim, mas perdeu a coragem. — Meu sorriso sumiu quando uma súbita voz crítica de alerta falou dentro de mim. Afundei na cadeira. — A verdade é que, por mais que *eu* me sinta dessa forma por ele, não tenho nenhuma certeza do que ele sente por *mim*.

— Ah, mas o Sr. Ashford a ama, disso estou certa.

— Não tenho tanta certeza. Nos últimos dias, especialmente, houve momentos em que ele parecia distraído, e às vezes até melancólico.

— Também notei isso. Talvez ele esteja preocupado com questões de negócios ou tenha recebido uma carta perturbadora do pai ou da irmã.

— Foi isso que pensei, mas ele parece não querer falar sobre o assunto, então não fiz mais perguntas. A família dele, você sabe, pode não aprovar nossa união — acrescentei, com as sobrancelhas franzidas.

— Existe essa possibilidade. Mas ele é um homem de 34 anos que certamente pode tomar suas próprias decisões. Ele esteve aqui quase todos os dias, Jane, por mais de uma quinzena. Isso por si só fala muito do que ele sente por você. Seus modos, sua atenção e seu respeito, o deleite sobre cada coisa que você pensa, diz e faz, tudo indica interesse e afeto; e, se isso não bastasse, tenho

testemunhado coisas que você não notou. Vi o olhar dele quando a escuta lendo em voz alta. É um olhar brilhante, com tamanha admiração e estima que tive certeza, há alguns dias, que ele está tão apaixonado por você quanto você por ele.

Uma explosão de alegria e esperança percorreu meu corpo ao ouvir aquilo.

— Rezo para que você esteja certa. Mas estou ficando muito ansiosa. Não podemos nos corresponder a menos que estejamos comprometidos.

— Oremos, então, para que ele se declare antes de deixar Southampton.

Suspirei.

— Isso não nos deixa muito tempo. Ele viaja amanhã.

Às onze horas da manhã seguinte, quando o Sr. Ashford chegou, parecia distraído. Ele expressou seu pesar por ter apenas uma hora antes de partir e sugeriu um passeio. Eu rapidamente vesti minha peliça.<sup>1</sup>

Quando passamos pelo castelo na pequena praça — um edifício fantástico construído pelo marquês de Landsdowne, com estilo e forma grandiosos demais para o espaço diminuto no qual se situava —, fomos brindados com a visão do faetonte da marquesa<sup>2</sup> saindo para um passeio. A equipagem era puxada por oito cavalos pequenos, cada par diminuindo de tamanho e com pelagem formando um dégradé, de todos os tons de marrom, do escuro ao claro, conforme se afastavam da carruagem.

— Meu sobrinho Edward adora ver esses cavalos quando vem me visitar — eu disse, enquanto víamos os jovens postilhões conduzirem o faetonte para longe. — Ele diz que parece algo tirado de um conto de fadas.

— De fato. Seria bom que todos pudéssemos conduzir pôneis perfeitos e viver em um conto de fadas. — Enquanto caminhávamos, ele acrescentou, com um breve olhar para mim: — Sinto muito por deixar este lugar. Vou sentir saudade de nossas leituras diárias.

— Eu também.

— Toda manhã vou acordar e pensar: o que aconteceu com as irmãs Dashwood? Que novos tormentos a Srta. Austen vai apresentar a elas hoje? — Seu sorriso parecia forçado, e a voz e os olhos continham um tom um pouco triste e suave, o que me deixou em grande alarme.

— Logo vamos nos mudar também — afirmei, na esperança de levá-lo a uma discussão sobre uma possível correspondência.

— Mas não direto para Chawton?

— Não, a casa só ficará pronta em julho. Planejamos primeiro nos unir a minha mãe em Steventon por algumas semanas, e de lá para a propriedade de meu irmão Edward em Godmersham.

Ele assentiu. Caminhamos por alguns minutos em silêncio, enquanto minha ansiedade aumentava. Ele parecia igualmente agitado, como se revirasse uma questão de grande importância em sua mente. Por fim, ele disse:

— Srta. Austen. Há algo que preciso lhe dizer.

Minha imaginação saltou para a frente, prevendo as palavras seguintes.

— Sim? — perguntei, esperando não parecer muito ansiosa.

— Estas últimas semanas foram... Só nos conhecemos há pouco tempo e ainda assim...

— É verdade que nossa amizade não é de longa data.

— Há algo que eu deveria ter... Você sabe que a propriedade da minha família fica em Derbyshire?

— Você mencionou. — Meu coração disparou. Eu sabia pouco sobre a propriedade dele, só que era grande e aparentemente muito bonita.

— E você conhece os Churchill. Meu amigo, Charles Churchill.

— Charles Churchill?

— Sim. Minha família tem relações há muito tempo com... aquela família. Eles residem a cerca de 10 quilômetros a oeste.

— A oeste? — repeti, incerta.

— Nossos pais são melhores amigos há anos.

— Seus pais? — Por que eu estava repetindo de maneira estúpida cada coisa que ele dizia, como um papagaio? Por que ele estava falando sobre os pais, em vez de pedir minha mão em casamento?

— Exatamente — disse ele. — E, sabe... o que eu quero dizer é que...

Naquele instante, uma carruagem virou na rua estreita, com quatro cavalos trotando perfeitamente em nossa direção. Reconheci imediatamente a equipagem preta brilhante com o brasão da família; era do Sr. Ashford. Paramos surpresos quando o cocheiro emparelhou ao nosso lado. O Sr. Churchill, sentado ali dentro, gritou pela janela aberta:

— Ashford! Finalmente o encontrei. Procuramos você por toda a cidade.

— Por quê? — O Sr. Ashford olhou para o relógio de bolso. — Ainda não são onze e meia. Prometi encontrá-lo ao meio-dia.

— O quê? Não! Combinamos às *nove*.

Maria Churchill enfiou a cabeça para fora.

— Estamos prontos desde cedo. Não conseguíamos imaginar o que havia acontecido com você! — Acenando na minha direção, ela acrescentou: — Adeus, Srta. Austen.

— Adeus — repeti em voz baixa, com crescente apreensão. Seria aquele o *nosso* adeus? Aquela conversa enigmática, que mal havia começado? Eu nunca mais veria o Sr. Ashford novamente?

— Perdoe-me — disse o Sr. Ashford, um pouco confuso, um comentário que pareceu ser dirigido aos Churchill e a mim.

— Não importa — respondeu o Sr. Churchill, com um aceno de despedida em minha direção, enquanto o postilhão abria a porta do coche e abaixava os degraus —, mas venha, Ashford. Toda a sua bagagem está a bordo com a nossa, e estamos muito ansiosos para viajar.

— Quero muito ir para casa! — gritou Maria. — Temos uma longa jornada pela frente. Não nos deixe esperando mais um instante!

O Sr. Ashford se virou para mim com um olhar de intensa frustração.

— Perdoe-me — disse ele outra vez, com uma reverência formal.  
— Vou escrever para você. — Com relutância, ele subiu a bordo, a porta se fechou, e eu vi, num silêncio consternado e sem palavras, a carruagem partir ruidosamente pela rua.

# Notas

<sup>1</sup> Casaco usado pelas mulheres sobre os vestidos finos da época, geralmente com três quartos de comprimento e abotoado na frente.

<sup>2</sup> Faetonte era uma leve carruagem aberta de quatro rodas; com quatro cavalos, era o carro esporte da época. Oito cavalos era incomum, e uma afetação dos muito ricos.

## Capítulo treze

— **É** cruel me deixar nesse suspense — disse Cassandra, de forma chorosa, enquanto dobrávamos lençóis para colocar em uma caixa de mudança. — Se você não me der novas páginas de seu livro para ler, pelo menos satisfaça minha curiosidade, afinal, se passaram muitos anos desde que li essa história, e esta versão é muito diferente. Por que Edward não declarou seu amor por Elinor antes de deixar Norland? Por que ele foi tão reticente ao falar?

— Não posso dizer.

— Não pode? Ou não quer?

— Não posso dizer — expliquei — porque não sei.

Nos quatro dias seguintes à partida do Sr. Ashford de Southampton, fui incapaz de escrever uma palavra. Cheguei a tentar. Li minha antiga cópia de *Razão e sensibilidade*, buscando trechos que eu pudesse alterar ou excluir, mas nada me agradava, e várias páginas foram jogadas na lareira. Eu me debrucei sobre os novos capítulos escritos recentemente, que eu *acreditava* serem melhores do que meus esforços anteriores, mas os personagens e o enredo da história tinham, de repente, se tornado um enigma para mim. Senti que não conhecia nem entendia Edward, especificamente; e Willoughby, que tinha sido projetado para ser um patife encantador, se tornou tão atraente para mim nos últimos tempos que eu não podia suportar deixá-lo partir o coração da pobre Marianne.

— Mas você *precisa* saber — queixou-se Cassandra. — É sua história. São seus personagens. Você os inventou.

— É verdade. Eu tinha a *intenção* de que a reticência de Edward viesse do fato de sua mãe deserdá-lo caso ele se casasse com alguém que ela não aprovasse. Mas, quanto mais escrevo sobre Elinor e Edward, mais eu acho que isso não é suficiente. Um homem com o caráter e os princípios de Edward não se preocuparia com dinheiro e nunca permitiria que sua mãe ditasse a escolha de sua esposa. Para separar duas pessoas que se amam *de verdade*, acredito que o motivo deve ser muito mais profundo. Mas o que é... o que deveria ser... — Para meu espanto, minha voz falhou, e eu senti lágrimas inesperadas brotarem em meus olhos.

Cassandra se virou para mim com um olhar que transmitia sua compreensão da dor que estava por trás de minhas palavras. Ela me envolveu com ternura em seus braços e disse:

— Jane. O Sr. Ashford teria se declarado no dia em que partiu, se pudesse, tenho certeza. Ele só foi impedido pela chegada inoportuna dos Churchill.

— Eu gostaria de acreditar nisso.

Ela recuou, tomou minhas mãos nas dela e me fitou calmamente.

— Ele parecia agitado, não parecia? E distraído, você disse?

— Sim.

— Esse foi *exatamente* o comportamento de Tom quando me pediu em casamento. O Sr. Ashford pretendia fazerlhe um pedido, tenho certeza.

— Acho que não. Quando me lembro da nossa conversa, não consigo deixar de pensar que ele não parecia apaixonado nas palavras ou no tom.

— Os homens sempre ficam nervosos nessas ocasiões e acabam privados do poder do discurso. Você não achou isso quando Harris a pediu em casamento?

Eu assenti.

— Mas aquele era um comportamento típico de Harris. Ele quase permanentemente ficava sem fala.

— Não é um comportamento típico do Sr. Ashford, é?

— Não.

— Entendeu? As circunstâncias apenas adiaram os eventos. Você deve ser paciente. Ele vai escrever para você. Ele irá nos visitar em Chawton, e tudo acontecerá no momento certo. — Ela suspirou. — E vocês vão ficar noivos e se casar, e viver em uma grande propriedade em Derbyshire, e eu... eu vou perder minha Jane, minha querida irmã e companheira, e vou passar o restante dos meus dias vivendo com mamãe e Martha, e verei você uma ou duas vezes por ano, se tiver muita sorte.

Cassandra parecia tão desamparada, mas falou aquilo com tanto brilho nos olhos que eu não pude deixar de rir.

— Não pense tão à frente, minha querida — eu disse, com o bom humor retornando. — Serão três longos meses antes de nos estabelecermos em Chawton, e temos apenas dez dias para desfrutar nossos amigos daqui. Por isso, vamos aproveitar ao máximo isso tudo.

Naquela mesma tarde, aceitamos o convite de nossos vizinhos, Sr. e Sra. Smith, para um pequeno sarau a ser realizado na noite posterior, uma festa que se provou desinteressante, marcada apenas pelas circunstâncias chocantes que se seguiram.

Como a maioria de nossas roupas já estava embalada, Cassandra e eu fomos obrigadas a usar nossos segundos melhores vestidos, um bonito traje de musselina cor-de-rosa no caso da minha irmã e o azul de bolinhas no meu caso — o mesmo vestido que eu tinha usado no passeio à Abadia de Netley, refleti com um toque de tristeza enquanto me arrumava.

Chegamos, fomos agradavelmente recebidas e conduzidas até a sala de estar dos Smith, onde todos os móveis tinham sido retirados e substituídos por filas de cadeiras. Na hora marcada, quando todos os convidados estavam sentados, uma mulher elegantemente vestida foi até a frente e, acompanhada de um piano de cauda, uma harpa e um violoncelo, cantou muito bem durante quase uma hora.

Como em tantas outras festas semelhantes, os convidados abrangiam uma grande quantidade de pessoas que gostavam de apresentações, e muitos que não gostavam de modo algum. Eu me considerava apenas musical o suficiente para sentir um prazer verdadeiro nesse protocolo, embora tal satisfação fosse um pouco reduzida pela atitude dos músicos, que pareciam se achar, de acordo com sua própria avaliação, os melhores músicos particulares de toda a Inglaterra.

— Que canção de amor emocionante — sussurrou Cassandra, ao final do primeiro recital.

— Teria sido mais emocionante — respondi em voz baixa — se a cantora não estivesse claramente cantando para si mesma.

Em uma das minhas olhadelas pelo cômodo, percebi um rosto familiar várias fileiras à frente: Sra. Jenkins. Mostrei-a para Cassandra, e nesse momento a senhora se virou e me viu, deu um sorriso efusivo e começou um discurso urgente e silencioso com a jovem atraente e bem-vestida sentada ao lado dela.

— Quem é a menina com quem ela está conversando? — sussurrou Cassandra.

— Não faço ideia.

O mistério foi resolvido quando, ao final do concerto, a Sra. Jenkins marchou através da multidão com a jovem em questão enlaçada em seu braço e, vendo-nos, gritou:

— Oiiiiii, meninas! Que sorte a minha! Eu não sabia que vocês ainda estavam na cidade, achei que já tinham deixado o campo há muito tempo, e queria muito que vocês conhecessem minha querida sobrinha. Srta. Austen, Srta. Jane, apresento-lhes a Srta. Isabella Churchill.

— Como vão? — indagou Isabella. Uma mulher jovem e esbelta de talvez 17 anos, com altura mediana, cachos escuros elegantemente arrumados, uma tez de porcelana delicada e olhos castanhos que nos avaliavam com um toque de presunção. À primeira vista, ela parecia ser a epítome de uma mulher jovem e despreocupada, inexperiente sobre as tensões da vida, acostumada

a todos os confortos e privilégios que a juventude, a riqueza e a beleza podiam oferecer.

Trocamos cortesias, mas fomos impedidas de conversar mais quando a Sra. Jenkins continuou:

— Isabella ficou tão desapontada porque sua doença recente a fez perder a visita de seu irmão e sua esposa à cidade que insistiu que ela viesse sozinha logo que a saúde melhorasse. E vejam só, assim que nos despedimos de Charles e Maria, recebi uma carta de Isabella dizendo que estava bem novamente e pronta para tomar o lugar deles. E aqui está ela! O que vocês acham? Não é a garota mais linda que já viram?

Cassandra e eu prontamente concordamos que era. Olhei para Isabella, esperando que ela ruborizasse ou protestasse, mas não vi nada disso. Ela apenas deu uma risadinha e um sorriso recatado, como se estivesse acostumada a tal elogio.

— Já se passaram quatro anos desde que minha queridíssima irmã, a pobre mãe de Isabella e Charles, morreu, deixando-nos todos inconsoláveis, especialmente Isabella — disse a Sra. Jenkins.

Diante daquela afirmação, o sorriso deixou o rosto de Isabella, e ela se esforçou para parecer inconsolável.

— É muito difícil perder a própria mãe em uma idade tão tenra — continuou a Sra. Jenkins —, e, como não tenho filhos, fiquei muito feliz em proporcionar consolo sempre que eu podia. Enfim, acredito que Isabella e eu somos tão próximas hoje como qualquer mãe e filha poderiam ser. Não concorda, Isabella?

— Concordo, sim, tia Jenkins — disse Isabella, com um sorriso educado.

— Meninas, vocês simplesmente precisam se juntar a nós para o chá de amanhã — exclamou a Sra. Jenkins — para que possam se conhecer melhor. Pode ser a última vez que as verei por muito, muito tempo! Não vou aceitar um não como resposta.

Sentindo que tínhamos pouca escolha, aceitamos gentilmente o convite.

Na tarde seguinte, conforme prometido, estávamos sentadas na sala de estar da Sra. Jenkins em torno de seu serviço de chá, aguardando uma pausa na conversa entusiasmada da senhora para proferirmos uma palavra.

— Você gostou do recital ontem à noite, Srta. Isabella? — perguntei quando a Sra. Jenkins fez uma breve pausa para dar um gole no chá.

— Ah, sim! Muito — respondeu Isabella.

— Isabella adora música — disse a Sra. Jenkins. — Ela acabou de retomar o piano. Espero que se torne versada em pouco tempo.

— Sempre achei o piano muito agradável — comentei.

— Poderia ser mais agradável — disse Isabella em um tom petulante — se não exigisse tantas *horas* e *horas* de prática.

— Mas a prática em si é grande parte do prazer, não? — foi minha resposta.

Isabella olhou para mim sem entender.

— É?

— Isabella também adora arte — declarou a Sra. Jenkins. — Ela teve um professor particular durante anos, é claro, e estudou desenho e pintura. Ela tem *dezenas* de rascunhos inacabados tão promissores que lhes deixariam sem fôlego.

— Eu adoraria vê-los — comentou Cassandra educadamente.

— Você deveria ter trazido um ou dois com você, minha querida — disse a Sra. Jenkins. — Você poderia ter trabalhado neles aqui.

— Ah! Não! Eu desisti da arte, tia Jenkins. Não era para mim. Estou muito ocupada esses dias visitando amigos para me incomodar com um lápis ou uma aquarela. E não vamos a Londres novamente, em breve? A temporada começa no próximo mês.

— É verdade! — exclamou a Sra. Jenkins. — Tenho uma casa lá, sabe, em Berkeley Square. Isabella ficou comigo muitas vezes, e sempre nos divertimos muito. Você se lembra daquela peça maravilhosa que vimos no ano passado, Isabella?

— Qual delas, tia? Vimos tantas.

— Eu estava pensando em *Vida e morte do rei João*.

— Ah, sim! Com Sarah Siddons no papel de Constance, a mãe enlutada! Ela não estava de *morrer*?

— De morrer? — repetiu a Sra. Jenkins. — A mãe *enlutada*! — E as duas caíram na gargalhada. — Isabella! Eu lhes asseguro! Ela não é a menina mais inteligente do mundo?

Cassandra concordou que era. Assenti e sorri, me esforçando para parecer sincera.

— Acho que Londres é o lugar mais animado do mundo — exclamou Isabella, os olhos brilhando. — Eu moraria lá, se pudesse.

— O ano passado foi especialmente memorável, claro — acrescentou a Sra. Jenkins, enxugando as lágrimas de felicidade —, porque foi depois de Isabella debutar.

— Você debutou em Londres, Srta. Churchill? — perguntei. — Deve ter sido maravilhoso.

— Bem, não. Eu queria, *desesperadamente*, é claro — disse Isabella — ser apresentada com as outras debutantes ao soberano em St. James... oh! Teria sido o momento mais emocionante da minha vida! Mas papai não quis nem pensar nisso. Ele disse que não havia motivo para desperdiçar dinheiro em uma temporada em Londres, pois eu já estava noiva.

— Ainda assim, você teve um baile muito agradável em casa para marcar a ocasião — disse a Sra. Jenkins querendo consolá-la. — Espero que você não desista de nossas viagens a Londres depois de se casar, Isabella.

— Ah! Eu nem pensaria nisso, tia.

— Você vai se casar, Srta. Churchill? — perguntei.

— Sim, claro — respondeu Isabella, num tom que implicava que o mundo inteiro deveria saber muito bem disso.

— Esperamos que a data seja definida este ano — acrescentou a Sra. Jenkins.

— Sei que tenho muita sorte — disse Isabella, em um tom trivial. — Ele é um homem muito honrado.

— Se você conhecesse mil homens — declarou a Sra. Jenkins —, não encontraria um homem mais decente ou mais honrado que o Sr.

Ashford.

Cassandra e eu congelamos de surpresa no mesmo instante.

— Sr. Ashford? — repetiu Cassandra.

— Sim — assentiu Isabella, com um suspiro pesado. — Meus amigos *sempre* dizem que ele é *muito* velho, e é verdade, pois ele tem o *dobro* da minha idade e é velho o suficiente para ser meu pai. Mas eu lembro a mim mesma que ele sempre me tratou com o maior respeito e carinho.

— Alguns dos casamentos mais bem-sucedidos do mundo foram fundados sobre uma diferença de idade muito maior do que a de vocês, minha querida — argumentou a Sra. Jenkins.

— Ele *ainda* tem boa aparência — admitiu Isabella — para um homem *mais velho*. Só espero que ele não fique doente *tão cedo*.

Minha irmã e eu permanecemos sentadas, em descrença atordoada. Meu coração palpitava. Vi que a cor havia sumido do rosto de Cassandra e sabia que eu também devia estar pálida como um fantasma. Finalmente consegui dizer, com uma voz hesitante:

— Certamente você não está falando do Sr. Frederick Ashford, de Pembroke Hall, em Derbyshire?

— Claro que sim, Srta. Jane — respondeu Isabella. — Você o conhece?

— Eu... nós... nós conhecemos um pouco esse cavalheiro — declarei. — Tivemos o prazer de reencontrá-lo na casa de sua tia, no mês passado.

— Sim, é verdade! — gritou a Sra. Jenkins. — Meu Deus, eu tinha me esquecido completamente! Então vocês sabem como o Sr. Ashford é um bom homem e por que a família dela está tão *feliz* com o casamento, pois ele é tão inteligente, tão modesto e despretenhoso, sem qualquer traço de arrogância, qualidades que não são encontradas com frequência em um homem com título, com uma fortuna tão grande. Pense nisso! Quando o título e a propriedade passarem de pai para filho, nossa Isabella será Lady Ashford, senhora da maior propriedade de toda Derbyshire. Uma propriedade maravilhosa, uma casa excelente e jardins tão belos, e a

floresta! Em todas as minhas viagens, nunca vi um bosque como aquele!

— Ninguém realmente se importa com *bosques*, não é? — disse Isabella. — E há jardins demais para o meu gosto, embora o Sr. Ashford pareça gostar  *muito* deles. Srta. Jane, está se sentindo mal?

— Estou bem, obrigada — respondi, embora de repente tivesse ficado difícil respirar.

Cassandra, recuperando sua fala, disse:

— Minha irmã não quer mencionar, mas, na verdade, não estive bem nos últimos tempos, e vejo que ela precisa de um pouco de ar. Se nos derem licença, Sra. Jenkins, Srta. Churchill, devemos partir. Muito obrigada pelo chá.

## Capítulo quatorze

— **S**r. Ashford está *noivo*? — gritei com muita emoção, quando estávamos em segurança na rua e a caminho de casa. — De *Isabella Churchill*? Não pode ser verdade!

— Deve ser verdade — disse Cassandra gravemente. — A Sra. Jenkins confirmou todas as palavras.

— *Como* ele pôde fazer isso? Eu não entendo! Há cerca de seis dias, ele estava aqui, *me* visitando, alimentando as *minhas* esperanças de que... — Eu estava tão atordoada que não consegui continuar.

— Ah, Jane, Jane. Sinto muitíssimo.

Desatei a chorar. Por alguns instantes, eu estava consumida demais pelo choque e pela tristeza para falar.

— *Por que* ele não me contou? — clamei, enfim, enquanto retirava o lenço da retícula e tentava interromper o fluxo de lágrimas. — Aparentemente, o noivado não era um segredo. Isabella pareceu pensar que todo o mundo sabia.

— Talvez seja isso que ele estava tentando, com tanta dificuldade, explicar, na manhã de sua partida de Southampton.

— Se assim for, essa confissão veio com muitos meses de atraso. Ele deveria ter me contado a verdade sobre suas circunstâncias no dia em que nos conhecemos, em Lyme.

— Não podemos ter certeza, Jane, de que ele já estava noivo quando a conheceu em Lyme. Isabella disse que ficou noiva no ano passado, quando debutou. O pedido de casamento pode ter sido um pouco antes. Você foi a Lyme há quase dois anos.

— Isso é verdade — concordei, me acalmando um pouco. Talvez o Sr. Ashford *estivesse* livre quando nos conhecemos. Mas a raiva e a humilhação logo retornaram com força total. — Ainda assim, isso não é desculpa para o comportamento dele nas últimas semanas!

— Não. Nesse aspecto, ele a tratou muito mal.

A dor apertava meu peito enquanto eu me esforçava para segurar novas lágrimas.

— Parece impossível de acreditar! Por que um homem como o Sr. Ashford escolheria uma menina como Isabella? Eles são tão diferentes. Será que ele a ama de verdade?

— Não vejo como. E parece claro que ela não o ama.

— Ela o chamou de velho. Velho! O Sr. Ashford, um homem de 34 anos, e um dos homens mais bonitos, elegantes e viris que já conheci!

— Achei aquilo muito ofensivo — admitiu Cassandra —, especialmente porque ele é dois anos *mais novo* que eu.

— Talvez ele tenha chegado a uma idade na qual sente que deve se casar para produzir um herdeiro.

— Isso é provável.

— Mas por que, nesse caso, escolher Isabella?

— Ela é irmã de seu melhor amigo. A família é bem conhecida dele. Talvez tenha se apaixonado por sua juventude e beleza.

— Isso deve explicar o estranho olhar que vi entre Charles e Maria em diversas ocasiões — choraminguei. — Eles sabiam do noivado e perceberam suas atenções para mim. Por que não falaram nada?

— O Sr. Ashford é o filho de um baronete e é noivo da irmã dele. Eles não se atreveriam a dizer qualquer coisa que pudesse ofendê-lo.

— Ah! Isso é terrível demais! E pensar que eu me apaixonei por ele! Saber, dessa maneira, que ele não é o homem que eu achava que era!

— Acho que não fomos completamente enganadas por ele — disse Cassandra suavemente. — O Sr. Ashford me pareceu um homem honrado. Você mesma disse que não podia ter certeza dos sentimentos dele por você. Fui eu que insisti que ele estava apaixonado. Talvez ele *tenha* nos visitado somente pela amizade. Ainda acredito que a consideração dele por você era sincera.

— Sincera? Como pode chamá-lo de sincero ou honrado? — gritei. — Que homem honrado visitaria uma mulher dia após dia, demonstrando um profundo interesse por ela e cultivando uma atmosfera na qual ela viesse a sentir afeição por ele, quando já estava prometido a outra? Não, eu não chamaria o Sr. Ashford de sincero. Ele claramente é adepto de apresentar uma imagem para o mundo, enquanto oculta sua verdadeira natureza. Ele nada mais é do que um patife e um vilão. Eu era apenas um flerte, uma diversão para ocupar seu tempo enquanto ele estava na cidade.

— Não consigo imaginar que seja assim — disse Cassandra. — Ainda assim, acho muito difícil de entender. Não parece do caráter do Sr. Ashford se comportar dessa maneira.

— Ah, como eu gostaria de odiá-lo! Mas...

— Não o odeia?

— Estar preso por toda a vida a uma menina petulante... tão jovem e sem cultura, e que não tem sentimentos por ele... é uma farsa! Existe a possibilidade de eles serem felizes juntos? Acho que não. Não, eu não consigo odiá-lo. Sinto pena dele.

— Sinto pena dos dois — completou Cassandra —, e meu coração sangra por *você*, Jane.

— Como pude deixar isso acontecer? *Como* pude me permitir sentir tanto e ser tão enganada?

— Não se culpe. *Você* não fez nada de errado. Cada palavra e ação dele *pareciam* demonstrar suas intenções com você.

— Se alguém descobrir, vou morrer de vergonha.

Cassandra pegou minha mão e apertou-a com firmeza.  
— Nunca mais falaremos o nome dele.

A angústia, descobri, é um ótimo incentivo para a arte.

Considerando que minha confusão e tristeza anteriores tinham inibido a criatividade, agora minha capacidade de escrever voltava como uma vingança. Eu nunca havia sentido um desejo tão ardente, ou melhor, uma *urgência* para colocar a pena no papel. Durante dias, escrevi em uma fúria cega, parando apenas quando a necessidade de comer ou beber ou dormir me tomava.

Já não sentia a vontade de amolecer o personagem de Willoughby. O mundo, eu havia sido lembrada, não era justo no que dizia respeito ao amor, e nunca seria. Não importava que Marianne amasse profundamente Willoughby, não importava que seu coração fosse partido. Eu poderia pintá-lo como um grosso e um crápula, desprovido de consciência, regido por interesses egoístas, e seria justificado. Quando ele se casasse com outra mulher, Marianne poderia sofrer toda a dor da rejeição e humilhação que eu estava sentindo agora.

Em relação ao destino de Edward e Elinor, experimentei um despertar semelhante. Eu finalmente sabia qual era o terrível segredo de Edward, que o impedia de declarar seu amor por ela.

— Meu Deus! — exclamou Cassandra quando terminou de ler os capítulos mais recentes de meu livro, aos quais acrescentei dois personagens novos e bem desagradáveis, as irmãs Steele. — Esse noivado secreto de quatro anos de duração que você criou entre Edward e a Srta. Lucy Steele...

— Não acha que foi um toque brilhante e inspirado?

— Acho — concordou Cassandra —, mas é tão...

— Triste? Revoltante? Familiar? Um caso da arte imitando a vida?

— Eu ia dizer sombrio. Sua história está muito mais sombria do que antes.

— Mais sombria é algo que se encaixa no meu humor — respondi.

Poucos dias antes de nos mudarmos de Southampton, recebi uma carta. Reconheci a caligrafia imediatamente como sendo do Sr. Ashford e, de fato, a direção informava que vinha de Pembroke Hall, Derbyshire. Considerando que outrora eu poderia ter recebido aquela missiva com grande alegria, a visão dela agora produzia apenas dor e mal-estar no coração, seguidos por frieza e determinação.

— Desculpe — declarei, enquanto me virava para o carteiro e entregava a remessa de volta —, mas deve haver algum engano. Isso não era para mim. Por favor, devolva ao remetente.

— Sim, senhorita — respondeu o carteiro, ao pegar a carta ofensiva e desaparecer na rua.

— O que deu em você para enviá-la de volta? — gritou Cassandra, quando ouviu o que eu havia feito. — Talvez ele quisesse dar uma explicação para o acontecido. Você não estava interessada no que o Sr. Ashford tinha a dizer?

— De forma alguma — afirmei veementemente. — Eu já sei a verdade, e por mais que ele tente florear a explicação, não vai fazer diferença. Ele está preso a outra, isso é um fato. Ele vai se casar com ela, disso não temos dúvida. O que ele pode me oferecer agora, além de desculpas e uma promessa de amizade... o que, após a profunda ligação que senti, seria completamente impossível. Não. Se eu quiser que meu coração algum dia se cure, se quiser que minha mente algum dia volte a ser clara, devo voltar a ser quem era antes de conhecer o Sr. Ashford e bani-lo de meus pensamentos.

— Admiro sua força e determinação, querida — disse Cassandra, a expressão repleta de compaixão e bondade —, mas não *pensar* em alguém por quem você tem sentimentos tão profundos... *isso* é algo mais fácil de dizer do que de fazer.

Ela estava certa, mas que outro caminho eu tinha pela frente? Na verdade, nem cinco minutos depois, enquanto estava absorta em montar várias dezenas de novas páginas manuscritas em uma espécie de livro e costurar o vinco para prendê-las, a voz do Sr. Ashford e suas palavras bonitas da semana anterior ficaram se

repetindo na minha cabeça: *"Seu livro é encantador, espirituoso e romântico... É um estilo absolutamente novo... Eu nunca li ou ouvi qualquer coisa assim antes... Você deve ser publicada, você vai ser."*

Era tudo apenas uma bajulação indolente?, eu me perguntava. Ele parecia tão sincero nos elogios. Bem, pensei, num súbito acesso de raiva, só há uma forma de descobrir. Demoraria muito até que *Razão e sensibilidade* estivesse pronto, mas eu tinha outro livro, completo, que *deveria* ter sido publicado anos atrás.

Peguei minha pena, decidindo, naquele mesmo instante, abordar um assunto que me assolava havia algum tempo. Preservando meu anonimato ao adotar o nome de "Madame Ashton Dennis", despachei a seguinte carta à editora Crosby & Co., em Londres:

*Quarta-feira, 5 de abril de 1809*

*Senhores,*

*Na primavera do ano de 1803, um manuscrito de romance em dois volumes intitulado Susan foi vendido a vocês por um cavalheiro chamado Seymour, e o valor da compra (£10) recebido na mesma época. Seis anos se passaram desde então, e esse trabalho do qual me confesso a autora, nunca, de acordo com meu conhecimento, foi impresso, embora tenha sido estipulada a publicação logo após sua venda. Só posso considerar tal circunstância extraordinária supondo que o manuscrito tenha se perdido por algum descuido; e, se for este o caso, estou disposta a fornecer outra cópia caso estejam dispostos a aproveitá-lo e não gerar mais atrasos quando ele chegar às suas mãos. — Por motivos particulares,<sup>1</sup> não posso enviar essa cópia antes do mês de agosto, mas daí, se aceitarem minha proposta, vocês podem confiar que vão recebê-la. Por favor, me enviem uma resposta o mais rapidamente possível, pois minha estadia neste lugar não passará de alguns dias. Se não houver resposta neste*

*endereço, me sentirei livre para garantir a publicação de  
minha obra oferecendo-a a outros lugares. Sinceramente*

*Senhores &c &c*

*MAD—*

As iniciais da minha assinatura fictícia formavam uma palavra que refletia perfeitamente meus sentimentos e meu estado de loucura naquele dia.

A resposta, que chegou dos correios na manhã da nossa partida, foi a seguinte:

*Sábado, 8 de abril de 1809*

*Senhora,*

*Acusamos o recebimento de sua carta do último dia 5. É verdade que, na época mencionada, adquirimos do Sr. Seymour um romance manuscrito intitulado Susan e pagamos por ele a soma de £10, do qual temos o recibo carimbado como pagamento integral, mas não havia um prazo estipulado para sua publicação, nem estamos obrigados a publicá-lo. Caso você ou qualquer outra pessoa deseje, tomaremos as providências para interromper a venda. O manuscrito será seu pelo mesmo valor que pagamos por ele.*

*Por R. Crosby & Co,  
Atenciosamente etc.  
Richard Crosby*

Fiquei ao mesmo tempo triste e enfurecida com a correspondência. De modo algum eu conseguiria gerar a quantia necessária para recuperar meu livro. *Susan*, percebi, estava morto para mim; quanto antes terminasse *Razão e sensibilidade*, melhor.

Mas essa tarefa, eu sabia, não poderia ser realizada por um bom tempo. Todos os nossos móveis e pertences estavam agora embalados e dispostos em vários vagões, que tinham, naquela manhã, embarcado para Steventon, onde seriam armazenados até a casa em Chawton estar pronta. Com o coração pesado, eu sabia que mais uma vez deveria dizer adeus à independência, à privacidade e à escrita durante algum tempo.

# Nota

<sup>1</sup> Sua cópia do manuscrito certamente estava inacessível, pois a família estava com tudo embalado na expectativa da mudança de Southampton.

## Capítulo quinze

— Querida, querida Steventon — declarei, olhando pela janela da carruagem do meu irmão James, enquanto virávamos na rua esburacada em direção à casa paroquial, onde eu tinha passado todos os dias felizes da minha juventude. Nossa movimentação pelas conhecidas colinas e campos verdes, pontilhadas de olmos brotando minúsculas folhas novas do início da primavera, havia inspirado em mim um sentimento muito necessário de paz e tranquilidade. — Vai ser bom estar em casa novamente.

— Steventon já não é mais a *nossa* casa — me lembrou Cassandra. — Ela pertence a James, e já há algum tempo. *Ele* pode ter o prazer de nos hospedar, mas não estou tão certa de uma acolhida gentil de Mary.

A segunda esposa de James, Mary (meus irmãos pareciam ter o hábito de se casar com mulheres chamadas Mary), era irmã de nossa querida amiga Martha Lloyd e tinha se tornado a favorita da minha mãe após o casamento; mas *essa* Mary provou ser uma esposa e madrasta não muito agradável. A Sra. James Austen parecia permanentemente amargurada por causa de seu rosto marcado por cicatrizes de catapora (piorada pela varíola) e por saber que James não só já tinha sido casado antes (sua primeira esposa tinha morrido, deixando uma filha linda, Anna), como também havia tido uma paixão por Eliza de Feuillide, agora esposa de Henry.

Embora James parecesse bem contente com seu casamento, acredito que o restante da família compartilhava minha opinião de que as inseguranças ciumentas de Mary a tinham tornado irritantemente indelicada, mal-humorada e arrogante, e ela não era nem um pouco gentil com a pobre Anna. (Sem contar seu maior defeito, a meus olhos: ela desconfiava dos livros e lia muito pouco.) Ainda assim, apesar das queixas da minha mãe em suas cartas recentes, eu *esperava* uma recepção afetuosa de Mary, considerando que minha mãe estava doente e tinha a esperança de descansar e se recuperar na casa que tinha sido *dela* por quase quatro décadas.

Quando saímos do coche, no entanto, minha mãe correu pela porta da frente e nos encontrou com os braços abertos e um aviso de maus presságios.

— Como estou feliz por vocês, meninas, finalmente estarem aqui! Senti tanta saudade! — Minha mãe abraçou cada uma de nós, enxugando as lágrimas de alegria dos olhos. Depois, olhando para trás para a porta aberta, acrescentou em voz baixa: — Não espere uma saudação calorosa de Mary. Ela tem estado com um temperamento terrível o mês inteiro.

Naquele momento meu jovem sobrinho Edward irrompeu pela porta, com toda energia e entusiasmo que uma criança de 9 anos pode ter.

— Tia Jane! Tia Cassandra! — gritou ele, se atirando em nossos braços. — Esperem até ver o forte que eu construí no jardim! Ele é maravilhoso e é um lugar lindo. Você *vai* me contar histórias enquanto estiver aqui, não vai, tia Jane? Há um pássaro na árvore perto da minha janela que eu nunca vi antes. Você tem que vir, tia Jane, e me dizer que tipo de pássaro é.<sup>1</sup>

Eu ri, prometendo lhe contar histórias e dar uma olhada no pássaro assim que pudesse. Meu irmão James nos acolheu com sua solenidade habitual, expressando a preocupação de estarmos cansadas demais por causa da viagem. As outras crianças logo apareceram para nos receber. Anna, aos 15 anos, era uma jovem

linda e inteligente de quem eu gostava especialmente, e Caroline era uma gracinha tímida de 4 anos.

— Ora, e onde vamos armazenar tudo *isso*? — gritou Mary desagradavelmente, quando os vagões contendo nossas posses mundanas surgiu atrás de nós.

— Serão apenas alguns meses, querida — disse James. — Estou certo de que podemos encontrar espaço no galpão e no celeiro.

Quando minha mãe expressou sua grande apreciação pela ajuda durante este período provisório em nossas vidas, Mary virou-se para mim e minha irmã com uma careta e disse:

— Vocês terão de dividir um dos quartos do sótão, pois sua mãe já ocupou o quarto de Anna, e todos os outros estão sendo usados.

— Estou certa de que ficaremos muito confortáveis — respondi. — De fato, temos muita sorte por ter uma família para nos acolher tão graciosamente.

— Veja o que a tia Jane e eu achamos no campo hoje — disse Edward orgulhosamente no jantar daquela noite, enquanto abria a mão para revelar três minúsculas cascas de ovo de tordo vazias para inspeção.

— Um belo acréscimo à sua coleção, filho — observou James.

— Jogue fora essas coisas imundas! — gritou Mary, o nariz enrugado de nojo. — Estamos à mesa! Semana passada foi um rato morto. Antes disso, um besouro grotesco. As coisas com que os meninos brincam são absolutamente aterradoras.

O rosto de Edward tornou-se desanimado, e ele rapidamente recolocou os objetos ofensivos no bolso. James se calou e se ocupou na tarefa de comer.

— O menino adora a natureza — comentei, com um sorriso tranquilizador para o meu sobrinho.

— Ele adora me *envergonhar* — disse Mary. (Voltando-se agora para a enteada): — Anna, pare de fazer careta! E sente-se reta ao comer.

— Se ela se sentar mais reta — declarou minha mãe — vai ficar de pé.

— Estou apenas tentando transformá-la em uma dama, o que não é fácil, dada a sua propensão à indolência e ao comodismo.

O rosto de Anna ficou vermelho de humilhação com tal afirmação, mas, antes que qualquer um de nós pudesse defendê-la (porque Anna era, na verdade, uma criança muito obediente, com um temperamento generoso), Mary se virou para Edward, que estava então se servindo do prato de batatas, e gritou com firmeza:

— Uma batata, Edward! Não haverá suficiente para todos.

Parecia haver muitas batatas. Edward hesitou, depois respeitosamente devolveu uma de suas batatas, enquanto Mary se voltava para minha mãe, minha irmã e eu com um sorriso estreito e carinhoso.

— Quanto tempo as senhoras acham que vão ficar?

— Eu me sinto como um pacote indesejado — declarei naquela noite, na privacidade do quarto da minha mãe, enquanto ela chorava baixinho.

— Todas nós — concordou Cassandra, séria.

— Não seria melhor se fôssemos imediatamente para Godmersham, mamãe? — perguntei. — Certamente seríamos mais bem-vindas lá.

— Se pudéssemos — respondeu minha mãe, enxugando os olhos —, mas não estou bem o suficiente para viajar; meus nervos não aguentariam o esforço. Tenho sentido uma forte dor latejante na cabeça nos últimos tempos, e seis sanguessugas por dia durante dez dias não ajudaram a aliviar. Eu me sinto tão cansada; em algumas manhãs quase não consigo sair da cama; temo pelo meu fígado. No meu estado atual, cinco minutos em um coche provavelmente seriam minha morte. Portanto, devemos fazer o melhor possível e ficar aqui por pelo menos mais algumas semanas, suponho. Mas é uma coisa muito, muito difícil ficar onde não somos desejadas.

Na manhã de domingo, enquanto Caroline e Edward, vestidos em suas melhores roupas, esperavam impacientemente pela mãe no

quarto das crianças para terminar de se vestir e ir à igreja, atendi ao pedido sincero para lhes contar uma história. Anna, ao passar pelo quarto e ouvir as risadas das outras crianças, parou em silêncio para escutar perto da porta. Eu rapidamente acrescentei um personagem com seu nome e sua descrição à história, o que provocou nela um sorriso de prazer tranquilo.

— Quando Anna abriu os olhos, achou que estava em uma grande floresta. Mas o que parecia ser um monte de árvores era, na verdade, um canteiro de campânulas reluzentes. Porque a poção do feiticeiro havia funcionado, e Anna estava agora do tamanho de uma libélula.

Caroline engoliu em seco. Edward riu e balançou a cabeça.

— Tia Jane, isso é impossível.

— Tudo é possível, Edward, se você acreditar.

Ele ficou em silêncio por um instante, ponderando aquele conceito, e depois perguntou:

— Você quer dizer que, se eu acreditar na sua história como a contou, ela será tão boa como se fosse de verdade?

— Você entendeu exatamente o que quero dizer, Edward.

Ele sorriu.

— Quando viu que estava menor do que uma flor, ela ficou com medo? — perguntou Anna.

— Ela estava muito impressionada para ter medo. O mais surpreendente de tudo foi o minúsculo príncipe das fadas que ela viu deitado na dobra de uma folha verde-clara, como se fosse um sofá. Ele era muito bonito, com volumosos cabelos dourados e olhos azul-escuro, justamente a cor da campânula que ele usava como chapéu. *"Bem-vinda ao meu reino"*, disse ele em uma voz profunda e macia. *"Sou o Príncipe da Flor. Quer se juntar a mim para uma xícara de chá de dente-de-leão?"* *"Juntar-me a você para uma xícara de chá?"*, perguntou Anna, surpresa. *"Seria para beber ou para nadar nela?"*

As crianças riram. Naquele momento, a mãe delas irrompeu pela porta do quarto, vestida em sua melhor roupa de domingo, com um

olhar azedo no rosto.

— O que está acontecendo aqui? Qual é o motivo de tanta risada?

— Tia Jane está nos contando uma história — respondeu Edward, tentando, sem sucesso, esconder seu sorriso.

— É o dia do Senhor, e não um dia para histórias e frivolidades — declarou Mary severamente. — Venham agora, crianças. Vamos à igreja.

— Mas a tia Jane ainda não terminou — gritou a pequena Caroline desanimada.

— Vou terminá-la na hora de dormir — sussurrei solenemente. — Eu prometo.

Na igreja, fiquei encantada ao ver Alethea Bigg e sua irmã Elizabeth Heathcoate entre os fiéis. Após a cerimônia (na qual meu irmão James fez um ótimo sermão), enquanto Elizabeth corria atrás de seu filho William, que estava atirando pedras por cima do muro da paróquia nas vacas que pastavam, Cassandra e eu conversávamos amigavelmente com Alethea. Ela nos assegurou que Harris e sua esposa e filhos estavam bem e que sua irmã Catherine, que tinha se casado em outubro passado, estava bem contente com o novo estado civil.

— Fico tão feliz por eles — disse Cassandra.

— Não consigo expressar como estou *satisfeita* por vocês duas terem voltado para a vizinhança — exclamou Alethea —, mesmo que seja apenas por um curto período.

— Quanto mais curto melhor — admiti —, pois Mary deixou claro que não nos quer aqui.

— Eu sempre a considereei uma mulher muito desagradável — respondeu Alethea. — Eu gostaria de poder convidá-las para ficar conosco em Manydown, mas Elizabeth parte amanhã para visitar amigos em Sussex, e meu pai e eu partiremos dois dias depois para umas férias de algumas semanas. — De repente, ela soltou um

pequeno suspiro e gritou: — Ah! Tive uma ideia muito inspirada. Vocês devem vir comigo e com papai!

— Ir com vocês? — repeti, surpresa. — Para onde vocês estão indo?

— Vamos passear no norte. Papai optou por um grupo de excursão enquanto ainda está bem o suficiente para fazer a viagem. O destino mais distante será uma estadia de uma semana com o primo do meu pai, o Sr. Lucian Morton, um clérigo que mora em Brimington, em Derbyshire. Eu nunca o conheci, tampouco meu pai, pois ele mora muito longe, mas papai está ansioso para conhecê-lo. Por tudo que sabemos, o Sr. Morton é uma pessoa muito decente e reside em uma parte bonita do país. Estou certa de que ele ficaria encantado em ter duas senhoritas a mais no grupo.

— Obrigada pela gentil oferta, Alethea — disse Cassandra —, mas acabamos de chegar a Steventon, e eu não gostaria de deixar minha mãe de novo. Jane, vá você.

Embora eu estivesse encantada com a ideia de uma excursão para o norte, um lugar que eu nunca havia visitado, a menção de Derbyshire era tudo de que eu precisava para rejeitar o convite. Era impossível ouvir o nome daquele condado sem pensar em Pembroke Hall, e em seu proprietário. Eu não tinha desejo algum de viajar para qualquer região perto daquele local.

— Alethea, esta é uma viagem que seu pai planejou para ser apreciada apenas com você. Eu nem pensaria em impor minha companhia.

— Impor? — gritou Alethea. — Pelo contrário, você estaria me fazendo um favor, se viesse! — Em voz baixa, acrescentou: — Por mais que meu pai chame essa viagem de férias, ele não consegue disfarçar sua verdadeira intenção. Eu sei o que ele quer fazer. Ele pretende me desfilar na frente de seu primo solteiro, o Sr. Morton. Depois de ter casado uma das filhas solteironas com um clérigo respeitável e mais velho, ele espera ter sucesso semelhante com a outra.

— Sinto *muito* — afirmei em solidariedade, bem ciente dos horrores de tal situação, me lembrando das esperanças de meus pais em relação a Cassandra e eu durante os anos em Bath. — Mas talvez esse Sr. Morton seja um cavalheiro digno e você goste dele. Nesse caso você certamente não precisará da *minha* companhia.

— Há pouca chance de isso acontecer, pois ele tem 40 anos, uma vida boa e, ainda assim, nunca se casou. Deve haver *algo* errado com um homem que permanece solteiro por tanto tempo.

— Muitos homens bons e amáveis preferem se casar mais tarde — argumentei, tentando não pensar no Sr. Ashford, que, até recentemente, eu teria colocado nessa categoria, mas agora só conseguia pensar nele com desdém — e você não arrisca nada se for, afinal, não pode ser forçada a casar com ele.

— Não, mas vou ser obrigada a suportar sua companhia durante vários dias, pelo menos. Será muito mais agradável se você estiver lá! A viagem em si, apenas pense no assunto, Jane! — Alethea apertou as mãos com entusiasmo, os olhos iluminados de empolgação. — Os lugares que vamos ver, as experiências que vamos compartilhar! Ah, como eu temi essa viagem até agora... três semanas ou mais com o meu velho pai enfadonho... mas não precisa ser assim. Por favor, Jane, me salve desse destino, ou certamente vou enlouquecer.

Não poderia dizer não a um pedido tão sincero. Eu estava ansiosa para fugir de Steventon, a ideia de viajar com meus queridos amigos era muito atraente, e as paradas ao longo do caminho eram de grande interesse para mim. Embora tivesse preferido *qualquer* destino em vez de Derbyshire, me convenci de que o povoado era grande o suficiente e que eu certamente estaria segura fazendo uma breve visita a uma de suas pequenas aldeias, sem o que Sr. Ashford me notasse.

Nossa viagem para o norte foi perfeitamente livre de acidentes ou imprevistos. Nossa rota passava por lugares encantadores como Oxford, Blenheim, Warwick, Kenelworth e Birmingham, dos quais

gostamos muito, aproveitando as principais atrações e desfrutando de um clima geralmente bom. O escudeiro, embora tivesse 67 anos e não estivesse tão em forma quanto meu pai nessa idade (e possuidor de uma disposição loquaz e crítica), tinha entusiasmo pela arquitetura e natureza, e foi muito generoso e solícito em relação ao nosso conforto o tempo todo. Ele insistia que escolhêssemos nossos próprios jantares nas estalagens. Quando viajávamos, ele roncava sentado no banco oposto do coche, enquanto Alethea e eu mantínhamos uma constante conversa animada.

Alethea estava disposta e amável como sempre, encontrando rapidamente prazer em cada coisa que via e fazia, elogiando o que admirava e encontrando divertimento nas coisas que achava absurdas. Nossas diversões diárias fizeram maravilhas para melhorar meu humor. Eu logo bani todos os pensamentos sobre minha recente decepção com um certo cavalheiro para o canto mais distante da minha mente e aproveitava cada novo dia com pureza de espírito e uma risada afável.

Uma tarde de sol no final da segunda semana de nossa viagem, enquanto eu olhava pela janela me deliciando com a bela terra arborizada por onde passávamos, o cocheiro anunciou que tínhamos acabado de entrar no condado de Derbyshire. Alethea se virou para mim com pavor silencioso e murmurou:

— Finalmente chegamos. Logo serei jogada aos lobos.

Conforme prometido, o primo do escudeiro vivia em uma região muito bonita. Saímos da estrada para a rua, e logo avistamos a casa paroquial. A residência em si era uma construção modesta de tijolos, não muito grande, cercada por um gramado verde e uma cerca viva de louros. Nossa carruagem parou no portão, e em um instante estávamos todos fora da cabine e atravessando a pé o curto caminho de cascalho até a porta da frente, onde fomos recebidos pelo Sr. Morton.

Um homem alto e forte de 40 anos, o Sr. Morton tinha olhos claros e brilhantes e um rosto redondo, e um sorriso afetado que revelou uma fileira de dentes muito tortos. Ele era terrivelmente

careca e, para compensar, tinha penteado para a frente vários cachos longos e finos de cabelo castanho e grisalho sobre a cabeça.

— Bem-vindos, bem-vindos à minha humilde morada — disse o Sr. Morton, conduzindo-nos para dentro com um ar de civilidade extremamente formal, enquanto orientava que nossa bagagem fosse levada até apartamentos individuais. — É uma grande honra finalmente conhecê-lo, escudeiro — disse ele, apertando a mão do homem efusivamente —, porque creio que as ligações familiares são a coisa mais importante do mundo. Estou muito consciente, escudeiro, de sua posição de destaque em Hampshire, do tamanho de sua fortuna e do esplendor de sua propriedade, o que me enche de admiração silenciosa. Eu sempre pensei que era um grande infortúnio termos passado tantos anos sem nos conhecermos, mas, como estamos geograficamente separados por uma distância tão grande, isso certamente é compreensível. Acredito que a viagem não foi muito desagradável.

Tudo aquilo passou pelos lábios do Sr. Morton enquanto estávamos no saguão de entrada, antes de as apresentações terem sido feitas. Alethea e eu trocamos um olhar particular de horror devido à aparência e aos modos pomposos do homem. Era tudo que podíamos fazer para não rir.

# Nota

<sup>1</sup> James-Edward Austen-Leigh (chamado de Edward pela família) era um dos sobrinhos favoritos de Jane Austen. Ele herdou uma propriedade da tia-avó em 1836, recebendo o nome de "Leigh", além de Austen. Ele se tornou clérigo do campo e, mais tarde, vigário. Em 1869, escreveu *A Memoir of Jane Austen*, a primeira biografia da autora.

## Capítulo dezesseis

O escudeiro assegurou ao Sr. Morton que nossa viagem tinha sido muito boa em um discurso que, eu temo, teria sido tão prolixo quanto o de seu primo, não fosse a interrupção do Sr. Morton para se apresentar a Alethea e a mim.

— Srta. Alethea — disse ele, com uma mesura entusiasmada —, é realmente um prazer. Ovi falar muito de sua beleza nas cartas de seu pai, e vejo que, neste caso, a fama não ficou aquém da verdade. — Curvando-se para mim em seguida, acrescentou: — E estendo os mesmos elogios a você, Srta. Austen, porque o escudeiro foi bom o suficiente para escrever e me informar de sua vinda, e vejo que o respeito dele para com a senhorita foi de igual mérito. Tenha certeza de que qualquer amigo do meu primo é meu amigo, e tenho prazer em conhecê-la. Se houver qualquer coisa, por menor que seja, que eu possa fazer para tornar sua estadia mais confortável, por favor, não hesite em me falar.

Agradei ao Sr. Morton sinceramente por sua bondade, depois ele nos convidou para sentar diante da lareira na sala de estar e beber alguma coisa.

Enquanto a criada trazia o conjunto de chá, o Sr. Morton nos dava um relato detalhado de todos os artigos de mobiliário da sala, chamando nossa atenção especialmente para um aparador de mogno, uma peça de tamanho alarmante e sem grande beleza.

— Eu o comprei em um leilão por um preço muito menor do que se poderia imaginar — afirmou ele com grande orgulho —, e acredito que será uma peça muito útil. Minha vizinha, Lady Cordelia Delacroix, uma mulher muito afável e condescendente, de excelentes modos e propriedades, que reside em Bretton Hall, a cerca de 3 quilômetros daqui, para onde fui convidado *duas vezes* para tomar chá... ela, ao ver a mesa, expressou sua opinião sobre o fino acabamento e a durabilidade, e insistiu que eu tinha feito um negócio muito bom.

Olhei para o escudeiro, procurando detectar até mesmo o mais breve sorriso em seu rosto que refletisse o reconhecimento da falta de lógica do homem diante de nós, mas ele parecia bem insensível. Em vez disso, expressou sua admiração pela boa proporção da sala, o aspecto e a robustez da construção, e fez várias perguntas sobre a estrutura da casa paroquial, um assunto ao qual nosso anfitrião respondeu com o maior entusiasmo. Pelos três quartos de hora seguintes, Alethea e eu ficamos sentadas sob um silêncio atônito enquanto os dois homens discutiam avidamente os detalhes arquitetônicos da reitoria e da igreja, bem como todas as outras construções, celeiro e casa paroquial, com a possível exceção de um galpão ou dois e algumas latrinas.

Após esse discurso, o Sr. Morton nos levou em uma excursão muito completa pela casa, que, apesar de ser um edifício de tamanho bem compacto, parecia muito limpo e confortável e lhe proporcionava muita satisfação.

— Você tem aqui tudo que se poderia querer em uma casa — declarou o escudeiro —, embora eu acredite que poderia ser melhorada com o calor que o toque de uma *mulher* ofereceria.

— Sim, de fato, escudeiro — concordou o Sr. Morton —, tenho pensado muito neste assunto, e é uma questão de interesse vital para mim. Acho que a coisa certa para todos os clérigos é dar o exemplo do matrimônio em sua paróquia, *se* ele estiver em circunstâncias fáceis; o que, até recentemente, não era o caso no *meu* exemplo, devido ao baixo sustento que recebia. Mas, para

minha grande sorte, acabo de receber a oferta do sustento da paróquia vizinha de Oxcroth também, e com essa renda adicional, acho que agora, finalmente, estou em posição de oferecer a uma esposa uma situação muito desejável.

— Isso é verdade — admitiu o escudeiro. — Acabei de ter o prazer de ver minha filha Catherine casada com um clérigo bom como você, e não consigo nem começar a expressar a felicidade que *essa* união trouxe para a família. — Alethea se virou para o pai, secretamente implorando, com o rosto muito desesperado, que não continuasse o tópico; mas o escudeiro pareceu não notar. — Alethea praticamente comanda a casa agora — prosseguiu ele — e é uma excelente supervisora. Asseguro que qualquer homem seria sortudo por tê-la.

O rosto de Alethea ficou vermelho carmesim, e ela fechou os olhos, como se desejasse desaparecer imediatamente.

Eu disse rapidamente:

— Após o confinamento na carruagem, eu adoraria uma oportunidade para esticar as pernas ao ar livre, Sr. Morton. Posso pedir que nos leve para dar uma volta no jardim?

A ideia foi recebida com uma resposta muito entusiasmada. Alethea, com um olhar que me implorava para ajudá-la a colocar o máximo de espaço possível entre ela e o Sr. Morton, apertou firmemente o braço do pai, de modo que fui obrigada a caminhar com nosso anfitrião.

— Costumo cultivar o jardim sozinho — dizia o Sr. Morton, enquanto passeávamos pelos muitos caminhos e cruzamentos bem-cuidados —, e este, creio eu, é um dos prazeres mais respeitáveis da vida, e uma ocupação muito saudável. — Sem parar para nos permitir dizer uma sílaba do elogio que parecia estar procurando, ele mostrou cada arbusto e árvore com grande satisfação. — Plantei cada uma dessas rosas com minhas próprias mãos, cada seleção foi feita com base na forma, na resistência, na cor e na fragrância. Gosto de pensar que, se voltassem no verão, vocês, como meus vizinhos têm comentado em várias ocasiões, ficariam extasiados pela

magnificência da vista. A organização, as várias fileiras de matizes, o grande número de flores e os doces e deliciosos aromas que elas exalam são suficientes para causar admiração até mesmo nas pessoas mais negativas.

Na fronteira do jardim, o Sr. Morton apontou vários campos salpicados com árvores distantes.

— Aquele é o olmo de Camperdown, também conhecido como *U. glabra camperdonii*, uma variedade do olmo de Wych. Há seis olmos apenas naquele grupo — explicou ele orgulhosamente (embora eu visse muitos motivos para estar satisfeita, não poderia estar no mesmo êxtase que o Sr. Morton esperava que a cena inspirasse) — e ali à direita é possível ver três castanheiras e dois carvalhos. — Ele estava ansioso para nos levar para passear em seu campo, mas Alethea e o escudeiro admitiram estar cansados e manifestaram interesse em ser levados aos seus quartos, onde poderiam descansar antes do jantar.

O Sr. Morton pediu desculpas efusivas instantaneamente.

— Eu mesmo devo ser culpado pelo seu cansaço. Jamais deveria tê-los levado para uma excursão tão extensa, bem no momento de sua chegada, e as senhoritas calçando sapatos tão delicados! Cuidado onde pisa, Srta. Austen! Há uma pedra bem grande no seu caminho.

O Sr. Morton se abaixou e afastou a pedra perigosa, inadvertidamente, no processo, atingindo um esquilo bem nas costas. A criatura congelou em assombro momentâneo, depois fugiu correndo. Durante todo o caminho de volta até a casa, o Sr. Morton não conseguiu falar de outra coisa senão sobre o alívio por não ter causado a morte precoce do pobre animal.

— Rezo para não ser obrigada a sentar ao lado dele no jantar — disse Alethea enquanto nos trocávamos mais tarde, no quarto que compartilhávamos. — Ele é o homem mais odioso, tedioso e ridículo que já conheci.

— Acho que ele é bem engraçado — respondi.

— Então  *você* pode se sentar ao lado dele e conduzir toda a conversa. De minha parte, pretendo não dizer nada e parecer a mulher mais maçante e sem encantos que já viveu.

— Isso pode não funcionar a seu favor — provoqueei-a, enquanto eu jogava água da bacia no rosto. — Ele pode preferir uma mulher calada.

— Ah! Eu não tinha pensado nisso. Mas não posso ser rude, isso só perturbaria papai.

— Minha querida Alethea, não fique tão angustiada. Não temos certeza alguma de que o Sr. Morton esteja considerando  *você* como futura esposa. Se ele de fato fizer uma oferta de casamento,  *você* pode simplesmente recusar.

— Mas minha  *recusa*, receio, irritaria papai mais do que a  *ausência* de uma oferta. Ah! O que devo fazer?

—  *Você* só tem de ser  *você* mesma e deixar o restante por conta da orientação divina.

— A orientação divina sozinha não pode fazer nada. Às vezes temos de ajudá-la. — Alethea ficou em silêncio por alguns instantes, depois disse: — Decidi. Vou me esforçar para parecer o mais educadamente  *desagradável* possível, fazendo alguns contrapontos a tudo que ele disser.

—  *Você* deve fazer o que achar melhor. — Sentando-me diante do espelho, acomodei o chapéu de veludo preto na cabeça, soltando alguns cachos sobre o rosto. O efeito foi bem agradável. Eu não era nenhuma beleza, eu sabia, mas esta noite  *alguns* poderiam me achar bonita. — Quanto a mim, tenho a intenção de estudar todos os seus movimentos e expressões, e tentar me lembrar de cada palavra de sua fraseologia única.

— Por que  *você* desejaria fazer isso?

— Porque sinto prazer em sua falta de lógica. Ocorreu-me que, um dia, eu poderia usar o Sr. Morton como modelo para um personagem de um dos meus livros.

Alethea riu.

— Isso é a sua cara, Jane. Onde o restante de nós percebe apenas inabilidade em uma pessoa ou circunstância, você vê humor e possibilidade. — Ela se sentou na cadeira ao meu lado e segurou minhas mãos nas dela, me olhando com sinceridade e afeto. — Você está dizendo o que penso... o que eu espero? Depois de todos estes anos de silêncio, você voltou a escrever?

Admiti que sim.

— Por favor, não diga a ninguém... Tenho certeza de que não vai dar em nada... mas acabo de começar a revisão de *Razão e sensibilidade*. Quando conheci o Sr. Morton, no entanto, não pude evitar pensar em *First Impressions*.

— Ah! Sim! Eu me lembro do clérigo daquele livro. Ele era muito divertido.

— Mas nunca chegou perto de ser tão idiota ou insuportável quanto o Sr. Morton.

— Não, é verdade, não mesmo! — Rimos por um momento longo e feliz. — Ver o Sr. Morton nas páginas do livro seria muito divertido — concordou Alethea. — Mas, Jane, você não foi honesta comigo todos estes anos em um ponto muito importante.

— Que ponto?

— Você sempre defendeu que não copiava os personagens e lugares da vida real em seus livros, que todos eles eram inventados. Vejo, agora, que a verdade é outra.

— Você não poderia estar mais errada — insisti. — Dos *lugares*, admito, me inspirei nas casas que vi. Criei a casa do Sr. Darcy em Eastham Park a partir de uma casa linda que vi em Kent, e criei Rosings e Hunsford de acordo com a mansão e a casa paroquial em Chevening. Mas, quanto às *peessoas* nos meus livros, meu objetivo é criar, e não reproduzir. Imagine se eu não fizesse isso e as pessoas que eu descrevi se reconhecessem!

— Não acho que as pessoas se ofenderiam tanto quanto você parece acreditar, Jane. Elas podem, na verdade, ficar lisonjeadas por aparecerem em um de seus livros.

— Talvez sim, mas temo tal invasão de privacidade. E tem mais. Naturalmente, tirei fragmentos da personalidade e do modo de falar de uma variedade de pessoas diferentes que encontrei, mas tenho orgulho *demais* das minhas criações para admitir que eram apenas a *Sra. A* ou o *coronel B.* — Com um sorriso malicioso, acrescentei: — No entanto, *neste* caso, posso ser forçada a quebrar minha regra. Porque seu Sr. Morton é simplesmente uma joia boa *demais* para ser usada pela metade.

— Devo dizer: você possui uma carruagem muito boa, escudeiro — comentou o Sr. Morton no jantar daquela noite, no qual saboreamos sopa de ervilhas, aves assadas e um vinho de qualidade e cor tão indiferente que eu suspeitava ter sido diluído pelo cozinheiro. — Não mantenho uma carruagem própria, é claro. Não vejo a necessidade de tal despesa, pois todos os lugares do povoado são facilmente acessíveis a pé. Quando surgiu a necessidade de participar de um evento a uma distância maior do que eu poderia caminhar, tive sorte de receber uma oferta de transporte de Lady Cordelia Delacroix, que me permitiu acompanhá-la em sua carruagem *três* vezes. Devo dizer, *uma* das carruagens de sua senhoria, sim, pois ela tem várias. Suas equipagens estão entre as mais esplêndidas do tipo no município. Todos os domingos, quando a vejo, reafirmo minha opinião, em perfeita conformidade com a dela, que uma carruagem leve com quatro cavalos, com criados trajando elegantemente librés, é de fato o modo mais confortável e preferido de transporte no mundo.

— Não tenho afeição por uma carruagem leve — disse Alethea desagradavelmente, com um discreto sorriso que transmitia, apenas a mim, a verdadeira intenção por trás de seu argumento. — Para uma viagem prolongada, é claro, não temos escolha, mas, na verdade, senhor, elas são tão abafadas e claustrofóbicas. Para distâncias mais curtas, ainda prefiro uma carruagem aberta.

— Ah, sim! — gritei. — Um faetonte baixo, com um belo par de pôneis, é sempre interessante, mas eu particularmente adoro um trole ou cabriolé.

— Um cabriolé é uma equipagem inteiramente impraticável — disse o Sr. Morton —, exceto para os muito ricos. Considere que, além dos veículos de duas rodas, ele é feito para *dois* cavalos, em vez de um, e seu proprietário enfrenta a dificuldade e a despesa de encontrar um par de animais de alta qualidade que combine bem.

— De fato — observou o escudeiro Bigg-Wither —, cavalgar no alto ao ar livre sobre duas rodas nunca me pareceu interessante.

— Mas eu adoro andar ao ar livre — argumentou Alethea —, especialmente quando se anda no campo, e um cabriolé é muito mais conveniente do que um coche.

— A carruagem leve com quatro cavalos pode rodar com mais esplendor — concordei —, mas é um negócio pesado e problemático. Um cabriolé pode ultrapassar uma carruagem com facilidade em qualquer dia da semana.

— Se a velocidade for a única questão, você pode ter seu cabriolé — disse o Sr. Morton. — Mas devo lembrar que ele não carrega mais de dois ocupantes, e que ambos ficam sujeitos ao sol e ao vento e à chuva, sem mencionar a uma poeira horrível. Nunca consigo manter uma camisa limpa ao andar em uma carruagem aberta. Tudo isso não pode ser agradável para uma dama.

— Pelo contrário, Sr. Morton — argumentou Alethea —, todas as mulheres que já conheci consideram a carruagem aberta extremamente agradável.

— Não pensaríamos em sair na chuva — acrescentei. — Nunca estamos sem um chapéu, senhor, e consideramos o ar fresco muito revigorante. Quanto à sujeira e à poeira, suas desvantagens são compensadas pela atração do passeio.

— Creio que há méritos em ambos os pontos de vista — disse o escudeiro Bigg-Wither diplomaticamente, com um olhar um pouco severo para Alethea —, e gostaria de sugerir um veículo que pode ser aceitável para todos: o caleche.

— Ah, sim — admitiu o Sr. Morton —, um caleche pode ser um excelente meio-termo. Pela potência de dois cavalos, é possível

acomodar um grupo de seis pessoas; e com a capota, proporciona um mínimo de proteção contra os fenômenos da natureza.

— Não tenho nada contra um caleche — disse Alethea docemente, com um sorriso condescendente para o pai —, desde que eu tenha autorização para sentar na caixa, pois é o único assento que proporciona uma vista encantadora.

Com a chegada da sobremesa, na forma de uma torta de maçã muito razoável, a discussão voltou à biblioteca do Sr. Morton, uma coleção de cerca de cinquenta ou sessenta volumes, que, eu tinha notado antes, eram dedicados à história e aos estudos ecumênicos, e eram fonte de certo orgulho.

— Alethea gosta de livros — afirmou o escudeiro. — Dificilmente se passa um dia em que eu não a veja envolvida na leitura de uma coisa ou outra.

— Ah, mas eu só leio romances, papai — disse Alethea rapidamente — e não tenho gosto ou aptidão para os livros que parecem interessar ao Sr. Morton.

— É verdade que sou dedicado às obras mais sérias — concordou o Sr. Morton —, mas admito que li um ou dois romances e achei muito divertidos. Você já leu *Coelebs in Search of a Wife*, de Hannah More?

— Não — respondeu Alethea. — Mas estou certa de que Jane leu. Ela leu tudo. Jane adora romances; afinal, já escreveu vários. — Mal Alethea falou tais palavras, ela arfou e cobriu a boca, com um olhar de desculpas para mim.

— É mesmo, Srta. Austen? — indagou o Sr. Morton, os olhos claros arregalando com interesse quando se virou para mim. — Você realmente escreveu vários romances?

— Há muito tempo — eu disse rapidamente. — Era um passatempo na minha juventude. Eles permanecem inéditos. Hoje eu escrevo apenas cartas e poemas ocasionais.

— Que pena! — exclamou o Sr. Morton. — Eu sempre achei que a história da minha vida daria um romance fascinante: o estilo de vida e o caráter e o entusiasmo de um clérigo inglês, amado por sua

paróquia, conhecido por seus pontos de vista sensatos e sua sensibilidade e experiência na gestão de suas funções. Eu mesmo escreveria o livro, me gabo por ter algum talento com a pena, pois meus paroquianos dizem que meus sermões semanais são extremamente inspiradores... mas acho que seria melhor uma visão mais objetiva. Talvez, Srta. Austen, você possa ser convencida a aceitar a ocupação de novo, e este poderia ser o seu próximo trabalho.

— Estou lisonjeada — repliquei, tentando esconder meu divertimento e meu assombro — por considerar confiar a mim a história de sua vida, Sr. Morton. Mas sinto muito, senhor, devo recusar. Tenho certeza de que não estaria à altura da tarefa de retratar um personagem tão complexo e interessante.

Pelos três dias seguintes, o Sr. Morton nos levou a uma excursão a cada igreja, mansão, campo e cemitério nas redondezas, com uma passada longa e lenta pelo célebre Bretton Hall, a casa de Lady Delacroix. A região *era* adorável, e, apesar do excesso de atenção e dos modos ridículos do Sr. Morton, eu me diverti muito. Os eventos tomaram um rumo diferente, no entanto, quando, no café da manhã do quarto dia, o Sr. Morton sugeriu, para meu grande espanto, que visitássemos Pembroke Hall.

— Pembroke Hall fica a menos de 10 quilômetros — disse ele —, e, se durante sua visita a este condado eu não o incluisse como um destino obrigatório, seria negligência da minha parte.

Alethea e o escudeiro, que tinham ouvido falar do lugar, manifestaram o desejo de conhecê-lo. Fiquei angustiada. Eu não tinha vontade de ir a Pembroke Hall. A possibilidade de encontrar o Sr. Ashford lá me deixou em alerta, e eu só conseguia imaginar o desconforto e o constrangimento que isso causaria a *ele*. Considerei, por um breve instante, contar a Alethea sobre meu relacionamento com o Sr. Ashford, mas não pude suportar a ideia. *Não*, decidi, quanto menos se falar sobre esse assunto, melhor. Como eu não

podia dizer abertamente as minhas objeções, fui obrigada a fingir desinteresse em ver o lugar.

— Fomos a tantas casas maravilhosas na última quinzena — declarei. — Prefiro ficar por aqui, se vocês não se incomodarem, e escrever uma carta para minha irmã.

— Ah, mas Pembroke Hall é uma das melhores casas do país — exclamou o Sr. Morton. — O terreno é esplêndido, e eles têm bosques excelentes.

— Você precisa vir, Jane — insistiu Alethea. — Ouvi dizer que Pembroke Hall é propriedade de uma família muito boa e que deve ser vista.

— Certamente — disse o Sr. Morton — a família é muito boa. Sir Thomas Ashford é um baronete e viúvo com um filho e uma filha adultos. Embora eu não tenha tido a sorte de conhecê-los, acredito que estou correto ao dizer que eles estão entre as pessoas mais graciosas e condescendentes de sua classe social. Sir Thomas permite que todas as pessoas vejam a mansão e os terrenos todos os dias do ano, inclusive aos domingos, a partir das dez da manhã até as cinco da tarde. O mais humilde indivíduo não apenas pode ver tudo, mas o proprietário ordenou expressamente que o chafariz fosse exibido a todos, sem exceção. Essa generosidade, acredito, age no verdadeiro espírito de grande riqueza e liberalidade esclarecida.

— Por acaso você sabe — perguntei, me esforçando para manter uma firmeza na voz — se a família atualmente está na residência?

— Não, lamento dizer que não está — respondeu o Sr. Morton com um meneio triste de cabeça. — Ouvi dizer, de fonte fidedigna, que todos estão em Londres.

A resposta do Sr. Morton me encheu de alívio. Isenta de meus medos, eu estava livre para examinar meus outros sentimentos sobre o assunto. Embora fosse verdade, admiti, que qualquer coisa que servisse para me lembrar do Sr. Ashford (e uma visita ao local onde ele residia deve ser colocada no topo da lista desses males) só poderia aumentar a sensação de aflição e indignação que eu sentia

como consequência de nossa amizade. Ao mesmo tempo, eu não podia negar que sentia uma grande curiosidade de ver a casa da qual ele havia falado várias vezes e que era de tanto interesse a todos.

Certamente, eu disse a mim, depois de viajar até ali, seria insensato não ver o lugar, porque quem sabe quando, ou se, eu jamais iria a Derbyshire novamente? E, certamente, insisti, eu não estava tão fraca de espírito a ponto de tremer diante da ideia de passar algumas horas na casa e nos jardins de uma família que estaria ausente, não importando que eu tivesse sido magoada por um membro dela no passado.

Não fiz mais objeções. E assim, dentro de uma hora, nosso quarteto embarcou na carruagem do escudeiro e partiu em direção a Pembroke Hall.

## Capítulo dezessete

— Chegamos — gritou o Sr. Morton, quando viramos em uma estrada sinuosa que ladeava um enorme parque florestal. — Diante de vocês estão apenas as partes mais distantes dos bosques de Pembroke, que, conforme irão descobrir, são árvores tão perfeitamente formadas e tão bem situadas que os elogios humanos não podem lhes fazer jus.

Eu havia dito a mim mesma, no caminho, que Pembroke Hall e seus bosques não poderiam, de modo nenhum, ser superiores à propriedade do meu irmão em Godmersham, ou a quaisquer das outras lindas casas e bosques de árvores que eu tinha visto. Mas, conforme prosseguíamos eu descobria, pela primeira vez desde que conheci o Sr. Morton, que sua avaliação não era exagerada. Os bosques que atravessamos, que se estendiam por mais de 3 quilômetros, projetavam uma beleza extremamente real e harmoniosa que encantava os olhos, e eu não podia deixar de admirar cada paisagem pitoresca e perspectiva notável.

Depois de algum tempo, a floresta acabou e chegamos ao topo de uma colina, de onde tivemos a primeira visão de Pembroke Hall à distância. Ouvi Alethea engolir em seco e me vi olhando com espanto, minhas ideias preconcebidas caindo por terra. O cenário diante de mim era muito mais fantástico do que qualquer coisa que eu pudesse ter imaginado. Vimos um amplo vale muito agradável,

repleto de árvores, através do qual passava um riacho largo, que era atravessado por uma ponte de pedra graciosamente arqueada. Muito além havia uma imensa construção de pedra branca reluzente em estilo clássico romano, palladiano, com uma extensa ala ramificando em um lado. Atrás da casa e por toda a sua extensão subia uma encosta íngreme arborizada.

— Meu Deus! Essa é a maior casa que eu já vi! — exclamou Alethea.

— De fato. É uma peça notável de arquitetura e paisagismo — disse o escudeiro espantado.

— Nunca, em toda a minha vida — declarei — vi um lugar onde a beleza natural coincidissem tão perfeitamente com um gosto requintado.

As observações do Sr. Morton, que não vou repetir, foram um pouco mais longas e redundantes.

Ao descermos a colina, atravessamos a ponte e nos dirigimos à entrada frontal, onde nos inscrevemos para ver a casa. Fomos recebidos no saguão da frente e, após uma curta espera, a governanta apareceu. Era uma mulher de cabelos grisalhos, de aspecto respeitável, com boa aparência, que nos recebeu com grande civilidade e nem uma gota de pretensão.

— Por favor, tenham a gentileza de me acompanhar — disse ela.

O próprio pensamento de estar dentro da casa do Sr. Ashford, e de que ela era, de fato, uma construção tão maravilhosa, fazia meu coração estremecer, e a dor e a confusão eram proporcionais. Quando passamos pelo corredor norte e entramos em uma sala muito grande e ornamentada, prendi o fôlego de espanto. O piso era intrinsecamente aplicado em mosaico de mármore, e as paredes altas e o teto eram pintados com murais requintados. Uma longa escadaria de mármore com tapetes vermelhos e emoldurada por um corrimão dourado levava até a área dos quartos acima.

De repente, me veio uma ideia e fiquei paralisada no lugar, perdida em pensamentos, apenas vagamente ciente de que a governanta havia começado seu discurso. *Esta casa*, pensei com

agitação repentina, *este era o tipo de casa na qual o Sr. Darcy deveria morar!* Eu estava pensando, é claro, em *First Impressions*, onde havia aludido à propriedade de Darcy em Eastham Park, Kent, várias vezes. Ele tinha convidado Elizabeth para ir até lá quando estava visitando a tia e o tio dela, os Gardiner. Eu tinha descrito uma construção agradável, digna de orgulho do dono, ou achava que havia feito isso na época de sua criação. Agora eu via que estava errada.

*O Sr. Darcy jamais deveria viver no condado de Kent, pensei, de repente ficando muito satisfeita por ter ido ao passeio. Ele deve residir em Derbyshire. E sua grande propriedade nunca deveria ter um nome tão prosaico e vulgar quanto Eastham Park. Eu deveria chamá-la... Eu deveria chamá-la...* Olhei para o brasão dos Ashford, que era estampado em ouro e mármore, acima de uma porta em arco, com a inscrição: Pembroke Hall, 1626. Sorri.

*Eu deveria chamá-la de Pemberley.*<sup>1</sup>

— Sir Reginald Ashford construiu a Casa Grande em 1626. — A voz da governanta invadiu meus pensamentos. Com o coração ainda martelando de emoção perante aquela inspiração recém-descoberta, corri para me juntar a meus companheiros e a nossa guia enquanto ela nos conduzia a subir as escadas, meus olhos se deleitando em cada ponto, determinados a memorizar todos os detalhes, para que eu pudesse registrá-los depois.

A governanta continuou: — Ele achou o projeto tão encantador que continuou construindo por mais 35 anos, até o dia da sua morte. Cada geração sucessória fez alterações e melhorias até chegar à bela casa que vocês veem hoje. Quando minha Sra. Georgiana Ashford estava viva, a casa sempre estava cheia de amigos e parentes, dia e noite, pois ela e meu senhor gostavam de se divertir e eram ótimos anfitriões. Por desejo dela, a casa sempre é mantida aberta para as pessoas visitarem, durante todo o ano.

Continuamos por uma série de cômodos magníficos e imponentes, cujas paredes altas e tetos eram cobertos de afrescos ou de madeira esculpida. Havia uma enorme biblioteca cheia de

livros do chão ao teto, uma bela capela de mármore, uma grande sala de jantar, uma agradável sala de música e uma sucessão de quartos atraentes. O mobiliário em cada apartamento era adequado à fortuna de seu proprietário, mas não excessivamente pomposo, tampouco inutilmente sofisticado. Refletia, pensei, um gosto altamente refinado.

— Meu senhor, Sir Thomas Ashford — explicou a governanta —, contratou um arquiteto muito bom para construir a longa ala norte, e ele tem dedicado a vida a colecionar objetos de toda espécie para embelezar a casa. Ele comprou duas bibliotecas completas, várias pinturas e esculturas, e muito mais. — Ela parou diante de uma fileira de janelas altas com vista para os amplos jardins abaixo, acrescentando: — A falecida Lady Ashford amava tanto o som da água corrente que meu senhor também construiu as fontes, a cascata e o longo canal que se vê ali para agradá-la.

— Quanta beleza! Quanto esplendor! Que espetáculo! — gritou o Sr. Morton. — Imagino que todos estes esforços devem ter custado uma enorme fortuna.

— Sir Thomas não poupava despesas no que dizia respeito aos desejos da esposa, pois ele a amava de verdade. — Com um balançar triste de cabeça, a governanta disse: — Na verdade, sua morte foi um grande golpe para ele. Ele não tem sido o mesmo homem desde então.

Por mais que eu estivesse surpresa com o esplendor, ao mesmo tempo estava tomada por uma certeza recém-descoberta. O Sr. Ashford, um dia, herdaria tudo aquilo. Agora eu entendia que qualquer concepção de um futuro entre mim e o cavalheiro só tinha existido na minha imaginação. Não importava se ele, talvez, tivesse me admirado por um tempo; estava claro por que ele havia escolhido Isabella como sua pretensa noiva. A riqueza e a posição de sua família o obrigariam a se casar com uma mulher de sua classe, certamente não com a filha de um clérigo, sem dinheiro ou conexões que a recomendassem. Essa constatação, de qualquer forma, não aliviava o comportamento do Sr. Ashford em relação a mim. Ele

deveria ter me contado do noivado, refleti, irritada. No entanto, eu não conseguia mais me sentir menosprezada pela escolha dele.

A governanta nos guiou em seguida pela ala norte, onde uma sucessão de retratos de pessoas ricas em excelentes roupas à moda antiga, datando do século XVII, nos fitava das paredes. Caminhei, buscando o único rosto que seria reconhecível para mim. Finalmente o encontrei: uma grande tela, bem visível, que tinha uma impressionante semelhança com o Sr. Ashford. Quando vi os olhos inteligentes e intensos e o sorriso sincero naquele rosto familiar, senti uma pontada de tristeza e perturbação, misturada (contra a minha vontade) a um afeto espontâneo, pois eu me lembrava de ter visto um sorriso semelhante algumas vezes quando o encontrei olhando para mim.

— E aqui está meu senhor, Sir Thomas Ashford, e sua família — disse a governanta, indicando orgulhosamente o retrato próximo de um belo cavalheiro de cabelos brancos que se parecia com o Sr. Ashford, mas era, sem dúvida, uns 25 anos mais velho. A pintura ao lado apresentava uma beleza de cabelos negros de grande sofisticação; ao lado dela estava uma menina bonita, em um belo vestido, com uma expressão despretensiosa. — Essa é a esposa dele, Georgiana, que Deus a tenha. Aqui está a filha deles, Sophia, uma criatura encantadora e amável! E aqui está o filho e herdeiro, um homem realmente muito gentil, o Sr. Frederick Ashford.

Alethea se juntou a mim no estudo aprofundado do retrato do Sr. Ashford.

— Que homem bonito — observou ela.

— E um homem bom, também — acrescentou a governanta. — Não é como todos os outros jovens selvagens que você vê nos dias de hoje, que pensam apenas em si.

— Não há nada de tanto valor quanto um filho bom e dedicado — disse o escudeiro Bigg-Wither, com um pequeno suspiro. Imaginei que ele estivesse pensando no próprio filho, Harris, que era um homem bom à sua maneira, mas com quem o escudeiro nunca havia tido um relacionamento muito fácil.

— O Sr. Ashford é a imagem e semelhança do pai — disse a governanta —, em aparência, temperamento e compreensão. E Sir Thomas, mesmo que eu viajasse por todo o mundo, não seria capaz de encontrar um senhor melhor. Pergunte a qualquer um de seus inquilinos, todos eles fariam elogios a Sir Thomas, pois ele é o melhor e mais gentil proprietário, e muito afável para com os pobres. O filho certamente seguirá seus passos, pois sempre foi um menino de boa índole, inteligente, a alegria da família, e se tornou um homem muito zeloso e de coração generoso. No inverno passado, ele comprou um piano novo para a irmã, pois ela adora tocar e cantar, e, com seu próprio dinheiro, reformou a sala de música toda para fazê-la feliz.

Esse belo relato sobre o Sr. Ashford era coerente, percebi, com o homem que eu havia conhecido, o homem que eu *acreditava* conhecer. Deve ser correto, pois que elogio poderia ser mais verdadeiro e valioso do que o de uma criada dedicada? Mas, ao mesmo tempo, senti uma indignação renovada. Como poderia um homem tão altamente estimado, tão amado por seus criados e familiares, me tratar com tamanha indiferença? Naquelas poucas semanas em que o Sr. Ashford procurou deliberadamente a minha companhia, compartilhou suas opiniões e entusiasmos, e me fez amá-lo, enquanto, ao mesmo tempo, escondia uma informação crucial sobre si, ele não teve consideração por *meus* sentimentos? Será que ele não percebeu quanta dor iria me causar? Ou será que ele não se importava?

— A família passa muito tempo aqui, no campo? — Ouvi o Sr. Morton indagar.

— Talvez metade do ano — respondeu a governanta. — O restante do tempo eles passam em Londres. Embora seja possível que o Sr. Ashford passe mais tempo em Pembroke Hall no futuro, depois de se casar.

Meu coração começou a bater sobressaltado ao ouvir tal discurso. Eu queria saber mais sobre o casamento, mas não tinha coragem de perguntar. Felizmente, o Sr. Morton conseguiu fazê-lo por mim.

— Quem é a moça de sorte, se é que posso ser tão ousado a ponto de perguntar? — disse ele.

— Ora, é a Srta. Isabella Churchill, de Larchmont Park.

— Ah, sim! Larchmont Park — repetiu solenemente o Sr. Morton.

— Conheço sua reputação, mas não tive o prazer de ir ao local, afinal, não tenho meu próprio coche. Pelo que sei, é uma propriedade muito boa.

— É boa, certamente, mas não pode se comparar a Pembroke Hall. Mas qual propriedade pode? Em todo o condado, ou melhor, todo o reino, me diga o nome do duque ou conde ou barão que quiser e afirmo que não há nada como *nossa* casa e terras. A família é muito ligada a ela, e com razão. Espero que o casamento seja realizado aqui, na nossa capela, e a recepção no grande salão ou no gramado oeste, dependendo da época do ano.

— A data do feliz evento ainda não foi marcada, então? — perguntou Alethea.

— Ainda não, mas ouvi dizer que deve acontecer no próximo ano. Espero e rezo para que o Sr. Ashford seja feliz no casamento, embora, se me perguntarem — disse ela, baixando a voz —, eu provavelmente não deveria dizer isso, mas ela não é nem *metade* boa o suficiente para ele, mesmo com toda a beleza e riqueza. — Ela suspirou. — Mas será um casamento grandioso, com certeza, a união de duas grandes famílias. Os Ashford já são muito ricos, e com o tamanho do dote que a Srta. Isabella traz para a união...

As lágrimas turvaram meus olhos, e eu sabia que não podia ouvir mais nada. Pegando minhas saias, me apressei pelo corredor, voltando pela direção de onde tínhamos vindo.

— Jane! — Era a voz de Alethea, mas não prestei atenção. Corri através de um vestíbulo de ligação e descí os degraus de uma longa escada de carvalho. Ouvi o barulho de pés pesados atrás de mim e do Sr. Morton chamando meu nome, mas não parei. Quando cheguei ao piso inferior e disparei por um corredor, em direção ao que eu esperava ser uma saída, o Sr. Morton me alcançou.

— Srta. Austen! — gritou ele, com os olhos esbugalhados de susto enquanto mantinha o ritmo ao meu lado, inalando grandes tragos ruidosos de ar. — Está se sentindo mal?

— Não, senhor, só senti a súbita necessidade de um pouco de ar fresco.

— É o efeito de tanta caminhada — disse ele entre suspiros violentos. — É demais para uma senhorita tão delicada.

— Agradeço sua preocupação, Sr. Morton, mas garanto que não sou tão delicada e que gosto de caminhar.

— Talvez uma volta pelos jardins, então. Para ver o chafariz.

Para meu alívio, ao dobrar uma esquina, me encontrei no saguão de entrada, por onde entramos.

— Outra hora, acho. Se o senhor me desculpar, prefiro passar alguns minutos sozinha.

Assim que abri a grande porta de carvalho da frente e corri para atravessá-la, vi duas carruagens pararem imediatamente diante de mim no caminho de cascalho. A primeira, uma carruagem leve com quatro cavalos e postilhões elegantemente uniformizados, era desconhecida para mim, mas o coche atrás dela, similar na equipagem, eu reconheci imediatamente. O brasão dos Ashford estava estampado em ouro sobre o exterior preto brilhante. Era, de fato, o mesmo veículo no qual fomos até o cais de Southampton cerca de sete ou oito semanas antes, a caminho da Abadia de Netley.

# Nota

<sup>1</sup> Uma cena semelhante em *Orgulho e preconceito* sugere que Jane Austen foi, de fato, inspirada por essa experiência pessoal, que ela usou com grande vantagem em sua revisão de *First Impressions*.

## Capítulo dezoito

Congelei de surpresa, enquanto a governanta e meia dúzia de criados passavam correndo por mim para cuidar dos recém-chegados. As portas dos dois coches foram abertas; as escadas, puxadas; e, enquanto eu estava parada boquiaberta, da primeira carruagem surgiu Isabella Churchill, ajudada pelo laçai e seguida por Maria Churchill. Ao mesmo tempo, do segundo veículo saíram as pessoas cujos semblantes eu tinha acabado de ver na galeria do andar de cima: Sophia Ashford e seu pai, Sir Thomas Ashford.

A chegada e a descida das carruagens ocorreram em um minuto, enquanto eu ficava parada, incapaz de me mover, à sombra da porta. O grupo ainda não havia percebido minha presença, e eu poderia ter me virado e fugido para dentro da construção, para buscar uma saída por outra porta, caso o Sr. Morton não tivesse bloqueado meu caminho.

— Bom Deus! — exclamou ele, quase desmaiando de emoção. — É a família Ashford! Voltando de Londres! Estamos em sua presença! — Ele balbuciou em tom baixo, ao meu ouvido: — Não conheço o grupo com eles, mas, pela aparência, são pessoas de muita importância também. O momento não poderia ser mais perfeito! Ah! A sorte sorriu para nós!

Naquele instante, o Sr. Ashford desceu do segundo coche, a cerca de 20 metros de distância. Nossos olhares se encontraram. Ele ficou

total e absolutamente surpreso e, por um instante, parecia incapaz de se mover. Vi um rubor tomar seu rosto, assim como senti a cor sumir do meu. A circunstância que eu mais tinha ansiado evitar agora estava acontecendo. O homem que havia conquistado meu coração mais profundamente e sem merecer estava de pé diante de mim e, exatamente no mesmo instante, a apenas alguns metros de distância, estava a mulher com quem ele estava comprometido... a mulher que, involuntariamente, incorporava a destruição de todas as minhas antigas esperanças.

Fui dominada pela humilhação e pelo tormento. Eu havia decidido manter a maior distância possível entre mim e o Sr. Ashford, a fim de preservar o pouco de dignidade que me restava naquele caso. Imaginei que ele havia tomado a mesma decisão após a fuga de Southampton. Ah, loucura das loucuras! Por que, pensei em punição silenciosa, eu permiti que me convencessem a ir lá naquele dia? Foi a coisa mais lamentável e precipitada do mundo! O que o Sr. Ashford acharia ao me encontrar na sua *casa*, dentre tantos lugares, e tão longe da minha? Eu havia devolvido sua carta, ainda fechada. Se ele *tivesse* admitido o noivado naquela missiva, não poderia imaginar que eu sabia. Poderia parecer que eu me joguei propositalmente em seu caminho de novo, quando, na realidade, nada poderia estar mais longe da verdade.

Antes que eu pudesse pensar no que fazer ou dizer, Alethea e o escudeiro Bigg-Wither apareceram atrás de mim, e o Sr. Morton correu em direção ao grupo dos Ashford, com os dois braços estendidos para saudá-los.

— Por favor, perdoem nossa intrusão, Sir Thomas Ashford, Sr. Ashford, Srta. Ashford — gritou ele, com formalidade efusiva e uma mesura para cada um. — Sou seu servo, reverendo Lucian Morton, da paróquia de Hartsford, Brimington. Meus ilustres convidados, que podem ver ali logo atrás de mim, vieram de Hampshire para me visitar: meu primo distante, o escudeiro Lovelace Bigg-Wither, de Manydown Park, Wooton St. Lawrence; sua filha, Srta. Alethea Bigg; e sua amiga, Srta. Jane Austen. Insisti que fazer a excursão por sua

magnífica casa enquanto eles estavam nas proximidades era uma honra e um privilégio que não deviam ser desperdiçados.

Abençoei secretamente o Sr. Morton, pois, em toda a sua pompa loquaz, ele conseguiu dar ao Sr. Ashford uma explicação para minha presença inesperada ali da forma mais sucinta possível. O Sr. Ashford ainda estava parado no local de onde me viu pela primeira vez, com a mesma expressão atônita no rosto.

— De fato, senhor? — disse Sir Thomas, enquanto nos aproximávamos. Ele apertou cordialmente a mão do Sr. Morton e do escudeiro, em seguida, fez uma mesura para mim e para Alethea. — É um prazer conhecer todos vocês.

— O prazer é todo meu — replicou o Sr. Morton, parecendo que ia desmaiar.

— Espero que nossa casa tenha correspondido às suas expectativas — disse Sophia, com um sorriso caloroso para cada um de nós. Ela parecia não ter mais do que 23 anos, e sua voz era suave e doce.

— Ah! Ultrapassou nossas expectativas em todos os sentidos, Srta. Ashford — respondeu Alethea.

— Palavras não podem expressar minha estima e admiração diante de sua magnificência — exclamou o Sr. Morton.

— Valeu cada quilômetro da minha jornada — disse o escudeiro.

Forjei um sorriso, mas não disse nada, pois minha garganta tinha, de repente, se fechado totalmente, e tudo que eu conseguia fazer era respirar.

— Gostaria de apresentar nossos queridos amigos — disse Sir Thomas, pois naquele instante o Sr. Churchill descia do primeiro coche, e seu grupo se aproximava de nós. — Sr. e Sra. Churchill, e Srta. Isabella Churchill, de Larchmont Park. Apesar de as senhoras terem passado quase todos os dias juntas em Londres por mais de 15 dias, elas não conseguem ficar separadas. E por isso devem ficar conosco por mais um tempo.

O Sr. Morton ansiosamente estendeu a mão outra vez e pareceu pronto para repetir suas apresentações, quando foi interrompido por

um súbito grito de surpresa do Sr. Churchill.

— Srta. Austen? Bom Deus! É realmente você? Aqui, em Derbyshire?

— Sou eu — respondi, mal reconhecendo o guinchar que saiu da minha voz.

— Mas que incrível! Conhecemos a Srta. Austen em Lyme no verão retrasado e nos encontramos novamente alguns meses atrás, em Southampton — explicou o Sr. Churchill a Sir Thomas e Sophia.

— É muito bom ver todos vocês — eu disse, educada, finalmente recuperando o poder da fala. Pelo canto do olhar, detectei o Sr. Ashford se aproximando. Pelo outro lado, senti os olhares de surpresa silenciosa de Alethea e do escudeiro, e o calor do olhar do Sr. Morton de espanto profundo por eu ser conhecida daquelas pessoas.

— Devo dizer, Srta. Austen — disse Isabella, juntando-se ao grupo com uma careta intrigada. (Para meu espanto, ela estava ainda mais bonita e mais jovem do que eu me lembrava; fui forçada a recordar que ela, na verdade, já tinha 17 anos.) — Você me parece familiar. Já não *nos* conhecemos?

— Sim. — Lembrei a ela que a ocasião foi um sarau algumas semanas antes em Southampton e, depois, na casa da Sra. Jenkins.

— Ah! Sim, eu me lembro agora — exclamou ela. — Tivemos uma conversa tão agradável naquela tarde, sobre Londres e outras coisas, e não me lembro o que mais... meu noivado, creio, e então você saiu com tanta pressa que minha tia Jenkins e eu ficamos muito preocupadas com sua saúde.

O Sr. Ashford agora estava a 1 ou 2 metros de distância, e parou. Eu não conseguia olhar para ele. Meu estômago estava agitado, e eu mal conseguia pensar. Lutando para manter a compostura, respondi:

— Eu não estava me sentindo bem naquele dia, mas estou recuperada.

— Quem imaginaria que nos encontraríamos outra vez, em um local tão distante? — disse Isabella com admiração.

— De fato. Quem imaginaria? — respondi, acrescentando: — Eu lhes asseguro que não tínhamos ideia de que vocês retornariam hoje, ou não teríamos vindo. O Sr. Morton estava certo de que vocês todos estavam em Londres. A governanta não disse nada.

— Chegamos muito cedo — disse Sir Thomas. — Ela não esperava que chegássemos antes do jantar.

— Que maravilha vocês todos se conhecerem — disse Sophia. — Por favor, fiquem e se juntem a nós para o chá. Não se importa que eu os convide, não é, papai?

— Claro que não — respondeu Sir Thomas.

O Sr. Ashford parecia estar estrangulado pela própria língua. Seus olhos correram até os meus, e pude ver neles uma mistura de confusão, desespero e pedido de desculpas. Eu não poderia dizer qual de nós estava mais desconfortável.

— Certamente esta não é uma boa hora para visitas — afirmei rapidamente. — Vocês acabaram de voltar de uma longa jornada. Devem estar cansados. Eu não sonharia em me intrometer sem aviso. — As carruagens Ashford e Churchill se afastaram, assim que o coche do escudeiro apareceu para tomar seu lugar. — Ah! Vejam! Nossa carruagem chegou. Foi um prazer.

— Muito prazer em conhecê-los — disse Sir Thomas calorosamente, com uma mesura de despedida.

— Espero que tenhamos a oportunidade de nos encontrar novamente — acrescentou Sophia, sorrindo e fazendo uma reverência. Depois, ela pegou o braço do pai e o conduziu para a casa.

Embarquei em nossa carruagem sem olhar para trás, o coração palpitando, se regozijando com a fuga. O restante do grupo me seguiu, e logo estávamos a caminho da propriedade do Sr Morton..

— Você me surpreende, Srta. Austen! — disse o Sr. Morton, do seu assento à minha frente no coche. — Por que não nos disse que conhecia os Churchill?

— Eu não imaginava encontrá-los aqui — respondi.

— É extraordinário — disse Alethea — você conhecer a jovem com quem o Sr. Ashford vai se casar.

— Quando a governanta mencionou as núpcias — persistiu o Sr. Morton —, você certamente poderia ter dito alguma coisa.

— Não parecia importante — declarei.

— Não era importante! — exclamou o Sr. Morton. — Uma amizade tão prestigiada! É a coisa mais importante do mundo!

— Ele é *muito* bonito, você não acha? — indagou Alethea.

— Quem? — perguntei.

— O Sr. Ashford, é claro. Que homem interessante.

— Não percebi — menti.

— Embora ele parecesse bem reservado — disse Alethea. — Acho que não o ouvi dizer uma única palavra.

— Uma qualidade muito boa em um homem — declarou o Sr. Morton. — Admiro pessoas reservadas e calmas. Eu sempre digo que a loquacidade é um grande pecado, pois pode se provar mais cansativa para os que são persuadidos a ouvir, principalmente se o falante não é uma pessoa educada, como eu, com agilidade mental e verbal e um vasto conhecimento do mundo, que pode oferecer uma grande variedade de temas interessantes dentre os quais escolher. Na ausência de tal habilidade, acredito que só se deve falar quando se tem algo de grande importância a dizer e, mesmo assim, deve-se escolher as palavras com muito cuidado.

Quando o Sr. Morton sugeriu uma visita a outra mansão no dia seguinte, aleguei uma dor de cabeça e disse que preferia ficar. Eu queria algumas horas de silêncio e solidão, durante as quais pudesse derramar meus sentimentos em uma carta para minha irmã.

*Hartsford, quarta-feira, 3 de maio de 1809*

*Minha querida Cassandra,*

Muito obrigada por sua carta, muito bem-vinda, que recebi no dia seguinte à nossa chegada. A história do incidente com Mary e minha mãe e a água suja na banheira foi tão divertida que devo ter rido por uns 15 minutos. Você é realmente a escritora cômica da época, e a partir deste instante, presto todas as homenagens nesse sentido.—No entanto, fico triste ao saber que você e minha mãe estão tão infelizes em geral e foram obrigadas a mudar para Alton até meu retorno, mas talvez não devêssemos ter esperado mais. Sua decisão de sair da estalagem e ir para a cabana da Sra. F. Austen é boa, acho, principalmente porque minha mãe ainda não está se sentindo bem. Talvez a troca de uma Mary por outra seja boa para ela.<sup>1</sup> —Por favor, diga a minha mãe que penso nela todos os dias. Ela deve cogitar escrever para Martha, pois acho que ela conhece um remédio novo para dor de cabeça.—Neste momento, você deve ter recebido minha primeira carta enviada deste local, em que (de uma forma muito indiscreta, confesso) descrevi tudo sobre o Sr. Morton, sua personalidade e sua paróquia. Nos dois dias desde então, o Sr. M. se mostrou ainda mais odioso e arrogante, se é que é possível imaginar isso. Houve uma época em que eu considerava o escudeiro um indivíduo bem tagarela, mas o Sr. Morton o superou muito nesse departamento; ele consegue pontificar sobre um assunto de uma forma tão longa e tão obtusa que dificilmente pode ser descrita.—Mas devo esquecer esse assunto de uma vez ou em breve serei declarada culpada da mesma falha. Agora, não posso adiar por mais um instante a notícia mais importante desta missiva. Minha correspondência anterior não pode, de maneira alguma, tê-la preparado para a informação que estou prestes a lhe transmitir.—Você se lembra de meu desconforto inicial quanto à ideia de viajar para Derbyshire? Bem, meus piores temores a esse respeito se concretizaram ontem à tarde. O Sr. Morton insistiu que, dentre todas as grandes vistas em Derbyshire, devíamos ir a

*Pembroke Hall! O grupo todo quis visitar o local, e, como o Sr. Morton insistiu que a família estava fora da cidade, me senti bem segura em ir. (E devo admitir que tinha uma curiosidade ávida para ver o lugar.) Você não vai acreditar em mim quando eu lhe contar o que aconteceu! —*

Eu estava profundamente envolvida em escrever quando ouvi uma carruagem chegando. Ainda não era uma e meia, e imaginei se algo dera errado, afinal, eu não esperava que o Sr. Morton e os Bigg-Wither voltassem tão cedo.

— Perdoe-me, senhorita — disse a criada, entrando com uma reverência. — Há uma jovem senhora para vê-la.

— Para me ver? — perguntei, surpresa.

— Sim, senhorita. Srta. Isabella Churchill.

Fiquei atônita, quase sem fala.

— Por favor, faça-a entrar.

Larguei a pena e fiquei de pé, muito intrigada. Qual poderia ser o assunto de Isabella *comigo*, vindo de Pembroke Hall? Nada me veio à mente — a menos que, pensei com alarme crescente, por algum acaso, ela tivesse descoberto sobre minha amizade com o Sr. Ashford e achado (completamente sem razão) que eu poderia representar uma ameaça por isso. Eu me perguntava ansiosamente o que poderia dizer para aliviar seus temores, se esse fosse realmente o caso.

Em segundos, a criada voltou. A jovem entrou suavemente. Ela usava um vestido muito bonito de musselina amarela com bolinhas e uma faixa azul-claro e carregava uma sombrinha combinando; no mesmo braço pendia uma bolsa bordada de tamanho médio.

— Srta. Austen — disse Isabella, estendendo a mão enluvada para me cumprimentar. — Espero não estar incomodando.

— De modo algum — declarei, tomando-lhe a mão e procurando em seu rosto algum sinal de maldade. Não encontrando, acrescentei: — Por favor, sente-se. Posso lhe oferecer um refresco?

— Obrigada, isso seria muito gentil, pois minha garganta está seca. — Acomodando a bolsa e a sombrinha, Isabella se instalou no sofá. Sentei na cadeira mais próxima e acenei para a criada, que saiu, eu esperava, para buscar algo que pudesse umedecer uma garganta.

— Infelizmente, o Sr. Morton e os outros saíram para passear — expliquei-lhe. — Não devem voltar até o final da tarde de hoje.

— Tanto melhor, pois vim especialmente para ver *você*, Srta. Austen. — O tom condescendente e o sorriso benevolente não deixaram dúvidas quanto à honra que ela achava que estava me dedicando.

— Ah! De fato — eu disse, em busca de uma resposta adequada. — É sempre um prazer receber uma visita.

— Sei que você deve estar surpresa por me ver. Afinal de contas, mal nos conhecemos. Mas, por outro lado, sabe-se que amizades verdadeiras começam até mesmo com as pessoas mais improváveis, não é? Só mesmo por circunstâncias muito extraordinárias você conheceu meu irmão, sua esposa e o Sr. Ashford. Pois, imagine minha surpresa quando Charles me informou, somente ontem à noite, que todos vocês fizeram uma viagem de barco até uma abadia em ruínas ou coisa parecida, enquanto eles estavam em Southampton!

Meu estômago estava em alvoroço, pois eu ainda não conseguia detectar, pela sua expressão, se ela estava ressentida comigo a esse respeito.

— É verdade, fizemos tal passeio.

— Charles disse que vocês fizeram um piquenique e se divertiram muito. Não posso lhe dizer como me corroí de inveja ao saber isso. Eu estaria no grupo se não tivesse ficado doente e sido forçada a ficar em casa. Eu disse a Ashford que fui excluída. Afinal, eu mal o vi enquanto estávamos em Londres, porque ele estava sempre tão terrivelmente ocupado. Eu disse a ele que queria um passeio de barco, exatamente como o que vocês fizeram em Southampton! “Você simplesmente *tem de* me levar aos lagos”, falei. E Ashford

respondeu: “Poderíamos ir, mas não seria o mesmo sem a Srta. Austen”. Eu lhe perguntei por quê. Devo dizer que a resposta me pegou completamente de surpresa. É a razão pela qual estou aqui.

— É? — Meu coração disparou. Respirei fundo, tentando me preparar para o que quer que pudesse vir em seguida. — O que ele disse?

— Ele me disse que você é... — Isabella se inclinou para a frente, baixando a voz. — Espero que acredite que não quero ser impertinente.

— Tenho certeza de que não.

— Ele disse que você é... — ela fez uma pausa, os olhos brilhando de emoção — ... a mais *maravilhosa* contadora de histórias.

Era a última coisa que eu esperava.

— Verdade?

— Charles e Maria concordaram. Eles disseram que você lhes contou a história mais *divertida* naquele dia, e que era surpreendente não ter sido publicada. Bem, pensei, qualquer pessoa *tão* educada *deve* ser uma grande leitora e uma boa julgadora de literatura, e talvez até escreva suas próprias histórias. Mas Ashford saiu da sala e ninguém parecia saber de mais nada. Então pensei em vir até aqui de imediato, para investigar o assunto.

— Infelizmente, não estou entendendo, Srta. Isabella. Qual é, exatamente, a natureza da sua pergunta?

— Muito simples. Eu li um romance *inteiro* no ano passado, do princípio ao fim! Levei muito tempo para terminar, mas fiquei feliz de fazê-lo. Fiquei tão inspirada que recentemente assumi a ocupação de escrever! Ansiei *tanto* por uma amiga com quem eu pudesse compartilhar meus pensamentos, alguém que pudesse me orientar em meus esforços. — Da bolsa, Isabella puxou um caderno, que empurrou para mim. — Aqui está meu primeiro esforço: uma história ainda inacabada. Gostaria de saber se você teria a gentileza de ler e me honrar com sua opinião.

Olhei para ela, atônita. No entanto, fui impedida de dar qualquer resposta, pois naquele exato momento a porta foi aberta novamente. A criada reapareceu, carregando uma bandeja com algum tipo de bebida, e fez o seguinte anúncio:

— Desculpe-me, Srta. Austen, há um cavalheiro querendo vê-la.

Não tive sequer um instante para processar o comentário, pois o Sr. Ashford entrou na sala imediatamente.

# Notas

<sup>1</sup> Frank Austen recentemente tinha instalado a esposa Mary (que estava grávida de novo) e a filha Mary Jane em uma casa em Alton para que ficassem durante os dois anos que ele passaria no mar, a fim de que elas pudessem estar perto de sua mãe e suas irmãs quando estas se mudassem para a casa em Chawton.

## Capítulo dezenove

— Srta. Austen — disse o Sr. Ashford, curvando-se, com urgência na voz.

Levantei-me em silencioso espanto. O Sr. Ashford abriu a boca para falar novamente, mas avistou Isabella e congelou, consternado. Um silêncio breve e inadequado se seguiu. A criada desapareceu. Se eu achava que os acontecimentos da tarde anterior haviam sido desconfortáveis, agora eles não eram nada em comparação ao momento diante de mim. Eu estava na mesma sala com as duas pessoas que menos queria ver ou falar no mundo, sem outra pessoa para aliviar.

— Ashford! — gritou Isabella por fim, com uma risada. — Ora, que surpresa.

O Sr. Ashford se curvou rigidamente.

— Srta. Churchill.

— Se eu soubesse que você vinha aqui hoje, Ashford, poderíamos ter compartilhado uma carruagem.

— Suponho que sim — concordou o Sr. Ashford. Ele me fitou com um olhar frustrado e envergonhado.

Fui tomada pela ansiedade, mas estava determinada a não demonstrar isso. Por que, decidi de repente, *eu* deveria me sentir desconfortável diante daquele homem? Não fiz nada de errado. Ele

tinha enganado a *mim*. Ele que sentisse sua própria vergonha e desconforto, se quisesse.

— Sente-se, Sr. Ashford — pedi a ele com um sorriso.

— Obrigado. — Ele se empoleirou na borda de uma cadeira. — Não posso demorar muito.

— Mas que estranho — pontuou Isabella, enquanto bebericava seu copo de ponche. — Por que veio até aqui, Ashford, se vai chegar e partir de um fôlego?

— Vim para... — Ele estava claramente sem palavras, e eu percebi em seu olhar uma gama de emoções que parecia estar em guerra dentro de seu coração: aflição, irritação e outra coisa que parecia ser dirigida apenas a mim... era um pedido de desculpas? Por fim, disse: — Vim para fazer um convite.

Todos aqueles sentimentos afetuosos que eu tinha enterrado, depois de um olhar sincero dele, estavam tentando retomar meu coração. Eu me esforçava para ignorá-los, determinada a me apegar à fúria e à indignação, mas resolvi ser educada.

— Um convite?

— A você e a seus amigos. Para se juntarem a nós em Pembroke Hall. Eu soube... acredito que minha governanta disse... que vocês não viram os jardins e o chafariz ontem.

— É verdade, não tivemos esse prazer. Embora tenhamos feito uma excursão muito extensa pela casa, que considerei muito bonita.

— Obrigado. Fico feliz que você... Fico satisfeito que você teve a oportunidade de vê-la. Espero que vocês me deem a honra de retornar na sexta-feira como nossos convidados e, claro, ficar para jantar.

— Que gentil de sua parte oferecer. Tenho certeza de que meus amigos ficarão encantados com o convite. Vou dizer a eles quando retornarem.

— Que ideia maravilhosa — disse Isabella. — Eu tinha a intenção de voltar para casa amanhã, mas agora certamente permanecerei. O que seriam mais um ou dois dias? Não poderia ser mais perfeito.

O olhar no belo rosto do Sr. Ashford — o rosto franzido, os lábios travados e as narinas dilatadas — transmitia sua irritação e aborrecimento, que ele lutava para conter detrás de um sorriso elegante. Eu só podia esperar que meus próprios sentimentos torturados não estivessem tão facilmente discerníveis quanto os dele.

— Isso vai lhe dar tempo, Srta. Austen, para ler minha historinha — continuou Isabella —, e poderá compartilhar seus comentários na próxima vez em que me encontrar. — Diante do olhar incrédulo do Sr. Ashford, ela riu. — Você está certo em ficar surpreso, Ashford, pois não sabe de tudo. Lembra-se da história que eu disse estar escrevendo? Bem! Espere até saber! A Srta. Austen concordou em lê-la e me dar seus conselhos.

Ele olhou para mim.

— Isso é muito gentil.

— Como eu poderia recusar? — respondi.

— De fato. Como poderia? — Com o rosto tenso, o Sr. Ashford ficou de pé. — Se me der licença, Srta. Austen. Vou aguardar sua resposta em relação à sexta-feira. E, agora, peço permissão para partir.

— Também vou partir — disse Isabella, se levantando e pegando a sombrinha. — Palavras não podem expressar minha gratidão, Srta. Austen, por sua ajuda neste assunto.

— É um prazer — eu disse.

Ah! A satisfação que uma pena e tinta e papel podem oferecer quando se tem eventos de um calibre tão surpreendente para relatar, e o conhecimento de que eles serão entregues a um destinatário tão vitalmente interessado! Você pode imaginar com que profusão de emoções e ansiedades eu relatei cada palavra e nuance daquele incidente quando, finalmente, consegui terminar a carta para Cassandra. Fiquei tão absorta na escrita que não percebi que outra carruagem tinha chegado no pátio até Alethea entrar na sala de estar.

— Bem, Jane, tivemos um dia maravilhoso! — Alethea tirou as luvas e se jogou em uma cadeira com um suspiro cansado. — Depois de ver muitos povoados e castelos e mansões, tudo começou a ficar parecido. Tudo com exceção de Pembroke Hall, é claro. O passeio de ontem foi *realmente* um ponto de destaque na nossa semana. Como você está, querida? Sua dor de cabeça melhorou?

— Sim. Obrigada.

— Está escrevendo *mais uma* carta?

— Sim. Para minha irmã.

— Você não escreveu para Cassandra há dois dias?

— Escrevi.

— Escrevi apenas *uma* carta para *uma* irmã em todo o período da viagem, e você parece que escreve para a *sua* quase todos os dias. Você me faz sentir absolutamente culpada. Eu ia lhe perguntar uma coisa. O que era? O Sr. Morton e papai saíram para ver alguns porcos que o Sr. Morton está pensando em comprar, sobre os quais ele *quer* a opinião de papai. Pedi para me deixarem em casa primeiro; a ideia de ser forçada a ouvir os dois homens debaterem os méritos e deméritos de um porco por mais de uma hora me deixou completamente exausta. Ah! Lembrei-me do que eu ia perguntar. — Ela se sentou de repente, os olhos iluminados pelo interesse. — A criada disse que você recebeu duas visitas enquanto estávamos fora. Duas! É verdade? Quem você conhece nesta região? Quem veio visitá-la?

— A primeira foi a Srta. Isabella Churchill.

— A Srta. Churchill? Estou espantada. Mas, espere, é verdade, vocês *já* se conheciam. O que ela queria?

— Ela veio pedir meus conselhos. Parece que arranjou uma nova ocupação.

— Que ocupação é essa?

— Depois de fracassar na música e na arte — respondi —, ela decidiu escrever.

Eu li a história de Isabella, que era um breve conto sobre a aventura de uma menina, bem infantil e um tanto tosca — com tom semelhante às minhas próprias histórias juvenis — exceto que ela não tinha um domínio da língua que eu considerasse suficiente para a tarefa. Eu nunca sonharia em dizer isso a ela, claro, pensei pesarosamente.

Enquanto Alethea seguiu para o nosso quarto a fim de tirar uma soneca, me aventurei sozinha no jardim da casa paroquial para uma caminhada, com a mente ocupada pelos acontecimentos perturbadores dos últimos dois dias. Ah, como eu desejava nunca ter vindo nesta viagem ou, pelo menos, ter ouvido meus alarmes e me recusado a visitar Pembroke Hall.

Quando Alethea me pressionou a revelar a identidade da segunda visita, contei a ela, com toda a calma que consegui reunir, sobre o gentil convite do Sr. Ashford para voltarmos a visitar a propriedade de sua família. Ela ficou surpresa, mas satisfeita, e perguntou o que poderia tê-lo levado a estender tal cortesia, afinal, eu não o conhecia (ou pelo menos ela assim pensava), apenas os Churchill. Não fiz nada para esclarecê-la sobre o assunto, preferindo esperar até que estivéssemos na companhia do cavalheiro outra vez (dali a uns dois dias, se a visita de fato ocorresse), quando se tornaria absolutamente necessário fazê-lo. Rimos muito em antecipação à resposta do Sr. Morton ao convite, a qual previmos como muito entusiasmada.

No entanto, meu riso pareceu falso. Eu não conseguia pensar no evento sem muita frustração e aflição.

Ser forçada à presença do Sr. Ashford duas vezes em dois dias havia sido desconcertante o suficiente, e agora eu estava diante de mais um encontro. Certamente o Sr. Ashford não viera hoje com a intenção de fazer tal convite. Estava claro, em seu jeito, seu tom de voz e suas palavras que ele chegara com um objetivo muito diferente em mente e tinha sido forçado a inventar outra desculpa devido à presença inesperada de Isabella.

O propósito original de sua visita, deduzi, tinha sido finalmente revelar tudo, para desafogar seu coração da culpa. Depois de várias horas ruminando, minha imaginação tinha fornecido as palavras que ele poderia ter dito, caso houvesse tido a possibilidade de falar livremente. O Sr. Ashford poderia ter explicado que, quando nos encontramos em Lyme, ele havia ficado impressionado comigo. No entanto, após retornar a Derbyshire, envolveu-se nos assuntos da propriedade da família e foi lembrado (talvez pelo pai) que estava chegando àquela idade na qual um homem pode e deve se casar. Parecia natural e correto escolher uma jovem tão amada pela família. Ele conhecia Isabella desde sempre, ele poderia ter dito, e sempre a considerou com afeto. Cerca de um ou dois anos antes, quando ela amadureceu em toda a feminilidade, sua beleza e feições o enfeitaram.

Tudo tinha sido arranjado, o Sr. Ashford se casaria com Isabella e estava contente. E então nos reencontramos em Southampton. Ele não estava preparado para a atração que iria sentir. A semelhança de nossas mentes, meus encantos e meu intelecto (ou algum outro disparate parecido) faziam com que ele se sentisse atraído por mim. Ele sabia que devia ter me contado do noivado; ele se recriminava todo dia por tal omissão; mas, se me contasse suas circunstâncias verdadeiras, temia que eu pudesse desistir de vê-lo (o que certamente aconteceria). No entanto, como tinha gostado de mim desde o início, apenas como amiga, e havia presumido que eu sentia o mesmo, ele não vira nenhum dano real em continuar nossa amizade.

O Sr. Ashford, então, teria voltado os olhos para mim (imaginei) com um olhar de profunda sinceridade (um de seus muitos talentos), e dito: "O fato de você ter sabido do meu noivado por outra fonte será sempre uma questão de enorme perturbação para mim. Espero que me perdoe, e que possamos continuar amigos, pois eu sempre a terei na mais alta estima etc. etc."

Esse discurso imaginado, que provocou uma reviravolta desagradável no meu estômago, foi interrompido por um grito

distante e alguém berrando meu nome. Olhei em toda a extensão do gramado e vi o Sr. Morton sair da casa paroquial acenando para mim.

Ah, não, pensei. E agora? Alethea deve ter contado ao Sr. Morton sobre o convite para jantar em Pembroke Hall, e ele não aguenta esperar para compartilhar seu prazer comigo. O clérigo se aproximou de mim o mais rapidamente que suas pernas longas e grossas e seu tronco pesado permitiam. Apressei o passo no caminho de cascalho em sua direção e encontrei-o na fronteira do jardim de rosas.

— Srta. Austen — exclamou ele, chegando até mim ofegante —, posso solicitar a honra de uma caminhada com você em particular?

— É o seu jardim, Sr. Morton. E não parece haver mais ninguém por perto.

Ele bufou algo parecido com uma risada.

— Seu senso de humor, Srta. Austen, é apenas uma dentre suas muitas qualidades que considero encantadoras.

— Você é muito gentil, Sr. Morton.

— Estou dizendo apenas a verdade. Você é uma mulher de grande charme e muitas surpresas. — Ele começou a caminhar ao meu lado e, como esperado, disse com grande entusiasmo: — Ora, quem poderia ter imaginado, quando você chegou... uma mulher de uma família respeitável, com certeza, mas de pouca notoriedade, que morou no condado de Hampshire durante a maior parte da vida... que você conheceria os Churchill! E, por essa ligação, seria a intermediária de uma apresentação à família Ashford! Isso é fantástico! Acabei de saber a notícia sobre o mais gracioso convite do Sr. Ashford e não tenho palavras para expressar o extremo prazer com que aguardo o evento.

— Não são necessárias palavras, Sr. Morton. Eu posso imaginar muito bem seus sentimentos.

— Acredito que sim, Srta. Austen. Pois você me parece uma mulher de grande imaginação, outra característica que admiro. Poder ver mais do que apenas o que está diante de você, poder projetar seus pensamentos e ideias mais íntimos em uma perspectiva futura,

e depois concretizar essa perspectiva... Desde um esforço tão simples quanto a instalação de um conjunto de prateleiras em um armário no quarto, por exemplo, até um tão complexo quanto projetar e plantar um canteiro de rosas... Todas essas atividades requerem um senso vívido de imaginação e uma devoção apaixonada à sua execução. Qualidades que me orgulho de possuir e que eu sempre observo nos outros com o maior respeito.

Eu me esforcei para conceber uma resposta sensata, mas a ideia de o Sr. Morton projetando e montando prateleiras de armário sob qualquer coisa semelhante à paixão me divertiu tanto que foi necessária toda a minha atenção para não rir. Nós nos aproximamos de um banco de madeira à sombra de um grande olmo, e ele disse:

— Por favor, me conceda a honra de se sentar comigo por um instante, Srta. Austen.

Eu sentei. Ele soltou o corpo grande sobre o assento ao meu lado, inalando o perfume do jardim.

— Não é um local agradável?

— De fato, senhor. É muito encantador. Você tem muitos motivos para se orgulhar.

— Você não acharia desagradável, então, passar mais tempo neste lugar?

— Claro que não. Gosto de estar ao ar livre. Eu ficaria feliz em passar uma ou duas horas todas as manhãs de nossa estadia passeando pelo seu jardim.

— Você ficaria feliz se prolongasse sua estadia?

— Prolongar minha estadia? — repeti, desconcertada. — Isso seria agradável, tenho certeza, mas eu e meus amigos somos obrigados a voltar para casa daqui a alguns dias.

— Você é obrigada mesmo, Srta. Austen?

— Sim. Minha mãe e minha irmã aguardam meu retorno. Vamos nos mudar, em breve, para uma nova casa.

— Entendo. — O Sr. Morton virou de frente para mim em seu assento, o rosto mais animado agora do que eu já tinha visto até então. — Não vou mais desperdiçar seu tempo nem o meu com

conversa fiada, Srta. Austen, portanto vou direto ao assunto. Acredito que mencionei, logo após sua chegada, que, até recentemente, eu não tinha os meios para sustentar uma esposa; mas minhas circunstâncias mudaram substancialmente. Agora sou capaz e estou disposto a me casar, e escolhi você, Srta. Austen, para ocupar o papel de futura companheira da minha vida.

Fiquei tão surpresa que só consegui dizer “Sr. Morton” antes de ele continuar a torrente de palavras.

— Entendo sua surpresa e preocupação, mas, por favor, não se preocupe. Estou ciente de que tal proposta não se apresenta a uma mulher de sua posição todos os dias; mas o fato de você não estar mais na flor da juventude e de não possuir fortuna não me preocupa. Seu valor, creio eu, encontra-se em outras coisas. Desde o momento em que a vi pela primeira vez, reconheci todas as características de uma pessoa ativa, inteligente, útil, sem exageros, que poderia aproveitar ao máximo uma pequena renda. Em suma, a mulher ideal para servir como esposa de um vigário.

— Sr. Morton, eu peço... — comecei, mas ele continuou:

— Eu me orgulho de ter muito a oferecer a uma mulher: uma casa e um sustento confortáveis e, como você mesma viu, um jardim muito bonito, situado a apenas 3 quilômetros da propriedade da estimada Lady Delacroix, que, tenho certeza, vai aprovar mais do que prontamente minha escolha. Sem mencionar a sociedade da qual certamente vamos desfrutar com base em sua amizade com as duas grandes famílias de Derbyshire de quem falamos. Nada me resta, além de lhe assegurar a intensidade do meu afeto. Posso dizer que a amo e admiro ardentemente! Vai dizer sim, Srta. Austen, e me fazer o mais feliz dos homens?

## Capítulo vinte

— Essa foi, finalmente, a conclusão do discurso dele? — indagou Cassandra, lutando para controlar um riso, sentada no jardim da casa de Frank e Mary em Alton. — Vai me fazer o mais feliz dos homens?

Eu havia retornado apenas meia hora antes, após a rápida viagem de volta de Derbyshire. Depois de me assegurar que minha mãe não se encontrava, de fato, à beira da morte (porém estava, naquele momento, sentada e desfrutando uma refeição saudável), eu tinha roubado minha irmã na primeira oportunidade, para deliciá-la em particular com a ilustre história da minha proposta.

— Essas foram as palavras exatas — respondi.

— Qual foi sua resposta?

— Eu disse: “Senhor, embora eu reconheça a honra de sua oferta, estou convencida de que sou a última mulher na terra que poderia fazê-lo feliz.”

— Como ele recebeu sua recusa?

— Minhas palavras, infelizmente, não o dissuadiram. Ele insistiu que eu estava sendo recatada.

— Não!

— *Sim*. Ele alegou que tinha ouvido dizer que muitas mulheres, em uma primeira proposta, recusam o homem que desejam aceitar em um esforço para parecerem mais desejáveis.

— Eu nunca ouvi falar de alguma mulher ter tomado tal atitude.

— Nem eu. Onde ele obtém essas informações sobre os hábitos e as atitudes das mulheres casaduras é um assunto que não podemos esperar compreender. De qualquer maneira, eu lhe disse, nos termos mais objetivos, que minha recusa era perfeitamente séria e que eu não iria, e não poderia, me casar com ele.

— Acredito que, no final, ele aceitou graciosamente a sua recusa.

— Pelo contrário. Ele ficou mais chateado e me garantiu que não precisava da minha presença para continuar um relacionamento com as famílias Ashford e Churchill. Em seguida, saiu pisando duro em direção à casa paroquial e não falou uma palavra comigo pelo restante do dia.

— Ah, Jane! Que desagradável!

— Quando relatei os acontecimentos a Alethea e ao escudeiro e ficou evidente que eu já não era bem-vinda naquela casa, o escudeiro rapidamente pediu licença para retornarmos de imediato a Hampshire. Ele escreveu uma carta ao Sr. Ashford pedindo desculpas pelo nosso afastamento e pela nossa impossibilidade de aceitar o gentil convite para jantar em Pembroke Hall, o que só irritou o Sr. Morton ainda mais. Para meu alívio, partimos cedo na manhã seguinte.

— Bem, sinto muito por você ter sido tratada tão rudemente, mas receber uma proposta não pode ser uma coisa ruim em si, mesmo que você não admire o homem em questão. O fato de ele ter pensado tão bem de você só pode ser positivo. E qualquer coisa que traga você de volta para mim tão rapidamente só pode ser vista com um olhar muito grato.

Sorri para Cassandra de maneira afetuosa.

— Asseguro que você *vai* encontrar uma fresta de esperança em cada nuvem que aparecer. Não importa quanto a pessoa aja de maneira abominável, você sempre encontra algo de bom a dizer sobre ela. Suponho que você vá encontrar algo de bom a dizer sobre o Sr. Ashford a seguir, que eu deveria pensar nele positivamente e ser grata pelo pouco tempo que passamos juntos, sabendo que um

cavalheiro de sua riqueza e posição jamais poderia esperar se casar com uma mulher tão humilde quanto eu.

Cassandra parecia perturbada agora, e disse:

— Confesso que não sei o que fazer em relação a esse caso. Não consigo deixar de pensar que há mais por trás do noivado do Sr. Ashford com Isabella do que foi revelado até o momento. Se ao menos ele tivesse recebido uma chance de se explicar... É muito lamentável que, em todas as vezes que, aparentemente, tentou falar com você sobre o assunto, ele foi impedido.

— Ele teve muitas oportunidades de falar sobre isso todos os dias durante três longas semanas em Southampton.

— Verdade. O Sr. Ashford se portou mal aí, ao que parece, mas ainda acho que é um bom homem. Não consigo acreditar que nós duas estávamos tão completamente erradas em nossa percepção sobre ele.

— Você pode acreditar no que quiser — falei —, mas, até onde sei, esse assunto está encerrado. Acho que tenho sorte de ter escapado incólume de Derbyshire.

Alguns dias depois, Alethea veio nos fazer uma visita inesperada com uma notícia muito surpreendente, sob a forma de uma carta que o escudeiro havia recebido.

— Papai compartilhou isto comigo apenas alguns instantes depois de chegar — anunciou Alethea, enquanto enfiava a carta em minhas mãos. — Eu sabia que deveria vir imediatamente, não importando qual a distância, para mostrar a você. — A carta, eu notei, era do Sr. Morton.

— O que o Sr. Morton tem a dizer a seu pai? — perguntei. — Será que ele escreveu para agradecer pela visita ou para repreendê-lo por levar uma convidada que apresentou um comportamento tão ruim?

— Leia — disse Alethea, com uma risada — e veja por si mesma.

*Hartsford, Derbyshire, sexta-feira, 5 de maio de 1809*

PREZADO SENHOR,

*Espero que o senhor e sua filha estejam bem, e que tenham feito uma viagem segura de regresso do meu humilde lar. Eu preferiria, se estivesse ao meu alcance, lhe dizer estas palavras pessoalmente, mas a velocidade de sua partida repentina tornou isso impossível, e sou obrigado a fazer meu pedido por escrito. Digo com orgulho que o senhor não vai ficar totalmente surpreso com o conteúdo desta missiva; no entanto, me permita começar com um prefácio breve, mas, considero eu, necessário. Sem dúvida o senhor está ciente de uma oferta que, com base em um grande erro de julgamento, foi feita recentemente à amiga de sua filha, a quem não devo nomear. Por favor, acredite que meus verdadeiros sentimentos sobre o assunto foram, vejo em retrospecto, ocultados pelas perspectivas que essa amiga parecia apresentar; ou seja, uma conexão com a família Churchill e, através deles, com os Ashford. Mas não falarei mais dessas questões: elas estão no passado e foram esquecidas. O tempo e a economia exigem que eu apresente o propósito desta carta sem demora. Eu me lembro muito vividamente de tomar conhecimento através do senhor acerca das circunstâncias terríveis que se abaterão sobre suas filhas solteiras no caso de sua morte (um evento melancólico que, espero, não vá acontecer tão cedo). O pensamento de que a Srta. Alethea, por mais que fique bem financeiramente, será forçada a deixar sua casa em Manydown nessa ocasião para dar espaço para seu filho e herdeiro residir com sua própria família é de fato muito angustiante. Essa inquietação tem ocupado todos os meus pensamentos desde sua partida, e me tornou consciente de uma admiração que, após muito ponderar, percebi sentir desde o primeiro instante em que conheci sua filha. Em suma, caro senhor, sua Srta. Alethea conquistou meu coração. Escrevo para pedir sua bênção e sua permissão para dirigir*

*minha mais sincera afeição a sua filha e lhe fazer um pedido de casamento, que espero ser tão aceitável para o senhor quanto para a própria dama. Permaneço, caro senhor, com elogios respeitosos por sua família, seu bem-querente e amigo,*

LUCIAN MORTON

— Estou, confesso, completamente surpresa — declarei enquanto dobrava a carta e a devolvia a Alethea.

— Você consegue imaginar isso? Ele escreveu esta carta no mesmo dia em que partimos! É surpreendente para mim que qualquer homem possa mudar sua fidelidade matrimonial tão rápida e decididamente e com tão pouco motivo.

— Por favor, não permita que a *minha* recusa perturbe seu pensamento. Se quiser aceitá-lo, *faça-o*. Ele tem um jardim de rosas muito agradável e um conjunto de prateleiras em um armário no quarto que, imagino, são da mais alta qualidade.

Alethea riu.

— Eu preferiria viver sozinha e sem dinheiro pelo restante dos meus dias no menor sótão possível a passar mais cinco minutos sob o teto daquele homem.<sup>1</sup>

— Seu pai ficará muito desapontado, temo.

— Sim, pois ele continua a me lembrar de que minha irmã fez um casamento muito satisfatório com um clérigo mais velho. Mas não sou Catherine.

— Nem eu — respondi.

Passamos o restante de maio e junho em Godmersham enquanto esperávamos a conclusão das melhorias em nosso futuro lar em Chawton. Ao contrário de minhas visitas anteriores, todos os dias que passei imersa no elegante estilo de vida na propriedade do meu irmão em Kent agora eram uma lembrança dolorosa de uma construção e um jardim ainda mais imponentes em Derbyshire, e do

cavalheiro que lá residia. Toda vez que uma lembrança do Sr. Ashford vinha até mim, eu me obrigava a afastar tais pensamentos da mente para sempre. Com o tempo, acredito que realmente me convenci de que tinha conseguido atingir tal objetivo.

Edward, ainda de luto pela perda da esposa no outono anterior, ficou feliz com a nossa companhia, embora passasse muito tempo longe supervisionando o trabalho na casa de Chawton. Era maravilhoso estar com minhas sobrinhas e sobrinhos por um tempo, mas é claro que eu não tinha oportunidade de escrever; e, como sempre, eu sentia que não me encaixava muito bem ali. Quando o cabeleireiro veio fazer o cabelo das meninas, ele cobrou de minha mãe, minha irmã e de mim uma taxa reduzida pelo mesmo trabalho, reconhecendo nossa situação financeira, pelo que ficamos gratas, mas, ao mesmo tempo, profundamente envergonhadas.

Foi com alívio e expectativa animada que, em 7 de julho de 1809, minha mãe e eu dissemos adeus a Godmersham. Cassandra havia decidido permanecer mais alguns dias, e Martha logo se juntaria a nós, mas mamãe e eu estávamos ansiosas para arrumar a casa que finalmente poderíamos chamar de nossa.

Durante a estadia em Alton, antes, minha mãe não se sentia bem o suficiente para suportar uma excursão pela casa enquanto esta se encontrava em reformas e repleta de trabalhadores. Dessa forma, só havíamos tido a oportunidade de ver brevemente o exterior, de passagem.

— Meu Deus, ela é muito próxima da estrada — exclamou minha mãe agora, estalando a língua com desânimo, enquanto saltávamos da carruagem de meu irmão e avistávamos a casa de Chawton sob o quente sol de julho. — Este pequeno espaço cercado é tudo que protege a casa do perigo de colisão com um veículo desgovernado.

— O tráfego de passagem será uma diversão interessante — comentei, elevando a voz enquanto um coche de seis cavalos passava como um trovão 4 metros atrás de nós, fazendo o chão tremer sob nossos pés.

— Interessante, de fato — respondeu minha mãe, tossindo e abanando a poeira que subia.

Chawton ficava (e fica, e espero que continue assim por muito tempo depois que eu deixar de viver aqui) no meio de uma região com bosques muito bonitos, com vales e campinas verdes repletas de faias. A propriedade de Edward era extensa. Incluía a mansão, que ficava na subida de uma colina sobre a igreja, um parque e propriedades agrícolas, além de um povoado com cerca de trinta cabanas, cuja maioria dos arrendatários era de trabalhadores das plantações e das terras de Edward.

A casa do bailio, construída pelo menos um século antes, não era uma casa de campo no sentido comum. Uma construção de dois andares, de aparência resistente, com tijolos vermelhos de Hampshire, janelas de guilhotina e um telhado íngreme com dois quartos no sótão, ela começou como uma estalagem e parecia muito grande para o nosso propósito. A casa ficava no centro do povoado de Chawton, diretamente na esquina onde a estrada de Gosport cruzava a estrada de Winchester, a via movimentada que ligava Portsmouth a Londres.

— Bem, estamos em dívida com Edward, e temos sorte de ter um lugar para viver — declarou minha mãe, estudando a fachada de tijolos austera, com aparência assimétrica em homenagem a seu histórico de alterações. — Apesar de saber que eu *vou* sentir falta da sociedade e das lojas e diversões de Southampton.

— Eu, por exemplo, estou empolgada com a perspectiva de viver no campo novamente — afirmei, enquanto o cocheiro descarregava nossas malas e caminhávamos até a porta. — Quanto às lojas e à sociedade, Alton fica a uma caminhada tranquila daqui, com tempo bom, e é grande o suficiente para ser digna de uma filial do banco londrino de Henry. E a propriedade principal, a igreja e a casa paroquial ficam a apenas dez minutos a pé.

O interior da casa, que era confortável, claro e cheirava a tinta fresca, se mostrou muito mais promissor, e até mesmo o ânimo de minha mãe começou a melhorar. A porta da frente se abria para uma

entrada de bom tamanho; à esquerda havia uma agradável sala de estar com teto baixo, lareira e friso esculpido, e paredes caiadas de branco. O pouco mobiliário que tínhamos foi enviado antes e colocado aleatoriamente na sala, aguardando nosso olhar decisivo.

Admiramos os resultados das melhorias que Edward havia ordenado. A grande janela da sala de estar (que, de acordo com o uso anterior como estalagem, dava direto para a rua principal) foi bloqueada por Edward devido ao ruído e se transformou em uma estante. Para dar ao piso térreo um aspecto mais alegre, ele recortou uma bela janela nova de estilo gótico na parede com vista para o jardim.

— Ah! Que lindo! — exclamou minha mãe. — Edward sempre teve bom gosto. A visão deste cômodo é muito agradável, e a luz é boa. Você deve colocar seu piano novo aqui, Jane, quando ele chegar.

Minha mãe, minha irmã e Martha tinham decidido muitos meses antes reunir seus recursos e me comprar um piano. Esse ato de generosidade — particularmente em vista que nenhuma delas professava a mesma necessidade ou apreciação pela música que eu — me levava à beira das lágrimas em todas as vezes que pensava no assunto. Eu não tinha um instrumento desde que saímos de Steventon nove anos antes. E estava determinada a aprender quadrilhas para que pudéssemos oferecer alguma diversão a nossos sobrinhos e sobrinhas quando tivéssemos o prazer de sua companhia.

— Tivemos sorte de encontrar um instrumento muito bom por 30 guinéus — eu disse. — Ele vai ficar *perfeito* neste canto, e aqui, ao lado da lareira, posso colocar minha escrivaninha.

O vestíbulo conectava a sala de estar a um amplo salão de jantar, que tinha vista para a estrada, e uma escada estreita levava a seis aconchegantes quartos de dormir no andar de cima.

— Esses quartos são muito pequenos, isso é certo — observou minha mãe —, mas temos sorte de ter seis, pois estão todos ocupados. — Havia sido decidido que Cassandra e eu

compartilhariamos um quarto, como sempre; Martha e minha mãe teriam quartos individuais; um seria para hóspedes; e os outros seriam para os empregados que minha mãe ainda tinha de contratar: uma cozinheira e uma criada, e um homem para o trabalho pesado.

— Parece que Edward fez um bom trabalho de adequação do local — comentou minha mãe —, mas você acha que seria pedir muito ter adicionado um banheiro?

— Não se pode ter o luxo da água encanada em uma casa de campo, mamãe. Mas Edward disse que fez melhorias na bomba no quintal e escavou uma fossa melhor para o vaso.

Na parte traseira do andar térreo ficava a cozinha e, no fundo do quintal, havia um estábulo, um celeiro e um local especial para panificação, com um forno e uma cuba de cobre.

— Martha ficará no sétimo céu quando vir isso! — exclamou minha mãe. — Ela pode ajudar a cozinheira a experimentar todas as novas fórmulas<sup>2</sup> dela. Não consigo imaginar o que vamos fazer com o estábulo, no entanto, uma vez que não podemos nos dar ao luxo de manter uma carruagem.

— Talvez, se fizermos uma economia rigorosa, possamos abrigar um burro e uma carroça um dia — sugeri.

— Será um belo dia este em que *me* verá andando em uma carruagem de burro — reclamou minha mãe. No entanto, ela ficou encantada com o tamanho do jardim, que tinha arbustos plantados densamente, um lilás perfumado, numerosos canteiros de flores cheios de cravinas-do-poeta e columbinas, uma boa quantidade de grama alta, e um pomar. Em torno do jardim havia um agradável caminho de cascalho e uma sebe alta de carpinos, que escondia a estrada barulhenta e ajudava a manter a privacidade e a tranquilidade. — Isso é tudo que eu poderia desejar em um jardim! — gritou minha mãe, satisfeita. — Essa grama vai exigir corte regular, mas teremos um criado para cuidar disso. E aqueles canteiros de flores exigem um pouco de carinho e remoção das ervas daninhas, mas nada que eu não consiga fazer. Com tanto

espaço, posso plantar uma bela horta com muitos legumes e batatas. Bem, devo deixar as tarefas domésticas para vocês, meninas, a partir de agora e passar meus dias trabalhando no jardim.

Três dias depois que nos mudamos, ajudei no nascimento do segundo filho de Frank e Mary, um menino chamado Francis. O parto dele foi muito mais rápido e menos difícil do que o primeiro parto de Mary, e minha alegria pela ocasião me levou a escrever um poema para meu irmão.

### **Chawton, 26 de julho de 1809**

Meu caro Frank, desejo-lhe a paz  
Da segurança de Mary com um rapaz,  
Cujo nascimento me traz à lembrança  
A alegria da primeira criança.—  
Que ele seja uma bênção crescente,  
E mereça o amor de seus parentes!  
Presenteado com os dons da natureza,  
E da família, o sangue da gentileza;  
Nele, de todas as maneiras, que possamos  
Ver seus pais, que nós amamos!—

Continuei assim por várias estrofes, expressando as muitas maneiras pelas quais eu esperava que a criança, se a fortuna lhe sorrisse, se tornasse exatamente como o excelente pai. Perto do fim, adicionei:

Quanto a nós, estamos a nos alegrar,  
Como a prosa sincera vai lhe informar.  
A pena de Cassandra lhe dirá nosso estado  
E os confortos de que temos desfrutado

Estamos convencidas desde já  
De que Chawton um bom lar será,  
E temos certeza de que, quando pronta ficar,  
Será melhor que qualquer outro lugar,  
Que casas já feitas ou reformadas,  
Com quartos compactos ou salas ampliadas.

O poema resumia perfeitamente meus sentimentos exuberantes sobre o assunto. Nossa casa era um pouco estranha, com alguns quartos muito pequenos e outros marcados por alterações, mas era *nossa*, e, portanto, a melhor casa do mundo. A feliz atividade de desempacotar e arrumar as coisas tomou nosso tempo por muitas semanas.

— Onde coloco este candelabro, mamãe? — perguntou Cassandra uma manhã quando desembulhou o item, não muito depois de ela e Martha terem chegado.

— No friso da lareira. Não, não, no aparador — respondeu minha mãe com animação súbita —, ao lado do prato de prata. Coloque-o no meio, com as colheres de chá em um lado, e a concha, as colheres de sopa e as colheres de sobremesa no outro. Sim, isso mesmo, asseguro que está magnífico.

— Lá vai o coche matinal de Winchester — exclamou Marta, quando o silêncio foi quebrado pelo barulho repentino de uma carruagem e cavalos passando rapidamente, bem perto de nossas janelas.

— Podemos acertar o relógio por ele. — Minha mãe assentiu, contente, pois tinha começado a compartilhar meu ponto de vista de que o fluxo constante de coches e carroças era um ótimo lembrete do mundo maior que pulsava pouco além da nossa porta.

Ver minha família com o ânimo tão elevado era contagiante e possuía um efeito superior ao de qualquer tônico. Sorri e voltei minha atenção outra vez para a caixa que eu estava desempacotando, quando ouvi uma batida à porta da frente. Fui atender; era o carteiro.

— Bem-vinda à vizinhança, senhorita — disse ele, me entregando várias cartas.

Agradei. Ele tocou o chapéu e se virou para ir, mas, depois de ver o endereço na primeira carta eu rapidamente o chamei de volta.

— Por favor, devolva esta ao remetente — me dirigi a ele suavemente, entregando-lhe a carta que foi escrita pelo Sr. Ashford.

— Mas o nome e o endereço estão corretos, não é, senhorita? Não é a Srta. Jane Austen?

— Sou — respondi baixinho, imaginando como o Sr. Ashford havia me encontrado. Um olhar para minha mãe e minha irmã revelou que elas felizmente ainda estavam ocupadas com suas atividades na sala de jantar.

— No entanto, você recusa a carta? — perguntou o carteiro, perplexo.

— Recuso — declarei, enfaticamente — e ficaria muito grata, senhor, se devolvesse qualquer correspondência futura que esta pessoa me enviar, caso isso aconteça novamente.

As sobrancelhas dele se ergueram enquanto assentia, em compreensão silenciosa.

— Muito bem, senhorita. Farei isso. Tenha um bom-dia, senhorita.

— Quem era? — gritou minha mãe no cômodo ao lado, depois que eu tinha agradecido ao carteiro e fechado a porta. — É o carteiro, Jane?

— Sim, mamãe — respondi. — Mas não se empolgue. São apenas contas.

# Notas

<sup>1</sup> Alethea Bigg (1777-1847) nunca se casou. Quando o escudeiro morreu, em 1813, ela e a irmã Elizabeth deixaram Manydown para abrir caminho para Harris e sua família e conseguiram uma casa juntas em Winchester, onde viveram confortavelmente por muitos anos.

<sup>2</sup> *Receipts*, no original em inglês: receitas.

## Capítulo vinte e um

Diferentemente dos anos em Steventon, nossa vida social em Chawton era escassa. Não havia baile e só uns poucos convites para jantar. Encontramos e contratamos os empregados; meu piano chegou, juntamente a algumas outras peças de mobiliário necessárias; e caímos em uma nova rotina.

Minha mãe se dedicava alegremente ao jardim, onde passava a maior parte dos dias plantando batatas, capinando os canteiros de flores e vegetais e aparecendo toda tarde com o ânimo renovado, usando um avental verde rodado como qualquer trabalhador, com as botas e roupas enlameadas devido à labuta.

Cassandra e Martha se encarregavam dos arranjos para a maioria das refeições do dia e ajudavam na cozinha quando necessário. Nossa nova cozinheira era uma mulher querida e competente, que valia cada centavo de suas 8 libras ao ano; mas, como ela também lavava nossas roupas a cada 15 dias, muitas vezes havia mais para se fazer do que duas mãos conseguiam dar conta. Cassandra também voltou ao hobby de desenhar com aquarela. Ela me encurralou uma tarde e me obrigou a sentar para um retrato informal, sendo que a semelhança (todos concordaram, para tristeza da minha irmã) não era muito lisonjeira. Ninguém tentou desenhar meu retrato desde então.<sup>1</sup>

Minhas únicas responsabilidades eram guardar a chave do armário de vinho e preparar um simples café da manhã — tarefas que exigiam pouco, pois as mulheres da minha família tinham determinado que eu deveria dedicar meu tempo à busca que me era tão querida: escrever meu livro.

Eu estava ansiosa para voltar ao trabalho. Em todos os momentos de tranquilidade nos últimos meses, fosse em uma longa caminhada, um passeio de carruagem ou deitada na minha cama à noite tentando dormir, meus pensamentos frequentemente se voltavam para *Razão e sensibilidade* e *First Impressions*, livros que descansavam em estados imperfeitos. Novas ideias tinham surgido em momentos estranhos, mas eu raramente tinha tido a oportunidade de anotá-las. *Enfim*, pensei, *chegou a hora*.

Minha recente viagem a Derbyshire — a imagem de Pembroke Hall ainda tão viva na minha mente — me deixou impaciente para voltar a trabalhar em *First Impressions*, que precisava ser alterado, aparado e cortado; mas, ao mesmo tempo, meus pensamentos estavam cheios de Elinor e Marianne, e de Edward e Willoughby. O fluxo de criatividade que fora desencadeado durante aquelas poucas semanas em Southampton ainda estava dentro de mim, clamando por atenção. As revisões mal haviam começado, mas era um começo, e eu sabia que isso exigiria minha atenção por certo tempo se algum dia eu quisesse concluí-lo. Com que alegria eu ansiava pegar a pena e poder fazer aqueles personagens dignos ganharem vida novamente!

A tranquilidade do campo (não obstante o desfile intermitente do tráfego além da nossa porta), a solidão e o meu recém-encontrado contentamento em estabelecer uma agenda diária formavam o palco ideal para a vida de um escritor. Eu me dediquei com energia e prazer.

Acordava cedo, colocava o chapéu branco e descia antes de qualquer outra pessoa. Nas manhãs frias, a criada acendia o fogo na lareira da sala de jantar, e às vezes eu começava a escrever imediatamente, a cabeça cheia de novas ideias sob a luz do

amanhecer. Em outras manhãs, eu tocava piano primeiro. Como estava situado na sala de estar no final da casa, minha prática não perturbava o sono dos outros. Às nove horas eu fazia chá e torradas para minha família e, depois de uma boa conversa, me retirava novamente para junto da lareira da sala (ou, às vezes, para meu quarto), onde escrevia em feliz reclusão pelo restante da manhã.

O trabalho nem sempre fluía facilmente. Concluí que eu devia ter estado possuída durante aquele turbilhão de produtividade em Southampton. Algumas manhãs eu trabalhava em mais de um parágrafo por três horas, cortando quase todas as linhas e começando de novo em uma vã tentativa de perfeição. Nos outros dias eu conseguia compor metade de um capítulo em uma onda de animação, apenas para decidir, em uma revisão posterior, que estava incoerente e jogar no fogo, frustrada.

Houve dias bons também, dias brilhantes em que as palavras fluíram tão rapidamente quanto a chuva desliza por um beiral, minha pena mal conseguia acompanhar o ritmo de meus pensamentos, dias nos quais meus personagens pareciam agir e falar através de meus dedos — uma simples transferência da mente para a pena e da pena para a página, com pouco pensamento ou esforço aparente.

Meus personagens continuavam a conversar uns com os outros em minha imaginação, mesmo quando eu não estava trabalhando. Parecia que não importava onde eu estivesse — à mesa de jantar ou sentada na sala de estar, cerzindo um par de meias ou costurando uma peça de roupa para os pobres —, um trecho de diálogo espirituoso ou uma tirada inteligente poderia saltar para minha mente e, com uma risada, eu jogava o garfo ou a agulha e corria para minha escrivaninha para registrar a mais nova pérola antes que o pensamento fugaz pudesse desaparecer.

Sempre que um de nossos criados entrava na sala onde eu estava trabalhando, ou nas raras ocasiões em que alguém de fora da família imediata vinha nos visitar, eu rapidamente escondia as páginas ou as cobria com um pedaço de papel mata-borrão e pegava o bordado, cuidando para que minha ocupação não fosse

descoberta. Havia uma porta vaivém, localizada entre a porta da frente e os escritórios,<sup>2</sup> que rangia quando era aberta. Eu agradecia por essa pequena inconveniência e me recusava a permitir que fosse consertada, porque ela me avisava quando alguém estava entrando.

As estações do ano passaram. O verão se foi, a Festa de São Miguel veio e se foi, e o outono chegou, com suas chuvas fortes, ventos frios e rajadas de folhas secas marrons. Logo, uma neve suave caía do lado de fora de nossas janelas. Disseram que nosso primeiro Natal em Chawton foi alegre e brilhante, e que o inverno de 1810 foi muito frio e seco, mas não posso afirmar com certeza, pois estava muito distraída com a escrita.

Henry passava em sua carruagem de tempos em tempos quando os negócios do banco o levavam a Alton, e uma ou duas vezes ele levou Cassandra ou eu para um passeio. Edward nos visitou naquele outono, trazendo consigo a filha mais velha, Fanny. Agora com 16 anos, Fanny era uma menina carinhosa e encantadora e se tornara uma das alegrias da minha vida. Desde a morte de sua mãe, ela foi uma companheira dedicada e altamente valorizada para o pai, e nós sempre gostamos de sua companhia.

Durante as tardes, muitas vezes eu caminhava até Alton com Martha ou Cassandra para fazer compras ou andava devagar até uma de nossas muitas lagoas ou através do prado no outro lado da estrada até o riacho. Tenho uma vaga lembrança de visitar várias vezes os inquilinos de Edward na Casa Grande, os Middleton, que eram excelentes pessoas e cujo nome peguei emprestado para personagens do meu livro.<sup>3</sup> Mas, na maior parte do tempo, éramos quatro mulheres vivendo em reclusão, o grupo familiar raramente ampliado por amigos ou vizinhos, e eu estava feliz, absorta no trabalho.

Aquele trabalho, por sua própria natureza, muitas vezes trouxe consigo as lembranças de um certo cavaleiro: lembranças que eu me esforçava, vez ou outra, para afastar da minha mente.

Quando virei o calendário de fevereiro para março, percebi que dez meses haviam se passado desde que eu tinha visto o Sr. Ashford

pela última vez. Ele devia estar casado agora, concluí, o estômago revirando ao pensamento. A governanta de Pembroke Hall tinha dito que o casamento seria no ano seguinte, mas *quando* no ano seguinte? Em que mês? A imagem dele afeiçoado pelo restante da vida à infantil e afetada Isabella provocou uma nova pontada de dor e raiva em meu peito. *Espero que ela atormente seu coração*, pensei, de maneira egoísta. E depois: *O que acontecer com eles não é da minha conta. Não vou pensar nisso.*

Eu tinha meu trabalho, minha casa, minha família. Eu nunca havia sido tão feliz na vida. Era tudo de que eu poderia precisar.

Quando completei as revisões finais do romance, comecei a ler em voz alta para as mulheres da casa.

— É um livro maravilhoso — exclamou Martha entusiasticamente uma noite, quando terminamos a primeira metade. — As mulheres nessa história parecem viver e respirar. Elinor é o melhor tipo de pessoa, e eu *adoro* Marianne. Mas não consigo evitar pensar que os *homens* são muito maus.

— Eles são muito maus, é verdade — concordou minha mãe, balançando a cabeça enquanto continuava com o bordado. — O coronel Brandon parece ser bom. Mas Edward e Willoughby, os dois homens que cativaram o coração das senhoras, *ambos* estão envolvidos com outras mulheres! Eles são canalhas, a maioria deles!

— Você não ouviu todos, mãe — disse Cassandra, com um olhar rápido e simpático para mim. — Talvez haja uma razão por trás de suas ações, uma explicação que vai resolver tudo, e um bom final.

— Não consigo imaginar como — respondeu minha mãe. — Especialmente no caso de Willoughby. E eu gostava *tanto* dele no início.

— Eu também — admitiu Martha com um suspiro.

— Ele *era* maravilhoso — concordou Cassandra.

— Era minha intenção que vocês gostassem dele. Fiz tudo que pude para torná-lo encantador, letrado, inteligente, bonito, dedicado... tudo que Marianne, com sua sensibilidade romântica,

poderia querer em um homem... para que vocês pudessem entender e respeitá-la por ser apaixonada por ele.

— E então ele a deixa sem qualquer explicação! — disparou minha mãe — e vai se casar com outra. Que homem horrível, horrível! O que deu em você para escrever uma coisa dessas?

Cassandra olhou para mim novamente com preocupação, e disse:

— Jane tem uma imaginação fértil, mamãe.

Eu rapidamente desviei o olhar, esperando que as outras não notassem nem mesmo o menor traço de angústia nos meus olhos, se houvesse algum. Minha mãe e Martha não sabiam nada sobre o Sr. Ashford, e eu havia determinado que nunca saberiam.

— Bem, ela a usou para escrever uma história muito sombria, se quer saber minha opinião — julgou minha mãe. — *Muito* sombria. Como se as outras falhas de Willoughby não bastassem, *agora* você lhe atribui transgressões passadas que nunca podem ser justificadas ou corrigidas! E aquela carta que ele escreveu a Marianne, afastando-a como se fosse nada. Ora, foi a coisa mais cruel e insensível que já ouvi. Meu coração se identificou muito com ela, Jane. Quando ela chorou, *eu* fui às lágrimas, de verdade, lhe digo.

— Fico feliz por ouvir isso, mamãe — eu disse com sentimento. — Isso é, de fato, o maior elogio que você poderia fazer ao meu trabalho.

— Como você pode chamar isso de elogio — exclamou minha mãe —, quando estou dizendo que odeio o homem?

— Ele é um patife, Jane — disse Cassandra.

— O vilão mais hostil! — concordou Martha. — Você não pode amolecê-lo nem um pouco?

— Não posso e não vou — insisti. — Willoughby é o que é. O mundo está cheio de patifes e vilões. Melhor que Marianne saiba disso aos 17 anos, e aprenda com seus erros.

— Acho que você é muito cruel com a pobre Marianne — interveio minha mãe.

Não concordei. Mas, enquanto líamos o restante do livro, eu me perguntava se a raiva da minha própria situação havia nublado meu

juízo. Até mesmo *eu* achava Willoughby tão desprezível que decidi tentar redimi-lo depois de tudo, mesmo que só um pouco. Na última hora, para grande satisfação das mulheres da minha família, inseri uma cena em que Willoughby retorna para se desculpar.

— Obrigada, Jane — disse Cassandra, aliviada, quando li a cena recém-escrita em voz alta. — Eu me sinto muito melhor agora.

— Eu também — declarou Martha, enxugando uma lágrima. — Pois, embora Willoughby tenha se comportado muito mal, é bom saber que ele realmente amava Marianne e lamentava profundamente suas ações.

— Continuo a dizer que seria um livro melhor se ele nunca se casasse com a outra mulher! — exclamou minha mãe, de forma arrebatada. — Digo que nunca entenderei aonde você quer chegar com isso, Jane. Todas nós queremos um final feliz, você sabe. Qual final feliz pode haver para a pobre Marianne agora, mesmo que ela *não* morra de coração partido?

— Você se esqueceu do coronel Brandon? — perguntou Cassandra calmamente. — Ele a amou desde o início.

— Ah! Isso é verdade — respondeu minha mãe. Ela parou para pensar por um instante. — Entendi. Entendi. Bem, essa é uma boa ideia. O coronel Brandon é de fato uma preciosidade.

— Eu mesma me casaria com ele, se entrasse por aquela porta — concordou Martha, rindo.

— Jane sempre prometeu que seus livros acabariam com pelo menos um casamento — disse Cassandra —, ou dois, se possível.

— Mas e Elinor? — gritou minha mãe em desespero súbito, a mão voando para a garganta.

— Sim, o que será da querida Elinor? — perguntou Marta.

— Como você planeja resolver *essa* questão, Jane? — Minha mãe suspirou, agitando as mãos sem esperanças. — Seu Edward já está casado com Lucy Steele agora.

Uma pontada de tristeza tomou conta do meu coração, mas forcei um sorriso.

— Não se preocupem. Vocês terão seu final feliz, eu prometo.

Terminei o livro no início da primavera, com os finais felizes intactos. Minha família de críticos pareceu muito satisfeita com ele e me incentivou a levá-lo até Henry, em Londres, para ver se ele poderia conseguir a publicação.

Meu coração tremia de ansiedade ao pensar nisso. Eu havia dedicado todo o meu coração, alma e mente àquele trabalho, e dois ou três anos da minha vida desde o início. E se não vendesse? E se todos os meus esforços tivessem, como no passado, sido em vão?

— Não tenho certeza se está pronto — protestei. — Ele precisa de mais cuidado.

— Jane — disse Cassandra com firmeza —, você não pode trabalhar no mesmo livro para sempre. Você deve fazer uma cópia e levá-la a Londres.

Suspirei.

— Então você precisa vir comigo.

# Notas

<sup>1</sup> Embora existam várias pinturas profissionais de todos os filhos Austen, o simples esboço de Cassandra em aquarela (que a querida sobrinha Anna chamou de “tão terrivelmente diferente”) é o único “retrato” conhecido de Jane Austen que existe. Em uma tentativa de melhorá-lo, foi feita uma reprodução em miniatura em 1869, seguida por uma versão gravada em aço que foi usada em *Memoir of Jane Austen*, de James Edward Austen-Leigh, em 1870.

<sup>2</sup> Os escritórios eram a cozinha, os estábulos e outras partes de uma casa grande onde o trabalho doméstico era feito, com exceção dos quartos, salas de jantar e de estar, onde a família passava seu tempo.

<sup>3</sup> Ela se refere aos personagens Sir John e Lady Middleton em *Razão e sensibilidade*.

## Capítulo vinte e dois

Foi um prazer visitar Henry e sua esposa Eliza na casa em Sloane Street, uma avenida longa e movimentada nos subúrbios de Londres. Além da agradável companhia e das vantagens de todas as atrações da cidade estarem próximas, eles também empregavam duas criadas francesas e um maravilhoso chef de cozinha francês.

Minha querida prima Eliza (filha da irmã do meu pai) havia sido criada na França e levado uma vida que me parecia exótica e emocionante, ainda que marcada pela tragédia. Seu primeiro marido, o conde Jean Capotte de Feuillide, morreu na guilhotina em 1794, e seu único filho morreu jovem. Henry, apesar de ser 10 anos mais novo que Eliza, tinha se apaixonado por ela aos 16 anos e finalmente a convenceu a se casar com ele uma década depois. Eu adorava Eliza, sempre a havia adorado. Ela era sofisticada, musical e muito bonita, de modos ativos, olhos grandes e brilhantes e um rosto pequeno e delicado cercado por cachos. Sua capacidade para fazer compras extravagantes era notória, e seu vestido era sempre o mais magnífico do ambiente.

A situação financeira de Henry muitas vezes chegara a ser precária (mesmo muito antes de se casar com sua esposa extravagante), mas sua relação com o banco à época estava florescendo, e ele mantinha escritórios bem-localizados na cidade, assim como um excelente estilo de vida.<sup>1</sup>

— Acredito que seja seu melhor trabalho até agora, Jane — anunciou Henry com entusiasmo, enquanto jantávamos uma deliciosa refeição de chef numa noite do fim de julho. Foram necessários vários meses para fazer uma nova cópia de *Razão e sensibilidade*, que carreguei em uma bolsa no meu colo na carruagem de Henry até Londres, com medo de deixar o precioso manuscrito fora da minha vista por mais do que um instante. Henry tinha lido todos os três volumes com ávida atenção na primeira semana depois que Cassandra e eu chegamos, e Eliza agora o estava folheando.

— Eu adorei este romance — exclamou Eliza. — Estou tão envolvida que mal posso esperar para voltar a ele.

— Você está sendo gentil — respondi. — O livro tem muitos erros, não estou totalmente satisfeita com ele.

— Ela nunca ficará satisfeita, temo — suspirou Cassandra —, embora tenha começado a escrevê-lo aos 22 anos e tenha passado quase todos os dias do ano anterior aperfeiçoando-o.

— Talvez este não seja o melhor livro para apresentar a uma editora — declarei, ansiosa. — Eu não suportaria que ele fosse comprado e ignorado, como *Susan*. Talvez eu devesse voltar e revisar *First Impressions* primeiro.

— Não entendo você — disse Henry. — Este livro é excelente, e já está pronto. Há quanto tempo você sonha em ser uma autora? Depois de todos os seus esforços, você certamente deseja ver o trabalho publicado, não é?

— Claro que sim — admiti —, mas...

— Nada de “mas” — afirmou Henry. — Temos de agir rapidamente, Jane. Precisamos apresentá-lo para o mundo enquanto o debate entre a cabeça e o coração ainda é interessante para a sociedade. Um dia, infelizmente, esse assunto, que está no centro da sua história, pode ser esquecido.

Enquanto Henry começava sua busca para encontrar uma editora, Cassandra e eu nos ocupávamos caminhando pela cidade e visitando

vários velhos conhecidos, incluindo os Smith e os Cooke, e a Srta. Beckford e a Srta. Middleton, grupos muito agradáveis, onde apreciamos uma boa conversa com pessoas inteligentes e bebemos uma grande quantidade de chá. O tempo estava invariavelmente bom e quente. Eliza se juntou a nós em várias expedições de compras, nas quais nos maravilhamos com sua energia, sua capacidade de gastar e seu olho criterioso para cor e estilo (ela comprou mais chapéus em uma tarde do que qualquer pessoa que eu vi, antes ou depois). Cassandra e eu fizemos compras mais mundanas de algodão para cerzir, meias e luvas de seda, embora eu tenha achado 10 metros de uma musselina de cor bonita na loja de tecidos de linho, pela qual fui obrigada a pagar 7 xelins pelo metro.

Em uma noite especialmente memorável, Henry nos levou a uma peça no Liceu. Eliza, que estava resfriada, preferiu ficar em casa. Não consigo lembrar o nome da peça naquela noite nem quem eram os atores principais. A lembrança permanece viva pelo que senti por algumas pessoas que encontrei por acaso no intervalo do espetáculo.

Era uma noite morna de verão, e o teatro estava mais quente do que gostaríamos. Enquanto Henry conversava com um amigo, após o fim do primeiro ato, Cassandra e eu fomos até o lobby, que, embora cheio de pessoas, com as portas abertas, estava comparativamente frio. Estávamos no salão externo havia menos de meio minuto quando uma voz familiar gritou estridentemente:

— Iurrú! Srta. Austen! Srta. Jane Austen! — E vimos a Sra. Jenkins se movimentando no meio da multidão, um espetáculo formidável em cetim e pérolas, arrastando a sobrinha Isabella.

Meu coração pulou de surpresa e alarme, especialmente ao ver Isabella, que parecia jovem e deslumbrante em um vestido de seda cor-de-rosa pálido, com uma faixa combinando no cabelo escuro embelezado por um ramo de flores.

— Senhoras! Senhoras! — gritou a Sra. Jenkins, enquanto as duas mulheres se aproximavam de nós com um farfalhar de saias. — Que agradável! Há *séculos* não nos vemos, simplesmente *séculos*!

Isabella, você se lembra de Jane e Cassandra Austen? São minhas queridas amigas de Southampton, que infelizmente se mudaram.

— Que bom vê-las de novo — disse Isabella, estendendo a mão e sorrindo calmamente na nossa direção.

Lembrei-me de nosso primeiro encontro, quando a Sra. Jenkins prometeu continuar suas excursões a Londres com a sobrinha, mesmo depois que ela se casasse. Será que o casamento já havia acontecido?, eu me perguntava. As longas luvas brancas de Isabella tornavam impossível dizer se ela usava uma aliança.

— É maravilhoso vê-las — eu disse, sorrindo, embora meu coração batesse tão alto que eu mal conseguia pensar. — Vocês duas estão ótimas.

— Ah! Obrigada — respondeu a mulher mais velha. — Não posso reclamar. Desde que eu consiga acordar de manhã com um sorriso no rosto e seja capaz de acompanhar minha sobrinha o dia todo, isso é tudo que importa para mim. — Ela quis saber de nossa mãe e perguntou se estávamos gostando da nova casa.

Quando ficou satisfeita com as respostas, acrescentou:

— O que as traz a Londres?

— Estamos visitando meu irmão Henry — expliquei timidamente.

— Há quanto tempo vocês estão na cidade? — perguntou Cassandra.

— Desde o início da temporada — afirmou a Sra. Jenkins.

— Tem sido *um paraíso* — comentou Isabella. — Primeiro foi a exposição anual na Royal Academy, depois, uma rodada dos mais maravilhosos bailes e festas, o Derby e, claro, o Ascot; ah!, minha cabeça gira só de pensar. Mas agora — acrescentou ela, franzindo a testa com petulância — está quase acabando. Tudo em que as senhoras conseguem pensar é para quais casas de campo vão e quem irão visitar. E os homens só falam em tetrazes, tetrazes, tetrazes.<sup>2</sup>

— Com certeza você vai gostar de retornar ao campo depois de tanto tempo, Srta. Churchill — declarei, o estômago mais apertado

do que qualquer nó de marinheiro. — Ou eu deveria dizer... Sra. Ashford, agora?

Isabella franziu as sobrancelhas.

— Você não pode achar que eu *já* estou casada, Srta. Jane, ou eu certamente não teria autorização para permanecer aqui por tanto tempo e de maneira tão divertida com minha tia.

— Mas ela *vai* se casar em breve — disse a Sra. Jenkins, alegremente. — O casamento será na última semana de dezembro. Ela será uma noiva natalina.

— Que adorável — observei, e rapidamente acrescentei: — Como está sua escrita, Srta. Churchill?

Isabella olhou para mim sem entender.

— Minha o quê?

— Sua escrita. — Virando para a Sra. Jenkins, expliquei: — A Srta. Churchill e eu tivemos o prazer de nos encontrar em Derbyshire no ano passado, quando pude ler um conto escrito por ela.

Os olhos da jovem brilharam, e ela soltou uma pequena risada.

— Ah, *isso!* Ora, já foi há *tanto* tempo que eu tinha me esquecido de tudo! Eu queria lhe enviar um bilhete, Srta. Jane, agradecendo pelas amáveis palavras que escreveu, mas nunca consegui terminar aquela história. Escrever é uma tarefa muito cansativa e consome muito tempo. Sinto dor de cabeça só de pensar nisso.

— Você devia ver a almofada que ela está bordando — disse a Sra. Jenkins. — Um cardo, tudo desenhado por ela.

— Tenho certeza de que é linda — respondi.

Na esperança de acabar com a conversa, eu estava prestes a inventar alguma desculpa para voltar ao meu lugar quando um belo e jovem cavalheiro em um casaco de gala azul-marinho apareceu, de repente, ao lado de Isabella.

— Boa noite, Sra. Jenkins, senhoritas — cumprimentou ele com uma medida formal. — Srta. Churchill, que prazer inesperado encontrá-la aqui. Espero não estar interrompendo.

Isabella se virou para ele com uma reverência e um sorriso recatado.

— De maneira alguma, senhor.

O rosto da Sra. Jenkins ficou tenso e aflito. Coloquei-me a imaginar quem seria o cavalheiro, mas, antes que qualquer outra pessoa pudesse falar, ele comentou:

— A noite está sufocante, não é?

— Está *muito* quente — replicou Isabella.

— Se sentir a necessidade de um pouco de ar, Srta. Churchill — disse ele —, ainda temos alguns minutos antes do segundo ato. Eu teria prazer em acompanhá-la até o saguão de entrada, onde há uma leve brisa passando por uma porta aberta.

— Que atencioso de sua parte oferecer — respondeu Isabella.

— Lamento, senhor — retrucou a Sra. Jenkins —, mas ela não pode aceitar.

— Tia querida, por favor, não seja tão antiquada. Não há mal nenhum em tomar um ar com um amigo, e, como você vê, temos uma sala cheia de acompanhantes. — Isabella se virou para o cavalheiro e, tomando seu braço, acrescentou: — Eu ficaria muito grata, senhor, se me mostrasse o caminho.

A Sra. Jenkins bateu seu leque em desaprovação feroz, lançando os olhos nervosamente pelo salão enquanto os dois jovens se afastavam juntos.

— Ah, céus! Eu nunca vou entender isso. Nossa Isabella é muito ousada.

— Quem é o cavalheiro? — perguntei.

— Seu nome é Wellington. Aparentemente, é de uma família muito boa em Shropshire, e um dia vai herdar uma propriedade do tio. Ele tem estado em quase todos os eventos desta temporada e parece bem entusiasmado com Isabella, apesar de eu tê-lo avisado claramente que ela está comprometida com outro, e por mais que ela insista que eles são apenas bons amigos. Eu já avisei a ela que não é nem um pouco conveniente uma mulher em sua posição ser vista tantas vezes na companhia de outro homem, mas ela afirma que estou me preocupando à toa.

— A conversa entre eles *parece* bem inocente — disse Cassandra, olhando pelo salão para a porta da frente, onde Isabella agora estava empenhada em uma conversa sorridente com o Sr. Wellington.

— Talvez você esteja certa — respondeu a Sra. Jenkins —, mas cuidado nunca é demais. Meu Deus, está *quente* aqui. Srta. Austen, você faria a bondade de me acompanhar até mais perto da porta, onde eu possa ter uma visão melhor da minha sobrinha e do jovem libertino?

— Terei prazer nisso, Sra. Jenkins — ofereceu-se Cassandra. Para mim, ela acrescentou, de maneira educada: — Volto em um instante, Jane.

Enquanto eu observava a Sra. Jenkins e Cassandra atravessarem a sala até Isabella e seu amigo, ouvi a voz de um homem com um profundo sotaque escocês atrás de mim:

— Não há nada como um homem de boa aparência vestindo um casaco azul-marinho para cativar as mulheres.

Virei e encontrei um homem bem-vestido, com um rosto agradável, que parecia ter cerca de 39 anos. Ele estava observando Isabella com um olhar animado e inteligente e um sorriso divertido.

— Um casaco bem-cortado e um rosto bonito podem virar a cabeça de uma menina, senhor — respondi —, mas é a mente por trás daquele rosto que cativa uma senhorita.

As sobancelhas do cavalheiro se arquearam e ele voltou o olhar para mim.

— Falou como uma verdadeira poetisa do romance moderno, Srta...?

— Austen. Srta. Jane Austen. — Estendi minha mão enluvada, e ele a tomou, fazendo uma reverência.

— É um prazer conhecê-la, Srta. Austen. Sou o Sr. Walter Scott.

Eu quase engasguei em voz alta, e não consegui esconder a surpresa e o espanto atordoado. Eu nunca havia imaginado que encontraria um escritor de tanta notoriedade e aclamação, cuja

poesia eu tinha lido muitas vezes... e ali estava ele, diante de mim em um teatro de Londres.

— Sr. Scott! — exclamei, quando recuperei a voz. — É uma honra e um prazer conhecê-lo, senhor. Na verdade, *você* é o poeta, senhor.

— Obrigado — disse ele modestamente, o sorriso discreto e o tom baixo implicando um sentimento de insatisfação —, mas a Srta. estaria melhor, infelizmente, se lesse Wordsworth.

— Peço licença para discordar. Também gosto do trabalho dele, é claro, mas admiro muito a descrição viva e o clima honesto de suas baladas. Posso perguntar em quê está trabalhando no momento?

— Outro pequeno romance métrico.

— Sobre o quê?

— Um inglês chamado Waverly, que viaja para a Escócia durante a Segunda Rebelião Jacobita. — O Sr. Scott acenou com um ar entediado. — Na verdade, estou ficando cansado de baladas, especialmente das minhas. Estou bem ciente de que nunca serei mais do que um poeta menor.

— Talvez seja a hora — declarei corajosamente (sem pensar) — de deixar a poesia para trás e seguir um novo rumo. — Mal as palavras saíram da minha boca, eu me senti corar. O que passou pela minha cabeça? Quem era *eu* para dar conselhos àquele célebre escritor?

O Sr. Scott encontrou meu olhar envergonhado com um largo sorriso.

— Que novo rumo você sugere, Srta. Austen?

A campainha para o segundo ato soou. A multidão começou a voltar ao teatro, mas o Sr. Scott ficou esperando minha resposta.

— Prosa — respondi.

— Prosa? — repetiu ele, surpreso.

— De fato, senhor. Tem sido um sucesso nos últimos tempos. Talvez você devesse escrever seu Waverly como um romance.

— Um romance? — O Sr. Scott riu alto. — Essa é uma ideia *nova*. Você realmente acha que o público encontraria interesse e prazer em um *romance* sobre figuras históricas imaginárias?

— Por que não?

— Ora, porque nunca foi feito antes.

— Há uma primeira vez para tudo, Sr. Scott. E, se alguém pode escrever um romance poderoso de história e amor, é você, senhor.

Ele riu outra vez.

— Ouso dizer que, se eu tentasse tal obra, nunca colocaria meu nome nela.

— Nem eu, senhor — concordei, com uma risada. — Mas acredito que seria popular.

O Sr. Scott assentiu, um olhar introspectivo cruzando seu rosto enquanto ele me agradecia novamente pelas palavras gentis, e se afastou com uma mesura distraída, resmungando para si mesmo:

— Que ideia! Um *romance*.<sup>3</sup>

Minhas próprias aspirações literárias, ao contrário de minhas esperanças para o Sr. Scott, pareciam destinadas a um fim desastroso. Apesar das tentativas insistentes de Henry ao longo de várias semanas, ele não havia conseguido uma editora que se interessasse pelo meu livro.

— É o primeiro romance de uma autora desconhecida — explicou Henry com alguma frustração, olhando para a página de título, que dizia: *Razão e sensibilidade. Um romance em três volumes. Escrito por uma mulher.* — Não apenas desconhecida, mas *sem nome!* Com as limitações que você me colocou, Jane, acho que é difícil convencer qualquer um até mesmo a lê-lo. Se você, ao menos, me permitisse admitir que a obra foi escrita pela minha irmã, eu poderia conseguir um ouvido solidário.

— Não — respondi enfaticamente. — É o suficiente você dizer que representa a autora. Estou convencida de que uma editora vai considerar melhor o trabalho se *não* suspeitar que foi o esforço de uma pessoa da sua família.

— Acredito que ela esteja certa nisso, Henry querido — concordou Eliza. — Pode ser melhor para o romance se parecer que você tem uma visão mais desinteressada.

— Talvez — disse Henry com um dar de ombros. — É essa a sua única preocupação, Jane? Se eu for afortunado de conseguir um editor, você *vai* colocar seu nome nele?

— Não. Desejo permanecer anônima.

— Por quê? — gritou Henry, exasperado.

— Não sei exatamente. É difícil explicar. — Eu queria muito ser publicada, é verdade, mas, ao mesmo tempo, a ideia de fama ou notoriedade me assustava. — Uma coisa é escrever para a família e os amigos mais íntimos. Mas, se este livro tivesse um público mais amplo, seria uma sensação muito desconfortável pensar que estranhos sabem meu nome e fazem julgamentos desinformados sobre mim.

— Entendo como Jane se sente — disse Cassandra, apertando minha mão em solidariedade.

— Acho que vocês duas estão sendo ridículas — advertiu Henry.

— Você nunca leu sobre como o mundo trata mulheres romancistas? — argumentei enfaticamente. — Elas são apontadas, notadas e comentadas, suspeitas de arrogância literária e evitadas até pelas damas mais singelas. Eu não aguentaria essa exposição. Prefiro me apresentar como malabarista de circo.

— Uma malabarista de circo poderia ter mais sucesso em ser publicada — exclamou Henry.

— Jane, querida — disse Eliza suavemente. — Você é uma escritora maravilhosa. Estou certa de que seus leitores vão admirá-la. Você deveria ficar orgulhosa do que realizou. Não há necessidade de se esconder atrás do anonimato.

— Ela ficará atolada no anonimato para sempre se eu não conseguir vender o livro — observou Henry melancolicamente.

— Deve haver outros lugares aonde você pode levá-lo, Henry — disse Cassandra.

— Tentei todos que conheço.

— Então você deve tentar as pessoas que você *não* conhece, querido — observou Eliza.

— O que está sugerindo, minha querida?

— Acho — respondeu Eliza — que é hora de darmos uma pequena festa.

A ideia de Eliza de uma *pequena* festa era um *sarau* com cerca de 25 casais, que aconteceria antes do final da semana. Havia certa urgência no planejamento do evento, pois ela achava que devia ser realizado antes do décimo segundo dia de agosto, o final da temporada, quando todas as melhores famílias de Londres iriam para o campo descansar.

Por insistência de Eliza, Henry convidou seus clientes e amigos mais ricos, e os conhecidos que ele acreditava que poderiam ter uma conexão com alguém no mundo editorial, na esperança de garantir uma indicação importante. Fiquei repleta de gratidão pelos esforços que eles fizeram por mim e, embora eu tivesse protestado que jamais poderia reembolsá-los, Eliza insistiu que gostava de festas; durante o verão inteiro ela queria ter organizado uma, e esta parecia uma excelente desculpa.

Fiquei preocupada com o que vestir, pois meu melhor vestido, bonito e de musselina branca com mangas curtas, estava parecendo um pouco gasto. O vestido de Cassandra era um lindo verde-limão claro, mas não era muito mais novo. Eliza nos ajudou a melhorá-los com fitas novas e babados de rendas delicadas, e chamou seu cabeleireiro para fazer nosso penteado.

Como acontece em tais eventos, houve muitas preocupações, sustos e aborrecimentos na semana anterior, mas, por fim, quando os convidados começaram a chegar às oito horas na noite da festa, tudo estava certo. A casa estava lindamente adornada com flores, o aparador repleto com um conjunto atraente e delicioso de alimentos, e os convidados, todos elegantemente vestidos e reunidos na sala de estar da frente, pareciam estar se divertindo.

Cassandra e eu estávamos envolvidas em uma conversa agradável em um canto distante com nossos amigos, os Cooke, quando Eliza (usando um traje de alta costura, evidentemente — um vestido de seda branca simplesmente divino, o corpete e a bainha

adornados com rendas, pérolas e rosetas de cetim cor-de-rosa) me puxou pelo braço e me carregou por toda a sala, onde disse, num tom baixo, por trás de seu leque:

— Está vendo aquele senhor forte, perto da tigela de ponche? Ele é advogado de uma editora. E aquele senhor barbudo de casaco púrpura, Henry disse que tem um amigo que conhece o irmão de um editor. Aparentemente, existem pelo menos meia dúzia de homens aqui que podem ter ligações úteis. Henry está decidido a falar com todos eles antes que a noite termine.

— Estou em dívida com vocês dois — admiti.

Meu rosto deve ter denunciado meu medo, porque Eliza sorriu e acrescentou:

— Não tenha medo, Jane, ele está simplesmente trabalhando como seu representante, como você tão firmemente insistiu. Seu segredo está perfeitamente seguro.

— Obrigada — agradei, aliviada.

Quando Eliza pediu licença e se afastou para cumprimentar um convidado, Henry apareceu, de repente, ao lado do meu ombro.

— Aí está você, querida irmã! Você *nunca* vai adivinhar quem apareceu no meu escritório esta manhã, do nada, procurando por você.

Eu me virei. Para minha total surpresa, encontrei o Sr. Ashford.

# Notas

<sup>1</sup> O banco de Henry, que estava indo muito bem na época, entrou em colapso cinco anos depois, resultado das difíceis condições econômicas do pós-guerra. Ele rapidamente se recuperou, retomou a intenção da infância de entrar para o clero e foi nomeado para a paróquia de Chawton em 1816.

<sup>2</sup> O ponto alto da temporada de Londres era um turbilhão de três meses de festas, bailes e eventos esportivos, que geralmente começavam depois da Páscoa e continuavam até 12 de agosto, o que sinalizava o fim do Parlamento e a abertura da temporada de tetrazes. Nesse ponto, as pessoas elegantes deixavam Londres e voltavam ao campo, onde o restante do ano era dedicado à caça de animais de pequeno porte, em especial tetrazes, perdizes, faisões e raposas. O Parlamento não reabria até o final do ano, quando a temporada de tiro e caça terminava e as raposas começavam a procriar.

<sup>3</sup> Sir Walter Scott (que se tornou baronete em 1820, e a partir daí ficou conhecido como *Sir*) foi um poeta popular, mas pequeno, em sua juventude. O ponto de virada de sua carreira literária foi em 1814, com a publicação de seu primeiro romance, *Waverly*, que foi publicado anonimamente, assim como todos os seus muitos sucessores até 1827. Ele frequentemente é considerado o inventor do romance histórico. Mais tarde se tornou um grande admirador da obra de Jane Austen, declarando que ela possuía um "toque requintado" e "um talento para descrever envolvimento, sentimentos e personagens da vida comum que, para mim, é o mais maravilhoso que já conheci".

## Capítulo vinte e três

Um surto de raiva e desespero me inundou enquanto eu fitava o Sr. Ashford. Senti minhas bochechas ficarem quentes e meu coração começar a martelar. O que, afinal, me perguntei, *ele* estava fazendo aqui? E *por que*, pensei, impotente, eu nunca conseguia encontrar aquele homem sem uma resposta de emoção física tão devastadora e óbvia?

— Você pode não se lembrar do Sr. Ashford — disse Henry, sorrindo alegremente e alheio ao meu sofrimento —, mas nos conhecemos há vários anos, em nossa pequena excursão a Lyme.

O semblante do Sr. Ashford, embora tão bonito como sempre, estava branco de agitação. Seus olhos, quando encontraram os meus, pareciam com medo de sua recepção e conscientes de que ele não merecia nenhuma resposta carinhosa.

— Claro que me lembro do Sr. Ashford — respondi, enfurecida pelo tremor na minha voz. Baixei o olhar, fitando seu casaco azul e o colete requintadamente bordado.

— Fiquei satisfeito por vê-lo novamente, como você pode imaginar — exclamou Henry —, e o momento não poderia ter sido mais perfeito. Contei a ele sobre nossa festa hoje à noite e falei que ele deveria vir e conversar com você, Jane. — Fazendo uma mesura para o Sr. Ashford, ele acrescentou: — Foi maravilhoso reencontrá-

lo, meu bom homem. Agora, se me derem licença, preciso fazer o papel de anfitrião.

— Sou muito grato — respondeu o Sr. Ashford, retribuindo com uma mesura, quando Henry desapareceu. Um silêncio constrangedor se seguiu quando o Sr. Ashford se virou para mim. — Acabei de saber que você estava na cidade, por... — Ele se interrompeu, o rosto corando. Retomou a compostura e disse: — Você está bem, Srta. Austen.

— Você também, Sr. Ashford — retruquei laconicamente, rezando para que minha agitação não estivesse tão visível quanto a *dele*, e que o bater selvagem do meu coração não pudesse ser detectado através da musselina fina do meu vestido.

Ele estremeceu perante a frieza da minha resposta, mas continuou:

— Seu irmão me disse que você terminou o livro. Estou tão contente por você. Desejo muito sucesso com ele.

— Obrigada.

Por um breve intervalo, nenhum de nós falou. Tentei desesperadamente organizar meus pensamentos. Eu deveria aproveitar aquela rara oportunidade para lhe dizer, em termos inequívocos, o que eu pensava dele e de seu comportamento em relação a mim no passado? Ou deveria ser superior, sorrir graciosamente e felicitá-lo pelo casamento iminente? Eu havia decidido provisoriamente pela segunda, quando finalmente ele disse:

— Srta. Austen. Há muitos meses eu queria, precisava falar com você...

— Não vejo razão para nos falarmos, Sr. Ashford — rebati, as palavras saindo antes que eu conseguisse impedi-las.

— Não a culpo por estar com raiva de mim. Nem a culpo por devolver minhas cartas. Mas, por favor, acredite em mim quando digo que eu nunca quis lhe causar dor. E eu...

— Não presuma conhecer minha dor, Sr. Ashford. — Para meu desespero, lágrimas inesperadas feriram meus olhos. Incapaz de suportar aquela conversa tortuosa por mais um instante, falei: —

Perdoe-me. Foi agradável a sua visita. Mas você não deveria passar a noite com sua noiva?

Afastei-me abruptamente pela multidão, aliviada por ter conseguido fugir. Eu mal havia chegado ao refúgio da sala de estar dos fundos, que ainda estava desprovida de convidados, quando, para meu espanto, ouvi passos rápidos ao meu encalço e o grito do Sr. Ashford:

— Srta. Austen! Espere, por favor!

Fugi para o outro lado da sala vazia, para as mesas de carteados nos fundos.

— Eu agradeceria muito, senhor, se você fosse embora imediatamente.

— Não posso ir. Por favor, Srta. Austen! Me escute.

— Não há nada que você possa dizer, senhor, que eu gostaria de ouvir.

— Esperei tempo demais, não consigo suportar mais, você precisa me ouvir! No dia em que Isabella nasceu, nossos *pais* decidiram que nos casaríamos. — Suas palavras e o tom angustiado me fizeram parar no meio da sala.

Ele continuou: — Foi um pacto solene feito entre dois velhos amigos, e o casamento deveria acontecer algum tempo depois do décimo oitavo aniversário de Isabella. Eu tinha 17 anos no dia do seu nascimento. Eu protestei, implorei ao meu pai para reconsiderar, mas não tive sucesso. Ninguém pensou nas minhas necessidades ou na minha felicidade, nem na dela. O único pensamento deles era unir duas ótimas famílias.

Virei-me lentamente para encará-lo. Ele estava a pouco mais de 1 metro de distância, e falava com agitação crescente. Seu aspecto atormentado e a agonia em sua expressão provocaram uma onda de dor e compaixão em mim e dilaceraram meu coração.

— Eu estava muito longe, na escola, enquanto ela crescia, sempre consciente de que aquela menininha, aquela *criança*, um dia seria minha esposa. Meu pai deixou claro que *esse* era o meu dever — disse o Sr. Ashford em uma voz profunda e repleta de raiva. —

Conheci outras mulheres ao longo dos anos, claro, mas nunca me permiti sentir qualquer coisa além de amizade por elas. Eu não podia, pois não tinha escolha. Passei a gostar de Isabella como uma irmã, e esperava que isso fosse suficiente. Então... — Sua voz, finalmente, suavizou. — Então, eu conheci  *você*.

Seus olhos se levantaram para encontrar os meus, o olhar tão cheio de afeto que quase fez meu coração parar.

— Eu soube imediatamente, quando nos conhecemos em Lyme, que compartilhávamos uma conexão profunda e rara, algo com que a maioria das pessoas apenas sonha. Eu sabia, também, que deveria lhe contar de minha obrigação para com Isabella, mas tudo foi tão perfeito naquele primeiro dia. Você estava tão vibrante, e nossa conversa, tão revigorante, que eu não quis dizer nada que quebrasse o feitiço. Prometi a mim mesmo que poderia explicar minha situação no dia seguinte, no piquenique, mas o dia seguinte nunca aconteceu. Voltei para casa com o coração pesado, acreditando que jamais voltaria a vê-la e me resignei ao meu destino. Mas cada momento que eu era forçado a suportar a companhia de Isabella só serviu para me lembrar de como éramos inadequados um para o outro. Eu não a amava, e nunca poderia, e estava claro que ela não me amava. Mais uma vez, supliquei a meu pai que me libertasse do noivado, mas ele ficou irritado e insistiu que a honra impedia isso. Fiquei arrasado. Não se passava um dia sem que eu pensasse em você e me perguntasse o que poderia ter acontecido. No mês de março seguinte, fui a Southampton, Srta. Austen, especificamente para encontrar  *você*.

— Para me encontrar? — Minha voz estava tão fina e esganiçada que eu mal a reconhecia, enquanto a dele era repleta de uma urgência crescente.

— Eu não aguentava mais. Precisava descobrir se você era real, se o que eu  *sentia* era real ou uma criação fantástica da minha mente. Eu esperava que, de algum modo, mesmo àquela altura, eu conseguisse um dia convencer meu pai a me libertar da obrigação ou que, pelo menos, nos tornássemos amigos. Eu pretendia contar a

você sobre Isabella imediatamente, mas não consegui dizer as palavras. O período que compartilhamos em Southampton foi o mais feliz da minha vida. A cada dia que passava e meu apego a você ficava mais forte, o assunto se tornava ainda mais difícil de abordar. Tive medo de que você me mandasse embora.

— Claro que eu teria mandado — sussurrei, enxugando uma lágrima que viera espontaneamente. Eu teria dito mais, se a emoção não tivesse fechado minha garganta.

— Jane! — exclamou ele em voz baixa, se aproximando. — Todos esses longos meses em que estivemos separados, mesmo acreditando ser impossível, é apenas em você que tenho pensado e feito planos. Você é meu coração; você entende minha alma. Meu comportamento em Southampton foi errado, injusto e fraco, e, por isso, sempre sentirei remorso. Mas foi por medo de perder você, e sabendo que, por estar preso ao voto do meu pai e às expectativas de Isabella, eu não tinha o direito de falar... até agora.

— Até agora?

— Houve uma mudança recente, muito inesperada, que... — Ele inspirou profundamente, lutando para se recompor. — Eu soube na mais estrita confiança, mas não posso esconder de você. Isabella, desde que veio para Londres, aparentemente passou muito tempo em companhia de um cavalheiro que ela conheceu, um tal de Sr. Wellington.

Meu pulso acelerou.

— Eu o vi.

— Na noite passada, ela veio até mim para revelar um grande segredo. Ela disse que o Sr. Wellington a havia pedido em casamento.

— Em *casamento*?

— Ela explicou, educadamente, que sempre teve a intenção de honrar a antiga promessa dos nossos pais, mas que suas afeições agora estavam em outro lugar. E lamentou profundamente qualquer infelicidade que isso poderia me causar.

Eu me virei, minha mente em um turbilhão, com medo de nutrir esperanças ou sentimentos.

— O que o pai dela diz sobre isso? — consegui perguntar.

— Ela vai contar ao pai no próximo mês, quando ele retornar das Índias Ocidentais. Concordamos em não dizer nada a ninguém até Isabella revelar tudo ao pai e receba sua bênção. Não preciso dizer que a liberei de nosso compromisso sem um pingo de arrependimento ou discriminação, pelo que ela ficou eternamente grata.

Fui tomada por uma avalanche de emoções tão profunda que eu queria sair correndo da sala, mas, como não havia lugar algum para me esconder em uma casa cheia de pessoas, só consegui cobrir o rosto com as mãos, quando irrompi em lágrimas de alegria, que achei que nunca terminariam.

— Perdoe-me — ouvi a voz angustiada do Sr. Ashford —, só estou pensando em mim. Por favor, Srta. Austen, por favor, não chore.

Minhas lágrimas corriam em um ritmo tal que eu não conseguia falar. O Sr. Ashford, com o cenho franzido de angústia, me ofereceu um lenço, que aceitei com gratidão. Enquanto eu lutava para me recompor, ele disse, em um tom preocupado:

— Minhas circunstâncias mudaram de uma forma tão substancial, que eu... Mas talvez tenha se passado muito tempo, afinal...

Ele aguardava, tenso, enquanto eu secava os olhos e assoava o nariz com um ruído, ações que não fizeram nada para aumentar o aspecto romântico do momento. Por fim, continuou, com determinação:

— Srta. Austen. Você me permitiu falar, e eu deixei claros os meus sentimentos. Entendo que não tenho o direito de lhe pedir nada. Se você não compartilhar meus sentimentos, por favor, me diga isso de uma vez e eu irei embora e nunca mais voltarei a incomodá-la.

— Não posso lhe dizer isso — respondi, levantando os olhos para os dele com um sorriso alegre.

— Então — disse ele, com uma ansiedade recém-descoberta no olhar sério —, pretende me dar esperança?

— Se meu mais profundo afeto e admiração lhe dão esperança, então sim.

O Sr. Ashford rapidamente diminuiu a distância entre nós, pegou minha mão enluvada na dele e, levando-a aos lábios, beijou-a, os olhos nunca se afastando do meu rosto.

— Então, finalmente, estou livre para dizer as palavras que eu tanto desejava. Eu amo você, Jane, minha querida Jane. É só com você que eu quero casar. Você me aceita, Jane? Aceita ser minha esposa?

Meu coração estava tão cheio de felicidade que pensei que devia estar sonhando.

— Sim — respondi, sem fôlego. — Aceito.

Ele me deu um olhar de pura alegria, depois inclinou a cabeça e — *ousou dizê-lo?* — aproximou os lábios dos meus e me beijou.

Este momento emocionante foi muito rudemente interrompido quando, de súbito, Cassandra surgiu pela porta aberta, com um olhar perplexo no rosto, chamando meu nome. Vendo-nos do outro lado da sala, Cassandra congelou em um constrangimento chocada e ofegante, a mão indo até a boca.

— Ah! Perdoem-me — gritou Cassandra, seu rosto ficando escarlate. — Sinto muito.

O Sr. Ashford me soltou e deu dois passos para trás.

— Cassandra — comecei, mas ela já havia virado e fugido.

Os olhos do Sr. Ashford encontraram os meus, e desatamos a rir; então ele me tomou nos braços e me beijou várias vezes.

## Capítulo vinte e quatro

**A**lguns se queixam de que agosto em Londres é semelhante a um mês no Hades; que o ar quente, sufocante e úmido que sai do Tâmisa é insalubre e abafa os pulmões; que as ruas lembram, em visão e odor, um estábulo; e que o sol brilhando, refletido nas construções e calçadas, é prejudicial à pele. Mas, a esses opositores, eu digo *pffff*. Londres é um lugar maravilhoso em qualquer época do ano, e, naquele feliz agosto de 1810, eu nem considerarei tais objeções. *Au contraire*, flutuei até o final do mês, e pelo mês seguinte como se estivesse envolta na perfeição de um sonho.

Não contei a ninguém sobre meu noivado secreto, exceto à minha irmã, e a fiz *prometer* não compartilhar uma palavra sobre ele a ninguém. O Sr. Ashford estava frustrado diante da necessidade de esperar. Ele queria declarar seu amor por mim ao mundo, disse ele, e definir a data do casamento de uma vez. Contudo, Isabella havia lhe implorado para não falar de seu envolvimento com o Sr. Wellington até o assunto ter sido previamente comunicado a seu pai, que não voltaria das Índias Ocidentais por pelo menos um mês. O pai do Sr. Ashford atualmente estava em Derbyshire, mas tinha a intenção de regressar a Londres em outubro. Seria melhor, concordamos, apresentar as novidades a Sir Thomas pessoalmente quando ele viesse à cidade, *depois* que Isabella estivesse formal e publicamente noiva do Sr. Wellington.

Nesse meio-tempo, o objetivo do Sr. Ashford era fazer com que eu desfrutasse todos os pontos turísticos de Londres que pudessem ser interessantes, e ele seria meu guia. Primeiro, subimos os 378 degraus até a Stone Gallery no topo da Catedral de St. Paul, onde tivemos uma vista maravilhosa da densa cidade, que se espalhava ao longo do rio, de Billingsgate a Westminster. Suas fronteiras eram claramente definidas pelos campos e bosques ao norte e ao sul, com a parte oeste começando no Hyde Park Corner. Pudemos ver o povoado de Paddington a distância e uma série de pastagens chamadas de Belgravia.

Admiramos o que outrora havia sido a cidade real de Westminster, em West End, onde ficavam os palácios de St. James e Whitehall, bem como a empolgante Abadia de Westminster e as Casas do Parlamento, e pagamos para atravessar a velha ponte de Londres, bem a oeste da Torre, na entrada da cidade, onde vimos passar um grande número de pequenos navios e barcos.

Com a maioria da elite moderna agora tendo retornado a suas casas de campo, a cidade estava relativamente tranquila, embora ainda fôssemos obrigados a levantar a voz sobre o barulho incessante das rodas das carruagens e dos cascos dos cavalos, dos gritos retumbantes dos vendedores de rua, das canções berradas por músicos itinerantes, e do tinir do sino do homem que vendia bolinhos — sons que, em sua confluência, eram conhecidos por me deixarem com dor de cabeça, mas que eu tinha aprendido a encarar com um carinho recém-descoberto.

Duas vezes naquele verão, a Sra. Jenkins veio nos visitar, e eu e minha irmã retribuímos a gentileza.

— Ah, meu Deus! — exclamou a boa senhora em angústia, na nossa segunda reunião. — Confesso que não sei o que Isabella está aprontando. Ela tem escrito cartas dia após dia, e várias missivas chegaram para ela, mas ela não me diz com quem está se correspondendo. Não tive sucesso nas tentativas de interceder.

Como eu estava presa à promessa de não mencionar, ainda, seu caso com o Sr. Wellington, ou a dissolução do noivado com o Sr.

Ashford, não pude dizer nada para elucidar o assunto; mas tentei diminuir sua angústia, fazendo comentários de apoio sobre a força de caráter de Isabella, conforme considere apropriado.

Jantamos em mais cafés naquelas seis semanas de verão, acredito, do que eu tinha frequentado nos últimos 34 anos da minha existência, retirando-nos, várias vezes, para fazer as refeições na imponente residência da família Ashford, em Park Lane, que dava para o imenso gramado do Hyde Park, na fronteira oeste de Mayfair. Os magníficos cômodos daquela casa, não utilizados na ausência de seu pai e sua irmã, eram mantidos por uma equipe fiel, mas modesta, que parecia predisposta a atender a todos os desejos do Sr. Ashford.

Fomos a concertos e peças, visitamos o Liverpool Museum e a British Gallery, e as modernas lojas na Bond Street, onde eu não tinha coragem sequer de olhar para os preços e me recusei a permitir que o Sr. Ashford me comprasse um único item.

Em várias dessas excursões, fomos acompanhados por Cassandra (que tinha considerado retornar a Chawton, mas foi convencida por uma Eliza entusiasmada a permanecer durante todo o verão), e em outras ocasiões, também por Eliza e Henry; mas, como na nossa idade não era mais moralmente necessária a presença de um acompanhante, com muita frequência preferimos passar o tempo na companhia exclusiva um do outro. Uma de nossas atividades favoritas era passear pelos Kensington Gardens, cujas flores estavam em glorioso desabrochar. Encontramos um banco especial lá, com vista para uma lagoa encantadora, ao qual voltamos algumas vezes, simplesmente para sentar e conversar, compartilhar confidências e aproveitar o prazer da presença um do outro.

Uma tarde em meados de setembro, enquanto estávamos sentados em nosso banco preferido nos jardins, o Sr. Ashford anunciou que tinha terminado de ler meu livro.

— Ah! — exclamei, o coração pulando em alarme súbito. Os esforços de Henry para encontrar uma editora, apesar de todos os contatos que ele estabeleceu durante a festa, até então haviam sido

em vão. Por insistência do Sr. Ashford, eu tinha, apesar de meus receios, concordado em lhe dar o manuscrito para ler. Esperei com medo sua reação, temendo que ele não pudesse deixar de reconhecer certas situações no romance que tinham sido claramente inspiradas por meus encontros com ele.

— É inteligente e muito bem-escrito, tudo que eu esperava — declarou ele. — Você deve estar muito orgulhosa.

— Fico feliz que tenha gostado — respondi, aliviada. Talvez, pensei, ele não tivesse notado sua própria conexão com a história, afinal. — No momento, o manuscrito é extremamente útil para manter a porta da cozinha aberta.

O Sr. Ashford riu.

— Ele deve, *tem* de ser publicado.

— Infelizmente, minha incursão no mundo editorial tem sido uma experiência muito humilhante.

— Talvez eu possa ajudar. Tenho um ou dois contatos. Se me permitir, eu ficaria feliz em fazer algumas tentativas em seu nome.

— Eu adoraria. Mas precisa me prometer que não vai se culpar se não conseguir nada. Na verdade, estou convencida de que meu pequeno livro seria um negócio ruim para qualquer editora. Não consigo imaginar que ele venderia em quantidades suficientes para recuperar o custo.

— Discordo. Pode não ser perfeito, mas acredito que é uma obra de arte, boa o suficiente para vender algumas cópias e dar um belo lucro.

— O quê? Não é perfeito? — gritei, simulando indignação. — De que maneira, oras, meu livro... essa obra de arte que ninguém quer publicar... é imperfeito?

— Não recordo exatamente — disse ele —, mas era uma coisa pequena sobre o final. Eu me lembro de sentir que algo estava faltando, ou não estava muito certo.

— Entendi. Se alguma vez retomar seus pensamentos sobre o assunto, espero que os compartilhe comigo.

— Farei isso. — Ele sorriu e acrescentou, com um olhar de soslaio para mim: — Havia algo mais, devo confessar... de forma alguma um sinal de imperfeição, mas alguns aspectos do romance eu achei, como devo dizer... *familiares*.

Um fluxo de calor se espalhou por meu rosto.

— É verdade?

— Por exemplo: sua Elinor sente uma profunda ligação com o personagem Edward, um rapaz muito fraco, mas simpático, apenas para descobrir depois que ele a deixou sem qualquer palavra relativa a um compromisso, que ele estava comprometido com outra. E então ela é confrontada, precisamente no mesmo instante, por Edward e Lucy. — O brilho conhecido, mas desbaratado, em seus olhos e o erguer das sobancelhas transmitiram o perfeito entendimento de seu papel na concepção daquelas cenas.

— Eram situações muito dramáticas — retruquei, amaldiçoando mentalmente minha tendência a corar.

— E, claramente, situações sobre as quais você poderia escrever por experiência. Devo admitir que, quando li seu livro, houve momentos em que os pelos em minha nuca se arrepiaram. Aquele momento na sala de estar na casa paroquial do Sr. Morton, quando entrei e vi você e Isabella, ficará marcado para sempre na minha lembrança como um dos mais humilhantes da minha vida.

— Para mim também — respondi, desesperada com a ideia de quanto desconforto a cena deve ter causado. — Você vê, agora, por que eu estava tão relutante em deixá-lo ler meu livro.

— Fico feliz por ter lido. — Ele se virou no banco para me encarar. — Diga-me, Jane, estou levando isso para o lado pessoal ou parte da sua raiva em relação a mim foi incorporada na caracterização de Willoughby?

Sua expressão estava tão séria e tão perdida que atingiu meu coração, mas, por alguma razão inexplicável, não pude deixar de rir.

— Talvez tenha sido — admiti. — Willoughby é muito egoísta, não é?

— Ele é o epítome do patife egocêntrico. No outro extremo, é claro, estão o coronel Brandon e Edward, sendo este, apesar de suas falhas, considerado um santo.

— Edward não é santo! — retorqui, com veemência, meu tom de voz, mais alto, fazendo com que um bando de pássaros voasse de repente de uma árvore próxima.

— De fato, ele é. Seu senso de honra e moral é tão alto que ele continua comprometido com a noiva vulgar e ambiciosa até o fim, apesar de ter todas as razões para abandoná-la.

— Você não fez o mesmo? — perguntei, baixinho.

Ele ficou em silêncio por um instante, concentrando a atenção nos patos que nadavam na lagoa.

— Acho que sim — disse, por fim, uma pitada de amargura se insinuando na voz. — Mas no meu caso, meu dever era honrar os desejos de meu *pai*, um cavalheiro que dedicou a vida ao trabalho, à propriedade e à família, e, como tal, merece meu respeito. Mas, se fosse escolha minha... — Ele parou com um suspiro e olhou para mim com um sorriso discreto. — É uma experiência decepcionante ler sobre as transgressões de alguém no papel, e os efeitos dessas transgressões, especialmente quando são expressas de maneira tão sincera. — Ele pegou minha mão e a segurou, me olhando com carinho. — Sinto muito, Jane, por toda a dor que lhe causei no passado. Prometo que tenho a intenção de compensar isso.

— Cobrarei o cumprimento dessa promessa, Sr. Ashford — afirmei de maneira provocadora.

— Espero que sim — disse ele. — Mas você não acha que é hora de começar a me chamar de Frederick?

No dia seguinte, determinado a escapar do barulho e do calor da cidade, o Sr. Ashford (apesar de seus protestos contra tal formalidade, ele era e continuaria sendo meu querido *Sr. Ashford* até que estivéssemos formalmente noivos) me convidou para um passeio no campo. Passamos uma tarde muito agradável fazendo piquenique em um cume alto à sombra salpicada de um bosque de

olmos, com a visão de um magnífico vale enorme diante de nós. Na viagem de volta, tendo decidido tomar um caminho diferente, chegamos inesperadamente a uma feira rural, e ambos expressamos a vontade de parar e ver.

Deixando o cabriolé e os cavalos com o cavaleiro, nos aventuramos a pé. Era um evento grandioso, barulhento e colorido, com hectares e mais hectares de barraquinhas, bazares, músicos, artistas itinerantes e uma multidão animada de cavalheiros, mulheres e agricultores, que foram para fazer compras, flertar, comer e se divertir.

Enquanto caminhávamos pelo mercado, passamos por várias mulheres com o rosto vermelho em vestidos desbotados comprando pão e queijo, e dois cavalheiros discutindo o preço de uma égua castanha; mas a maioria dos negócios matinais parecia ter sido concluída. A multidão se reunia principalmente em torno das rinhas de galo, das lutas, dos espetáculos itinerantes e dos malabaristas.

Ficamos assistindo a um mágico por alguns instantes, mais divertidos pelos longos *oooohs* e *aaaahs* que emanavam do público do que pelo desempenho em si, quando, de repente, o Sr. Ashford soltou sua própria breve exclamação.

— Olhe aquilo! — gritou ele, apontando para uma tenda cigana com uma placa onde se lia: *Quiromancia*.

— O quê? Está falando da cigana? Não me diga que você quer saber sua sorte?

— Não, quero saber a *sua* sorte — disse ele, sorrindo. Tomando-me pela mão, começou a me arrastar naquela direção.

— De jeito nenhum! — gritei, rindo. — Eu não gastaria um centavo com essa bobagem!

— Vai ser o *meu* centavo — retrucou ele — ou centavos. Vamos, Jane. Você não quer saber o que acontecerá com seu amado livro?

— Não acontecerá nada com ele — insisti —, e não preciso de uma cigana velha para criar falsas esperanças ou esmagá-las. — Mas ele estava determinado que eu fosse e, não vendo mal algum nisso, engoli o riso e permiti que me levasse até a tenda da cigana.

Entramos pela aba aberta e nos encontramos em uma câmara escura, iluminada por diversas velas. Descobri imediatamente, para minha surpresa, que a cigana não era a mulher velha, de pele escura e enrugada que eu esperava. Na verdade, ela tinha pele morena e olhos escuros, mas não poderia ter mais de 25 anos e era extremamente bonita. Ela estava sentada detrás de uma pequena mesa redonda coberta com um pano esfarrapado azul. Vários xales de cores vibrantes envolviam seus ombros, e o volumoso cabelo preto encaracolado caía livremente pelas costas, afastado do rosto por um lenço violeta.

— Entrem — proferiu ela em uma voz de sotaque indeterminado, com um tom doce e musical como o fluxo da água de um rio. Ela indicou duas cadeiras à sua frente com a mão enfeitada com joias. — Por favor, sentem. Trouxeram a moeda?

O Sr. Ashford pagou a taxa, explicou que era eu a interessada, e nos sentamos.

— Dê-me sua mão — solicitou a cigana, estendendo a mão para mim do outro lado da mesa. Tirei as luvas e obedeci, sentada em diversão reprimida e silenciosa enquanto ela curvava a cabeça e estudava atentamente a palma da minha mão.

— Haverá um amor verdadeiro na sua vida — declarou a cigana.

— Só um? — perguntei levemente, com um olhar para o Sr. Ashford, que retribuiu meu sorriso.

— Só um. — Ela ficou em silêncio por algum tempo, passando os dedos compridos e escuros ao longo das linhas da minha palma, depois disse: — Você tem uma mente boa e inteligente. Você pensa e sente profundamente. Posso ver a outra mão?

Virei minha outra mão e estendi a ela. A cigana a acariciou.

— Há muita energia nestes dedos. Sinto um calor, uma magia neles. — Ela franziu as sobrancelhas de repente. — Sua linha da saúde, não gosto da aparência dela, não gosto nem um pouco. É muito curta e muito desigual. Mas... que estranho. Sua linha da vida é *muito* longa. É a mais longa que eu já vi. — De repente, um olhar de espanto atravessou o rosto da cigana. Ela ofegou em voz alta e

apertou minha mão com tanta força que me causou dor, me olhando com admiração genuína, como se eu fosse o novo messias. — Você tem um dom, senhorita! Um dom especial!

— Como? — respondi, assustada, enquanto me esforçava em vão para retirar a mão de seu aperto.

— Senhora — interveio o Sr. Ashford, preocupado. — Acredito que esteja machucando a senhorita.

— Você não é como as outras, estou dizendo! — gritou ela, com um olhar selvagem. — Você viverá para sempre! Você será *imortal!*

— Entendi. Obrigada. Isso é muito interessante. — Puxei a mão de volta, a compostura abalada.

— Vá fazer sua mágica, senhorita! — exclamou a cigana, olhando ferozmente nos meus olhos. — *Vá!* Compartilhe-a com o mundo!

A previsão da cigana foi assunto de muita atenção e discussão nos dias seguintes. O Sr. Ashford ficou muito feliz com a ideia de que eu só teria um amor verdadeiro na minha vida. Cassandra ficou preocupada com meu bem-estar, mas Henry lhe assegurou que tinha lido sobre esses assuntos e que uma linha da vida longa sempre tem precedência sobre a linha da saúde. Eliza pensou que era absolutamente maravilhoso eu ser imortal e me comparou às deusas Diana e Afrodite. De minha parte, deduzi que a cigana era totalmente louca ou tinha bebido muito gim atrás da tenda naquela tarde.

O Sr. Ashford e eu voltamos ao campo mais tarde naquela semana, quando alugamos um barco a remo e flutuamos preguiçosamente até o Tâmis, passando por cabanas de palha, brilhantes prados verdejantes com flores silvestres e olmos gigantescos.

Sentei no banco em frente ao Sr. Ashford, que tirou o casaco e a gravata por conta do calor. Suas mangas foram enroladas até acima do cotovelo, e a camisa de linho branco estava aberta no pescoço, uma visão que provocou um fluxo de calor nas minhas bochechas à primeira vista que nada tinha a ver com o calor do sol de verão.

— Tenho uma confissão a fazer — disse o Sr. Ashford, enquanto apoiava os remos gotejantes, permitindo que a pequena embarcação ficasse um pouco à deriva na correnteza.

— Uma confissão? — indaguei languidamente, meu chapéu de palha descartado, meu rosto inclinado para o calor delicioso do céu azul sem nuvens.

— Trouxe você aqui hoje para lhe oferecer o melhor cenário que se possa imaginar enquanto conto algumas novidades.

— É verdade? — Pelo seu tom velado, eu não consegui identificar se deveria ficar feliz ou preocupada. — Que novidades?

— Recebi uma carta de Isabella esta manhã. O pai dela retornou de viagem há dois dias. Ela finalmente lhe revelou seus desejos de se casar com o Sr. Wellington e apresentou o pai a esse cavalheiro.

Eu me endireitei no banco, totalmente atenta.

— E? O que aconteceu?

— O resultado é... não foram exatamente essas as palavras, mas acho que é melhor parafrasear... que o pai dela, embora aparentemente muito decepcionado de ela se atrever a ir contra sua escolha e desconfortável por quebrar uma promessa de tão longa data, achou o Sr. Wellington muito agradável. Influenciado pelos jovens protestos de amor, ele deu sua aprovação ao casamento.

Um riso de pura felicidade partiu da minha garganta.

— Não consigo me lembrar de um momento no qual eu já estive tão contente com o anúncio de um noivado, especialmente entre duas pessoas que conheço tão pouco.

O Sr. Ashford riu como resposta, depois ficou sério, balançando a cabeça com um suspiro.

— Mal posso lhe dizer como estou aliviado por estar finalmente livre desse fardo que tive que carregar durante toda minha vida adulta.

— Esta situação só serve para enfatizar como é ridícula e antiquada a prática do casamento arranjado. Como qualquer um pode ter a coragem e a audácia de pensar que sabe quais duas pessoas são certas uma para a outra ou, pior ainda, de unir um

casal sem seu consentimento; isso está além da minha compreensão.<sup>1</sup>

— Concordo plenamente. Só espero que meu pai seja tão ousado quanto o Sr. Churchill quando eu explicar a ele sobre nós. Conto os dias para ele chegar.

— Quando ele deve retornar?

— No início da próxima semana, de acordo com sua última carta.

— Ele tocou minha bochecha com a mão e me olhou com muito carinho. — Quando eu o vir, minha querida Jane, sabe o que eu vou dizer?

— Como foi sua viagem, pai? — respondi suavemente.

— Vou dizer a ele que estou apaixonado pela mulher mais maravilhosa do mundo e é com ela que pretendo me casar.

Senti um choque suave atravessar meu corpo inteiro e pensei que devia ser meu coração, prestes a explodir de alegria; então percebi que nosso barco havia esbarrado na costa e ficado preso ali, sob a sombra e cobertura de um salgueiro-chorão. O Sr. Ashford saiu de seu lugar e num instante estava sentado ao meu lado. Com um sorriso vagaroso, ele sussurrou:

— Jane. Acabei de perceber do que eu senti falta no seu livro.

— Meu livro? — Aquela era a última coisa em minha mente. A aproximação de sua coxa e de seu ombro, a proximidade de seu rosto, fizera meu coração bater muito rapidamente, e os meus pensamentos se espalharem ao vento.

— É o fim. Não há beijo.

— Não há beijo?

— Não. — Seu tom era profundamente sério, mas havia uma provocação, um olhar afetuoso em seus olhos. — Elinor consegue seu Edward. Marianne encontra consolo com o bom coronel Brandon. Mas não há manifestações verbais entre esses amantes, nenhuma demonstração física de qualquer espécie, e *nenhum beijo*. É uma omissão bem drástica em um livro sobre amor e corte, não acha?

— Prefiro escrever apenas sobre aquilo que já experimentei — declarei. — E minha familiaridade com o assunto, no momento da escrita, era bem limitada.

— Essa é uma situação que devemos solucionar — disse ele, e ali, na privacidade do ambiente recoberto de verde, levou seus lábios aos meus.

Passou-se algum tempo até que um de nós falasse.

— Em seu próximo livro, então — continuou ele longamente, num tom rouco —, podemos esperar ver um aumento da paixão e uma expressão de afeto físico entre o herói e a heroína?

— Acho que não.

— Por quê?

— Algumas coisas — respondi baixinho — devem ser deixadas para a imaginação.

# Nota

<sup>1</sup> Talvez o desdém de Jane Austen pelo casamento arranjado tenha nascido neste momento e a inspirado posteriormente a escrever *Emma*.

## Capítulo vinte e cinco

No primeiro dia de outubro, quando me sentei para uma agradável refeição na sala de jantar de Henry com o Sr. Ashford, Henry e minhas irmãs, uma garrafa de vinho que parecia muito cara foi aberta, e o mordomo começou a encher as taças de todos.

— Trouxe uma garrafa do meu mais fino tinto — disse o Sr. Ashford —, pois temos um brinde a fazer.

— Um brinde? — indaguei, surpresa e preocupada, perguntando se o Sr. Ashford havia, finalmente, decidido revelar o segredo do nosso noivado mesmo antes do retorno de seu pai.

— Sim. Temos um evento importante para comemorar — afirmou Henry, lançando um sorriso cúmplice na direção do Sr. Ashford.

— Um evento *extremamente* importante — concordou o Sr. Ashford.

— Um evento que, creio eu, será de grande interesse para todos os reunidos — completou Henry.

— É um momento digno de champanhe francês — explicou o Sr. Ashford —, mas, por mais que eu tentasse, não consegui uma garrafa por valor algum.<sup>1</sup>

— Ah! Olhe para eles — exclamou Eliza, irritada. — Parecem dois meninos presunçosos, ansiosos para contar um segredo. Contem logo, cavalheiros! O que está acontecendo? O que vocês aprontaram a tarde toda?

— O que aprontamos? — replicou Henry. — Ora, nós fomos até Whitehall.

— O que vocês foram fazer em Whitehall? — perguntei.

— Fizemos uma visita aos escritórios da Biblioteca Militar — disse o Sr. Ashford.

— Oh, Deus — disse Eliza, revirando os olhos, entediada. — *Por favor*, não me digam que todo esse alarde é sobre algum novo cliente que você conseguiu no Exército ou na Marinha ou no Parlamento para seu estabelecimento bancário, Henry.

— Dificilmente, minha querida — comentou Henry, piscando os olhos. — Fale, Ashford. É um feito seu. Pode contar.

— Thomas Egerton, da Biblioteca Militar, é um velho amigo da minha família. — O Sr. Ashford olhou na minha direção. — Levei seu livro para ele há duas semanas, Jane.

— Meu livro? Mas por quê? O que uma biblioteca iria querer com um manuscrito inédito? Especialmente uma biblioteca *militar*?

— Porque eles, por acaso, são uma editora — começou o Sr. Ashford.

— Uma editora! — interrompeu Eliza, os olhos se iluminando com um interesse recém-descoberto.

— Eles são conhecidos por terem um olho afiado — continuou o Sr. Ashford — e uma predileção por uma grande variedade de assuntos.

Meu coração começou a martelar nos meus ouvidos.

— Mas certamente você não quer dizer.. uma biblioteca militar nunca estaria interessada em...

— Eles adoraram seu romance — disse o Sr. Ashford — e se ofereceram para publicá-lo.

Eu o encarei com espanto silencioso, simplesmente o encarei.

— Você está falando sério? — gritou Eliza. — Henry, isso é verdade?

— Cada palavra, minha querida.

— Jane! — exclamou Cassandra, estendendo a mão para mim. — Que maravilha!

— O quê? Não tem nada a dizer, querida irmã? — perguntou Henry, sorrindo. — Nenhum comentário genial? Nenhuma observação divertida? O gato do provérbio comeu sua língua?

Eu não conseguia falar. Enquanto me banhava no afeto dos olhares voltados para mim, todos os rostos cheios de amor e orgulho, uma onda de calor inundava meu corpo e lágrimas brotaram em meus olhos. Percebi, de repente, que eu tinha sonhado com aquele momento por quase toda a minha vida. Havia desejado, sem saber se ele jamais seria verdadeiramente possível, com um desejo muito mais profundo e mais forte do que eu tinha imaginado. Dessa forma, o verdadeiro significado do evento não poderia ser compreendido em um espaço tão curto de tempo.

— Parabéns, Srta. Jane Austen — disse o Sr. Ashford, erguendo o copo para mim, enquanto os outros seguiam o exemplo. — Você vai ser uma romancista publicada.

— Você percebe o que isso significa? — perguntei mais tarde, quando o Sr. Ashford e eu ficamos sozinhos por alguns instantes na sala de estar dos fundos, e eu tinha agradecido profusamente a ele pelos esforços em conseguir uma editora para o meu livro.

— Que centenas, talvez milhares de pessoas finalmente apreciarão seu trabalho impresso? — respondeu o Sr. Ashford com um sorriso caloroso, enquanto se sentava ao meu lado no sofá, o braço descansando comodamente atrás de mim.

— Mais do que isso. — Eu parecia que ia desmaiar de êxtase, sem saber se era pela notícia emocionante da publicação iminente ou pela proximidade dele. — Isso significa que, pela primeira vez na vida, ganharei meu próprio dinheiro. Poderei contribuir para a renda da minha família, comprar presentes, viajar um pouco sem culpa, e vou ter mais para dar à caridade. E, talvez, um dia, se eu for afortunada o suficiente para vender outros livros, poderei conseguir me sustentar se for necessário.<sup>2</sup>

— Isso nunca será necessário, minha querida — disse o Sr. Ashford, enquanto me tomava nos braços e me beijava.

Naquele instante, a porta da sala de estar se abriu. Nós nos afastamos assim que Marie, a servente francesa, irrompeu no cômodo, o rosto pálido de ansiedade.

— Monsieur Ashford, perdão, senhor, mas há um cavalheiro à porta perguntando pelo senhor, e ele não quer entrar. Parece muito alterado.

O Sr. Ashford e eu nos apressamos pelo corredor e encontramos seu servo, John, esperando do lado de fora à porta da frente.

— Sr. Ashford, senhor — disse John, curvando-se um pouco sem fôlego. Seu chapéu estava torto, as bochechas coradas e os cabelos desmanchados pelo vento, como se tivesse cavalgado arduamente. Vislumbrei seu cavalo amarrado um pouco além.

— John! O que houve? — perguntou o Sr. Ashford.

— Desculpe, senhor. Sinto muito por incomodá-lo, senhor. Mas fui enviado com a máxima urgência para encontrá-lo, senhor, pelo seu pai.

— Meu pai? — repetiu o Sr. Ashford, surpreso.

— Sim, senhor. Ele chegou à cidade, senhor, esta tarde. E exige sua presença na casa imediatamente.

— Obrigado, John. Vou direto para lá.

— Muito bem, senhor.

John retornou ao cavalo e se afastou trotando pela rua. O Sr. Ashford se virou para mim empolgado.

— Perdoe-me, Jane. Meu pai...

— Sim, sim! Você deve ir até ele imediatamente.

— Devo ir. — Ele tomou minhas mãos nas dele. — Vou falar com ele esta noite. E, quando eu voltar amanhã, finalmente poderemos anunciar nosso noivado.

Puxando-me para si, ele me beijou mais uma vez.

— Eu amo você, Jane. — E se foi.

Na manhã seguinte, chegaram os documentos jurídicos contendo os detalhes do acordo de publicação proposto entre mim e Thomas

Egerton, da Biblioteca Militar, um cavalheiro que eu ainda não havia conhecido.

Enquanto estava sentada avaliando o acordo com Henry após o café, ele disse:

— O Sr. Ashford parece ser um homem muito admirável. E é de uma família excelente.

— De fato, ele é.

— Vocês têm passado uma quantidade considerável de tempo juntos.

— É verdade. — Pela expressão de Henry, vi que ele esperava mais confiança de mim, e fiquei triste por ser obrigada a desapontá-lo; mas, como eu sabia que a decepção seria de curta duração, respondi, com um sorriso modesto: — Somos *amigos*, Henry. Não posso dizer mais nada por enquanto.

— Amigos. — Ele balançou a cabeça, com um olhar astuto. — Claro.

Voltei minha atenção novamente para o documento e para um parágrafo que achei confuso.

— Henry, o que significa isto? *A ser publicado em concessão para o autor por um custo estimado de 200 libras?*

— Significa que o Sr. Egerton, embora disposto a publicar seu livro, não está entusiasmado o suficiente para assumir qualquer risco financeiro. Em consequência, ele exige que o autor cubra todas as despesas de impressão, além de algum dinheiro para publicidade e distribuição. Em troca, você pode manter os direitos autorais.

Engoli em seco, desanimada.

— Por que ninguém me disse isso? Não posso arcar com essa quantia! Duzentas libras! Ora, é impossível!

— Não precisa se preocupar, Jane. Isso já foi resolvido.

Eu o fitei, entendendo, depois balancei a cabeça.

— Henry. É muito dinheiro. Não posso permitir que você financie a publicação do meu livro.

— Eu *não* o financiei — disse Henry —, embora estivesse disposto a fazê-lo. *Essa ajuda veio de outra parte.*

— De quem? — indaguei, chocada, embora soubesse a resposta antes de ele falar.

— Seu *amigo* — respondeu Henry incisivamente. — O Sr. Ashford.

— E se o livro não for um sucesso? — Eu me afligia naquela tarde, sentada com agulha e linha, consertando a renda de um de meus vestidos.

— *Vai* ser um sucesso, minha querida — replicou Cassandra.

— Mas e se não for? Duzentas libras! O livro vai ter de vender um grande número de cópias para compensar essa quantia. Vou pechinchar e economizar cada centavo do meu dinheiro nos próximos dois anos. Se ele não tiver lucro, eu *vou* devolver o dinheiro.

— Estou certa de que o Sr. Ashford não espera por isso. E, como vocês estão prestes a se casar, não vejo que diferença isso vai fazer.

— Mesmo assim, estou determinada a devolver o dinheiro. Eu me pergunto por que ainda não tive notícias dele? Ele prometeu vir hoje de manhã, o mais tardar esta tarde.

— Ainda é cedo.

A criada de Eliza entrou.

— Uma visita chegou para vê-las, *mademoiselles*. Sra. Jenkins.

— Por favor, faça-a entrar — pedi. Já havia quase sete noites desde que eu tinha visto a Sra. Jenkins, logo após Isabella ter feito o anúncio surpreendente a seu pai sobre o rompimento do noivado e recebido sua bênção para se casar com o Sr. Wellington. A Sra. Jenkins ficara muito angustiada com a notícia, quase fora de si, na verdade. O que diabos, gritou ela à época, poderia ter induzido aquela criatura ingrata a encontrar aquele cavalheiro em segredo, quando estava prometida a outro? E como ela poderia demonstrar tão pouco discernimento, a ponto de desistir de um homem como o Sr. Ashford? Mesmo que ele tivesse, como Isabella tantas vezes apontou, o dobro da idade dela? A menina, a Sra. Jenkins tinha certeza, devia ter enlouquecido.

Cassandra e eu a acalmamos, naquele momento. Nós a convencemos de que os caminhos do coração não podem ser explicados e que um casamento baseado no amor certamente tinha mais mérito e era destinado a desfrutar de mais sucesso do que aquele que fora arranjado anos antes, sem o consentimento das partes.

Eu me perguntava o que poderia trazer a Sra. Jenkins à nossa porta agora. Será que, de alguma forma, a notícia de meu noivado secreto com o Sr. Ashford havia chegado a *ela*, antes que ele pudesse voltar e compartilhar a alegria do anúncio comigo?

Antes que eu pudesse refletir mais sobre a questão, a Sra. Jenkins entrou furiosa.

— Graças a Deus vocês estão em casa — exclamou a grande dama, em um estado ainda mais agitado do que eu já havia visto. — Acabei de ter a notícia mais terrível, não posso sentar, estou em frenesi.

— O que aconteceu, Sra. Jenkins? — indagou Cassandra.

— Minha querida Isabella, vocês sabem que ela se apaixonou pelo Sr. Wellington, de quem temos falado tantas vezes, e que o pai dela, contra os meus conselhos, resolveu aprovar o casamento. Bem! Eu disse inúmeras vezes: George, esse Sr. Wellington não é um cavalheiro e não é bom para Isabella! Mas ele me ouviu? Não, ele não ouviu! E agora minhas suspeitas se comprovaram!

— O que aconteceu? — perguntei, preocupada, com uma crescente sensação de pavor.

— Parece que o pai de Isabella, querendo saber mais sobre o futuro marido da filha, solicitou algumas investigações sobre o passado do noivo. O que ele descobriu foi um grande choque. O Sr. Wellington, ao que parece, tem vivido em grande estilo já há alguns anos, bem além de seus recursos, e gerou muitas dívidas de jogo ou por outros motivos. O tio dele, de quem dependia financeiramente e de quem seria herdeiro, há muito o deserdou completamente, um fato que o patife nunca divulgou. O Sr. Wellington, ao que parece, é

um homem arruinado, em circunstâncias desesperadas, e só estava atrás das 50 mil libras de Isabella!

— Então ele não a amava? — indaguei, atordoada.

— Não o suficiente para ficar com ela — replicou a Sra. Jenkins. — Quando o pai de Isabella disse ao Sr. Wellington que ele poderia ter a mão de sua filha, mas que ela ficaria sem um centavo, o patife retirou a proposta e fugiu pela noite afora, sem sequer olhar para trás!

— Pobre Isabella! — disse Cassandra.

— Isabella teve *sorte*, se quer saber! — exclamou a Sra. Jenkins. — Salva pelo gongo! Vocês podem imaginar as consequências desastrosas que teriam ocorrido se ela tivesse continuado com a tola intenção de se casar com aquele vilão? Mas, graças ao bom Deus, nem tudo está perdido. Seu noivado anterior foi restabelecido.

— Restabelecido? — Engoli em seco, com o coração na garganta.

— Sim! Graças a Deus. O pai dela insistiu que, se alguém ia se casar com Isabella pelo dinheiro, poderia muito bem ser o Sr. Ashford.

Minha mente estava em tal estado de agitação e confusão que pensei ter ouvido mal.

— O que quer dizer, Sra. Jenkins? Certamente o Sr. Ashford nunca se casaria com Isabella pelo seu dinheiro. Ele é extremamente rico.

— Era o que todos pensávamos. — A Sra. Jenkins balançou a cabeça tristemente. — E assim sua família tem sido por gerações. Estou certa de que o Sr. Ashford não tinha ideia da extensão de seus problemas até que seu pai lhe deu a terrível notícia na noite passada. Sir Thomas, ao que parece, tem administrado muito mal as finanças ao longo dos anos. Ele gastou tanto dinheiro naquela propriedade e se dedicou a tantos projetos ruins que estava dependendo de algum tipo de investimento espetacular para se recuperar. Dessa forma, esbanjou o que restava da fortuna em uma frota de navios. Ele acabou de tomar conhecimento que a frota, enquanto retornava da Espanha sem a proteção de um comboio

naval, foi atacada e afundada pelos franceses. Grande parte da tripulação foi salva, mas nem todos, e os navios e toda a carga foram perdidos. É uma tragédia terrível, não só pelas vidas humanas, mas para os investidores também. Sir Thomas está arruinado, e sua família, quase falida.

Tive dificuldade para respirar.

— Falido?

— Uma coisa terrível! Ouvi dizer que Sir Thomas está perto de uma apoplexia. Digo a vocês, sou completamente solidária a ele e a toda a família. O homem nunca mais foi o mesmo desde a morte de sua pobre esposa, gastando como um jovem louco, escondendo seus investimentos do único filho e herdeiro, que é um homem muito mais inteligente, se querem saber. Agora, eles estão sob risco de perder Pembroke Hall e todas as suas propriedades. É claro que, com a propriedade amarrada em fideicomisso,<sup>3</sup> ele não pode vender ou penhorar qualquer parte dela. Sua única chance para salvar a posse é fazer com que o Sr. Ashford se case com a nossa Isabella, como planejado, mas agora eles não vão mais esperar até o Natal. A cerimônia deve ocorrer daqui a duas semanas. Jane, há algo errado?

— Não... — tentei responder, mas nenhum som realmente escapou de meus lábios.

— Ela está angustiada — explicou Cassandra rapidamente, saltando da cadeira e ficando de pé atrás de mim, as mãos sobre meus ombros. — Pelo bem de Isabella.

— Passei a última meia hora com aquela pobre garota — disse a Sra. Jenkins, lágrimas surgindo em seus olhos. — Ela está fora de si de tanta tristeza. Mas ela é jovem, vai se recuperar. O Sr. Ashford é um homem bom e um excelente partido, mesmo com tudo isso, e devemos considerar seu título. Isabella um dia será Lady Ashford e senhora de Pembroke Hall, um lugar muito, muito bom. Se o dinheiro dela conseguir salvá-lo dos credores, digo que é tudo para o melhor. Cada um deles leva algo para o casamento, e o restante vai se resolver. Sempre se resolve.

— Tenho certeza de que está certa — disse minha irmã, sem convicção. Depois, aparentemente percebendo que a Sra. Jenkins não chegou a se acomodar desde que entrou na sala, Cassandra a convidou para se acomodar e lhe ofereceu um refresco. Para meu alívio, a Sra. Jenkins recusou, insistindo que deveria ir embora e que só parou para compartilhar a notícia.

Quando eu me levantei e fiz uma mesura, a Sra. Jenkins gritou:

— Não, não, não se preocupe. Você realmente parece que precisa se deitar, Srta. Jane. Eu sei o caminho da saída.

Mal a senhora partiu, minhas pernas se dobraram sob mim, e eu afundei de volta na cadeira. Cassandra se ajoelhou ao meu lado. Enquanto as lágrimas brotavam em seus olhos, ela me envolveu em seus braços.

— Jane. Ah, Jane. Eu gostaria de ter palavras.

Não havia palavras. Eu estava atordoada demais para chorar.

# Notas

<sup>1</sup> Devido à continuação das guerras napoleônicas e ao bloqueio e ao embargo resultantes, os produtos franceses, como champanhe, eram impossíveis de encontrar, exceto no mercado negro.

<sup>2</sup> De acordo com uma conta que Jane Austen mantinha em 1807, ela havia começado o ano com um pouco mais de 50 libras (a maior parte da soma vinha de uma herança que ela recebera de um amigo da família no início do ano); seus gastos modestos incluíram aproximadamente 14 libras em roupas, 9 libras em lavanderia, 4 libras em correios, 6 libras em presentes, 3 libras em caridade e menos de 1 libra em teatro e entretenimento. Seu gasto em relação a luxo pessoal naquele ano foi de 2.13S.6D libras. para o "Hire Piano Forte".

<sup>3</sup> A maioria das grandes famílias proprietárias na Inglaterra do século XIX mantinham sua riqueza, status e poder através das gerações, transmitindo suas enormes propriedades intactas aos descendentes através de duas práticas rígidas, previstas em testamentos ou atos de assentamento. A primeira, primogenitura, deixava toda a terra para o filho mais velho, em vez de dividi-la entre todos os filhos. O fideicomisso impunha restrições sobre o que o herdeiro poderia fazer com a propriedade, para garantir que, quando ele morresse, seu filho mais velho, por sua vez, herdasse a propriedade intacta e não hipotecada, dividida ou vendida. A mulher não deve herdar, à sua maneira de pensar, porque, se ela permanecesse solteira, a linha genealógica poderia morrer, e se ela se casasse, a propriedade pertenceria a seu marido — alguém de fora da família. A prática era tão enraizada que, até 1925, por lei, a terra de alguém que morresse sem deixar testamento ia para o filho mais velho, e os esforços para mudar a legislação eram constantemente derrotados pelas famílias mais antigas.

## Capítulo vinte e seis

Recebi um bilhete do Sr. Ashford na manhã seguinte.

*Park Lane, Mayfair, 3 de outubro de 1810*

*Minha querida Jane,*

*Estou muito triste por não ter conseguido ir até você hoje. Acabo de ser informado de notícias de natureza muito angustiante, relativas a assuntos da minha família. Meu pai e minha irmã estão em tal estado que tenho medo de deixá-los. Pior ainda, temo que você possa saber de nossas circunstâncias antes que eu tenha a oportunidade de falar pessoalmente. Por favor, por favor, minha querida Jane, não se perturbe nem tire conclusões tendo como base qualquer coisa que possa ouvir de outros. Eu a amo e sempre amarei. Irei vê-la assim que puder.*

*Seu, com muito carinho,  
Frederick*

Eu não sabia o que fazer com tal missiva. Ainda havia esperança? Ele tinha alguma solução para aquela situação catastrófica que eu não podia imaginar?

Meu coração se encheu de dor pelas muitas dificuldades que o Sr. Ashford de repente enfrentava: a possível perda de seu lar ancestral; o desalojamento de sua família; pai e irmã perturbados e possivelmente doentes; e, ainda assim, ele estava escrevendo para *mim*, implorando para que *eu* não ficasse angustiada.

Eu não podia ir até ele, nem poderia ficar em casa esperando, sem saber quando teria mais notícias. Impaciente, implorei a Henry que me emprestasse seu coche, e um olhar para meu rosto agitado aparentemente o convenceu a concordar. Instruiu o cocheiro a me levar até a cidade, onde passeamos a esmo por cerca de uma hora, até que eu soubesse, enfim, exatamente aonde queria ir.

Logo me vi sentada naquele banco familiar nos Kensington Gardens, que o Sr. Ashford e eu tantas vezes frequentamos. A maioria das flores estava morta, e havia uma precoce brisa fria de outono no ar. Puxei meu xale para mais perto de mim, mal percebendo as poucas pessoas que passavam por ali. Lágrimas feriam meus olhos. Apesar do tom otimista no final da carta do Sr. Ashford, eu não tinha esperanças. Como, me perguntei, teria sido tola a ponto de imaginar que as coisas poderiam funcionar entre nós?

Não sei por quanto tempo fiquei sentada lá, até que me dei conta de passos atrás de mim e ouvi a voz do Sr. Ashford:

— Jane!

Eu me virei. Ele chegou até mim em três passos largos.

— Sua irmã me disse que você tinha vindo até a cidade. Arrisquei, esperando que eu soubesse onde encontrá-la. — Ele se sentou ao meu lado no banco e pegou minha mão na dele, os olhos cheios de emoção. — Sinto muito por você ter sabido de tudo dessa maneira, Jane. Estou completamente envergonhado.

— Você não tem nada do que se envergonhar — afirmei.

— Tenho, sim. Eu deveria ter me informado mais sobre as atividades financeiras do meu pai. Anos atrás, no momento da minha maioridade, ele me deu responsabilidades específicas relacionadas a nossos imóveis e inquilinos, e isso se tornou meu foco. O restante, meu pai insistiu, era território *dele*. Ele era muito adepto de esconder coisas de mim. As diversas reformas em Pembroke Hall me pareciam excessivas. Eu suspeitava de que algo estava errado há muitos anos, e sugeri que recuássemos. Ele se recusou a confiar em mim, me informando apenas das circunstâncias mais restritas e sustentando que seus investimentos nos sustentariam. Se eu soubesse! Eu o teria desaconselhado a colocar qualquer dinheiro naquela frota de navios, pois aquilo representava um risco quase inevitável. Agora é tarde demais. Tudo está perdido.

— Nem tudo está perdido. A fortuna de Isabella pode salvá-lo.

— Eu não amo Isabella. Não vou me casar com ela. Meu coração pertence a você.

— E o meu é *seu* — declarei, minha voz entrecortada —, mas não há espaço para o amor no casamento. — Com o coração pesado, entendi as intenções dele agora. Ele não tinha uma solução milagrosa para a terrível situação da família. Seu plano era não se importar com o resto e ser fiel a mim. — A triste verdade é que o casamento é um negócio, e nada mais.

— Não posso acreditar nisso! Jane, eu não vou permitir que isso... que esse terrível *erro* do meu pai destrua a *minha* vida. Estive preso a ele, aos seus caprichos e às suas promessas em meu nome, por muitos anos. Não vou mais participar disso! Não estou mais preso a Isabella pela honra. As ações dela colocaram um fim a isso. *Você* é a mulher que eu amo, Jane. Quero passar minha vida com você.

— Mas como isso pode acontecer? Você não vai perder Pembroke Hall?

— Creio que sim. Meu coração fica destruído por perder a propriedade da família; mas isso é culpa do meu pai, não minha. Vamos sobreviver de alguma forma. Passei muito tempo sonhando

com alguém como você e, depois, ao encontrá-la, desejando um milagre que nos permitisse ficar juntos. Estou *cansado* de sonhar e desejar, Jane. Eu escolhi *você* a qualquer pedaço de terra ou qualquer quantidade de dinheiro. Mas preciso saber como se sente, considerando a atual situação. Mesmo sem nada, sem um centavo no bolso, você ainda me amaria? Você ainda me aceitaria?

— Você sabe que sim — respondi, trêmula.

— Então deixe-me pegá-la de manhã, minha querida. Vou obter uma licença. Podemos encontrar o pároco da minha igreja. A esta hora amanhã podemos estar casados.

Minha resistência começou a desmoronar.

— Não consigo deixar de pensar que seria errado...

— Não! Seria errado, seria um pecado contra a natureza desistir de um amor como o nosso! — Do bolso, o Sr. Ashford tirou um lindo anel de ouro e rubi. — Meu pai deu este anel à minha mãe para que usasse até a aliança de casamento estar pronta. Você vai usá-lo agora, Jane, como um símbolo do meu amor e compromisso?

— Eu não poderia... — comecei, mas ele gentilmente pegou minha mão, tirou minha luva e deslizou o anel em meu dedo. A pedra vermelha brilhante reluziu à luz do sol como um coração batendo com perfeição. — Eu não sei o que dizer — sussurrei.

— Diga sim, Jane. Diga-me, novamente, que aceita se casar comigo.

— Sim — respondi baixinho —, aceito.

Contei tudo a Henry e às minhas irmãs naquela noite, quando estávamos sentados diante da lareira na sala de estar.

— Acho que essa é a coisa mais romântica que já ouvi — gritou Eliza, apertando as mãos contra o peito com um suspiro beatífico, depois de ter admirado meu anel de rubi com grande entusiasmo.

— Saber que o amor de um homem é tão profundo e forte que ele desistiria de tudo por você, *esse* é o verdadeiro amor — disse Cassandra. — Eu invejo você, Jane. O Sr. Ashford é o melhor dos homens, e seu par perfeito. Sei que vocês serão muito felizes.

— *Você* abriria mão de tudo por amor a mim, querido? — perguntou Eliza, batendo carinhosamente na coxa do marido.

— Acredito que já o fiz, minha querida — afirmou Henry, ao que minhas irmãs riram.

— Mas, falando sério, querido — insistiu Eliza. — Você não acha que é a coisa mais romântica e maravilhosa do mundo? Dizer *adieu* à propriedade e à fortuna para seguir o coração, confiar a felicidade na vida unicamente a *l'amour*?

— Acho que depende do tamanho da propriedade e da fortuna — respondeu Henry, com um brilho nos olhos.

— Ah! Homens! — exclamou Eliza, indignada. — Vocês são incorrigíveis.

Mas as palavras de Henry ficaram em mim, ecoando uma preocupação que corroía minhas próprias convicções desde que eu havia dito a palavra *aceito*.

Passei uma noite sem dormir, revirando na cama, queimando como se estivesse com febre ou sufocada por um arrepio gelado, do mesmo jeito que fiquei na noite da proposta de Harris Bigg-Wither. Naquela ocasião, sofri sob o peso dos males que se abateriam sobre um casamento baseado exclusivamente na aquisição de confortos materiais, sem o benefício do amor. Agora, eu estava atormentada por visões de uma união fundada exatamente sobre o contrário.

Finalmente me levantei, tremendo quando meus pés descalços tocaram o chão frio de madeira. Cobrindo os ombros com um xale, atravessei até o banco da janela e abri a cortina, olhando para os telhados próximos e o céu escuro. Ouvi Cassandra se revirar na cama ao lado. Em um instante, ela se juntou a mim no banco da janela, amorosamente envolvendo um cobertor em torno dos nossos ombros.

— Está com dúvidas? — perguntou ela suavemente.

Assenti.

— Mas por quê? Você ama o Sr. Ashford, e ele a ama.

— Se ele se casar comigo, Pembroke Hall e todas as suas terras serão perdidas para os credores.

— Entendo. Mas se essa é a escolha dele... — começou Cassandra.

— Você não viu Pembroke Hall — Eu a interrompi. — É a propriedade mais imensa e magnífica que já vi, como algo saído de um conto de fadas, cada cômodo mais impressionante que o outro. E os bosques e as terras... — Minha voz falhou enquanto eu balançava a cabeça. — Não é algo para se abrir mão facilmente.

Nossas malas estavam prontas de manhã. Enviei uma longa carta pelo correio matutino ao Sr. Ashford, explicando por que eu devia ir embora sem tardar. A tinta, admito, foi manchada por lágrimas em vários locais, mas a intenção, eu esperava, era correta.

Enquanto o cocheiro de Henry preparava a carruagem para nossa mudança para Chawton, caminhei sozinha pelos arbustos do pequeno jardim dos fundos, enxugando os olhos com meu lenço. Eu havia chorado durante toda a manhã, e o fluxo de lágrimas se recusava a parar.

Ouvi o portão dos fundos se abrir, e sabia que devia ser ele. Ouvi seus passos atravessando o gramado, respirei fundo para me recuperar e tentei secar meus olhos. Com muito esforço, virei lentamente para encará-lo. Estava parado a pouco menos de 1 metro de distância, segurando uma carta na mão, que imaginei ser a que eu acabara de lhe enviar. Seu rosto estava pálido, a voz difusa de emoção.

— Você não pode estar falando sério quanto ao que escreveu aqui.

— Sinto muito — respondi com a voz entrecortada, afastando as lágrimas que ameaçavam cair.

— Jane, não faça isso. Venha comigo agora.

— Ir para onde?

— Qualquer lugar que você escolher.

— E como viveremos?

— Um dia de cada vez.

— Como vamos nos sustentar?

— Encontrarei um trabalho. Posso me ordenar.

— Nunca foi sua ambição entrar para o clero.

— Um homem pode mudar sua ambição. Posso me adequar bem a essa profissão. — Havia dúvida em seus olhos, que ele não conseguia esconder; e ele sabia que eu a percebia. Frustrado, amassou a carta na mão e atirou-a ao chão. — Posso entrar para o comércio.

— Que comércio? Em que você recebeu treinamento, além de possuir e gerir uma grande propriedade?

— Esse conhecimento pode ser útil. Eu poderia trabalhar como bailio.<sup>1</sup>

— E gerir a propriedade de outro homem?

— Por que não? — indagou ele, mas seu rosto enrubesceu diante daquela perspectiva. Eu sabia que tal trabalho só poderia ser humilhante para um homem com sua educação.

— E onde viveremos, meu querido? — perguntei suavemente. — Em uma casa alugada, com mobiliário alugado?

— Eu não preciso de um palácio para ser feliz — disse ele.

— Isso é verdade para mim. Mas, para você... depois de nascer no luxo, não é fácil ficar sem.

— Posso aprender. Se isso significar que ficaremos juntos...

— Pembroke Hall está na sua família há quase duzentos anos. É parte de quem você é. Pertence a seus filhos e a seus netos por direito de nascença, e é seu dever preservá-la para essas gerações futuras. Você sabe que isso é verdade. Se abrir mão disso, com o tempo vai se arrepender e se ressentir de mim.

— Não. Jane...

— Você *vai*. E mesmo que *você* não o faça, pense em sua família. Na desgraça. Como Sir Thomas poderia manter a cabeça erguida na sociedade outra vez? E sua irmã? Você me contou que Sophia ama demais a casa. Agora ela vai sofrer não só essa grande perda, mas não terá um dote, sequer uma renda. O que será deles? Para onde irão?

O Sr. Ashford não respondeu imediatamente. Consegui identificar, pela sua expressão agonizante, que aquela questão em especial o estava atormentando.

— Sophia ainda pode se casar, mesmo sem dote — afirmou, finalmente —, e, se não casar, eu os sustentarei de alguma forma.

— É mais fácil dizer do que fazer, meu amor. Sei o que é perder sua casa, ficar sem um tostão. É um preço muito alto a se pagar. Não posso deixar você fazer isso.

— Jane...

— A fortuna de Isabella pode salvar a todos vocês. Não há outro recurso. Você sabe que estou certa. Devo ser forte por nós dois. Você deve... você *deve* se casar com Isabella daqui a 15 dias.

Um olhar de intensa melancolia e derrota se instalou em seu rosto, e lágrimas surgiram em seus olhos. A voz dele estava impregnada de raiva e intenso arrependimento quando disse baixinho:

— E ser infeliz pelo restante de meus dias.

Ficamos em um triste silêncio por um longo instante, cada um enxugando suas lágrimas. Eu silenciosamente retirei o anel de rubi do dedo e o estendi a ele. Ele balançou a cabeça, acenando a mão enfaticamente.

— Fique com ele.

— Não posso.

— Quero que você fique com ele. Foi minha promessa. Não vou recuar em minha promessa.

Recoloquei o anel no dedo.

Ele suspirou profundamente e disse:

— Eu vi que a carruagem está sendo preparada para sua viagem. Aonde você vai, com tanta pressa? Para sua casa em Chawton?

— Sim.

— Onde você vai mergulhar na escrita, suponho.

Balancei a cabeça.

— Eu nunca vou escrever de novo.

— Prometa-me que não está falando sério.

— Eu não encontraria prazer em escrever sobre amor e corte agora. Certamente os leitores do mundo não precisam de outro conto ridículo sobre um homem e uma mulher que se encontram e se apaixonam à primeira vista.

— Então dê a eles o oposto. Dê a eles um homem e uma mulher que se detestam à primeira vista.

— Detestam-se?

— Eles se conhecem e se desprezam. Depois, ao longo do tempo, quando sua verdadeira natureza emerge, eles acabam admirando um ao outro...

— ... quando eles superam o orgulho...

— ... e o preconceito. — Ele tomou minhas mãos nas dele. Seus olhos encontraram os meus, com um olhar de compreensão. — Ele já está escrito, não é? Naquele seu baú? *First Impressions*, acho que era esse o nome?

— Eu realmente escrevi essa história há muitos anos, mas precisa ser alterada e reduzida, e... Eu não tenho a força para fazer isso.

— Por que não?

— Porque agora eu sei como ela deve terminar.

— Não aceite esse fim. Brinque de Deus. Dê-nos outro romance espirituoso e apaixonado de Jane Austen, com o final que  *você*  escolher.

— Jane! — gritou Cassandra pela porta dos fundos, com um tom de desculpas. — O cocheiro está pronto. É tarde, precisamos ir embora.

— Preciso partir.

Cassandra desapareceu dentro da casa. Voltei para o Sr. Ashford. Olhamos profundamente nos olhos um do outro; então, no mesmo instante, nos abraçamos.

— Nunca mais nos veremos? — indagou ele.

Senti suas lágrimas molhando minha bochecha.

— Verei você na minha mente. E nos meus sonhos.

— Vou carregá-la no meu coração, Jane. Todos os dias, todas as horas, pelo restante da minha vida. — Ele virou o rosto para o meu

e me beijou intensamente.

Eu não queria que o beijo terminasse.

— Adeus, meu amor — declarei.

— Adeus — sussurrou ele.

Eu me virei e corri, o coração tão cheio de dor que me perguntei como ele continuava batendo.

# Notas

<sup>1</sup> O termo "bailio" tinha dois significados na época. Um deles era oficial do xerife, que entregava ordens judiciais, em especial, apreendendo mercadorias ou pessoas por dívidas. Com base na resposta de Jane, o Sr. Ashford se refere ao outro tipo de bailio, que era um supervisor ou administrador contratado de uma propriedade, cujas funções incluíam gerir uma grande fazenda para seus proprietários, coletar aluguéis, responder às queixas dos agricultores arrendatários etc.

## Capítulo vinte e sete

Nunca mais vi o Sr. Ashford. Nunca mais voltei a Derbyshire tampouco visitei seu bairro em Mayfair quando fui à cidade. Sei apenas que ele se casou. Presumo que a ruína financeira da família tenha sido evitada pelo casamento, pois a notícia de tal ameaça nunca se tornou amplamente conhecida.

Henry, Cassandra e Eliza, os únicos membros da família com conhecimento da natureza de minha relação com o Sr. Ashford, compartilhavam de minha visão de que era melhor não discutir aquela história com ninguém, mas, sim, agir como se nunca tivesse ocorrido. Qualquer menção a meu envolvimento com ele, percebermos — especialmente o motivo para o término —, só poderia servir para trazer à luz as circunstâncias relativas às dificuldades financeiras dos Ashford, o que poderia causar constrangimento para ele e sua família.

Quanto a mim, eu sabia que abominaria os olhares e os comentários de pena que certamente surgiriam se os detalhes desse caso um dia se tornassem públicos. Uma história superficial poderia colocar um ou outro sob um prisma desagradável e jamais revelaria a verdade emocional por trás de tudo. Concluí que era melhor ser considerada uma solteirona sem história de amor do que uma figura trágica, insensata, que ousara amar alguém acima de sua posição, e perdera.

Henry assumiu o crédito para garantir a publicação de *Razão e sensibilidade* e pelo financiamento da impressão inicial. Alethea, que só sabia que eu conhecia superficialmente a família Churchill, perguntou sobre eles uma vez alguns anos depois, mas o assunto logo foi esquecido.

Recebi um bilhete curto do Sr. Ashford sobre a publicação de *Orgulho e preconceito*. Sua calorosa felicitação provocou lágrimas em meus olhos e dor em meu coração. Queimei a carta, apesar de agora eu desejar não tê-lo feito. Tudo que me resta dele são lembranças e meu anel de rubi.

E assim a história do Sr. Ashford — *meu* Sr. Ashford — foi fadada ao esquecimento. Foi o melhor, pensei, tanto para preservar o caráter e a reputação de todas as partes envolvidas quanto pela história em si, pois que valor há em uma história de mágoa? Uma história de amor, para ser contada, deve ter um final feliz, não é?

Foi assim que me senti à época e durante alguns anos desde então.

Mas agora me sinto diferente — agora que tenho visto minhas sobrinhas e meus sobrinhos crescendo ao meu redor, passando por todas as vicissitudes da vida, se tornando mulheres e homens excelentes, muitos deles casados; agora que perdi meu verdadeiro amor, ainda que o encontre em meu trabalho; agora que já vi quatro livros, meus queridos filhos, saírem para o mundo e desfrutei de um sucesso maior do que eu tinha sonhado; agora, embora haja dias nos quais não me sinta bem o suficiente para andar, mas esteja sempre bem o suficiente para segurar uma pena; agora, acredito que haja uma espécie de felicidade a ser encontrada em todas as coisas na vida, em tudo que é bom e agradável, bem como no que é triste ou doloroso.

Não temo mais a revelação de meus fracassos ou dos de outrem. Passei a acreditar, no final, que não há vergonha na verdade, apenas liberdade; e que, com o tempo, toda história tem o direito de ser contada.

Fim

2 de janeiro de 1817

## Posfácio do editor

**R***azão e sensibilidade* apareceu na imprensa em outubro de 1811 e foi muito bem-recebido pela crítica e pelo público. Em julho de 1813, todos os exemplares da primeira edição tinham sido vendidos, não apenas cobrindo as despesas originais, mas gerando um lucro de cerca de 140 libras para a autora, e gerando uma segunda impressão. Incentivada pelo sucesso, em 1812, Jane Austen ofereceu o recém-revisado *First Impressions*, agora chamado de *Orgulho e preconceito*, para publicação. Egerton, sem dúvida reconhecendo um potencial best seller, pagou 110 libras por ele e garantiu os direitos autorais para si mesmo.

Todos os quatro romances de Jane Austen impressos enquanto a autora era viva, sendo os outros dois *Mansfield Park* e *Emma*, foram publicados de forma anônima.

Jane Austen adoeceu nos primeiros meses de 1816, com uma enfermidade não diagnosticada, que pareceu ir e vir durante o ano e meio seguinte. No início de junho daquele ano, Jane e Cassandra tentaram as águas termais da cidade de Cheltenham, na esperança de obter uma cura, mas os efeitos, se é que houve algum, não foram duradouros. No dia 18 de julho de 1816, ela terminou de escrever *Persuasão* (que aparentemente pretendia chamar *The Elliots*). Ela passou três semanas reescrevendo o final e depois o deixou de lado. Ela não voltou a escrever, pelo que se sabe, até

janeiro de 1817, quando começou seu trabalho final, inacabado, o brilhante fragmento *Sanditon*.

Apesar da saúde que se debilitava, para uma escritora ativa e produtiva como Jane Austen (que, depois de se mudar para Chawton, escreveu ou reescreveu seis livros em sete anos), o silêncio dos últimos cinco meses de 1816 foi misterioso. Por que ela não apresentou *Persuasão* para ser publicado? Em que ela se dedicou, se é que estava trabalhando?

Agora temos a resposta. Pela data final registrada aqui, podemos concluir que Jane terminava estas memórias durante aquele período, uma tarefa a qual ela provavelmente dedicou grande parte de seu tempo livre, nos dois anos anteriores. O fato de que Jane Austen estava se lembrando de seu próprio caso de amor obscuro enquanto escrevia *Persuasão* ajuda a explicar determinadas facetas deste romance, que é considerado pela maioria dos críticos como sua história mais apaixonada. Talvez seja por isso que ela tenha mantido *Persuasão* para si. Há um sentido exacerbado de romantismo na personagem de Anne Elliot em *Persuasão*, que Austen tinha repreendido completamente em *Razão e sensibilidade*, seu primeiro romance publicado. Os últimos capítulos de *Persuasão* são extremamente emotivos, tensos e comoventes. Quando o capitão Wentworth revela seu amor por Anne, algumas de suas frases são um eco estranho da confissão romântica do Sr. Ashford para Jane, naquela fatídica noite na sala de estar de Henry na Sloane Street.

A doença de Jane Austen progrediu. Ela sofria de uma fraqueza debilitante, febre, descoloração da pele e dores nas costas tão graves que concordou em ser levada para Winchester em maio de 1817, para ser cuidada por cirurgiões ligados a um hospital de lá, que eram considerados tão bons quanto os de Londres. Cassandra cuidava dela com dedicação, mas, menos de dois meses depois, Jane Austen faleceu.

Com base na descrição dos sintomas de Jane em suas cartas, a opinião médica atual tem a teoria de que ela pode ter sofrido de Doença de Addison, uma perda da função das glândulas

suprarrenais. A condição pode ser controlada por medicação hoje, mas acaba sendo fatal.

Em sua última carta, ao falar da doença, Jane Austen observa:

— Sobre este assunto, vou apenas dizer que minha querida irmã, minha enfermeira carinhosa, vigilante e incansável, não ficou doente com seus esforços. Quanto ao que devo a ela e ao afeto ansioso de toda a minha amada família nesta ocasião, só posso chorar e orar que Deus os abençoe cada vez mais.<sup>1</sup>

Fomos informados por seu irmão Henry que “ela tolerou, durante dois meses, todas as variações de dor, aborrecimento e tédio”, que acompanhou seu declínio “com mais do que renúncia, com uma alegria verdadeiramente elástica [...] Ela manteve suas faculdades mentais, sua memória, suas ilusões, seu temperamento e seus afetos, claros e perfeitos até o fim [...] Ela faleceu na sexta-feira, 18 de julho de 1817, nos braços da irmã”.<sup>2</sup> Tinha 41 anos.

No dia 24 daquele mês, Jane Austen foi enterrada na Catedral de Winchester no corredor norte da nave. Foi a terceira e última pessoa a ser sepultada na catedral naquele ano. Henry deve ter arranjado aquilo, pois ele conhecia o bispo devido a seu exame recente para o clero. A longa inscrição piedosa em sua bela lápide de mármore negro (provavelmente escrita por seus irmãos, que também escreveram poemas memoriais em sua homenagem) cita seu pai, o reverendo George Austen, como ex-pastor de Steventon e se refere à paciência de Jane em lidar com a doença, mas não faz menção a sua fama, dizendo apenas:

*A benevolência de seu coração,  
a doçura de seu temperamento,  
e os dons extraordinários de sua mente  
conquistaram a consideração de todos que a conheciam  
e o amor mais afetuosamente de suas ligações íntimas.*

A perda desse talento brilhante foi muito sentida pelo mundo. Quando as novas gerações descobriram seus livros, lamentaram que,

conforme já considerado, apenas seis manuscritos concluídos tinham sido deixados por ela. A descoberta das memórias de Jane Austen deve ser de grande valor para historiadores, oferecendo respostas a muitas das perguntas sobre sua vida e seu trabalho, objetos de tantos debates.

Há uma nota curiosa que devo acrescentar. Jane Austen claramente escreveu estas memórias muitos anos depois de os eventos relatados aqui terem ocorrido. Portanto, quaisquer incoerências, se houver, podem ser atribuídas à imperfeição da memória da autora. Será gratificante para o leitor saber que, após uma revisão cuidadosa, foi determinado que quase todos os detalhes aqui tratados, quanto a datas, épocas, pessoas e lugares, são historicamente precisos e correspondem ao que se sabe da vida e do paradeiro de Jane Austen à época. No entanto, há uma notável exceção. Não há registros de um Sr. Frederick Ashford ou de um Sir Thomas Ashford ter vivido em Derbyshire na época da escrita e nenhum registro de uma propriedade chamada Pembroke Hall naquele condado.

O que gera várias questões.

Quem, na verdade, *era* o Sr. Ashford? A teoria mais evidente, baseada na natureza discreta de Jane Austen, é que ela deliberadamente alterou o nome do amante e o da propriedade, a fim de proteger sua privacidade. Só assim ela poderia concretizar sua necessidade ardente de contar a história, enquanto, ao mesmo tempo, preservava a dignidade do seu amante. Ela sabia que era seguro manter o anel de rubi que ele lhe deu, que foi encontrado mais tarde no baú juntamente a suas memórias, pois o nome dele não havia sido inscrito ali.

Mas outra teoria, que não deve ser ignorada, pode ser resumida nas palavras de seu jovem sobrinho, James-Edward, que tão solenemente perguntou a sua tia Jane, naquela manhã dourada em Steventon:

— Você quer dizer que, se eu acreditar na sua história como a contou, ela será tão boa como se fosse de verdade?

# Notas

<sup>1</sup> LE FAYE, Deidre, *Jane Austen's Letters*; Carta no 161; 29 de maio de 1817.

<sup>2</sup> AUSTEN, Henry, *Biographical Notice of The Author*, 1818 (acompanhou a publicação de *Persuasão* e *A Abadia de Northanger*).

Este e-book foi desenvolvido em formato ePub pela Distribuidora Record de Serviços de Imprensa S.A.

# As memórias perdidas de Jane Austen

## **Página sobre o livro no Skoob:**

[http://www.skoob.com.br/livro/324299-as\\_memorias\\_perdidas\\_de\\_jane\\_austen](http://www.skoob.com.br/livro/324299-as_memorias_perdidas_de_jane_austen)

## **Matéria sobre o livro:**

[http://www.revistavoto.com.br/site/noticias\\_interna.php?id=4283&t=Dica\\_As\\_memorias\\_perdidas\\_de\\_Jane\\_Austen](http://www.revistavoto.com.br/site/noticias_interna.php?id=4283&t=Dica_As_memorias_perdidas_de_Jane_Austen)

## **Sinopse do livro:**

<http://paixaoporlivros-vick.blogspot.com.br/2013/06/as-memorias-perdidas-de-jane-austen.html>

## **Site sobre a autora:**

<http://www.syriejames.com/>

## **Perfil da autora no Goodreaders:**

[http://www.goodreads.com/author/show/806500.Syrie\\_James](http://www.goodreads.com/author/show/806500.Syrie_James)

## **Perfil da autora no Twitter:**

<https://twitter.com/SyrieJames>

## **Perfil da autora no Facebook:**

<https://www.facebook.com/syriejames>

Capa  
Rosto  
Créditos  
Dedicatória  
Mapa  
Árvore genealógica de Jane Austen  
Prefácio do Editor  
Capítulo um  
Capítulo dois  
Capítulo três  
Capítulo quatro  
Capítulo cinco  
Capítulo seis  
Capítulo sete  
Capítulo oito  
Capítulo nove  
Capítulo dez  
Capítulo onze  
Capítulo doze  
Capítulo treze  
Capítulo quatorze  
Capítulo quinze  
Capítulo dezesseis  
Capítulo dezessete  
Capítulo dezoito  
Capítulo dezenove  
Capítulo vinte  
Capítulo vinte e um

Capítulo vinte e dois  
Capítulo vinte e três  
Capítulo vinte e quatro  
Capítulo vinte e cinco  
Capítulo vinte e seis  
Capítulo vinte e sete  
Posfácio do editor  
Colofão  
Saiba mais